



**Universidade de Brasília**  
Faculdade de Ciência da Informação  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

**O estudo da coleção de livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da  
Biblioteca Central da Universidade de Brasília**

Maria de Fátima Medeiros de Souza

**Orientadora:**

**Profa. Dra. Maria Margaret Lopes**

**Brasília-DF  
2016**



**Universidade de Brasília**  
Faculdade de Ciência da Informação  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

**O estudo da coleção de livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da  
Biblioteca Central da Universidade de Brasília**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

**Orientadora:**

**Profa. Dra. Maria Margaret Lopes**

**Brasília-DF  
2016**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MOE29 Medeiros de Souza, Maria de Fátima  
O estudo da coleção de livros da Sociedade dos  
Cem Bibliófilos do Brasil da Biblioteca Central da  
Universidade de Brasília / Maria de Fátima Medeiros  
de Souza; orientador Maria Margaret Lopes. --  
Brasília, 2016.  
241 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Ciência da  
Informação) -- Universidade de Brasília, 2016.

1. Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. 2.  
livro de arte . 3. livro de bibliófilo . 4.  
bibliofilia . 5. obras raras . I. lopes, Maria  
Margaret , orient. II. Título. |



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Título:** "O estudo da coleção de livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da Biblioteca Central da Universidade de Brasília".

**Autor (a):** Maria de Fátima Medeiros de Souza

**Área de concentração:** Gestão da Informação

**Linha de pesquisa:** Organização da Informação

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade em Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre** em Ciência da Informação.

Brasília, 02 de março de 2016.

**Prof.ª Dr.ª Maria Margaret Lopes**  
Presidente (UnB/PPGCINF)

**Prof. Dr. Raphael Diego Greenhalgh**  
Membro Titular (UnB)

**Prof. Dr. Emerson Dionísio**  
Membro Titular (UnB/PPGCINF)

**Prof.ª Dr.ª Miriam Manini**  
Membro Suplente (UnB/PPGCINF)

À minha mãe que sempre admirou a beleza dos trabalhos artesanais. Influenciando grande parte das minhas obras, não só como artista, mas como apreciadora do livro artesanal – objeto único e belo. A abordagem desta dissertação também parte desse olhar sensível para com os objetos.

À minha numerosa e amada família.

Aos meus amigos.

E ao meu grande amor: Pedro.

## Agradecimentos

À orientadora Maria Margaret Lopes, que muito contribuiu com esta pesquisa, com suas leituras atentas e comentários que possibilitaram meu crescimento como pesquisadora;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo auxílio que me foi concedido no último ano de pesquisa. Essa bolsa contribuiu com a compra de materiais, com a participação em seminários em outros estados e com a coleta de dados no *Museu da Chácara do Céu*, no Rio de Janeiro;

À Seção de Obras Raras da BCE e ao bibliotecário, Raphael Greenhalgh.

Ao *Museu da Chácara do Céu* que concedeu acesso a todos os arquivos referentes à coleção da Sociedade dos Cem Bibliófilos, assim como a observação dos livros que pertenceram a Castro Maya;

À Casa de Cultura da América Latina, em especial à Anelise Weingartner.

Aos amigos do Setor de Restauração da BCE, que me ensinaram a encadernar e a restaurar livros;

À Carlos Henrique Juvêncio, que auxiliou meu percurso nesta pesquisa;

Ao meu querido Pedro, pelo apoio incondicional e pelas sugestões que auxiliaram na elaboração desta pesquisa.

Finalmente, destaco a importância das disciplinas cursadas no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCInf), que auxiliaram na construção da abordagem dessa pesquisa, cujos ensinamentos mostraram que podemos investigar a informação a partir dos aspectos materiais dos objetos.

“Enquanto eu virava as páginas e admirava, apressadamente mas com embevecida atenção, os milhares de passarinhos, cavalos, soldados, amantes, camelos, árvores e nuvens, o feliz anão, igual um xá dos velhos tempos deleitava-se com a rara oportunidade de exhibir seus tesouros, tirava das arcas um volume depois do outro e colocava-os à minha frente. De dois cantos de um baú de ferro, lotado de volumes divertidos, de livros comuns e álbuns heterogêneos, emergiram dois exemplares extraordinários – um encadernado no estilo de Shiraz, com capa cor de vinho, o outro encadernado em Herat e acabado com uma laca escura, à chinesa –, contendo páginas tão parecidas, que de início pensei que era uma cópia, pus-me a procurar, nos respectivos *cólofos*, o nome dos calígrafos, a buscar nos detalhes alguma assinatura oculta. Acabei me dando conta de que aqueles dois volumes de Nizami eram os lendários livros que Mestre Sheik Ali, de Tabriz, havia feito, um para o cã dos Carneiros Negros, Djahan Xá, o outro para o cã do Carneiro Branco, Hasan, o Alto. Para evitar que o artista fizesse para outro uma versão melhor desse trabalho, o cã do Carneiro Negro mandou furar os olhos dele; o Mestre refugiou-se então junto ao cã do Carneiro Branco e criou de memória para ele um exemplar superior. Ver que a simagens do segundo daqueles livros lendários, feitas pelo pintor já cego, eram mais sutis e mais puras, embora as do primeiro tivessem cores mais vivas e vigorosas, recordou-me que a memória do cego revela a implacável simplicidade da vida, mas também atenua seu vigor” (PAMUK, Orhan. *Meu nome é vermelho*, 2008, p. 406).

## Resumo

Esta dissertação estuda a coleção de livros editada pela Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil (1943-1969) do Setor de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/ UnB. A Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil (SCBB) produziu 23 títulos em edições bem acabadas artesanalmente, com tiragem limitada e ilustradas com gravuras originais de artistas nacionais renomados. A coleção da SCBB da BCE é formada pelos livros que pertenceram à quatro bibliófilos, ao todo são 37 exemplares descritos nesta pesquisa. O estudo dessa coleção parte do estudo dos aspectos materiais do livro a partir de uma perspectiva do colecionismo bibliográfico. A metodologia usada para o estudo da trajetória desses livros no Acervo de Obras raras da BCE parte das três fases apresentadas por Alberti (2005) para o estudo dos objetos das coleções: a primeira fase se refere à coleta e procedência; a segunda diz respeito à história do objeto dentro do acervo; a terceira contempla as exposições e as consultas do acervo pelo público. Este estudo também realça dois aspectos da coleção da BCE: as encadernações e as ilustrações, que conferem unicidade e valor artístico a esses exemplares. A SCBB se destaca como um dos grupos mais importantes que produziram edições luxuosas no Brasil. Além disso, esse grupo incentivou a participação ativa dos artistas na confecção dos livros e fomentou a produção de gravuras de teor artístico em âmbito nacional.

Palavras-chave: Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil; Biblioteca Central da UnB; Livro de arte; Livro de bibliófilo; Obras Raras; Colecionismo bibliográfico.



## **Abstract**

This dissertation studies the books edited by the Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil (1943-1969), kept in the the Rare Books Sector, at Universidade de Brasília's Central Library – BCE/UnB. The Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil (SCBB) has published 23 titles, finely handcrafted, on limited edition, illustrated with original engravings by famous brazilian artists. BCE's collection was gathered from the personal libraries of four deceased SCBB's members. It is composed of 37 books, all of wich are described in this research. We will approache the collection from a bibliophile point of view. The methodology used to study the path of these books employs Alberti's (2005) three phases for the study of objects: the first phase is related to the gathering of the objetcts and their origin; the second phase relates to the history of the object inside the institutions where it was kept; and the third addresses the issue of the object's interaction with the public (exhibitions, consultations, etc). This study also highlights two other aspects of BCE's collection: the bidings and illustrations, that bestow unique artistic value to these books. SCBB stands out as one of the most important groups that produced luxury editions in Brazil. This group also encouraged the active participation of artists in the production of the book and promoted artistic printing nationwide. Palavras-chave: Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil; Biblioteca Central da UnB; fine art books; bibliophile books, rare books, book collecting.

## Lista de Figuras

Figura 1 - LEONI, Raul de. <i>Eugenia</i> , Philobiblion, 1955, ilustrador: Manuel segalá, xilogravura.....	39
Figura 2 – FONTAINE, Jean de la. <i>Le song de vaux &amp; Elégie pour M. Fouquet</i> . Ilustração: CORNEAU, Eugéne. <i>Les Cen Bibliophiles</i> , 1952.....	44
Figura 3 – RODRIGUES, João Barbosa. <i>Poranduba amazonense</i> . Ilustração: GOELDI, Oswaldo. Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 1961. Exemplar N° 2 Raymundo Ottoni de Castro Maya.....	48
Figura 4 – BAUDELAIRE, Charles. <i>Les fleurs du mal</i> . Ilustração: RASSENFOSSE, Armand, <i>Les Cent Bibliophile</i> , 1899.....	50
Figura 5 – DUHAMEL, Georges. <i>Flandre</i> . Ilustração: MOREAU, M. P. L. <i>Les Cent Bibliophiles</i> , 1935. Exemplar N° 32 de Raymundo Ottoni de Castro Maya.....	52
Figura 6 –SEURAT, Georges. <i>Les dessins</i> , 1887-1888.....	53
Figura 7 – Livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil que pertenceram à Raymundo Ottoni de Castro Maya.....	54
Figura 8 – Colofão da obra <i>4 Contos</i> da coleção da SCBB de Pedro Nava.....	57
Figura 9 - Declaração de matrícula na Confraria dos Bibliófilos brasileiros Cattleya Alba. Pasta 102, Doc. 2, F 1/1.....	72
Figura 10 – O maior Leilão de livros dos últimos tempos. <i>Jornal Diário da Noite</i> , Página 3, 28 de agosto de 1952.....	73
Figura 11 – <i>Ex-libris</i> Ricardo Xavier da Silveira.....	75
Figura 12 - OBRAS RARAS de Carlos Lacerda, s/d.....	78
Figura 13 - ASSIS, Machado. <i>Memorias posthumas de Braz Cubas</i> , Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 1944, exemplar N° 35 de Themístocles Marcondes Ferreira. (obra com carimbo de Carlos Lacerda).....	79
Figura 14 - ASSIS, Machad. <i>Memorias posthumas de Braz Cubas</i> (detalhe do verso do frontispício – carimbo do Setor de Obras Raras da BCE), Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 1944, exemplar N° 35 de Themístocles Marcondes Ferreira.....	79
Figura 15 – Ex-libris de Carlos Lacerda.....	81
Figura 16 – MACHADO, Aníbal. <i>Cadernos de João</i> . BABINSKY, Maciej (Ilustração), Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 1962, exemplar Número 35 de Themístocles Marcondes Ferreira. ....	84
Figura 17 – Ex-libris de Pedro Nava .....	84

Figura 18 – REGO, José Lins do. <i>Menino de engenho</i> . Ilustração: PORTINARI, Cândido. Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 1959. Exemplar N° 17 Pedro Nava. (Detalhe com foxing).....	97
Figura 19 – ASSIS, Machado. <i>Memórias posthumas de Braz Cubas</i> . Ilustração: PORTINARI, Cândido. Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 1944. Exemplar N° 35 Themístocles Marcodes Ferreira comprado por Carlos Lacerda. (Detalhe do corte com amarelecimento).....	97
Figura 20 – HINO NACIONAL brasileiro. Ilustração: PONS, Isabel, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, exemplar n° 2 Castro Maya, 1968. (Detalhe com foxing).....	98
Figura 21 – ARINOS, Afonso. <i>Pelo Sertão</i> . Ilustração: ABRAMO, Lívio. Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Exemplar N° 13 Ricardo Xavier da Silveira, 1946. (Exemplo de migração da gravura para a página seguinte).....	99
Figura 22 – ALMEIDA, Manuel Antônio. <i>Memórias de um sargento de milícias</i> . Ilustração: LINS, Darel. Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Exemplar N° 13 Ricardo Xavier da Silveira, 1956. (Detalhe da folha de proteção com acidez).....	99
Figura 23 – ARINOS, Afonso. <i>Pelo Sertão</i> . Ilustração: ABRAMO, Lívio. Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Exemplar N° 13 Ricardo Xavier da Silveira, 1946 (Detalhe dos danos à encadernação de couro).....	100
Figura 24 – SOUZA, Inglez de. <i>O rebelde</i> . Ilustração: CAMARGO, Iberê. Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Exemplar N° 13 Ricardo Xavier da Silveira, 1946 (detalhe dos danos à encadernação de tecido).....	101
Figura 25 – Convite da exposição <i>Imagem e palavra: as publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil</i> , Casa de Cultura da América Latina – CAL/UnB, 2005.....	109
Figura 26 – Lista de obras selecionadas para a exposição <i>Imagem e palavra: as publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil</i> , Casa de Cultura da América Latina – CAL/UnB, 2005.....	110
Figura 27 – Exposição <i>Imagem e palavra: as publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil</i> , Casa de Cultura da América Latina – CAL/UnB, 2005.....	111
Figura 28 - Exposição <i>Imagem e palavra: as publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil</i> , Casa de Cultura da América Latina – CAL/UnB, 2005.....	111
Figura 29 – Capa do catálogo <i>Acervo de Arte: Universidade de Brasília</i> , Editora UnB, Brasília, 2014.....	114
Figura 30 – Detalhe da direita: ilustração de Marcello Grassmann para obra <i>Bestiário</i> ; esquerda: ilustração de Clóvis Graciano para a obra <i>Luzia Homem</i> .....	118
Figura 31 – Detalhe: ilustrações de Di Cavalcante para a obra <i>A morte e a morte de Quincas Berro D'água</i> .....	118

Figura 32 – VERLAINE, Paul. <i>Parallèlement</i> . Ilustração: BONNARD, Pierre. 1900.....	129
Figura 33 – SCHIMDT, Augusto Frederico. <i>Ciclo da Moura</i> . Ilustração: Cícero Dias, 1967.....	129
Figura 34 –Da esquerda para direita: DAUDET, Alphonse. <i>Aventures prodigieuses de Tautarin de Tarascon</i> . Ilustração: DUFY, Raoul. 1937. ALMEIDA, M. A. <i>Memórias de um sargento de milícias</i> . Ilustração: VALENÇA, Darel, 1956.....	131
Figura 35 –Da esquerda para direita: Exemplar de Ricardo Xavier da Silveira e exemplar de Themistocles Marcondes Ferreira.....	132
Figura 36 - REGO, José Lins do. <i>Menino de Engenho</i> , Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 1959. Ilustração: Cândido Portinari. Exemplar Nº 13 de Ricardo Xavier da Silveira. [Detalhe da ilustração de Portinari, observa-se traços característicos da água-forte e das manchas formadas por pequenos pontos, típicos da água-tinta].....	133
Figura 37 – Exemplar da obra <i>Bestiário</i> de Castro Maya com aquarelas de Marcello Grassmann.....	135
Figura 38 – Etiqueta da <i>Encadernação e Douração Vallette</i> – exemplar de Castro Maya.....	150
Figura 39 - DUMAS, Alexandre. <i>Les Trois Mousquetaires</i> . Encadernação: René Aussourd, Paris, 1894.....	152
Figura 40 - FIEVEE, Joseph. <i>La Dot de Suzette</i> . Encadernação: René Aussourd , Paris, 1892.....	152
Figura 41 – Folha de guarda e de contra-guarda – exemplares de Castro Maya.....	161

## Lista de Quadros

Quadro 1. Publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil que pertenceram à Ricardo Xavier da Silveira.....	74
Quadro 2. Publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil que pertenceram à Carlos Lacerda.....	81
Quadro 3. Publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil que pertenceram à Pedro Nava.....	84
Quadro 4. Publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil que pertenceram à Themístocles Marcondes Ferreira.....	86
Quadro 5 – Dados dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Patrimônio Artístico da UnB, Universidade de Brasília, 1997.....	91
Quadro 6 – Registros dos acessos aos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil do acervo das Obras Raras da BCE.....	104
Quadro 7 – Obras da Sociedade dos Cem Bibliófilos da BCE selecionadas para o catálogo <i>Acervo de Arte: Universidade de Brasília</i> .....	117
Quadro 8 – Lista dos artistas que ilustraram os livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil.....	120
Quadro 9 – Obra <i>Memorias Posthumas de Braz Cubas</i> da coleção de Ricardo Xavier da Silveira.....	136
Quadro 10 – Obra <i>Espumas Fluctuantes</i> da coleção de Ricardo Xavier da Silveira.....	137
Quadro 11 – Obra <i>Luzia Homem</i> da coleção de Ricardo Xavier da Silveira.....	138
Quadro 12 – Obra <i>O caçador de esmeraldas</i> da coleção de Ricardo Xavier da Silveira.....	139
Quadro 13 – Obra <i>Pelo Sertão</i> da coleção de Ricardo Xavier da Silveira.....	139
Quadro 14 – Obra <i>Bugrinha</i> da coleção de Ricardo Xavier da Silveira.....	140
Quadro 15 – Obra <i>O rebelde</i> da coleção de Ricardo Xavier da Silveira.....	141
Quadro 16 – Obra <i>Canudos</i> da coleção de Ricardo Xavier da Silveira.....	142
Quadro 17 – quadro comparativo das obras do grupo <i>Les Cent Bibliophiles</i> e a da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da BCE.....	144
Quadro 18 – Obras não encadernadas da coleção da Sociedade dos Cem Bibliófilos do	

Brasil da BCE.....	145
Quadro 19 – Comparativo de exemplares da coleção da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da BCE.....	147
Quadro 20 – Quadro comparativo das encadernações dos livros da SCBB de Castro Maya e da coleção de Ricardo Xavier da Silveira da BCE.....	153
Quadro 21 – Encadernação da obra <i>Memórias postumas de Braz Cubas</i> da coleção de Ricardo Xavier da Silveira da BCE.....	154
Quadro 22 – Encadernação da obra <i>Espumas Flutuantes</i> da coleção de Ricardo Xavier da Silveira da BCE.....	155
Quadro 23 – Encadernação da obra <i>Luzia Homem</i> da coleção de Ricardo Xavier da Silveira da BCE.....	156
Quadro 24 – Encadernação da obra <i>Bugrinha</i> da coleção de Ricardo Xavier da Silveira da BCE.....	157
Quadro 25 – Encadernação da obra <i>Pelo sertão</i> da coleção de Ricardo Xavier da Silveira da BCE.....	158
Quadro 26 – Encadernação da obra <i>O caçador de esmeraldas</i> da coleção de Ricardo Xavier da Silveira da BCE.....	159
Quadro 27 – Encadernação da obra <i>Pelo sertão</i> da coleção de Ricardo Xavier da Silveira da BCE.....	160

## **Lista de Siglas e abreviaturas**

BCE	Biblioteca Central
CAL	Casa de Cultura da América Latina
CEDOC	Centro de Documentação da UnB
CENDAD	Centro de Documentação, Acervo e Divulgação
CPPA	Comissão de Preservação do Patrimônio Artístico
FAAP	Fundação Armando Álvares Penteado
FAU	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UnB
FUB	Fundação Universidade de Brasília
IDA	Instituto de Arte da UnB
MASP	Museu de Arte de São Paulo
MAM	Museu de Arte Moderna de São Paulo
PAT	Serviço de Patrimônio Imobiliário
SCBB	Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil
SNEL	Sindicato Nacional de Editores de Livros
UnB	Universidade de Brasília

## Sumário

<b>1</b>	<b>Introdução</b>	19
1.1	Objetivos	27
1.1.1	Objetivo Geral	27
1.1.2	Objetivos Específicos	27
<b>2</b>	<b>Revisão de Literatura</b>	29
2.1	Colecionismo Bibliográfico: Estudo dos aspectos materiais do livro	29
2.2	Livro de bibliófilo e livro de arte	32
2.3	A fabricação artesanal de livros: uma reação dos artesãos contra a produção industrial	36
2.4	O livro de arte no Brasil: os impressos ilustrados da primeira metade do século XX	45
2.5	Colecionismo e bibliofilia de Castro Maya	50
2.6	Os Livros de arte da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil	54
<b>3</b>	<b>Metodologia</b>	61
<b>4</b>	<b>Primeiro Capítulo – O estudo da coleção de livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da Biblioteca Central da Universidade de Brasília a partir das três fases de Alberti</b>	66
4.1	Primeira fase: a chegada dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil ao acervo de obras raras da BCE	69
4.1.1	A coleção de Ricardo Xavier da Silveira	70
4.1.2	A coleção de Carlos Lacerda	75
4.1.3	A coleção de Pedro Nava	82
4.1.4	A coleção de Themístocles Marcondes Ferreira	84
4.2	Segunda Fase: o percurso dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil no acervo de Obras Raras da BCE	87
4.2.1	A raridade dos livros da Sociedades dos Cem Bibliófilos do Brasil	88
4.2.2	Levantamentos periódicos dos exemplares da Sociedade dos Cem Bibliófilos da BCE	90
4.2.3	Notas sobre o estado de conservação da coleção de livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da BCE	94
4.3	Terceira fase: exposição e consulta dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil do acervo de Obras Raras da BCE	103
4.3.1	Exposição <i>O livro de Arte brasileiro</i>	106
4.3.2	Exposição <i>Imagem e palavra: as publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil</i>	108
4.3.3	Acervo de Arte: Universidade de Brasília	113
<b>5</b>	<b>Segundo Capítulo – As gravuras e as encadernações dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil do Acervo de Obras Raras da Biblioteca Central da UnB</b>	119
5.1	A participação ativa dos artistas na produção dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil	120
5.1.1	As obras excedentes adquiridas pelos bibliófilos que compõem a coleção da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da BCE	134
5.2	Encadernações dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da BCE	143



<b>6</b>	<b>Conclusão</b>	162
6.1	Sugestões para futuras pesquisas	165
	<b>Referências Bibliográficas</b>	167
	<b>ANEXO</b>	174
	<b>ANEXO AA</b> – CARTA-CONVITE para inscrição na SCBB. pasta 100, doc. 12, f 1/1. s/d. Fonte: Arquivo <i>Museu da Chácara do Céu</i> – RJ	174
	<b>ANEXO AB</b> – ESTATUTO DA SOCIEDADE dos Cem Bibliófilos do Brasil. Pasta 100, doc. 2, f 1/ 4, 3 fev. 1966. Fonte: Arquivo <i>Museu da Chácara do Céu</i> – RJ	175
	<b>ANEXO AC</b> - ATA DA REUNIÃO DA DIRETORIA, pasta 101, doc. 3, f. 1/1, 30 mar. 1951. Fonte: Arquivo <i>Museu da Chácara do Céu</i> – RJ	179
	<b>ANEXO AD</b> - ATA DA REUNIÃO da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, pasta 100, doc. 3, f 1/1, 12 dez. 1957. Fonte: Arquivo <i>Museu da Chácara do Céu</i> – RJ	180
	<b>ANEXO AE</b> - MAYA, Castro, Correspondência entre Castro Maya e Carybé, pasta 103, doc 1, f 1/ 2, 21 set. 1955. Fonte: Arquivo <i>Museu da Chácara do Céu</i> – RJ	181
	<b>ANEXO AF</b> – ATA REUNIÃO da Socirade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Pasta 100, doc. 4, f 1/ 1, 23 ago. 1956. Fonte: Arquivo <i>Museu da Chácara do Céu</i> – RJ	183
	<b>ANEXO AG</b> – ATA DA ASSEMBLÉIA geral ordinária da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Pasta 100, doc. 8, f 1/ 2, 26 jun. 1962. Fonte: Arquivo <i>Museu da Chácara do Céu</i> – RJ	184
	<b>ANEXO AH</b> - INVENTÁRIO CARLOS LACERDA, 2000, p. 21. Fonte: Arquivo Biblioteca Central – BCE/UnB	186
	<b>ANEXO AI</b> - VALLE, Clarimar Almeida. Divisão de Coleções Especiais – BCE/ UnB, 2 out. 1995. Fonte: Arquivo Biblioteca Central – BCE/UnB.	187
	<b>ANEXO AJ</b> – AQUISIÇÃO DA BIBLIOTECA de Carlos Lacerda, s/d . Fonte: Arquivo Biblioteca Central – BCE/UnB	189
	<b>ANEXO AK</b> – MINDLIN, José; LEÃO, Aristides Leão Pacheco. Relatório Biblioteca de Pedro Nava. 1984. Fonte: Arquivo da Biblioteca Central/ UnB	193
	<b>ANEXO AL</b> - MATERIAL BIBLIOGRÁFICO sem processamento técnico na Biblioteca Central, 19 dez. 1986. Fonte: Arquivo Biblioteca Central/ UnB	196
	<b>ANEXO AM</b> - RELATÓRIO DOS SERVIÇOS – Serviços de aquisição. Obras Raras,1984. Fonte: Arquivo Biblioteca Central/ UnB	197
	<b>ANEXO AN</b> – CRITÉRIOS DE SELEÇÃO de Obras Raras BCE. Fonte: Arquivo Biblioteca Central – BCE/UnB	200
	<b>ANEXO AO</b> - PATRIMÔNIO ARTÍSTICO da UnB, 1997. Fonte: Arquivo da Casa de Cultura da América Latina	203
	<b>ANEXO AP</b> - RELATÓRIO: ATUALIZAÇÃO dos bens culturais da Universidade de Brasília, 2006/2007. Fonte: Arquivo da Casa de Cultura da América Latina	205
	<b>ANEXO AQ</b> - PROJETO/EVENTO Seminário sobre Literatura brasileira: obras editadas pela “Associação dos Cem Bibliófilos Brasileiros”, 2005, p. 2. Fonte: Arquivo do Acervo Casa de Cultura da América Latina – CAL/UnB	208
	<b>ANEXO AR</b> – BARRIOS, Vicente Martinez. <i>Artes Plásticas encontram literatura no século 19</i> , Caderno Dois, Correio Braziliense, 15 set. 2005. Fonte:	

Arquivo do Acervo Casa de Cultura da América Latina – CAL/UnB	209
<b>ANEXO AS</b> - CARTA AOS CONSÓCIOS. Pasta 100, Doc. 16, f 1/3, 6 jan. 1950. Fonte: Arquivo <i>Museu da Chácara do Céu</i> – RJ	210
<b>ANEXO AT</b> - A SOCIEDADE DOS CEM BIBLIÓFILOS DO BRASIL, Pasta 100, doc. 11, f 1/ 2, s/d. Fonte: Arquivo <i>Museu da Chácara do Céu</i> – RJ	213
<b>ANEXO AU</b> - DETALHE DO COLOFÃO da obra <i>Campo Geral</i> . Fonte: Coleção de Obras Raras BCE/ UnB	215
<b>ANEXO AV</b> - CARYBÉ, Hector em resposta à carta de Castro Maya, pasta 103, doc. 2, f1/1, 6 out. 1955. Fonte: Arquivo <i>Museu da Chácara do Céu</i> – RJ	216
<b>ANEXO AW</b> - CARYBÉ, em resposta a Castro Maya, pasta 103, doc. 7, f 1/1, 4 jan. 1956. Fonte: Arquivo <i>Museu da Chácara do Céu</i> – RJ	217
<b>ANEXO AX</b> - MAYA, Castro. Pasta 103, Doc. 29, f 1/1, 1 mai. 1964. Fonte: Arquivo <i>Museu da Chácara do Céu</i> – RJ	218
<b>ANEXO AY</b> - COLOFÃO DA OBRA <i>Menino de Engenho</i> , Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 1959. Fonte: Coleção de Obras Raras BCE/ UnB	219
<b>ANEXO AZ</b> - MAYA, Castro em resposta à Carybé, pasta 103, doc. 3, f 1/ 2, 20 out. 1955. Fonte: Arquivo <i>Museu da Chácara do Céu</i> – RJ	220
<b>ANEXO BA</b> - MAYA, Castro. Pasta 103, doc. 13, f 1/1, 13 set. 1956. Fonte: Arquivo <i>Museu da Chácara do Céu</i> – RJ	222
<b>ANEXO BB</b> - MAYA, Castro. Pasta 103, doc. 14, f 1/1, 27 set. 1956. Fonte: Arquivo <i>Museu da Chácara do Céu</i> – RJ.	223
<b>ANEXO BC</b> - CATÁLOGO do Leilão – “O rebelde”, 19 ago 1952, Fonte: Coleção de Obras Raras BCE/ UnB	224
<b>ANEXO BD</b> – BALANCETE DA SOCIEDADE por ocasião da entrega do livro “Macunaíma”. Pasta 100, doc. 52, f 1/ 1. Fonte: Arquivo <i>Museu da Chácara do Céu</i> – RJ	226
<b>APÊNDICE</b> – Lista das obra da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da Biblioteca Central	227

## 1 Introdução

Esta dissertação estuda a coleção de livros editada pela Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil (1943-1969) do Setor de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília<sup>1</sup>. Essa coleção da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil (SCBB) é formada pelos livros que pertenceram a quatro bibliófilos e ao todo são 37 exemplares que serão considerados nesse estudo.

A Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil foi dirigida por Raymundo Ottoni de Castro Maya (1894-1968) e editou 23 títulos da literatura brasileira. Os exemplares foram ilustrados com gravuras originais de artistas renomados. Esses livros possuíam uma edição limitada<sup>2</sup> de exemplares que eram distribuídos para os cem membros e os demais eram doados para instituições culturais brasileiras e estrangeiras. Os sócios recebiam os exemplares impressos em folhas soltas e cada um encadernava de acordo com o seu gosto pessoal. São edições de luxo, nas quais o apreço pelos aspectos materiais como a arte da encadernação, ilustração e impressão são notórios (BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002).

Os exemplares editados pela Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil foram ilustrados por artistas brasileiros como: Darel Valença Lins (1925-), Aldemir Martins (1922-2006), Poty Lazzarotto (1924-1998), Marcelo Grassmann (1925-2005), Lívio Abramo (1903-1992) e Cândido Portinari (1903-1962). Entre seus sócios encontram-se figuras significativas do cenário cultural e social brasileiro como: José Mindlin (1914-2010), Pedro Nava (1903-1984), Gilberto Chateaubriand (1925-), Ricardo Xavier da Silveira (-1962), Carlos E. Lacerda (1914-1977) e Rubens Borba de Moraes (1899-1986).

Esta pesquisa foi motivada pelo contato com o acervo da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, BCE-UnB, no período de dois anos em que trabalhei como estagiária técnica no Setor de Restauração de Obras Raras, momento em que conheci livros de época, de materiais e de formatos variados. A elaboração desta dissertação também parte de meu interesse pela gravura como aluna do Instituto de Artes da UnB<sup>3</sup> e pela história do livro de arte.

A Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE) mantém em seu acervo de obras raras exemplares de todos os títulos publicados pela Sociedade dos Cem Bibliófilos do

---

<sup>1</sup> Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil: SCBB; Biblioteca Central da Universidade de Brasília: BCE; Universidade de Brasília: UnB

<sup>2</sup> A tiragem dos exemplares variava: da 1ª a 10ª edição foram impressos 119 exemplares; da 11ª a 21, 120 exemplares; a 22ª publicação, com 140 exemplares e a 23ª publicação, com 120 exemplares.

<sup>3</sup> Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília (2009).

Brasil. A coleção da BCE foi formada a partir da compra dos acervos particulares dos bibliófilos Ricardo Xavier da Silveira, Pedro Nava, Carlos Lacerda e Themístocles Marcondes Ferreira. Os livros da BCE possuem encadernações de estilos variados e alguns exemplares contêm um excedente de gravuras e de desenhos que foram adquiridos pelos bibliófilos<sup>4</sup>. Essas duas qualidades individualizam a coleção da BCE em relação às demais coleções da SCBB.

Na bibliografia sobre a SCBB dois estudos, os de ElBanat (1996) e de Monteiro (2008), se ocuparam em descrever de modo geral todos os exemplares produzidos. O primeiro enfocou as gravuras realizadas para as edições e o outro destacou a identidade visual desses impressos. Esses estudos abrangem, cada um a seu modo, a SCBB de maneira ampla, servindo como base para que outras abordagens sejam feitas.

ElBanat (1996) descreveu todos os exemplares da SCBB e enfatizou a relação entre a técnica da gravura e a ilustração de livros. A autora afirmou que a formação de grupos dispostos a financiar a produção de livros resultou na consolidação da gravura em âmbito nacional. Nos anos 40, o Rio de Janeiro tornou-se centro de produção de livros ilustrados e um exemplo disso foi a criação da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil e das edições de luxo da Editora *José Olympio*. A disseminação de grupos promotores do livro ilustrado foi estimulada pelo aperfeiçoamento das técnicas industriais e pela fabricação de materiais como papéis especiais, tintas de qualidade e das novas máquinas de impressão.

Monteiro (2008) destacou, em sua leitura sobre a SCBB, aspectos gráficos como diagramação, tipografia, ilustração, recursos gráficos e acabamento de todos os exemplares. A autora também contextualizou a produção da SCBB com enfoque nos materiais usados na impressão dos livros “estudamos processos de impressão, papéis escolhidos, tiragens, imposição de páginas e acabamento. Com os dados aclarados pode-se perceber quais as intenções do projeto e quais as expectativas quanto aos resultados desejados”. (MONTEIRO, 2008, p. 21).

Outros estudos focaram a bibliofilia e o colecionismo de Castro Maya. Siqueira (2010) apresentou a coleção de livros da SCBB como um dos impulsos de Castro Maya como colecionador. Seu acervo é formado por exemplares dos artistas viajantes que vieram ao

---

<sup>4</sup> Todos os exemplares da SCBB possuem gravuras originais, mas alguns bibliófilos adquiriram um excedente de gravuras e de desenhos nos leilões promovidos pela Sociedade. Os bibliófilos compravam essas obras e as encadernavam com o exemplar. Alguns livros do acervo de Obras Raras da BCE possuem obras excedentes que foram adquiridas pelos bibliófilos em leilões promovidos pela SCBB.

Brasil para retratar a fauna e a flora, das obras que pertenceram ao seu pai<sup>5</sup>, por livros franceses, muitos dos quais produzidos por grupos de bibliófilos, além de livros da literatura brasileira. Baraçal (2002) classificou a biblioteca de Castro Maya, hoje reunida no Museu *Chácara do Céu*, em três grandes grupos “a Brasiliana [...]; a dos livros de sociedade e clubes bibliófilos; a das produções editoriais” (BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002, p. 37). Assim como seu pai, Castro Maya também participou de grupos de bibliófilos.

As edições da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil foram produzidas em um período de efervescência da produção de livros artesanais e luxuosos no Brasil. Esse tipo de produção era financiada por bibliófilos e por tipógrafos interessados em fabricar volumes bem acabados artesanalmente e com ilustrações de artistas plásticos consagrados. McMurtrie (1997) e Bland (1969) assinalaram que o livro ilustrado moderno possui duas características principais: a primeira se refere ao aspecto artesanal, a segunda diz respeito ao interesse dos artistas pela gravura e como isso influenciou a ilustração de livros. A bibliografia que tratou da SCBB apontou esse grupo dentro de um panorama internacional de produção artesanal destinada a bibliófilos. Além disso, no Brasil, como afirmou ElBanat (1996), há um movimento dos artistas modernos para ilustrar livros, o que incentivou a gravura e a produção gráfica.

Sobre o aspecto artesanal dos livros ilustrados modernos, Lehmann-Haupt (1957) afirmou que a revolução tecnológica do século XIX influenciou a confecção de livros, o processo manual foi substituído pela produção em série, a indústria desenvolveu tecnologia para encadernar, costurar, produzir papel, encapar e imprimir texto e ilustração. Em contrapartida, muitos artesãos continuaram a confeccionar livros manualmente, a exemplo de William Morris (1834-1896), artista, poeta e escritor, criador da *Kelmscott Press*. Os livros da *Kelmscott* eram impressos em papéis e tintas de qualidade, as ilustrações e os ornamentos das capitulares<sup>6</sup> eram notáveis pela estética, as encadernações confeccionadas com os melhores materiais disponíveis, além disso, havia edições luxuosas destinadas aos colecionadores e confeccionadas em velino. A *Kelmscott* foi precursora de muitas outras tipografias que se estabeleceram na Europa e nas Américas. (McMURTRIE, 1997).

---

<sup>5</sup> Raymundo Otoni de Castro Maya (1856-1935), personalidade de destaque na elite cultural do Rio de Janeiro. Foi vice-cônsul do Brasil na França, colecionava livros e foi sócio de grupos de bibliófilos, como *Les Cent Bibliophiles* (BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002).

<sup>6</sup> “Letra capitular: Maiúscula, versal ou capital, assim chamada por ser empregada no início dos períodos ou dos capítulos ou de uma parte importante de um impresso, em corpo superior ao usado no texto; letra inicial; letra capital; capitular” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 436).

Os livros de bibliófilo se notabilizaram pela tiragem limitada e pela aparência artesanal. Siqueira (2010) assinalou o aspecto artesanal das edições da SCBB, bem como a procura de Castro Maya por produzir obras que estivessem à margem do circuito comercial. Inicialmente, Castro Maya resolveu fazer todos os livros com processos mecanizados; porém, a utilização de prensas mecânicas, próprias para a impressão de grande quantidade de exemplares, não ofereciam o preciosismo que o colecionador gostaria que a edição adquirisse.

O valor de mercado do livro de arte advinha desse processo artesanal. Mais do que isso, o livro retinha valores morais mais abstratos, como a reação à ruidosa modernidade técnica, à impessoalidade e à desqualificação do trabalho mecânico, ao seu ritmo vertiginoso e à ausência de solidez de suas realizações. (SIQUEIRA, 2010, p. 65).

Nesse sentido, uma edição que se destaca entre as obras da SCBB da BCE é a obra de Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícia*, publicada em 1953 e ilustrada por Darel Valença Lins. Os exemplares dessa obra possuem 59 gravuras na técnica da água-forte<sup>7</sup>, que foram coloridas à mão por Darel. Ao todo foram sete mil gravuras, que foram finalizadas em um período de quatro anos (BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002). Essa obra foi inteiramente composta em prelos manuais na *Gráfica das Artes S.A.*, empresa criada por Castro Maya para suprir a necessidade de publicar livros que agradassem as exigências dos bibliófilos. Além disso, Darel Valença Lins foi uma figura de destaque nas demais publicações da SCBB:

---

<sup>7</sup> Calcogravura: “Arte de gravar em metal, que se dá através de vários processos, sendo o mais antigo deles a gravura a buril ou talho-doce, em que a gravação é feita diretamente no metal com um instrumento de aço chamado buril. Outros gêneros da gravura feitas em metal, que fazem parte da calcografia, são aqueles conhecidos como água-forte, ponta-seca, água-tinta, maneira negra e o verniz mole. O termo também pode ser usado para nomear o local onde essas impressões são feitas”. (ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2015. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo35/cacografia>. Acesso em: 19 de Mai. 2015. Verbete da Enciclopédia).

Água-forte: “O processo se dá a partir do revestimento da chapa - que pode ser de ferro, cobre, latão ou zinco - com um verniz de proteção, seguido da incisão do desenho que se deseja obter, com estilete ou outra ferramenta de ponta metálica. Dessa forma, o desenho aparece onde o verniz foi retirado, sem arranhar o metal, permitindo a ação do ácido, que forma os sulcos em que a tinta será colocada. O tempo do mergulho no ácido pode definir tonalidades diferentes e o processo pode ser repetido inúmeras vezes. O método da água-forte pode ser combinado com outros processos de gravura, em particular a ponta-seca, mas difere de todos os outros por ser o único em que a gravação é feita totalmente pela ação dos ácidos” (ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2016. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo28/agua-forte>. Acesso em: 08 Mar. 2016).

Água-tinta: “Gênero da calcografia no qual o processo de produção das matrizes é químico, como o da água-forte, e se dá através da utilização de alguns líquidos corrosivos. A placa utilizada pelo gravador é pulverizada ou pintada com algum tipo de resina - damar, breu, copal, sandácara - ou por uma mistura de resina e outro componente - açúcar, sal, areia - e aquecida, de forma que a mistura se funda na placa, exercendo a mesma função protetora do verniz. Assim, quando a placa entra em contato com o ácido, os grãos de açúcar ou areia, por exemplo, produzem uma textura que é responsável pelo tom acinzentado da obra. Esse tipo de gravura oferece, como resultado, um desenho composto de áreas tonais e não linhas, como a gravação a entalhe” (ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2016. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo29/agua-tinta>. Acesso em: 08 Mar. 2016).

A partir de Darel, as edições assumem dimensão bibliófila, pelas características essencialmente artesanais, como no modelo francês, cuidando de todos os aspectos plásticos, desde a orientação dos profissionais gráficos, à composição das páginas e, principalmente, das ilustrações com gravuras artísticas (BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002, p.55).

A técnica de Darel se assemelha às antigas iluminuras medievais, mas se destaca pela originalidade, como afirmou ElBanat (1996, p. 118) “esse recurso de colorir à mão as gravuras funciona, nesse caso, como uma forma de inovar as relações entre luz e espaço”.

Outra característica do livro ilustrado moderno é a liberdade do ilustrador frente ao conteúdo da obra literária. O *Livro de Pintor* que foi um tipo de publicação de luxo que surgiu na França, no final do século XIX, se diferenciou das publicações anteriores porque os pintores passaram a fazer gravuras para ilustrar livros. Além disso, esse tipo de publicação se destacou pela importância dada à imagem ante o texto.

Bland (1969) afirmou que o livro ilustrado do final do século XIX e início do século XX se diferenciou dos anteriores, primeiro porque os pintores se interessaram novamente pela ilustração de livros, pois, com o financiamento dos editores o trabalho passou a ser rentável; em segundo lugar por que a técnica da gravura começou a ser explorada pelos artistas, não só para reprodução de seus trabalhos, mas como meio de expressão.<sup>8</sup> Essa apropriação da gravura pelos artistas trouxe à ilustração uma liberdade de representação em que as imagens passaram a ser tão relevantes quanto a literatura.

Também se destaca entre as publicações da BCE a edição de *Pelo Sertão*, de Afonso Arinos, que foi a terceira publicação da SCBB. Essa obra possui 27 ilustrações em folhas separadas, 28 imagens que ornamentam as letras capitulares, além de 13 figuras que compõem o título e a capa. Lívio Abramo utilizou a técnica da xilogravura de topo<sup>9</sup>, sendo que as capitulares e as vinhetas foram realizadas em linóleo<sup>10</sup>. Abramo revelou o processo de construção das ilustrações da obra de Afonso Arinos em entrevista concedida à Beccari:

Voltei a desenhar em 1947, 48, quando a Sociedade dos cem Bibliófilos do Brasil me encarregou de ilustrar “Pelo Sertão” de Afonso Arinos. Aí eu me pus a estudar a vida e a paisagem do Brasil do norte de Minas Gerais, sul da Bahia, região da caatinga, do sertão mesmo, para poder ilustrar esse livro. (ABRAMO em entrevista a BECCARI, 1983, p. 14).

Em vários outros trechos Abramo afirmou ter lido com atenção a obra, ter procurado fotografias e imagens da região onde se passou o romance, além de ter lido literaturas que

---

<sup>8</sup> BLAND (1969) afirma que desde Giotto (1267-1337) os pintores de painel começam a se distinguir dos ilustradores de livros. Antes as duas artes eram profundamente ligadas. Ainda assim, encontravam-se exceções como Albrecht Dürer (1471-1528), Rembrandt Van Rijn (1606-1669) e Francisco de Goya (1746-1828), grandes pintores que se notabilizaram como gravadores.

<sup>9</sup> Xilogravura de topo: gravura em uma matriz de madeira que foi cortada de modo transversal ao sentido do crescimento da árvore (GASCOIGNE, 2014).

<sup>10</sup> Linóleo: gravura a partir de matriz de borracha (GASCOIGNE, 2014).

tratavam do clima do sertão. A partir de seu estudo, esse artista procurou realizar as ilustrações de maneira que a técnica da gravura estivesse próxima do conteúdo da literatura. Lívio Abramo construiu as ilustrações de *Pelo Sertão* a partir de um estudo minucioso dessa obra (BECCARI, 1983).

ElBanat (1996) afirmou que a gravura brasileira foi influenciada pela estética expressionista, cujo foco do artista não se resumia ao refinamento, mas sim à expressividade da imagem. Assim como outros artistas brasileiros, Lívio Abramo afirmou ter tido influência expressionista, mas aos poucos ele foi criando um trabalho estético próprio, construído a partir de suas sensações vivenciadas no contexto social e cultural brasileiro e a partir também da relação com a técnica expressiva da gravura.

No caso específico da coleção de livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da BCE, esta ainda não foi estudada em profundidade. Embora se reconheçam as qualidades desse acervo, mostrado em exposições organizadas em galerias de Brasília, no Espaço Cultural do Instituto de Artes/UnB (1993), no Museu de Arte de Brasília (1994) e na Casa de Cultura da América Latina (2005); além de uma mostra internacional *O Livro Ilustrado Brasileiro* (1991), no Museu do Livro de Haia, Holanda, a construção dessa coleção ainda não foi alvo de um estudo significativo, para o qual esta dissertação pretende contribuir.

A partir do estudo da coleção da BCE pretende-se colaborar para a história do livro ilustrado produzido na primeira metade do século XX no Brasil, momento em que a confecção de livros foi influenciada pela criação de sociedades bibliófilas e de tipografias artesanais dispostas a financiar esse tipo de empreendimento.

Knychala (1981, p.1) já assinalava:

Não existe um trabalho maior que trate do livro de arte brasileiro e nem uma bibliografia de tal classe de livro que possam responder tais perguntas e servir de guia aos colecionadores e outras pessoas interessadas. Não existe nem mesmo uma verdadeira história do livro brasileiro.

Embora muitos estudos tenham sido publicados, o assunto ainda necessita de atenção<sup>11</sup>.

Hallewell (2005) publicou um grande compêndio sobre a história do livro no Brasil, com descrição das tipografias que funcionaram desde a colonização portuguesa até as mais recentes produções bibliográficas nos anos 80. Muitos estudos trataram da produção iconográfica brasileira, que se dedicaram aos álbuns de costume, aos impressos panorâmicos, às estampas e aos desenhos de artistas que vieram com a Missão Artística Francesa, entre

---

<sup>11</sup>Primeiramente a autora publicou seu estudo, em 1980, como dissertação de mestrado pela Universidade de Brasília, posteriormente, em 1983, o mesmo texto publicado pelo Instituto Nacional do Livro.



outros<sup>12</sup>. Entretanto, no que diz respeito aos livros ilustrados brasileiros faltam ainda pesquisas mais abrangentes.

Em um panorama internacional, nos grandes estudos sobre o livro ilustrado, há pouca ou nenhuma citação desse tipo de publicação no Brasil. Bland (1969) dedicou uma pequena menção aos livros ilustrados no Brasil e na América Latina, onde tratou rapidamente a produção da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil.

Diante desse quadro, a finalidade desse estudo é contribuir com as pesquisas sobre o livro ilustrado brasileiro por meio de um estudo que foque uma coleção representativa de aspectos da produção gráfica nacional.

Além dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, o acervo de Obras Raras da BCE<sup>13</sup> possui obras antigas de valor incomensurável, caso do fragmento do *Livro das Aves* (século XIV)<sup>14</sup>, além de obras de valor artístico e histórico como a coleção de *ex-Libris* e a de livros ilustrados, que conta com obras do século XVI, até exemplares com tiragem limitada e com gravuras originais.

Barrios (2008) já havia indicado a necessidade de conhecer e divulgar o acervo das obras Raras da BCE, mas seu artigo tratou da coleção da SCBB de um modo geral. A partir do estudo dessa coleção busca-se contribuir com a história da produção artesanal de livros e com a produção das sociedades bibliófilas brasileiras da primeira metade do séc. XX. Essa abordagem ainda não foi explorada pelos estudos que trataram da SCBB, além disso, como já destacado, a coleção da BCE ainda não foi investigada com atenção.

Como exposto acima, poucos estudos trataram do livro ilustrado brasileiro. A maior parte da bibliografia se concentrou nos livros de arte produzidos por artistas contemporâneos, principalmente a partir da década de 60, que exploravam as possibilidades estéticas do suporte. Um exemplo desse tipo de produção foi o chamado “livro de artista”<sup>15</sup>, objeto de estudo de Silveira (2008).

---

<sup>12</sup> Para mais informações ver: CUNHA, 2010.

<sup>13</sup> Sobre as obras raras do acervo da BCE ver: SILVA, 2011.

<sup>14</sup> RIBEIRO, 2004.

<sup>15</sup> Este estudo considera as seguintes definições: **livro de arte**: “Obra que prima pela qualidade e requinte da produção – impressão de primeira, suporte adequado às imagens de apoio, estilo sofisticado, excelência no acabamento, atenção ao design de capa e miolo, esmero técnico, organização dos elementos gráficos estruturais, bom uso dos recursos tecnológicos e estilísticos para gerar um produto referente e difusor de conhecimentos culturais, impecável em reprodução de desenhos, pinturas, letras e ornatos diversos, diagramação, montagem, arte-final” (PAIVA, 2010, p. 85). **Livro de artista**: “Trata-se de um produto artesanal da arte contemporânea. É construído a partir de um modelo de suporte conhecido, o livro protótipo, ao qual reverencia, ora faz contraposição, enaltece, ora experimenta possibilidades de crise. [...] Valoriza fusão de arte e técnicas: a escolha do suporte de leitura, acabamentos e efeitos especiais, engenharia do papel, colagens, montagens, costuras, mesclas de pintura, escultura, desenho, fotografia, serigrafia” (PAIVA, 2010, p. 86).

O livro ilustrado da primeira metade do século XX foi precursor das experiências mais recentes do livro de artista. “Podemos dizer que é graças aos pintores que são introduzidas novas invenções formais no livro do século XX. Daí o termo “livro de pintor” utilizado por muitos autores ao fazer referência ao livro de arte”. (BARRIOS, 2008, p. 789). Entretanto, mesmo frente a relevância do livro ilustrado desse período, poucos estudos se ocuparam desse assunto.

Knychala (1981) tornou-se uma pesquisadora de referência para a história do livro de arte nacional. Estudos como o de Ferreira (1994) enfatizaram a produção bibliográfica no Brasil e contribuíram para um entendimento sobre a arte gráfica que circulava em meios populares, mas não trataram da produção de livros luxuosos e destinados aos bibliófilos. Recentemente, Creni (2013) mapeou a fabricação de livros artesanais que existiram no Brasil a partir de 1940, período em que a produção editorial passou a ter qualidade a ponto de ter promovido as artes gráficas e a literatura nacional. Porém, Creni afirmou que seu foco de pesquisa foi a produção de livros artesanais e não as edições de luxo, destinada a bibliófilos.

Lima (2014) tratou da tipografia moderna com enfoque no movimento *O Gráfico Amador* (Recife, 1954-1961), que produziu livros artesanais. Esse grupo reuniu designers como: Orlando da Costa Ferreira, José Laurenio de Melo, Gastão de Holanda e Aloísio Magalhães. *O Gráfico Amador* produziu livros com tiragens limitadas, notáveis pela liberdade artística das ilustrações e das possibilidades tipográficas.

Esses estudos contribuíram para o conhecimento sobre a produção gráfica nacional, porém, ainda existem questões que necessitam de atenção. Creni (2013) optou por não tratar da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Seu estudo mapeou as edições artesanais, sem abranger as que eram destinadas a bibliófilos, caso dos livros da SCBB. Entretanto, sua pesquisa contemplou as *Edições Hipocampo* (1951-1953), *Edição Dinamene* (1950-1979), *Editora Noa Noa* (1965-2001). Todas elas possuíam livros destinados a colecionadores e assinantes.<sup>16</sup>

A Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil está inserida em um contexto de produção destinada a bibliófilos e não há motivos para que esse grupo não seja colocado dentro da

---

Sobre livro de Artista ver: SILVEIRA, 2001.

<sup>16</sup> Como afirmou Cléber Teixeira, editor da *Noa Noa*: “Durante muito tempo entrei em conflito com a linguagem do trabalho, com o produto final, com a destinação dele e com os canais de comercialização. No início cheguei a fazer muitas edições em papel importado. Mas sempre me confundi em relação à comercialização desse produto. Que produto é esse, o que ele pretende, e como chegar lá? Eram perguntas elementares que eu me recusava a fazer porque, ainda com o resquício de esquerdismo juvenil, eu queria fazer com que os produtos (ainda que tivessem alguma sofisticação) chegasse a um número maior de leitores. Isso foi uma bobagem sem tamanho, só que ano após ano eu sabia que era bobagem, e não tinha coragem de assumir. Na verdade, o que eu faço, o meu projeto, tem a ver com um produto para bibliófilo” (CRENI, 2013, p. 133).

produção artesanal brasileira. A maior parte das tipografias artesanais também foram financiadas por colecionadores, de outra maneira seria inviável a existência desses grupos.

Além disso, este estudo sobre a SCBB pode contribuir para esclarecer aspectos da influência dos livros dos bibliófilos europeus modernos em um contexto nacional. Castro Maya, idealizador da SCBB, assim como Pedro Moacir Maia (1929-2008) da *Edição Dinamene*, reconheceram que o contato com os livros de arte europeus motivou a fabricação desse tipo de produção no Brasil.

Esta dissertação também procura contribuir para a divulgação dos livros de arte e dos livros de bibliófilos que a BCE mantém em seu acervo. O acervo de Obras Raras da BCE também possui exemplares das tipografias artesanais, tais como: *Cartagena*, com ilustrações de Aloísio Magalhães (1927-1982), publicado pelo *O Gráfico Amador*, em 1974; *ABC das Catástrofes*, de Aníbal Machado (1894-1964), ilustrado por Darel Valença Lins, publicado pela *Hipocampo*, em 1951; *Eugênia*, de Raul de Leoni (1905-1972), ilustrado por Manuel Segalá, publicado em 1955 pela *Philobiblion*. Esses exemplares também foram ilustrados por artistas brasileiros e se destacam pela tiragem limitada e pelo aspecto artesanal, assim como os livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Por fim, o enfoque deste estudo será na trajetória dos livros dessa coleção no Setor de Obras Raras da BCE, a partir de documentos sobre sua aquisição, catalogação e a observação direta das características materiais desses livros.

## **1.1 Objetivos**

### **1.1.1 Objetivo Geral**

O objetivo geral dessa dissertação é analisar a coleção de livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil que está no Setor de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

1. Contextualizar os livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil na produção artesanal brasileira da primeira metade do século XX destinada à bibliófilos;

2. Apresentar a trajetória dessa coleção de livros dentro do Acervo de Obras raras da BCE a partir de três fases apresentadas por Alberti (2005) para o estudo dos objetos das coleções: a primeira fase se refere à coleta e procedência; a segunda fase diz respeito à história do objeto dentro do acervo; a terceira fase contempla a exposição e consulta do acervo pelo público;

3. Tratar das encadernações e das gravuras dos livros que estão na BCE a partir do aspecto artesanal e luxuoso dos livros de bibliófilos;

Para a consideração dos temas apresentados, esta dissertação foi organizada em três seções.

A Revisão de Literatura apresenta o estudo da coleção de livros da SCBB adquiridos pela BCE, partindo de uma abordagem do livro como objeto de coleção e a partir de uma perspectiva interdisciplinar da Ciência da Informação. Como mencionado, este estudo envolve questões de áreas como a museologia, já que trata de uma coleção; a biblioteconomia, por se tratar de um acervo raro de uma biblioteca; e sobre as artes e ofícios, pois trata de livros ilustrados produzidos em tipografias artesanais. A bibliografia mostrou que essas abordagens convergem para um entendimento do livro como objeto que transcende a escrita e contempla sua materialidade.

Na Revisão de literatura, também são apresentados os principais aspectos do livro de bibliófilo e do livro de arte. Os livros da SCBB foram contextualizados dentro da história do livro ilustrado moderno e na produção das tipografias artesanais, nos contextos nacional e internacional. A SCBB foi estudada a partir do colecionismo de Castro Maya, da formação de sua biblioteca e de como aspectos de sua bibliofilia influenciaram a criação desse grupo.

O primeiro capítulo enfatiza a trajetória da coleção de livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil do acervo da BCE a partir das três fases de Alberti. Essa coleção é estudada a partir de documentos do arquivo relacionados aos modos de aquisição e da exposição desse acervo.

O segundo capítulo trata das gravuras e das encadernações dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil do Acervo de Obras Raras da BCE.

Na conclusão são sistematizadas as principais contribuições dessa pesquisa e apontadas perspectivas de possíveis desdobramentos.

## 2 Revisão de Literatura

### 2.1 Colecionismo Bibliográfico: Estudo dos aspectos materiais do livro

Os estudos das coleções se configuram, na atualidade, como um vasto e fértil campo de estudo onde tem contribuído múltiplas áreas do conhecimento oferecendo diversas abordagens e interpretações. Eles são importantes porque nos colocam perante a evidência do mundo da cultura material e seus objetos. Ademais, desvendam as obscuras relações que o sujeito estabelece com os objetos. Dentre esses objetos, notadamente, o livro merece especial atenção pelas imbricações pessoais e culturais que apresenta sua posse, e pelas suas características essenciais de suporte e de informação. (MURGUIA, 2009, p. 87).

O estudo das coleções bibliográficas a partir de uma perspectiva interdisciplinar permite uma abordagem mais ampla do livro, que passa a ser estudado dentro do universo dos objetos da cultura material, onde é visto como suporte que carrega informações, além da escrita. A partir da década de 1970, cada vez mais estudos têm tratado do colecionismo bibliográfico em uma ampla perspectiva. Acerca disso, Murguia (2009, p. 95) afirmou:

As coleções bibliográficas foram estudadas de forma a-histórica, como se elas sempre estivessem existido dessa forma, esquecendo suas origens e seus percursos. Interessante que, para conceber os objetivos de uma biblioteca, de um museu e mesmo da política de suas coleções necessitamos saber, antes, como essas coleções se formaram.

Por muito tempo, a biblioteconomia não priorizou o estudo das coleções e a maior parte da literatura da área se ocupou com a classificação, com a seleção e com os aspectos administrativos dos acervos. No entanto, Vergueiro (1989) já ressaltava que havia uma tendência dos estudos da Biblioteconomia em tratar o desenvolvimento das coleções.

As bibliotecas organizam seu acervo em diversas categorias, dentre as quais: as coleções de uso corrente, as coleções especiais e as obras raras. Os livros raros são guardados não só pelo conteúdo escrito, esta é somente uma das qualidades que os colocam como raros ou preciosos. Em alguns casos, sua preservação se deve também aos aspectos da produção artesanal, como: encadernação, impressão, elementos tipográficos, ilustrações originais. Essas características podem adquirir igual ou maior relevância que a informação escrita. (PINHEIRO, 2009).

Todas as obras publicadas pela Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil já eram consagradas na literatura nacional, não havia primeiras edições, sendo assim, a raridade desse acervo é justificada não só pelo conteúdo literário, como pela relevância dos seus aspectos artesanais e estéticos. A respeito disso, Sant'ana (2001) ressaltou que muitos livros são raros por causa das qualidades artesanais típicas de uma época e a preservação desse material

contribui para conhecermos essas técnicas. Além disso, em muitos critérios de raridade a informação escrita do livro é secundária. Os livros artesanais e luxuosos, caso dos exemplares da SCBB, publicados por grupo de bibliófilos ou por tipografias artesanais também podem ser incluídos na categoria de livros raros:

Desde o final do século XIX pequenas editoras passaram a publicar obras utilizando papéis artesanais, ilustrações artísticas ou novos tipos de letras. Destacam-se, neste contexto, as produções de William Morris, *designer*, arquiteto e poeta inglês que criou a *Arts and Crafts Society* visando à revalorização do trabalho artesanal em várias áreas, como um desdobramento de seu ideal socialista. Morris criava novos tipos fundidos manualmente para imprimir os textos, usando sempre papéis artesanais em suas publicações, feitas através da editora Kelmscott, fundada por ele em 1891 e que deu início às modernas *private press* existentes atualmente em diversos países. Já no século XX, ficaram famosos os livros de arte produzidos por Picasso, Matisse e Miró, entre outros, trazendo gravuras originais assinadas pelos autores. Existem, aliás, vários exemplos de livros recentes, produzidos para serem considerados raros (e que são também chamados de livros de luxo ou artísticos), com uma tiragem bem reduzida, usando gravuras exclusivas e informando que as matrizes serão inutilizadas após a impressão (SANT'ANA, 2001, p. 6).

Realçando as ilustrações como fator motivador para tornar um livro raro, Moraes (2005, p.71) afirmou:

Há livros que se tornam procurados unicamente por causa das ilustrações. [...] Esse gênero de livros tem valor artístico e não literário. O mesmo acontece com certas obras encadernadas por encadernadores célebres. Os colecionadores de encadernações pouco se importam com o texto, o que vale para eles é a obra de arte que o encadernador realizou.

É possível também tratar o livro como um objeto museológico – inclusive, ele frequentemente é usado em exposições – e, ao longo do tempo, o livro passou por mudanças nos materiais utilizados para sua fabricação. O estudo desses aspectos permite que se avalie o livro a partir de uma perspectiva social e histórica. No que diz respeito aos acervos raros, os motivos que levam uma biblioteca a construir uma coleção dessa natureza passam tanto pelas características informacionais e literárias do livro, como também pelos aspectos materiais desse suporte. O estudo de uma coleção de livros pode ser construído a partir de uma perspectiva museológica. (REIFSCHNEIDER, 2009)

Há uma tendência das disciplinas que se ocupam com o estudo da cultura material em proporem novos olhares sobre o objeto. Mathieu (1987) afirmou que os mais diversos pesquisadores de áreas como Arqueologia, Museologia, História, Etnologia, Sociolinguística, Geologia e História da Arte propuseram uma leitura mais ampla do objeto por meio de um diálogo entre os procedimentos adotados por cada uma dessas disciplinas. Esses novos olhares entendem que a partir do aspecto material do objeto é possível descobrir relações mais profundas, como a atribuição de sentido, as interpretações e os valores simbólicos e culturais. Mathieu (1987, p. 7) afirmou:

Par-delà de leur forme et leur matière, les objets ont une fonction et des usages. Ils sont porteurs de valeurs symboliques et de représentations. Ainsi, l'étude des objets est révélatrice d'une technologie, d'un environnement, d'une compétence, d'un besoin, d'un goût, d'une esthétique.<sup>17</sup>

A partir desse entendimento, é possível proceder a uma análise da coleção de livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil sob uma perspectiva que destaque os aspectos materiais desses livros e assim depreender relações mais profundas, como, por exemplo, por que esses livros são raros, quais são as características dos exemplares que revelam os traços da personalidade de seus colecionadores, e os aspectos materiais de sua fabricação podem revelar características da arte gráfica nacional.

No que diz respeito à Ciência da Informação e com base na concepção de Buckland (1991), esta pesquisa é situada a partir da noção de que é possível estudar o livro como objeto portador de informações, as quais podem tanto estar no conteúdo escrito, como no suporte físico. Murguia (2009, p. 97) lembrou que “a razão do predomínio da informação imaterial reside no fato de se ter tradicionalmente destacado a informação em si, e não a materialidade do documento e nem a historicidade das instituições com as quais se lida.”

Nos anos 90, o *Foundations of Information Science* passou a discutir uma teoria da informação que contemplasse seus aspectos objetivos e subjetivos. Nas Ciências Sociais, por exemplo, o processamento da informação acontece em um ambiente cultural, em que o indivíduo é influenciado por seu meio, desta forma, a informação é algo contingente. Por isso, determinar o que será informativo dependerá de um conjunto de circunstâncias e também do modo como a informação será apropriada pelos indivíduos. (CAPURRO, 2003).

Além disso, não há um consenso sobre a definição de informação. O registro do conhecimento humano não se resume a uma só interpretação, daí a interdisciplinaridade da Ciência da Informação. Embora haja muitos motivos para que a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia tenham desenvolvido suas próprias metodologias, essas áreas convergem em um ponto principal, que é a manutenção institucionalizada das coleções (HEDSTROM; KING, 2003).

Há um campo de estudos dentro da Ciência da Informação que destaca o estudo do suporte em que a informação está registrada. Sob esta perspectiva, a noção de documento é complexa. Para os documentalistas do início do século XX, por exemplo, o documento é um termo genérico usado para designar fontes de informação, que não estão atreladas,

---

<sup>17</sup> “Além de sua forma e matéria, os objetos tem funções e usos. Eles portam valores simbólicos e de representação. Assim, o estudo do objeto é revelador de uma tecnologia, de um meio ambiente, de uma competência, de uma necessidade, de um gosto, de uma estética”. (MATHIEU, 1987, p. 7, tradução nossa)

necessariamente, aos textos escritos. Outras categorias podem ser incluídas na noção de documento, podendo abranger diversos tipos de objetos naturais ou de artefatos produzidos pelo homem. A partir das ideias de Buckland (1991), pode-se afirmar que os objetos de uma coleção, por exemplo, podem ser potencialmente informativos (BUCKLAND, 1991).

The literature on information science has concentrated narrowly on data and documents as information resources. But this is contrary to common sense. Other objects are also potentially informative. How much would we know about dinosaurs if no dinosaur fossils had been found? (Cf. Orna and Pettit (1980, p. 9), writing about museums: "In the first stage, the objects themselves are the only repository of information.") Why do centers of research assemble many sorts of collections of objects if they do not expect students and researchers to learn something from them? Any established university, for example, is likely to have a collection of rocks, a herbarium of preserved plants, a museum of human artifacts, a variety of bones, fossils, and skeletons, and much else besides. The answer is, of course, that objects that are not documents in the normal sense of being texts can nevertheless be information resources, information-as-thing. Objects are collected, stored, retrieved, and examined as information, as a basis for becoming informed (BUCKLAND, 1991, p. 354)<sup>18</sup>.

Os museus, os arquivos e as bibliotecas também lidam com o aspecto tangível do documento. Murguia (2009) destacou a urgência de se estudar com mais atenção as coleções dessas instituições e enfatizou o papel da biblioteca como um espaço propiciador de pesquisas, defendendo que o livro pode ser estudado a partir de sua informação escrita e também pela sua materialidade.

## **2.2 Livro de bibliófilo e livro de arte**

A partir dessas considerações, esta pesquisa estuda os livros de bibliófilo e os livros de arte brasileiros produzidos por processos artesanais, caso de grande parte dos exemplares da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da BCE e de muitas tipografias particulares que se estabeleceram no país na primeira metade do século XX. Muitas vezes, as denominações, livro de arte e livro de bibliófilo se referem ao mesmo tipo de publicação. Esses termos possuem qualidades semelhantes, sendo difícil separá-los. Assim, neste estudo, os livros da SCBB serão considerados como livro de bibliófilo e livro de arte. Isto se justifica porque

---

<sup>18</sup> “A literatura sobre ciência da informação tem se concentrado estritamente em dados e documentos como fontes de informação. Mas isso é contrário ao senso comum. Outros objetos são potencialmente informativos. Quanto saberíamos sobre dinossauros se nenhum fóssil de dinossauro tivesse sido encontrado? (Cf. Orna and Pettit (1980, p. 9), escrevendo sobre museus: “No primeiro estágio, os objetos em si são o único repositório de informação”) Por que centros de pesquisa juntariam muitos tipos de coleção de objetos se eles não esperassem que estudantes e pesquisadores aprendessem algo com eles? Qualquer universidade estabelecida, por exemplo, provavelmente possui uma coleção de pedras, um herbarium de plantas preservadas, um museu de artefatos humanos, uma variedade de ossos, fósseis e esqueletos, e muito mais. A resposta é, evidentemente, que objetos, não são documentos no sentido normal de serem textos, podem, no entanto, ser fontes de informação, informação-como-coisa. Objetos são colecionados, guardados, recuperados e examinados como informação, como uma base para tornar-se informado” (BUCKLAND, 1991, p. 354, tradução nossa).



muitos dos exemplares produzidos nas tipografias artesanais e pelos grupos de bibliófilos podem ser qualificados dentro dessas duas definições.

Este estudo considera, portanto, livro de arte e livro de bibliófilo os exemplares fabricados majoritariamente por processos artesanais; cujas imagens, caso o livro seja ilustrado, possuam qualidades artísticas; que possuam qualidades estéticas tais como: preocupação com a diagramação do texto e com a composição tipográfica; e cujo conteúdo literário seja relevante.

Alguns autores do início do século XX consideravam livro de arte somente as obras confeccionadas artesanalmente e cujos processos de reprodução das imagens usassem as técnicas da xilogravura, da gravura em metal e da litografia. A atribuição de valor ao livro como obra de arte o destaca dos objetos comuns de consumo. Existem livros que são produzidos com intenção de serem objetos de arte, caso do *Livro de Artista* e do *Livro de Pintor*, por exemplo. Há também aqueles livros que recebem essa denominação muito tempo após sua fabricação. A definição de livro de arte é complexa, ela pode variar de acordo com momento histórico e cultural em que o exemplar foi produzido.

Para Hesse (1927), um livro de arte tinha que ser, necessariamente, raro e à margem da produção industrial. Ele até considerava que um livro popular possuísse qualidades estéticas, mas em sua perspectiva um livro de arte devia ser produzido com materiais especiais e em tiragens limitadas. Hesse (1927, p. 6):

A notre sentiment, il y aura édition d'art lorsqu'un livre dont le texte présentera un intérêt littéraire se verra imprimé avec soin sur un papier de choix, que le texte se verra commenté par un artiste au moyen d'un procédé original qui ne sera ni photographique, ni mécanique, et que le livre sera devenu rare ou par suite de la disparition d'un certain nombre d'exemplaires ou par la limitation volontaire du nombre d'exemplaires tirés. La gravure, l'eau-forte, la pointe sèche en noir ou en couleurs, le bois en noir ou en couleurs, la lithographie en noir ou en couleurs sont, à notre sentiment, les seuls modes d'illustration qui doivent être employés, les seuls que présentent un caractère artistique, et nous écartons délibérément des modes d'illustration tels que l'héliogravure ou la photogravure, par exemple, malgré la perfection du procédé employé.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> “Em nossa concepção, será edição de arte quando um livro cujo o texto apresente um interesse literário for impresso cuidadosamente em um papel selecionado, que o texto seja comentado por um artista, por meio de um processo original, que não seja nem fotográfico, nem mecânico, e que esse livro tenha se tornado raro, quer pelo desaparecimento de um certo número de exemplares ou pela limitação voluntária do número de exemplares tirados. A gravura, água forte, ponta seca, preto e branco ou colorida, em madeira, preto e branco ou colorida, em litografia, preto e branco ou colorida, são, na nossa forma de sentir, os únicos modos de ilustração que devem ser empregados, os únicos que apresentam um caráter artístico, e nós descartamos deliberadamente os modos de ilustração tais como a heliogravura ou a fotogravura, por exemplo, apesar da perfeição do procedimento empregado”. (HESSE, 1927, p.6, tradução nossa)

Na concepção de Hesse (1927) o livro de arte deve ser produzido artesanalmente com os processos tradicionais de reprodução das imagens, deve possuir também qualidades estéticas, ser raro e o conteúdo literário ser relevante.

Nesse mesmo sentido, Koopman (1917) reagiu contra a produção industrial de sua época. Para esse autor, o livro do início do século XX era de baixa qualidade. A maior parte das publicações eram romances populares, muitas vezes sem valor literário, além disso, os materiais usados na fabricação eram muito inferiores em comparação aos livros feitos artesanalmente, antes do advento da produção mecânica. Koopman (1917) imaginava que se o público fosse educado a apreciar livros de qualidade, com conteúdos relevantes e feitos com bons materiais, naturalmente a indústria voltaria a produzir boas edições.

Hesse (1927) e Koopman (1917) estão inseridos em um contexto histórico em que era recente a produção mecânica de livros. Para um leitor atual, essas afirmações podem parecer anacrônicas, mas não se pode julgá-las sem considerar o contexto desses autores. Para um bibliófilo e apreciador do livro que viveu no início do século XX, a produção industrial se mostrava muito inferior à artesanal. Um olhar atencioso para os livros produzidos nessa época perceberia a precariedade das reproduções das imagens feitas com processos mecânicos em comparação às reproduções feitas diretamente da matriz de metal, de madeira ou de pedra.

Para um conhecedor da gravura, uma reprodução original guarda qualidades estéticas que outra forma de impressão não possui. A impressão da gravura a partir da matriz em que o desenho foi gravado possui características expressivas. Essas qualidades do suporte da gravura se somam ao conteúdo da imagem. A reprodução de uma pintura, por exemplo, é muito diferente da obra original, justamente por que a pintura também não se resume à imagem representada, mas sim às características do suporte em que o artista fez sua obra. Esses elementos, suporte e imagem, se complementam na fruição estética<sup>20</sup>.

As encadernações e as capas dos livros populares da primeira metade do século XX eram produzidas quase que exclusivamente com máquinas. Os materiais utilizados eram menos resistentes e de baixa qualidade. Os papéis usados eram feitos a partir das farpas de

---

<sup>20</sup> A dissociação do conteúdo da Obra de Arte em relação ao material e o suporte utilizado em sua fabricação é um fenômeno recente. Movimentos como o da Arte Contemporânea e a nova relação da Arte com o consumo de massa irá mudar a concepção de Obra de Arte. Argan (2002, p. 593) afirma: “Lembremos que a Arte, em todo o seu passado, foi um modelo de experiência individual, um trabalho manual transposto numa comunicação conceitual. Numa sociedade de consumo de massa, o pensamento e a memória da arte também poderão ser, se estiver salvaguardada a liberdade dos indivíduos, os impulsos criativos que, provindos das profundezas da história, haverão de gerar uma experiência individual recaptuladora, porém não destruidora da experiência coletiva”.

madeira, muito inferiores aos feitos de trapo das publicações anteriores a 1840<sup>21</sup>. Muitos livros dessa época desapareceram ou estão em condições precárias devido à acidez do papel de madeira. Essa precariedade dos materiais levou muitos grupos de bibliófilos e de editores artesanais a preferirem papéis feitos a partir de trapos ou papéis especiais com baixa acidez (LEHMANN-HAUPT, 1957).

Para Knychala (1981) o aspecto artesanal de fabricação não é uma qualidade básica para o livro de arte, estes podem ser fabricados com processos industriais, sem perder suas qualidades artísticas. Knychala (1981, p.26) definiu livro de arte como:

(...) o livro que, além de símbolo cultural com valores semânticos, apresenta-se como objeto com valores artísticos tais como boa qualidade e beleza do papel, dos caracteres tipográficos e da encadernação, arquitetura e diagramação harmoniosas e não necessariamente ilustrado; mas se contiver ilustrações feitas com processos manuais, como a xilogravura, a gravura e metal, a litografia e a serigrafia, como também fotografias artísticas e reproduções por processos fotomecânicos.

A concepção de Knychala (1981) abrange os livros produzidos com processos manuais e mecânicos. A autora entende que não há motivos para classificar como livro de arte somente os exemplares feitos manualmente.

Alguns estudiosos defendem que os livros de arte diferem dos livros artesanais. Creni (2013, p. 22) afirmou:

Apesar de ter características coincidentes com o livro de arte no que tange os aspectos gráficos, o livro artesanal possui diferenças marcantes, principalmente em relação a objetivos e processo. Uma delas é a publicação de textos de autores não consagrados, já que o livro de arte privilegia textos clássicos já publicados. Existe o cuidado gráfico, mas nunca a preocupação com requintes de 'luxo', como, por exemplo encadernações sofisticadas.

Os livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil possuem algumas características que extrapolam a definição de Creni (2013). Uma vez que essa coleção é formada por títulos de autores consagrados, possuem encadernações luxuosas e são confeccionados por processos manuais. Assim, os livros da SCBB são artesanais e são livros de arte. Muitas vezes, não há uma distinção clara entre livro artesanal, livro de arte e livro de bibliófilo.

O poeta Tiago de Mello (1926-), um dos fundadores das *Edições Hipocampo*, afirmou que os livros produzidos por sua tipografia artesanal possuíam características semelhantes às dos livros de bibliófilo. As *Edições Hipocampo* possuíam tiragem limitada, eram financiadas por assinantes, os materiais eram de qualidade e os exemplares eram ilustrados por grandes artistas brasileiros. Nesse mesmo sentido, Pedro Moacir Maya (1929-2008), fundador das

---

<sup>21</sup> “Papel de trapo: papel inteiramente fabricado com pasta feita de trapo ou com pouca pasta de madeira. A percentagem mínima de pasta de trapo que se exige para um papel ser designado como papel de trapo difere de país para país” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 551).

*Edições Dinamene*, declarou expressamente que os livros de sua tipografia se destinavam à bibliófilos (CRENI, 2013).

Dessa forma, considera-se, para efeitos deste estudo, que a Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil produziu livros de arte e usou processos artesanais, já que dos 23 títulos publicados, somente três foram produzidos por máquinas industriais. A SCBB também está inserida em um contexto de produção artesanal de livros em que as edições eram financiadas por um grupo de colecionadores, possuíam ilustrações originais e prezavam pelos aspectos materiais. Essas qualidades são características dos livros de bibliófilo e muitos desses preceitos foram compartilhados pelos editores artesanais brasileiros.

As perspectivas de Hesse (1927) e de Koopman (1917) sobre o livro de arte e o livro de bibliófilo refletem uma visão crítica em relação à produção industrial do início do século XX. Essas perspectivas foram compartilhadas por muitos dos criadores das tipografias artesanais do final do século XIX e início do século XX. Alguns teóricos como Lehmann-Haupt (1957) e McMurtrie (1997) destacaram a revolta dos artesãos contra a precariedade da maior parte dos processos mecânicos. O ideal de produzir livros com os processos e com as qualidades dos exemplares antigos levou artistas como William Morris e tantos outros tipógrafos a criar livros de qualidade feitos artesanalmente.

A Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, assim como as tipografias criadas no Brasil, principalmente as que surgiram a partir da década de 1940, partilham alguns dos ideais dos criadores das tipografias artesanais europeias.

### **2.3 A fabricação artesanal de livros: uma reação dos artesãos contra a produção industrial**

No início do século XIX, surgiram inúmeros grupos de bibliófilos com a intenção de colecionar livros que prezavam pelo rigor dos processos artesanais. Esses grupos incentivavam e produziam exemplares luxuosos e com pequena tiragem. Os grupos de bibliófilos se concentraram na Inglaterra e na França.

O livro “democratizado” se tornou um objeto vulgar de consumo. Em reação contra o que foi percebido como decadência do impresso, é que se formaram as primeiras associações bibliófilas, reação “aristocrática” à tendência ambiente da produção de massa. (BARAÇAL; BOSSON; KNYCHALA; MINDLIN; NICOLIN, 2000, p. 42).

Nesse mesmo período, surgiram as tipografias artesanais. William Morris (1834-1896), como já se disse, foi um dos que voltaram a fazer livros com a estética dos antigos

tipógrafos e encadernadores. Morris se dedicou a diversos tipos de artes manuais, produzindo estamparias, tapeçarias, pinturas e livros. As tipografias artesanais influenciaram o livro de arte moderno, um tipo de obra que, além de outras qualidades, prima pela ilustração e pelo bom acabamento artesanal (McMURTRIE, 1997).

Diante da predominância da máquina na fabricação de livros, muitos artesãos se dedicaram a confeccioná-los manualmente, a fim de produzir exemplares bem acabados de acordo com o padrão tradicional. Esses artesãos se reuniam em grupos e se organizaram em tipografias artesanais, que procuravam resgatar as técnicas tipográficas, usar os maquinários antigos e construir edições rebuscadas. Embora se pense que os exemplares produzidos por essas tipografias copiassem um estilo ultrapassado, para alguns autores, o produto resultante desse processo artesanal não é, necessariamente, destituído de inovações. Muitos exemplares se destacaram pelo uso de recursos originais e experimentais. Lehmann-Haupt (1957, p. 137) afirmou: “Very often they offer more freedom to the artist, more opportunity for imaginative creation, than the most mechanical process”<sup>22</sup>.

As tipografias artesanais concebiam o livro de uma forma global, compreendendo os processos de encadernação, encapamento, composição tipográfica, ornamentação das páginas, ilustrações, além de fabricarem seus próprios tipos.

Em 1891, William Morris e Emery Walker (1851-1933) criaram a Kelmscott Press. Essa tipografia funcionou até 1898 e produziu 53 títulos e 18.234 edições. A ideia de criar a *Kelmscott* surgiu quando Morris, na ocasião de uma exposição de Artes e Ofícios, percebeu a falta de qualidade dos trabalhos tipográficos de sua geração. Nessa mesma exposição, Walker ministrou uma palestra sobre a arte da impressão, isso estimulou Morris a propor a criação de uma empresa especializada na produção de livros artesanais. Dessa comunhão de interesses surgiu a *Kelmscott Press*. (McMURTRIE, 1997).

O fascínio de Morris pela produção artesanal levou-o a usar recurso mecânico somente em um dos processos de produção, que é o da fundição dos tipos, comprovadamente superior ao manual. As demais etapas de produção resgatavam métodos de fabricação antigos. A *Kelmscott* publicou os títulos com tiragens que muitas vezes passavam de 400 cópias. Havia também tiragens limitadas que eram destinadas aos colecionadores. Os exemplares luxuosos eram confeccionados com capas de madeira revestidas com pergaminho e cordas de seda.

---

<sup>22</sup> “Com muita frequência eles oferecem mais liberdade ao artista e mais oportunidade para a criação imaginativa, do que os processos mecânicos” (LEHMANN-HAUPT, 1957, p. 137, tradução nossa).

Morris procurava os melhores materiais: peles de velino<sup>23</sup> para as impressões luxuosas, tintas com pigmentos naturais eram trazidas da Alemanha, os papéis eram encomendados a um artesão que produzia uma tiragem especial com as marcas d'água da *Kelmscott*. (McMURTRIE, 1997)<sup>24</sup>.

Os críticos do trabalho da *Kelmscott Press* argumentavam que havia uma preocupação excessiva com as imagens que decoravam e ilustravam as páginas, fazendo com que o conteúdo do texto se perdesse por entre os ornamentos. McMurtrie (1997) afirmou que essa crítica procede, mas destacou que a *Kelmscott* teve o mérito de ter sido a precursora do renascimento tipográfico. A habilidade e a persistência dos seus idealizadores em fabricar os livros manualmente resgatou a qualidade artística e tipográfica do livro e estimulou muitos empreendimentos semelhantes. Para Lehmann-haupt (1957), a *Kelmscott* mostrou que o trabalho artesanal foi capaz de sobreviver e, muitas vezes, ter mais qualidade que os produzidos pela indústria.

O lucro advindo dessas tipografias, muitas vezes, não era suficiente para custear as despesas com a produção. Essa situação deficitária se repetiu em muitos empreendimentos semelhantes. Muitas vezes, tipografias como a *Kelmscott*, eram sustentadas mais pela satisfação de seus idealizadores do que pelo lucro. (LEHMANN-HAUPT, 1957).

A experiência de Morris incentivou a organização de inúmeras tipografias artesanais particulares na Europa<sup>25</sup> e nas Américas. Algumas se destacaram pela qualidade de seus impressos: *Dove Press* (Inglaterra, 1901-1916), *Ashendene Press* (Inglaterra, 1895-1915), *Gregynot Press* (Inglaterra, 1922- até o presente momento), *Officina Serpentis* (Berlim, 1911-?), *Village Press* (Estados Unidos, 1903-?), entre outras. (McMURTRIE, 1997).

No Brasil, sobretudo a partir de 1940, muitas tipografias artesanais se destacaram: *O Livro Inconsútil* (Barcelona, Rio de Janeiro, 1947-1953), do poeta João Cabral de Melo Neto (1920-1999); *Philobiblion* (Rio de Janeiro, 1954-1957), de Manuel Segalá (1917-1958); *Edições Hipocampo* (Niterói, 1951-1953), de Geir Campos (1924-1999) e Tiago de Mello (1926-); *Edição Dinamene* (Salvador, 1950-1979), de Pedro Moacir Maia (1929-2008); *O*

---

<sup>23</sup> “Velino: Couro de vitela, mais liso e mais fino que o pergaminho vulgar, reservado aos manuscritos de luxo; pergaminho virgínio; *vitalinium*; *vitulum*. Encontram-se excepcionalmente incunábulo impressos em velino. É possivelmente o mais belo e duradouro dos materiais desde sempre usados em livros” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 723).

<sup>24</sup> Uma das principais publicações da Kelmscott Press foi a obra *The Works of Geoffrey Chaucer*, de 1896. Esta edição foi ilustrada com xilogravuras de Edward Burne-Jones (1833-1898) e os ornamentos das páginas foram feitos por Morris. A tiragem foi de 438 exemplares, 13 dos quais eram luxuosos, impressos em velino e com encadernações especiais (MCMURTRIE, 1997).

<sup>25</sup> Sobre as tipografias particulares do final do século XIX ver: McMURTRIE (1997).

*Gráfico Amador*<sup>26</sup> (Recife, Rio de Janeiro, 1954-1984), de Gastão de Holanda (1919-1997), Editora Noa Noa (Florianópolis, 1965-) (CRENI, 2013).

Sobre esses editores artesanais Creni (2013, p.17) afirmou:

A importância desses editores está, num primeiro momento, vinculada ao aspecto gráfico, pois eles mostraram por meio de suas publicações que o livro, como objeto de arte, não se limitava a edição de luxo, apesar de apresentar algumas características semelhantes. Em suas publicações, ficavam atentos a todos os detalhes que compunham o livro, desde a folha de rosto até o colofão. Preocupavam-se, sobretudo, com a qualidade do livro enquanto objeto artístico e intervieram na forma gráfica do texto, imprimindo manualmente suas próprias edições, numa tentativa de recuperação do livro como objeto artesanal.

A *Philobiblion*, tipografia idealizada pelo artista e poeta Manuel Segalá (1917-1958), produziu 32 livros em prensa manual com gravuras originais. A concepção gráfica, a ilustração e a encadernação dos livros, em geral, foram realizadas por Segalá. Algumas edições da *Philobiblion* foram ilustradas por artistas como Poty Lazzarotto (1924-) e Fayga Ostrower (1920-2001). As tiragens variavam entre 50 e 1000 exemplares. Havia também as edições especiais para bibliófilos. Os livros eram impressos em papel da marca *Raphael, Canson e Ingres*. A maior parte dos exemplares foi ilustrada com xilogravuras, somente duas obras foram ilustradas com gravuras em metal (CRENI, 2013).

**Figura 1** - LEONI, Raul de. *Eugenia*, Philobiblion, 1955, ilustrador: Manuel segalá, xilogravura.



Fonte: Obras Raras Biblioteca Central – Universidade de Brasília, Foto: Raphael Greenhalgh.

<sup>26</sup> Sobre *O Gráfico Amador* ver: LIMA, 2014.

A tipografia *Hipocampo* foi concebida por Geir Campos (1924-1999) e pelo poeta Thiago de Mello (1926-), produziu 20 títulos confeccionados com materiais de qualidade, impressos em prensas manuais e ilustrados com gravuras originais. As publicações eram financiadas por cem subscritores, dentre os quais figuraram o bibliófilo José Mindlin e o poeta modernista, Augusto Frederico Schmidt (1906-1965) (CRENI, 2013).

Em entrevista concedida à Creni (2013), Thiago de Mello afirmou:

Imprimíamos os livros em papel Ingres, sempre do tipo Bodoni redondo e itálico. O formato era de um livro comum um pouquinho maior. A capa era desenhada por mim, e nos vinte livros era sempre igual. O nome do autor em itálico, o título do livro em Bodoni maiúsculo, o logotipo e, embaixo, Edições Hipocampo em versalete. [...] Nós dois tínhamos o cuidado de escolher os ilustradores e decidimos convidar importantes artistas como **Eduardo Sued, Santa Rosa, Darel Valença**, para citar apenas alguns (CRENI, 2013, p. 63 e 64, grifo nosso).

A partir do depoimento de Thiago de Mello é possível identificar a preocupação com o aspecto artesanal dos livros, que é evidenciada pelo cuidadoso trabalho tipográfico e pela escolha dos artistas ilustradores. Os volumes da *Hipocampo* foram ilustrados por artistas como: Fayga Ostrower, Tomás Santa Rosa, Darel Valença Lins, Athos Bulcão, Iberê Camargo e Farnese de Andrade (CRENI, 2013).

Os livros artesanais da Edição *Dinamene* foram concebidos por Pedro Moacir Maia (1929-2008), que editou 19 títulos e inúmeros livretos. A tiragem desses livros era limitada, algumas chegaram a 500 cópias, mas, em geral, não passava de 130 exemplares. Pedro Moacir Maia se inspirou nas obras bem acabadas produzidas para bibliófilos, que possuíam tiragem pequena, tinham boa qualidade tipográfica e eram ilustradas com gravuras originais.

Outra tipografia artesanal importante foi a Editora *Noa Noa*, criada por Cléber Teixeira (1938-), essa editora produziu 43 títulos. Alguns exemplares chegaram a ter tiragem de 1000 cópias, havia também as edições exclusivas de 50 exemplares. Os livros produzidos nessa Tipografia foram impressos em papéis de qualidade, como, por exemplo, os das marcas *Fabriano, Verger e Tiziano*. Sobre o aspecto artesanal dos livros da Editora *Noa Noa*, Cléber Teixeira afirmou:

Não quero ser o coautor do livro, pelo contrário, eu me preocupo em fazer da melhor maneira possível, escolhendo o tipo ideal, a melhor diagramação, o formato do livro e o melhor papel para a impressão, e que tudo fique ideal para cada autor. Essa é a maior preocupação que tenho quando pego um texto para fazer um projeto. Quem é esse autor? Qual o universo dele? Como ele gostaria de ter sua obra editada? São as perguntas que faço sempre (CRENI, 2013, p. 135).

O grupo *O Gráfico Amador* foi um dos mais importantes produtores de livros artesanais no Brasil. Esse grupo foi fundado por Aloísio Magalhães (1927-1982), Gastão de Holanda (1919-1997), José Laurenio de Melo (1927-2006) e Orlando da Costa Ferreira (1915-1975). Segundo Lima (2014, p. 69) *O Gráfico Amador* produziu: “27 livros, três volantes e



um programa de teatro”. Esse grupo produziu títulos com tiragens extensas, algumas chegaram a 2400 exemplares, mas havia também as pequenas edições com 96 exemplares e as publicações com tiragens restritas para colecionadores. José Mindlin, por exemplo, recebeu uma publicação da obra *Amor Natural: 16 poemas inéditos* de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), que foi confeccionada em prelos manuais, com aquarelas e com tiragem exclusiva para Mindlin, na ocasião de seu aniversário (CRENI, 2013)<sup>27</sup>.

*O Gráfico Amador* também foi financiado por subscritores, Lima (2014) mencionou que o grupo iniciou com apenas 30 e chegou a ter 51 sócios. Entre os associados estavam intelectuais, artistas, escritores e colecionadores. Os associados desempenhavam diferentes papéis na produção editorial de *O Gráfico Amador*, e, segundo Lima (2014), podem ser classificados em três grupos:

Aqueles que davam suporte financeiro, pagando mensalidades que viabilizavam a publicação dos livros, recebendo em troca um exemplar de cada edição; os que eram escritores, poetas ou colecionadores e que, assim, tinham interesse na produção de livros; e os que se envolviam diretamente no processo editorial, entre os quais se incluem os ilustradores (LIMA, 2014, p. 63).

A produção das tipografias artesanais brasileiras se aproxima da produção das sociedades bibliófilas, principalmente, no que se refere ao aspecto artesanal dos livros. As tipografias e os grupos bibliófilos, de um modo geral, eram financiados por subscritores; produziam livros com processos artesanais e com materiais de qualidade; havia preocupação com a diagramação, com as ilustrações e com os elementos tipográficos das edições.

A coleção de livros ilustrados da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da Biblioteca Central é semelhante à de outros grupos bibliófilos.

Para o estudo dos livros de bibliófilo, da segunda metade do século XIX e início do século XX, Hesse (1925) pontuou quatro principais momentos. O primeiro é marcado pela influência da estética do Romantismo. Nessa época, os editores destinavam uma pequena tiragem confeccionada com materiais luxuosos para os bibliófilos. O segundo período é o Pós-Romântico (1866-1896). Momento em que alguns grandes editores franceses como Quantin, Launette, Jouaust e Conquet intensificam a produção de livros ilustrados, estimulados pela disseminação das sociedades bibliófilas. O terceiro período é chamado por Hesse de “Renascimento do Livro de Arte”. É o momento em que artistas e artesãos como Édouard Pelletan (1854-1912) e Ambroise Vollard (1866-1939) produziram edições luxuosas

---

<sup>27</sup> Essa quantidade de títulos se refere à publicação oficial desse grupo, que eram entregues aos seus subscritores. A quantidade de títulos publicados pelo *O Gráfico Amador* também engloba a produção de duas outras editoras: a *Mini Graf* e a *Editora Fontana* (CRENI, 2013).

ilustradas com gravuras na técnica da água-forte. O quarto período é situado após a Primeira-Guerra Mundial (1914-1917), momento em que as sociedades bibliófilas também se destacaram na promoção do livro ilustrado por grandes artistas modernos. Nesses quatro períodos pontuados por Hesse, cabe ressaltar a contribuição das sociedades bibliófilas na produção de livros ilustrados e na promoção dos livros de arte.

As principais sociedades bibliófilas que surgiram no século XIX e início do século XX foram: *Roxburghe Club* (Londres, 1812), *Société des Bibliophiles François* (Paris, 1820), *Société des Amis du Livre* (Paris, 1874), *Les Cent Bibliophiles* (Paris, 1895), *Société du Livre d'Art* (Paris, 1905) e a *Société des Amis du Livre Moderne* (Paris, 1908).

O *Roxburghe Club* é particularmente marcante porque foi o primeiro grupo bibliófilo, ainda está ativo e publica livros com regularidade<sup>28</sup>. Em geral, as publicações desse grupo são formadas pela literatura de língua inglesa, por manuscritos medievais e livros de história, além dos facsímiles de obras raras antigas. As primeiras publicações desse grupo foram reproduções de obras antigas já consagradas e não havia o interesse em publicar novos autores. Os livros produzidos pelo *Roxburgue Club* valorizavam o aspecto material, possuíam um acurado trabalho tipográfico e de impressão. Além disso, o grupo criou um estilo próprio para encadernar seus volumes, que influenciou as tipografias artesanais inglesas:

the Club has always taken great interest in the typographic appearance of its books, many of them among the most notable examples of letter-press printing. C. H. St John Hornby, founder of the Ashdene Press, was long a member, and the standards that he set have been reflected in all the books published by the Club since. (ROXBURGUE CLUB. Disponível em: [www.roxburgueclub.org.uk](http://www.roxburgueclub.org.uk), acesso em: 31 ago. 2015)<sup>29</sup>.

Mais tarde, em 1820, surgiu a *Société des Bibliophiles François*, que publicou edições artesanais de qualidade. Suas publicações também privilegiavam obras de grandes autores franceses. De acordo com o estatuto dessa Sociedade, ela era financiada por vinte e quatro subscritores, que pagavam uma quantia fixa anual e cada sócio recebia um exemplar.

Art. 13. Les ouvrages imprimés pour le compte de la société seront tous de format grand in-8. Rien ne devra être négligé pour atteindre le plus haut degré possible de perfection typographique. (Estatuto da Société des Bibliophiles François, 1820, Bulletin du Bibliophile, p. 108)  
[...]

---

<sup>28</sup> O *Roxburgue Club* possui página na internet e publica periodicamente livros luxuosos (ROXBURGUE CLUB. Disponível em: [www.roxburgueclub.org.uk](http://www.roxburgueclub.org.uk), acesso em : 31 de ago de 2015).

<sup>29</sup> “O club sempre se interessou pela aparência tipográfica de seus livros, muitos deles encontram-se entre os exemplos mais notáveis de impressão dos tipos. C. H. St. John Hornby, fundador da Ashdene Press, foi por muito tempo um membro, e os padrões que ele estabeleceu refletiram-se em todos os livros publicados pelo Club desde então” (ROXBURGUE CLUB. Disponível em: [www.roxburgueclub.org.uk](http://www.roxburgueclub.org.uk), acesso em: 31 ago. 2015, tradução nossa).

Art. 2. Le timbre sec, qui devoit, aux termes de l'article 12 des statuts, être opposé sur toutes les feuilles des volumes de la collection, est supprimé. Chaque pièce, à l'avenir, sera imprimé sur papier fabriqué express au filigrane de la Société. (Estatuto da *Société des Bibliophiles Français* In: BULLETIN DU BIBLIOPHILE, 1839, p. 110)<sup>30</sup>

O artigo 13 do estatuto de fundação da *Société des Bibliophiles Français* diz respeito à preocupação com a produção de livros com alto padrão tipográfico. O artigo 2 se refere ao uso de papéis confeccionados exclusivamente para as edições dessa Sociedade. A partir disso, fica evidente a preocupação com as qualidades artesanais e luxuosas dos livros (BULLETIN DU BIBLIOPHILE, 1839).

A sociedade francesa *Les Cent Bibliophiles* foi criada em 1895, a maioria dos títulos publicados eram de escritores e poetas franceses. Essas edições foram ilustradas por artistas modernos renomados como Lucien Pissarro (1863-1944), Armand Rassenfosse (1862-1934), Charles Guerin (1873-1909), entre outros. Os livros produzidos por esse grupo foram feitos com processos artesanais, com impressões em papéis como os das marca *Vélin D'Rives*, *Arches* e *Verger*, por exemplo. Havia também os papéis luxuosos especialmente fabricados para a impressão dos volumes com as marcas d'água dessa Sociedade (CARTERET, 1946).

Os colofões dessas obras apresentavam informações referentes ao trabalho tipográfico, sobre a confecção e a impressão das gravuras, sobre o papel utilizado e sobre a quantidade de exemplares. Os sócios recebiam as obras impressas com o nome e o número de inscrição na Sociedade. Os livros eram entregues sem costura e envolvidos em uma sobrecapa na qual constava o título da obra. As edições eram encadernadas de acordo com os gostos pessoais dos bibliófilos. Essas características eram comuns aos livros produzidos pelas sociedades bibliófilas francesas (Fig. 2).

---

<sup>30</sup> “Art. 13. As obras impressas pela sociedade serão todas em formato grande in-8. Nada deverá ser negligenciado para atingir o mais alto grau possível de perfeição tipográfica. (Estatuto da Sociedade dos Bibliófilos Franceses, 1820, Boletim do Bibliófilo, p. 108).

Art. 2. O timbre seco, que deve, nos termos do artigo 12 dos estatutos, se opor a todas as folhas do volume da coleção, é suprimido. Cada peça, no futuro, será impressa sobre papel fabricado expressamente com o filigrana da Sociedade” (Estatuto da Sociedade dos Bibliófilos Franceses In: BOLETIM DOS BIBLIÓFILOS, 1830, p. 110, tradução nossa).

**Figura 2** – FONTAINE, Jean de la. *Le song de vaux & Elégie pour M. Fouquet*. Ilustração: CORNEAU, Eugène. *Les Cent Bibliophiles*, 1952.

SOUS LA PRÉSIDENTENCE D'ANDRÉ BARRIER,  
LE PRÉSENT OUVRAGE A ÉTÉ TIRÉ A  
130 EXEMPLAIRES. ACHEVÉ D'IMPRIMER  
LE 30 JANVIER 1952, A PARIS, SUR LES  
PRESSES DE FEQUET ET BAUDIER,  
TYPOGRAPHES, ET SUR CELLES DE  
ANDRÉ CLOT, IMPRIMEUR LITHOGRAPHE.

Fonte: Biblioteca do Museu Chácara do Céu – Rio de Janeiro. Foto: Da autora.

Os livros da sociedade *Les Cent Bibliophiles* foram ilustrados e decorados, em sua maioria, com gravuras nas técnicas da água-forte, ponta-seca, talho doce<sup>31</sup>, litogravura e xilogravura. Algumas edições apresentam gravuras coloridas, como é o caso da obra *A Rebours*, escrita por J. K. Huysmans (1848-1907), publicada em 1903. Essa obra foi ilustrada por Auguste Lepère, que participou ativamente da produção desse exemplar, imprimindo todas as gravuras (CARTERET, 1946).

L'artiste, qui a imprimé le livre lui-même, a voulu démontrer le resultat parfait qui pouvait être atteint dans la décoration et l'illustration d'un livre gravé sur bois en couleurs. Il y a pleinement réussi tout seul, et on reste confondu devant cet effort. Ce livre est un monument typographique qui honore l'art français (CARTERET, 1946, p. 220)<sup>32</sup>.

Como já mencionado, a Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil foi concebida a partir da sociedade francesa *Les Cent Bibliophile*, da qual o pai de Castro Maya foi membro. Em carta-convite para inscrição na SCBB, a comissão promotora deixou clara a influência dos bibliófilos europeus:

Esta Sociedade, nos moldes das que existiram na Europa, tem por fim editar um livro por ano da nossa literatura, impresso em papel de luxo com ilustrações de artistas nacionais, trazendo em cada volume o nome do subscritor. (CARTA-CONVITE pra inscrição na SCBB, s.d, ANEXO AA).

Castro Maya, a exemplo de seu pai, participou de grupos bibliófilos:

Da Societé des Les Cent Bibliophiles, a cada ano Castro Maya recebia um exemplar com um nome diferente. Em 1935, recebeu o exemplar número 24; em 1937, o número 26; em 1938, o número 20; em 1949, o número 32; em 1951, torna a receber o número 24; já em 1952, o número 23; em 1958, o número 35 (MONTEIRO, 2008, p. 81).

<sup>31</sup> Talho doce: técnica da gravura em metal que consiste em gravar a matriz com o buril, uma ferramenta de aço pontiada (GASCOIGNE, 2014).

<sup>32</sup> O artista, que imprimiu o livro ele mesmo, quis demonstrar o resultado perfeito que poderia ser atingido na decoração e na ilustração de um livro gravado sobre madeira, a cores. Ele foi plenamente bem sucedido sozinho, e ficamos desconcertados diante desse esforço. Esse livro é um monumento tipográfico que honra a arte francesa (CARTERET, 1946, p. 220, tradução nossa)

As correspondências de Castro Maya atestam sua participação em sociedades bibliófilas brasileiras e europeias:

Participando de uma sociedade bibliófila ou de livros de arte, Castro Maya recebe um volume personalizado, com seu nome impresso na folha de rosto e seu número de associação. O livro, normalmente entregue em folhas soltas, lançado em jantares em locais prestigiosos, oportunamente receberá encadernação artística. Seguindo a participação de seu pai em sociedades bibliófilas francesas, cujos recibos de cotização remontam a 1945, para Les Cent Bibliophiles e a 1964 para a Cie. Des bibliophiles du Livre D'Art et le Amerique Latine, no Brasil, desde 1944, Raymundo detém matrícula na Confraria Bibliófila Brasileira. (BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002, p. 37).

Algumas características das sociedades francesas podem ser observadas na Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Essa influência pode ser identificada em aspectos referentes aos modos produção – no uso de materiais especiais, na edição limitada de exemplares, nas encadernações luxuosas, por exemplo. Também é possível identificar traços dos grupos franceses na participação dos artistas na produção geral do livro e a valorização da gravura na ilustração dos exemplares.

## **2.4 O livro de arte no Brasil: os impressos ilustrados da primeira metade do século XX**

Muitos livros e diversos tipos de impressos ilustrados foram publicados ao longo do século XIX, no Brasil. Costuma-se dividir a produção brasileira de livros ilustrados desse período em duas grandes fases. A primeira seria predominantemente portuguesa, na qual boa parte dos trabalhos foram produzidos com a técnica da gravura em metal; a segunda fase marca o período em que os franceses estabeleceram diversas editoras no país – nesse momento a litografia se difundiu (KNYCHALA, 1991). No que diz respeito à produção de livros ilustrados realizada por brasileiros, Knychala (1991, p. 36) afirmou:

A fase brasileira de ilustração de livros teve início nos primeiros anos do século XX, quando o progresso da fotogravura e a impressão exata de retículas já permitia a reprodução de desenhos, pinturas e fotografias, dispensando-se a gravura como processo de reprodução, e os livros passaram a ser euforicamente decorados na capa, na folha de rosto, em folhas fora de texto e intertextualmente.

Ao longo do século XIX, diversos tipos de impressos ilustrados foram publicados. Alguns teóricos pontuam *O canto*, de Diogo Pereira de Vasconcellos, de 1806, com ilustrações de Viegas de Menezes (1778-1841), como o primeiro livro ilustrado produzido e impresso no Brasil. Essa obra tornou-se relevante porque marcou o início do predomínio dos ilustradores portugueses. Além disso, o gravador Viegas de Menezes é apontado como um

dos precursores da arte gráfica brasileira<sup>33</sup>. Um dos mais importantes trabalhos do período influenciado pelo estilo francês foi a obra *Galeria dos brasileiros ilustres*, 1859-1861, que apresenta diversos retratos de personalidades brasileiras litogravados por Sebastien Auguste Sisson (1824-1898). Knychala (1991) apresentou inúmeras obras ilustradas produzidas no Brasil, desde o período da Impressão Régia até as primeiras editoras nacionais.

A respeito dos impressos do século XIX, Mindlin (1997, p.137) afirmou que: “houve muita ilustração e desenvolvimento cultural, ao menos nas principais cidades, mas relativamente pouca bibliofilia, especialmente em termos europeus”. Sobre os trabalhos tipográficos considerados com qualidades artísticas, Ferreira (1994, p. 433) disse: “o gênero só viria a ter executantes verdadeiramente notáveis” a partir do século XX.

A escassez de colecionadores teria dificultado a produção de livros com teor artístico e técnico no século XIX. Porém, nessa época, existiram grandes bibliotecas particulares no Brasil. As coleções dessas bibliotecas incentivaram a criação dos grupos de bibliófilos formados no século seguinte. (MINDLIN, 1997).

Nas primeiras décadas do século XX, o estilo *Art Nouveau* dominava as publicações brasileiras. A influência europeia é marcante, os impressos eram inspirados nos trabalhos de William Morris e os equipamentos de impressão e as técnicas de fabricação melhoraram significativamente com a crescente imigração. Nesse período, há uma predominância dos trabalhos produzidos no Liceu de Artes e Ofícios em São Paulo e no Rio de Janeiro<sup>34</sup>.

O movimento deu ao livro um estilo autêntico e o aproximou das artes vivas (arquitetura, cartazes, decoração de interiores). Enquanto que na ilustração de livros eram usadas cores chapadas simples, na ilustração figurativa, descritiva e documentária era empregada toda gama de cores pela quadricromia. (KNYCHALA, 1991, p. 40).

Desde o fim do século XIX as capas já podiam ser impressas em cores. Surgiram também os livros encadernados em brochura, um tipo de revestimento feito com um papel de gramatura maior que o das páginas internas do livro. A brochura, geralmente, é mais barata e menos resistente que a encadernação tradicional. As capas dos livros editados na década de 1920 eram marcadamente ilustradas. Lima (1985, p. 107) constatou que “a ilustração se assenhorou da capa na década de vinte”.

---

<sup>33</sup> Para mais informações sobre a obra *O Canto* ver CUNHA, 2010.

<sup>34</sup> “O Liceu de Artes e Ofícios, entidade de caráter educativo voltada para a formação profissional em várias áreas, incluía em seu currículo, como ‘artes complementares’, Ornamentação Decoração, Estofos, Fotografia, Gravura etc... Suas oficinas gráficas e sua tipografia bem equipadas com máquinas e acessórios, dedicavam especial atenção às encadernações que, via de regra, eram lavradas em madeira de lei (nacional). Nessa escola-oficina, os clientes buscavam e encontravam o aprimoramento que mestres experimentados imprimiam ao trabalho de alto nível lá desenvolvido” (LIMA, 1985, p. 26-27).

No início do século XX os tipógrafos se dedicaram a produzir exemplares com encadernações ornamentadas com florões e imagens. Destaque para o trabalho gráfico e para as encadernações produzidas nas *Oficinas Gráficas de Monteiro Lobato*, fundada em 1919, em São Paulo. Essa Oficina pretendia tornar os livros de qualidade mais acessíveis e publicar novos escritores<sup>35</sup>.

O período que precedeu a década de 1920 é destacado por Knychala (1991, p. 41) como a “fase brasileira de ilustração de livros”. Esse período é marcado pelo incentivo à circulação de livros no Brasil, muitos escritores e poetas tiveram suas obras impressas por editores dispostos a aquecer o mercado consumidor de livros e a diminuir os preços dos exemplares. Editoras como a *Casa Olegário Ribeiro*, em São Paulo, procuravam fabricar livros em belas edições a preços reduzidos. Uma consequência disso foi que a ilustração de livros se difundiu (LIMA, 1985).

Os artistas plásticos e escritores modernistas também se interessaram pela editoração. As publicações desse grupo foram lançadas após a Semana de Arte Moderna de 1922. Os modernistas procuravam divulgar seus preceitos e sua estética por meio impresso, para isso, lançaram as edições *Klaxon*. A obra gráfica desse grupo se caracterizou pelas inovações no aspecto tipográfico e na composição das imagens (LIMA, 1985). Os modernistas lançaram tendência na ilustração e nas artes gráficas. Antes havia a predominância ornamental do *Art Nouveau* e do estilo romântico. (KNYCHALA, 1991).

A partir da estética modernista, o livro passou a ser concebido de maneira mais ampla, onde o arranjo tipográfico do texto e a ilustração compõem um conjunto indissociável. A imagem já não é mais coadjuvante do texto, ela extrapola os limites da ilustração convencional.

Nos anos que precederam 1930, houve o “renascimento da gravura na ilustração de livros”. (KNYCHALA, 1991, p.45). Destacaram-se os trabalhos do gravador Oswaldo Goeldi (1895-1961), que ilustrou livros e revistas. Os trabalhos mais marcantes de Goeldi como ilustrador foram: *Cobra Honorato*, de Raul Bopp, com 12 xilogravuras, em 1937; *Fascinação da Amazônia*, de Esther Leão Cunha Melo, em 1944, essa é uma edição de luxo com tiragem limitada a 200 exemplares; *Martin Cererê*, de Cassiano Ricardo, ilustrado com 18 xilogravuras, em 1945; *Obras Completas de Dostoievski*, publicadas pela Editora *José Olympio* entre 1945 e 1960. (EIBANAT, 1996).

---

<sup>35</sup> Para mais informações sobre a atividade gráfica dos anos de 1920 ver: LIMA, 1985.

Oswaldo Goeldi também ilustrou a obra *Poranduba Amazonense*, de João Barbosa Rodrigues, encomendada pela Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, em 1961, mas esse trabalho acabou sendo interrompido com o falecimento desse artista. As duas xilogravuras feitas por Goeldi acabaram sendo encadernadas no exemplar de Castro Maya e a obra, *Poranduba Amazonense* acabou sendo ilustrada por Darel Valença Lins (Fig. 3).

**Figura 3** – RODRIGUES, João Barbosa. *Poranduba amazonense*. Ilustração: GOELDI, Oswaldo. Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 1961. Exemplar N° 2 Raymundo Ottoni de Castro Maya.



Fonte: BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002, p. 54.

Lívio Abramo também se dedicou à ilustração de livros, como já mencionado. Entre suas obras destacam-se as xilogravuras que compõem *Pelo Sertão*, pela SCBB; *Músicas*, de Heckel Tavares, publicada em 1939; *Doramundo*, de Geraldo Ferraz, de 1956, ilustrado com 12 xilogravuras. (EIBANAT, 1996).

A primeira fase da gravura brasileira é marcada pela dificuldade enfrentada pelos artistas em decorrência da falta de equipamentos e das ferramentas utilizadas no processo de gravação. ElBanat (1996) ressaltou que os artistas passaram por dificuldades que não se restringiam à capacitação técnica, já que o ensino de gravura era incipiente, mas sobretudo pela falta de ferramentas básicas para a gravação. Entre as décadas de 30 e 50, as gravuras circularam como ilustração de álbuns e de livros tendo sido marcante a contribuição dos grupos de bibliófilos na promoção da gravura. Algumas obras ilustradas alcançaram o grande público, como considerou ElBanat:

Ainda que o mercado editorial fosse pequeno e de poucos recursos, a qualidade expressiva das imagens que veicularam garantiram a sua importância. É importante ainda lembrar que muitas



dessas obras foram concebidas para bibliófilos, em tiragens reduzidas e de luxo, de onde se deduz, de pouco alcance. Entretanto, foi costume veicular, paralelamente às edições limitadas de originais, os mesmos livros ilustrados em grandes tiragens, com reproduções de boa qualidade. (ELBANAT, 1996, p. 17).

A qualidade dos maquinários e a fabricação de materiais especializados para a produção de livros cresceu. Materiais como: papéis especiais, tintas de qualidade e técnicas modernas de impressão trouxeram melhorias para a produção editorial brasileira, especialmente a partir da década de 1950. Esses fatores contribuíram para a formação de grupos que procuravam incentivar a produção de livros de qualidade no Brasil. Sobre as ilustrações de livros que se firmaram nesse período, ElBanat (1996, p.17) afirmou: “A imagem passou a exercer mais peso dentro da concepção geral do livro. Ela deixou de ser acessório e passou a contribuir diretamente para a formação de um projeto estético, através da apresentação das qualidades expressivas da narrativa por uma síntese gráfica”.

Ainda em 1940, Rio de Janeiro e São Paulo tornaram-se centros da produção de livros. A editora *José Olympio* promoveu a tradução de obras literárias e também a de livros ilustrados. Esses livros eram publicados em edições de alcance popular e havia também as edições com tiragens limitadas, destinadas à bibliófilos. Nesse momento, de um modo geral, a produção de livros bem acabados artesanalmente era privilégio de alguns tipógrafos e dos bibliófilos. (CRENI, 2013).

Como já mencionado, a partir de 1950, em decorrência das melhorias do setor industrial responsável pela produção de livros no Brasil, surgiram as tipografias artesanais. Esses grupos se espalharam por diversas partes do país.

Mas os anos de 1940 marcaram a gravura brasileira e a Sociedade dos Cem Bibliófilos contribuiu para essa valorização. A relevância desse grupo foi apontada por Knychala (1991, p.46) como o momento em que “a gravura de arte se afirmou [...] com as edições de arte da *Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil*”. Nesse período, algumas editoras se destacaram na produção de livros ilustrados. Além das edições produzidas no Rio de Janeiro, destacaram-se também editoras de São Paulo, Porto Alegre e Curitiba. (KNYCHALA, 1991).

## 2.5 Colecionismo e bibliofilia de Castro Maya

O interesse de Raymundo Ottoni de Castro Maya (1894 - 1968) por livros raros foi, provavelmente, herdado de seu pai<sup>36</sup>, que possuía uma biblioteca com exemplares requintados e luxuosamente encadernados. A família de Castro Maya possuía o gosto pelo colecionismo e pelo financiamento das artes. Castro Maya pai se destacou na elite cultural carioca do século XIX, como preceptor dos filhos de Dom Pedro II, além de ter sido vice-cônsul do Brasil em Paris. A coleção da família começou com a aquisição de objetos da elite imperial no *Leilão do Paço*<sup>37</sup>. Em Paris, a coleção aumentou com a aquisição de telas de Gustave Courbet, Theodore Rousseau, Hippolyte Bellangé, Nicolas-Antoine Taunay e de um vasto acervo bibliográfico. (HERKENHOFF, 1996). Entretanto, a biblioteca paterna foi desfeita em leilões parisienses em 1932.

É possível situar a ideia de criar a Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil depois que Castro Maya resgatou o livro de Baudelaire, *Les Fleur du mal*, (Fig. 4) ilustrado por Armand Rassenfosse, editado pelo grupo *Les Cent Bibliophiles*, em 1899. Esse exemplar era da biblioteca de Castro Maya pai e havia sido vendido em um leilão. Surgiu a partir daí a motivação do filho em criar um grupo semelhante no Brasil. (SIQUEIRA, 2010).

**Figura 4** – BAUDELAIRE, Charles. *Les fleurs du mal*. Ilustração: RASSENFOSSÉ, Armand, *Les Cent Bibliophile*, 1899.



Fonte: Biblioteca de Castro Maya do Museu Chácara do Céu – Rio de Janeiro. Foto: Da autora.

<sup>36</sup> Raymundo Ottoni de Castro Maya (1856-1935) pai de Raymundo Ottoni de Castro Maya (1894 - 1968), criador da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Para evitar ambiguidades, nos referiremos ao pai como: Castro Maya pai, e ao filho por Castro Maya.

<sup>37</sup> Realizado após a Proclamação da República, em 1889, nesse leilão havia objetos históricos, mobiliário, antiguidades, artefatos arqueológicos e obras de arte. (HERKENHOFF, 1996).

No final do século XIX, a família de Castro Maya<sup>38</sup> retornou ao Brasil e adquiriu duas propriedades no Rio de Janeiro, uma na Floresta da Tijuca, mais tarde transformada no *Museu do Açude*, a outra em Santa Teresa, atual *Museu da Chácara do Céu*<sup>39</sup>. As coleções de Castro Maya são formadas por obras da cultura francesa e também da Arte Moderna, seu acervo possui obras representativas da primeira metade do século XX. O interesse de Castro Maya pelas artes resultou em inúmeras ações, dentre as quais, a criação do grupo *Os amigos da Gravura*, em 1952, e a concepção do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1948. Castro Maya também se interessava por gravuras dos pintores viajantes do século XIX, possuía vasta coleção de Debret e inúmeras obras produzidas sobre o Rio de Janeiro. Seu interesse pela cidade rendeu a publicação de *A muito leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro* (BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002).

Castro Maya tinha um amplo gosto artístico, seu acervo também é formado por obras de artistas modernos como Henri Matisse, Maurice de Vlaminck e Andre Derain. Além disso, sua coleção também possuía inúmeros objetos da arte oriental, uma vasta biblioteca e peças de arte popular brasileira. O historiador e crítico de arte HERKENHOFF (1996, p. 42) ressaltou:

A coleção de Castro Maya é o primeiro legado de uma reconstrução individual de uma história de arte brasileira, que integra exemplares da produção nativa (com uma urna marajoara) e artesanato popular, o Brasil holandês de Post, Barroco e a Missão Francesa, a produção da academia e o Modernismo, além de rupturas contemporâneas.

O colecionismo de Castro Maya estava aliado ao incentivo às artes e aos artistas, ele procurou constituir seus acervos com base em práticas museológicas, procurando “certificados de autenticidade, *expertises*, avaliações, recibos de aquisição, fotografias e fichas de classificação de suas peças” (SIQUEIRA, 2010, p. 60). Essas certificações serviam para preservar a história do objeto colecionado, além da evidente garantia da posse.

A biblioteca de Castro Maya, que se encontra no *Museu da Chácara do Céu*, é formada pelo conjunto de exemplares da coleção de sua família. Cada um desses conjuntos apresenta particularidades, sendo possível distinguir a quem pertenciam os exemplares a partir

---

<sup>38</sup> Familiares de Castro Maya: seu pai: Raymundo Ottoni de Castro Maya; sua mãe: Theodosia (1866-1953) e seus irmãos: Christiano (1890-1923) e Paulo (1905-1928). A biblioteca que se encontra no *Museu da Chácara do Céu* é formada pelas coleções de livros de toda essa família. (BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002).

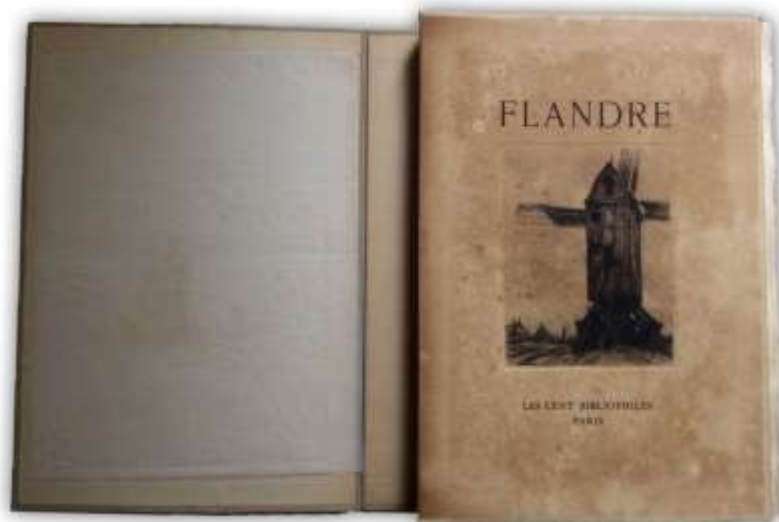
<sup>39</sup> “Os Museus Castro Maya – *Museu do Açude*, no alto da Boa Vista e o *Museu da chácara do céu*, em Santa Teresa - foram residências de Castro Maya por ele doadas à Fundação que levava seu nome, criada em 1963 e extinta em 1983, quando ambos os museus foram incorporados ao governo brasileiro e hoje integram o IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus), do Ministério da Cultura. Os prédios, acervos e parques dos Museus Castro Maya foram tombados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em 1974.” (Disponível em: [museuscastromaya.com.br](http://museuscastromaya.com.br), acesso em: 16 de mai. de 2015).

do conteúdo, das dedicatórias e dos *ex-libris* – já que cada membro da família possuía um diferente. Os gostos eram bem variados. Enquanto sua mãe se interessava por textos religiosos, seu irmão Paulo preferia poemas eróticos e de amor. Castro Maya, por sua vez, herdou de seu pai o gosto pela literatura francesa e pelos livros finamente decorados e ilustrados. (BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002).

A biblioteca de Castro Maya é formada por três grandes grupos: “a da Brasileira [...]; a dos livros de sociedades e clubes bibliófilas; a das suas produções editoriais” (BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002, p 37). O acervo é formado por cerca de cinco mil livros, dos quais 750 são raros. Castro Maya, como já mencionado, participou de inúmeras sociedades bibliófilas europeias, latino-americanas e brasileiras.

A coleção proveniente de sociedades bibliófilas se configura como uma das mais importantes da Biblioteca do *Museu Chácara do Céu*. É o caso da obra *Flandre* (Fig. 5), com ilustrações de M. P. L. Moreau. Essa obra se destaca pelas qualidades estéticas das imagens e pelo bom acabamento da impressão das gravuras.

**Figura 5** – DUHAMEL, Georges. *Flandre*. Ilustração: MOREAU, M. P. L. *Les Cent Bibliophiles*, 1935. Exemplar N° 32 de Raymundo Ottoni de Castro Maya.



Fonte: Biblioteca do Museu Chácara do Céu – Rio de Janeiro. Foto: Da autora.

A biblioteca de Castro Maya também possui exemplares de livros de artistas modernos como, *Carnet de Dessins*, 1948, de Pablo Picasso (1881-1973); *Jazz*, 1947, de Henri Matisse (1869-1954); *Les dessins*, 1887-1888, de Georges Seurat (1859-1891). Essa obra de Seurat se encontra exposta, como um objeto museológico, sendo um dos destaques da Biblioteca do *Museu da Chácara do Céu* (Fig. 6).

**Figura 6** –SEURAT, Georges. *Les dessins*, 1887-1888.



Fonte: Biblioteca do Museu Chácara do Céu – Rio de Janeiro. Foto: Da autora.

Paralelamente às edições da SCBB, Castro Maya publicou *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, em 1955. Essa obra possuía tiragem limitada a 400 exemplares e foi feita com papel especial e a edição de Castro Maya foi encadernada em Paris. Após essa edição, Castro Maya produziu *A muito leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*, em 1965, na qual se encarregou de vários aspectos como a diagramação do texto, escolheu a fonte do tipo e a encadernação dessa edição. Castro Maya também publicou outros títulos como: *Os Reis*, de 1953, escrito por Augusto Frederico Schmidt e ilustrado por Darel Valença Lins; *O Pároco*, de 1961, escrito por Coelho Neto e ilustrado por Darel e Hugo Mund Jr. (1933-) (BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002).

É notável a presença de Castro Maya no cenário cultural brasileiro. A Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil reflete seu interesse em difundir a arte e a literatura brasileira. Na produção dos livros desse Grupo, é possível reconhecer alguns traços da bibliofilia e do colecionismo de Castro Maya, que concebeu essa coleção de livros com as qualidades que só as edições artesanais possuíam.

## 2.6 Os Livros de arte da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil

De acordo com o Estatuto da SCBB, o grupo possuía caráter estritamente cultural e tinha a missão de publicar obras literárias nacionais ilustradas por artistas brasileiros. As publicações seriam impressas em papéis especiais e a tiragem limitada a 120 exemplares, dos quais 100 eram destinados aos sócios e os demais eram distribuídos em instituições culturais nacionais e internacionais (ESTATUTO DA SOCIEDADE DOS CEM BILÍÓFILOS; ANEXO AB).

Segundo seu Estatuto, a SCBB contaria com um conselho deliberativo que disporia sobre a escolha dos títulos, dos artistas, dos materiais e dos formatos das publicações. Os sócios receberiam um exemplar personalizado com o nome e o número de sua inscrição. Castro Maya e sua comissão executiva organizavam jantares onde apresentavam os livros impressos aos membros da SCBB, apresentavam também o próximo volume a ser publicado e realizavam os leilões de um excedente de obras produzidas pelos artistas ilustradores. A primeira comissão executiva contou com a participação de Dom Pedro de Orleans e Bragança, Afrânio Peixoto, Raymundo Ottoni de Castro Maya, Cipriano Amoroso Costa e Max Fischer. O exemplar Nº 1 das edições dos livros era destinado a Dom Pedro e o de Nº 2, para Castro Maya. A coleção toda da SCBB de Castro Maya está conservada na Biblioteca do *Museu da Chácara do Céu* e como se pode ver na figura abaixo, as obras foram encadernadas diferentemente, como esta dissertação vem comentando (Fig. 7).

**Figura 7** – Livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil que pertenceram à Raymundo Ottoni de Castro Maya.



Fonte: Biblioteca do Museu Chácara do Céu – Rio de Janeiro. Foto: Da autora.

Segundo Baraçal (2002, p. 47), o grupo de bibliófilos que fez parte da Sociedade dos Cem Bibliófilo do Brasil “representa um quadro das relações pessoais de Raymundo Ottoni de Castro Maya, de pesquisadores a comerciantes de arte, de banqueiros a empreendedores, de nomes destacados da sociedade, bibliófilos, políticos”. Em diversas ocasiões, o número de sócios não alcançou a quantidade suficiente para manter a produção da SCBB ativa. Ao longo de sua existência, a SCBB também passou por diversas crises financeiras, houve momentos em que o grupo chegou a ter somente 22 membros (BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002).

Castro Maya decidiu criar uma empresa especializada na produção artesanal de livros, a *Gráfica das Artes S.A*, financiou o treinamento de Loi Portinari na Europa, com o propósito de qualificar um impressor de sua confiança. Contratou ainda, profissionais hábeis em técnicas manuais, como o impressor Cleanthes Gravini, o compositor<sup>40</sup> Oswaldo Caetano da Silva e o artista Darel Valença Lins, que foi o diretor e coordenador técnico da gráfica. Competia a Castro Maya a avaliação final do trabalho (SIQUEIRA, 2010).

Alguns livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil foram impressos com processos mistos, parte mecânicos e parte manuais, caso da obra *Memorias Posthumas de Braz Cubas*<sup>41</sup>, de 1944, que foi a primeira publicação. Segundo o colofão, essa obra foi impressa na Imprensa Nacional – Rio de Janeiro e possui sete gravuras reproduzidas por Cândido Portinari e as ilustrações que acompanham o texto foram tiradas em clichês, que é um tipo matriz usada nos processos mecânicos de impressão. A obra *Espumas Fluctuantes*, de 1947, também utilizou processos mecânicos e artesanais. A impressão do texto e dos desenhos que o ilustraram também foram tirados em *off-set*<sup>42</sup>, na Imprensa Nacional – Rio de Janeiro. Essa obra também possui 4 gravuras tiradas por Clóvis Graciano com a colaboração de Loi Portinari. A obra *Pelo Sertão*, de 1946, também foi impressa por processos mistos. O texto foi impresso mecanicamente na *S. A. Indústrias Gráficas – F. Lanzara*, em São Paulo, e as gravuras foram tiradas a partir da matriz original. Segundo o colofão, as gravuras dessa

---

<sup>40</sup> Composição feita por um compositor, com tipos móveis de metal. Este método de composição, inventado por Gutenberg, faz parte da tipografia histórica (HEITLINGER, 2010, p. 658).

<sup>41</sup> Grafia da edição publicada pela SCBB.

<sup>42</sup> Off-set: “Processo de impressão utilizado na indústria gráfica e inventado em 1799, pelo alemão Aloys Senefelder, como uma forma mais refinada da litografia. A impressão é indireta, ou seja, a transferência de imagens ocorre de uma superfície para outra através de uma terceira superfície intermediária. As chapas utilizadas são metálicas e flexíveis, feitas fotograficamente, de alumínio, aço inoxidável ou papel processado, e projetadas para envolverem um cilindro de borracha, responsável pela imagem final” (ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2016. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3814/offset>. Acesso em: 08 Mar. 2016)

obra foram impressas pelo próprio Lívio Abramo com ajuda de Marcelo Grassmann. Esses exemplares mencionados também estão na BCE.

Os livros produzidos a partir de 1949 foram impressos com processos inteiramente manuais. A impressão artesanal dos livros, muitas vezes, distingue as produções que são destinadas ou financiadas por bibliófilos daquelas que são destinadas ao público geral. A *Gráfica das Artes S.A.* foi responsável pela fabricação artesanal dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, mas também produziu outros volumes promovidos por Castro Maya.

Aos 30 dias do mês de março de 1951, reuniram-se, os diretores abaixo assinados e tendo em vista que a Gráfica das Artes S.A. é uma empresa de muito poucas possibilidades, uma vez que suas oficinas contam apenas de uma prensa manual, o que a impossibilita de concorrer com as outras empresas do ramo, resolveram, depois de ouvidos os principais acionistas, suspender as atividades como oficina gráfica.

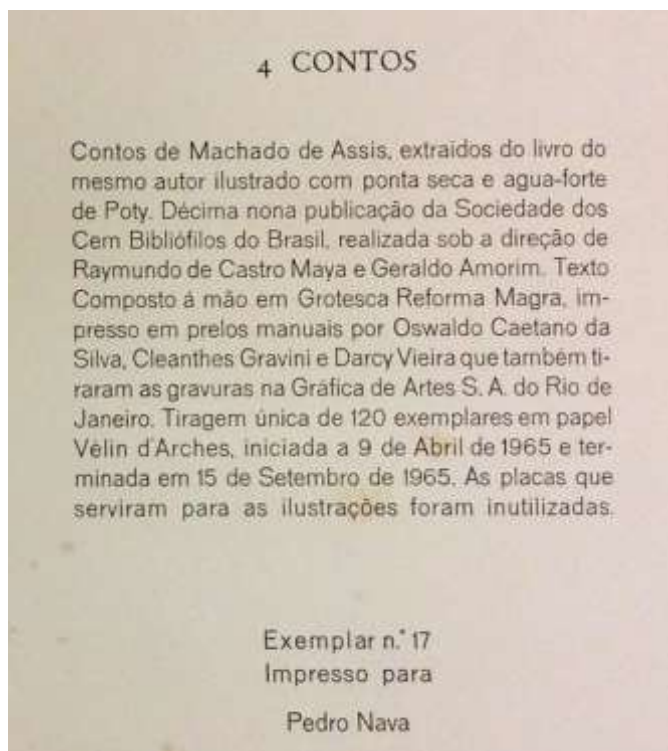
Ouvindo porém à solicitação do Sr. Oswaldo Caetano da Silva e Cleanthes Gravini, ficou também resolvido que se cedesse a oficina a esses nossos amigos, para que a utilizassem como artesanato por sua própria conta, na confecção de obras de arte e de livros para a Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil (ATA DA REUNIÃO DA DIRETORIA, 30 de mar. 1951; ANEXO AC).

A predileção por obras exclusivas é uma característica dos colecionadores. Para estes, quanto mais incomum e rara uma peça for, maior valor ela terá. No caso dos livros da SCBB, além da pequena tiragem, cada bibliófilo encadernava seu exemplar da forma que lhe conviesse. Como será tratado no segundo capítulo desta dissertação, a encadernação pode assumir muitas configurações e conferir exclusividade aos livros.

Examinando os exemplares da SCBB, de Castro Maya e os da BCE, observam-se alguns indícios que evidenciam a procura dos colecionadores por um objeto original. Todos os exemplares têm a seguinte inscrição “Tiragem única em cento e vinte exemplares”, e logo abaixo o número de série e o nome do bibliófilo a quem o exemplar se destinava, além dos desenhos e das gravuras excedentes adquiridas pelos bibliófilos nos leilões promovidos pela SCBB (Fig. 8).



**Figura 8** – Colofão da obra *4 Contos* da coleção da SCBB de Pedro Nava.



Fonte: Acervos de Obras Raras – BCE/UnB.

Os exemplares da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil foram fabricados com um trabalho de impressão cuidadoso, em que a maior parte das gravuras foi impressa à mão. Nas páginas finais encontram-se informações sobre quem fez a impressão, o tipo e a gramatura do papel, a gráfica onde o livro foi impresso, quem supervisionou o trabalho e a data da impressão.

Fossem as produções originais das ilustrações pelos artistas, fosse a fixidez das impressões das imagens das provas, fosse o fornecimento dos papéis especiais, tudo demandava cuidado, sob o olhar exigente de Castro Maya (BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002, p. 57).

Na década de 1940, no início da produção dos livros da SCBB, houve muitas dificuldades na importação de papéis da França por causa da II Guerra Mundial (1939-1945). Castro Maya teve de recorrer aos papéis fabricados no Canadá, após esse período turbulento, ele passou a encomendar papéis em Paris. (BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002).

A maior parte das ilustrações dos livros da SCBB foram gravadas em metal, nas técnicas da água-forte, água-tinta, ponta-seca e buril; a segunda técnica mais usada foi a xilogravura, nas técnicas de fio e de topo; em duas obras foram usadas a lineogravura e uma obra foi ilustrada com litografias<sup>43</sup>.

<sup>43</sup> As gravuras dos livros da SCBB serão destacadas no segundo capítulo desta dissertação.

A respeito da escolha das obras publicadas, Moutinho (2002) afirmou que havia certa “arbitrariedade” na seleção da literatura. De acordo com o estatuto da SCBB, a escolha do título cabia à Comissão Executiva. Moutinho (2002) destacou que as obras escolhidas pertenciam à:

Escolas, estilos e épocas, poesia, ficção, ensaios abrem-se ao gosto do leitor-bibliófilo e se definem com a tônica de um tema dominante: Brasil. O Brasil quinhentista, o Brasil urbano, o Brasil do sertão, o Brasil que pulsa a poesia, no sofrimento, no linguajar de seu povo (BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002, p.109).

Em geral as encadernações de Castro Maya eram luxuosas e seguiam a estética dos trabalhos franceses. As duas primeiras encadernações foram confeccionadas no Rio de Janeiro e as demais em Paris (BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002)<sup>44</sup>. Outros títulos promovidos por Castro Maya, além dos da SCBB, foram encomendados aos encadernadores franceses. A maior parte dos títulos da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil pertencentes à Castro Maya foram costurados e encadernados em couro, alguns apresentam uma caixa de proteção confeccionada com papéis marmorizados.

Outro aspecto a ser destacado na produção da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil foi a participação ativa do artista na produção editorial, que reforçou ainda mais a exclusividade dos livros artesanais destinados aos colecionadores, já que possuir uma dessas edições era também possuir uma Obra de Arte. Nesse sentido, Castro Maya e sua equipe editorial se preocupavam em destacar as qualidades artísticas da ilustração dos livros da SCBB.

O Snr. Raymundo Ottoni de Castro Maya, tomando a palavra pela Comissão Executiva, apresentou a décima-primeira publicação da Sociedade, “Macunaíma”, de Mário de Andrade, ilustrado com águas-fortes originais de Carybé. Assinalou que mais uma vez que se procurara combinar texto e ilustrações em nível de alto valor artístico e literário, qualidade peculiar às edições dos Cem Bibliófilos, mas que nem sempre se encontra em edições similares estrangeiras [...] (ATA DA REUNIÃO da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 12 dez. 1957; ANEXO AD).

O aspecto artístico das ilustrações pode agregar valor às edições e contribui com a exclusividade dos livros. Para assegurar ainda mais a particularidade das edições, o Estatuto da SCBB previa que as matrizes gravadas pelos artistas deveriam ser destruídas<sup>45</sup>. Isso evitaria que novas gravuras fossem impressas fora da edição autorizada pelo grupo.

---

<sup>44</sup> Aspectos da encadernação dos exemplares de Castro Maya serão tratados no segundo capítulo desta dissertação.

<sup>45</sup> Entretanto, de um modo geral, essas matrizes não foram completamente destruídas pela SCBB, há registro de 112 no arquivo do Museu Chácara do Céu. São matrizes de gravuras que foram usadas para ilustrar os livros da SCBB, dentre as quais encontram-se as de Poty Lazzarotto, Darel Valença Lins, Lívio Abramo, Marcello Grassmann, Ademir Martins, Portinari e as de Di Cavalcante (Fonte: Arquivo Museu Chácara do Céu. Acesso em: 21 out. 2015, acesso local).

A presença ativa do artista na edição de livros ilustrados é marcante em muitas publicações produzidas a partir do final do século XIX. Esse movimento ganhou força e fomentou a criação de grupos de artistas gravadores, os *Paintres-graveurs*<sup>46</sup>, e consequentemente a publicação do *Livro de Pintor* (BARAÇAL; BOSSON; KNYCHALA; MINDLIN; NICOLIN, 2000).

O crescimento de publicações como as do *Livro de Pintor* estimulou os artistas a participarem das várias etapas da produção do livro, desde a diagramação, a tipografia, a confecção e a impressão da gravura (LEHMANN-HAUPT, 1957). A Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil segue muitos dos princípios do *Livro de Pintor*, principalmente no que diz respeito à participação dos artistas renomados na produção do livro.

Távora (2013) destacou a importância das obras produzidas por pintores-gravadores na disseminação da gravura como prática artística. A produção de gravura no século XIX foi intensa, os artistas modernos produziram gravuras de caráter expressivo e competiam com a habilidade e o virtuosismo dos gravadores de profissão. Como já mencionado, outro fator significativo é a participação do artista em todo o processo de confecção da gravura, o que, em última instância, contribuiu com o estabelecimento da gravura enquanto Obra de Arte original.

Associada às concepções estéticas das vanguardas artísticas, a gravura original ganha a dimensão de obra única a ser reproduzida e variada segundo as necessidades expressivas de seu autores. O valor do múltiplo perde a centralidade na ação do artista gravador, que se lança a apropriações cada vez mais livres e audaciosos procedimentos, incluindo misturas de técnicas, “uma espécie de profusão da raridade”, marca da gravura na modernidade. Em nova etapa de valorização, a gravura no século 20 requer para seu reconhecimento como obra de arte o alargamento do conceito de originalidade atribuído aos desenhos e pinturas pelas diferentes instâncias do campo artístico. Tal conceito vai-se desprender da questão da unicidade, abordagem que, no caso da gravura, limita-se a sua condição e aspecto técnicos. O reconhecimento da gravura original como obra de arte supõe a compreensão da multiplicidade e da pluralidade como modalidades de existência. (TÁVORA, 2013, p. 125).

A valorização da coleção da BCE também diz respeito ao aspecto artístico das ilustrações, que está relacionado com o fato de o artista ilustrador participar ativamente da produção dos livros da SCBB. Tornando o processo de fabricação do livro de arte mais autoral. Esse aspecto foi tratado nas cartas trocadas entre Castro Maya e Carybé, cujo conteúdo revela a negociação dos detalhes da ilustração da obra *Macunaíma*, publicada pela SCBB, em 1957. O fragmento da carta destacado abaixo ressalta a importância dos volumes da SCBB conterem gravuras reproduzidas diretamente da matriz, sem usar métodos industriais para a reprodução da imagem.

---

<sup>46</sup> Pintores-gravadores (HARTHAN, 2014).

Castro Maya perguntava e fazia recomendações a Carybé:

Quem gravaria as placas das águas-fortes? (pois numa edição de bibliófilos não se pode pensar em outra fórmula como off-set placa de zinco etc). Além disso gostaríamos que fossem reproduzidos os seus desenhos tal qual como foram executados; teríamos que fazer primeiro uma boneca e junto consigo resolver qual o melhor aproveitamento (MAYA, 21 set. 1955; ANEXO AE).

A apresentação e discussão dos tópicos desenvolvidos nessa revisão de literatura, que abrangeu temas referentes ao aspecto artesanal do livro de arte, sobre a participação ativa dos artistas na produção do livro, sobre o colecionismo de Castro Maya e acerca da influência dos grupos franceses na produção bibliófila brasileira são importantes para entender a produção dos exemplares da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, particularmente para o enfoque proposto nesta dissertação que é tratar a coleção da Biblioteca Central da UnB. Essa coleção, como será explicitado nos próximos capítulos, é formada por uma variedade de exemplares com características comuns aos livros da SCBB de Castro Maya e algumas encadernações da BCE possuem traços característicos das encadernações francesas.

Os próximos capítulos foram organizados de modo a contemplar a discussão de alguns dos temas dessa revisão de literatura, além de outros aspectos pertinentes à análise da coleção da BCE.

### 3 Metodologia

A contextualização dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos da BCE foi construída a partir da revisão bibliográfica dos principais tópicos pertinentes a esta pesquisa. Sendo assim, o estudo de aspectos dessa coleção de livros parte de uma análise de um ponto de vista interdisciplinar. Envolve questões de áreas da Ciência da Informação, da Biblioteconomia e da Museologia. Cada uma dessas disciplinas possui correntes metodológicas que destacam os aspectos materiais dos objetos das coleções. Essa metodologia foi construída a partir das seguintes perspectivas de cada área: o estudo das coleções bibliográficas pela Biblioteconomia; os estudos dos suportes materiais dos documentos pela Ciência da Informação; os estudos dos objetos da cultura material pela Museologia; além das observações das características e dos materiais utilizados nos livros da coleção da BCE.

Os livros podem ser preservados tanto pelo seu conteúdo escrito, quanto pelo seu aspecto material e estético. No caso da coleção da BCE, os livros da SCBB foram classificados como obras raras pelo fato de apresentarem características estéticas representativas de uma produção gráfica, em que os livros eram bem acabados, feitos com papéis de qualidade, com encadernações trabalhadas e as páginas eram cuidadosamente impressas. Todos esses fatores levaram a analisar essa coleção por um viés que destacasse suas qualidades artesanais, o que possibilitaria uma leitura museológica desses livros.

As abordagens mais comuns nos estudos museológicos se concentram na trajetória dos colecionadores e dos curadores ou na classificação dos objetos e sua exposição. Uma abordagem pouco explorada nesse campo e adequada a este estudo é a ênfase nos objetos das coleções. Alberti (2005) propôs três fases para se estudar o objeto. A primeira se refere à coleta e à procedência. Nessa fase os objetos serão imbuídos de significados que irão nortear seu percurso até a instituição colecionadora, o museu, ou no nosso caso, a Biblioteca. A segunda fase se refere ao percurso do objeto na coleção. Nessa fase será evidenciada a história do objeto, que, muitas vezes pode adquirir novos significados dentro de uma coleção. A terceira fase diz respeito à exposição dos objetos, momento no qual o objeto é avaliado e ressignificado pelo público. (ALBERTI, 2005).

Para estudar a trajetória da coleção da SCBB na coleção de Obras Raras do acervo da Biblioteca Central da UnB foram considerados os procedimentos da metodologia de Alberti (2005). A primeira fase dessa análise parte da reunião da documentação que se refere à aquisição pela BCE. Em seguida foram levantados os dados sobre os bibliófilos proprietários

dos livros adquiridos pela Biblioteca. No caso dos livros da SCBB, essa fase é particularmente marcante, já que os exemplares estavam associados aos seus proprietários e de alguma maneira esses livros refletiam os gostos desses colecionadores. Como já mencionado, a coleção da BCE foi completada a partir da compra dos acervos dos bibliófilos Ricardo Xavier da Silveira, Pedro Nava, Themistocles Marcondes Ferreira, além das edições pertencentes a Carlos Lacerda. Segundo Alberti (2005, p. 565), nessa primeira fase: “Clearly the biography object did not stagnate once it arrived at the museum. Nevertheless, its incorporation into the collection was perhaps the most significant event in the life of a museum object – and the point at which documentation tends to be richest”<sup>47</sup>.

A segunda fase se refere à história dessa coleção dentro acervo da BCE. Apresentada a trajetória dos livros da SCBB a partir da chegada desses objetos na coleção do Setor de Obras Raras dessa Biblioteca. Para essa fase foram abordados: o estado de conservação da coleção da BCE; aspectos da raridade desse acervo e os relatórios periódicos realizados pela Universidade de Brasília para mapear seu acervo de Obras de Arte.

Na terceira fase, foram considerados os catálogos das exposições em que os livros da BCE foram mostrados e a consulta desse acervo pelo público. Foram apresentados aspectos das seguintes exposições: *O livro ilustrado brasileiro* (1991), que ocorreu no Museu do Livro de Haia, Holanda; *Imagem e Palavra: as publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil*, na Casa de Cultura da América Latina (2005) e o *Catálogo Acervo de Arte: Universidade de Brasília*.

Nesse enfoque proposto por Alberti (2005), o objeto é um tipo de documento, a partir do qual investigações sobre seus diferentes aspectos podem se desenvolver. Alguns autores da Ciência da Informação abordaram a importância do suporte em que a informação está registrada. Essa posição amplia a noção de documento, que normalmente é associada aos textos escritos, mas que pode ser estendida a outras categorias como imagens, sons, obras de arte, entre outros. A partir disso, um livro impresso, uma página escrita, um mapa e um objeto podem ser considerados documentos. Os estudos da Ciência da Informação também apontam a relevância do enfoque nos objetos das coleções como potenciais fontes de informação (BUCKLAND, 1991).

Para o levantamento das características dos livros da BCE foram considerados os estudos, como o de Buckland, que abordaram o aspecto material da informação. Desse modo,

---

<sup>47</sup> Claramente a biografia do objeto não estagna ao chegar ao museu. No entanto, sua incorporação na coleção foi talvez o evento mais significativo na vida de um objeto de museu – e o ponto no qual a documentação tende a ser a mais rica (ALBERTI, 2005, p. 565, tradução nossa).

foram observados e registrados todos os livros da SCBB que pertenceram à Castro Maya, bem como os exemplares de outros grupos bibliófilos presentes em sua biblioteca pessoal no *Museu da Chácara do Céu* - RJ. No arquivo desse Museu também foi consultado um conjunto expressivo de fontes documentais referentes à produção da SCBB. Ao todo foram 12 pastas pesquisadas e registradas, somando um total de cerca de 200 documentos. O levantamento dos dados para essa pesquisa partiu da observação direta de todos os exemplares da SCBB da BCE e das fontes documentais do arquivo dessa Biblioteca. A metodologia aplicada à descrição dos exemplares da SCBB da BCE partiu das abordagens que permitem avaliar as características materiais dos livros. A partir da observação da materialidade dessa coleção, foi desenvolvida uma ficha que contempla os aspectos mais específicos dos livros da BCE. O propósito dessa ficha é fornecer uma descrição detalhada das principais características desses livros, que incluem dados referentes à encadernação, quantidade de desenhos ou de gravuras excedentes, por exemplo. Também foram incluídas informações relativas à catalogação desenvolvida pela Biblioteca e dados referentes à aquisição dos livros da SCBB pela BCE.

Essa ficha proposta se baseia no modelo desenvolvido por Lima (2014)<sup>48</sup>, que atende às características dos livros de arte, caso dos livros da SCBB.

**Autor.** Ano. **Título.** Design. Ilustração: quantidade e técnica; Comentários técnicos. Cidade e editor. Número de páginas. Formato. Série. Gênero literário. Exemplar. Composição, impressão e local. Data (dia e mês). Fonte do tipo. Encadernação e acabamento. (LIMA, 2014, p. 88).

**Autor.** Ano. **Título.** Ilustração. Vinhetas. Capitulares. Cidade e Editor. Nº de páginas. Dimensões. Gênero literário. Número do Exemplar e bibliófilo. Composição do texto e impressão das gravuras. Papel. Fonte do tipo. Tiragem. Corte. Encadernação. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo bibliófilo. Nº de chamada BCE. Data em que a obra foi incorporada ao acervo. Modo de aquisição. Valor da compra. Documentos referentes ao modo de aquisição. Estado de conservação do miolo. Estado de conservação da encadernação.

Essa ficha contempla características específicas dos exemplares e pode servir como base para uma análise bibliológica. Uma vez que, para a descrição dos livros da Sociedade

---

<sup>48</sup> Monteiro (2008) também se baseou no modelo de Lima (2014) para a análise da coleção da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil – a primeira edição da obra de Lima foi publicada em 1996.

dos Cem Bibliófilos do Brasil, tido como livros raros e livros de arte, a utilização da análise bibliológica se justifica. As fichas com a caracterização de cada obra encontram-se no APÊNDICE.

A descrição pormenorizada de uma obra rara proposta pela análise bibliológica auxilia a preservação e pode ajudar a identificar o livro em caso de extravio ou roubo desse bem cultural (GREENHALGH; MANINI, 2015). Além disso, esse tipo de análise contém aspectos relativos à conservação do livro, já que é uma análise feita a partir da observação de todas as páginas do livro a fim de promover uma descrição mais completa:

Na análise bibliológica são levantados aspectos como a matéria-prima, as técnicas e o *design* usado na encadernação, o uso de *ex libris* quando for o caso, erros tipográficos no texto e nas paginações, a disposição das gravuras, entre outros. A colação destas características pode indicar, portanto, a propriedade das obras, pois aos exemplares vão se agregando as marcas relacionadas à sua trajetória, desde a fabricação aos dias atuais (GREENHALGH; MANINI, 2015, p. 18).

Esta pesquisa é qualitativa pois parte da observação dos aspectos materiais de uma coleção de livros, da descrição de suas principais características e da contextualização dessa coleção no conjunto da produção da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil e na produção brasileira de livro de arte e de livro de bibliófilo. Ou seja, foram levantados aspectos de uma coleção específica a partir da observação detalhada para em seguida contextualizá-la à luz da literatura.

Uma das características das pesquisas que utilizam métodos qualitativos é o levantamento dos dados a partir da observação de um fenômeno específico. Segundo Cresswell (2010) a coleta de dados de uma pesquisa qualitativa pode ser feita a partir dos apontamentos do observador sobre aspectos de um objeto. A partir desse entendimento, em um primeiro momento, foram observados os aspectos materiais da coleção da BCE. Em seguida, coletadas a documentação acerca da aquisição dos livros, a partir daí, foi traçada a trajetória dessa coleção no acervo da BCE. Esse é um procedimento típico das coletas de dados das pesquisas qualitativas (CRESSWELL, 2010).

Nesta pesquisa levou-se em consideração que a coleção da BCE constitui como um caso específico, pois ela possui uma configuração própria, além disso, ela foi se constituindo aos poucos por meio de aquisição dos livros que pertenceram à quatro principais colecionadores. Portanto, o método utilizado nesta pesquisa é um estudo de caso, pois, trata-se de uma investigação fundamentalmente empírica, além disso, parte da observação de um fenômeno em um contexto específico, que é a coleção de livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil do acervo da BCE.



Outro aspecto que caracteriza esta pesquisa como estudo de caso é a coleta de dados a partir da observação direta dos livros. Para Yin (2005, p.33):

A investigação de estudo de caso: enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado; baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado; beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados.

A coleta de dados nos estudos de caso podem contemplar seis tipos de fontes: “documentos, registros em arquivo, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos” (YIN, 2005, p. 106). A técnica utilizada na coleta de dados dessa pesquisa possui três principais fontes: a observação direta, os registros de arquivo e as fontes documentais. A observação direta se refere ao levantamento das características materiais da coleção. O estudo da trajetória da coleção da BCE será construído a partir dos registros do arquivo e nas fontes documentais referentes ao acervo pesquisado.

Os objetos das coleções podem revelar diferentes aspectos, como: suas formas, materiais e técnicas, o meio social em que eram produzidos, o gosto e o estilo dos proprietários, o ambiente em que foram guardados, além do seu significado simbólico. (MATHIEU, 1987). Desta forma, enfatizar os objetos amplia o olhar sobre a coleção, pois devolve o papel de destaque a partir do qual outras pesquisas possam se construir.

#### **4 Primeiro Capítulo – O estudo da coleção de livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da Biblioteca Central da Universidade de Brasília a partir das três fases de Alberti (2005)**

A Biblioteca Central – BCE – é uma das principais instituições da Universidade de Brasília a guardar acervos. Segundo Oliveira e Ferreira (2013), o acervo da BCE é vasto e relevante para a UnB.

O mais antigo espaço de preservação de obras da Universidade é a Biblioteca Central (BCE). Desde sua criação, 1962, a instituição tornou-se guardiã de obras que podemos tipificar como pintura gravuras, livros de arte e livros de artista, alguns raros exemplares de esculturas (*Minerva*, escultura de Alfredo Cesquiati, de 1963, é o exemplo mais comemorado pela instituição) e painéis. Ou seja, um leque informe e desconexo de obras que tem na história da biblioteca seu elo de coesão. Do in-folio vulgarmente denominado *Livro das Aves*, provavelmente do século 14 de um tratado sobre aves originalmente publicado no século XII, até a coleção completa dos álbuns da “Sociedade Os Cem Bibliófilos do Brasil” (MARTINEZ, 2008), a BCE ocupa um papel tradicional de colecionamento tendo, por vezes, como se repetia em instituições semelhantes, alguma dificuldade em operar com o limite do estatuto do artístico e suas restrições patrimoniais (OLIVEIRA, FERREIRA, 2013, p. 99).

A BCE foi criada em 1962 e nesse período ela estava alocada em um dos andares do antigo prédio do Ministério de Educação e Cultura. As instalações definitivas da BCE só foram finalizadas em 1973. Sobre as primeiras aquisições de acervos bibliográficos, Fonseca<sup>49</sup> (1973) mencionou as dificuldades enfrentadas nos primeiros anos de funcionamento da BCE. Como não havia verba da Universidade de Brasília destinada especificamente à aquisição de material bibliográfico, foi necessário firmar convênios com entidades particulares para que o acervo básico de algumas áreas pudesse ser construído.

Em relação às obras raras, Fonseca (1973) destacou o ano de 1963 como um período em que ocorreram aquisições importantes. Nesse período, a BCE adquiriu grandes acervos bibliográficos advindo de coleções particulares. Destacam-se as coleções de Homero Pires, com mais de 30 mil obras, muitas das quais eram raras.

No capítulo das raridades devem ser ainda mencionadas as aquisições, em 1963, de três códices medievais portugueses que pertenceram ao Prof. Serafim Silva Neto (iniciativa que a Universidade de Brasília deve ao Prof. Nelson Rossi), de uma série completa e encadernada da Coleção Documentos Brasileiros da Livraria José Olympio Editora, de parte da biblioteca particular de Ricardo Xavier da Silveira (inclusive as edições da Sociedade dos Cem Bibliófilos), o manuscrito inédito do diário (fartamente ilustrado pelo autor) de duas viagens ao Brasil realizadas entre 1851 e 1853 pelo príncipe russo Alexandre Lobanov-Rostovskii, e a obra de J.T. Descourtilz, *Ornithologie Brésilienne*, com suas 48 estampas originais. (FONSECA, 1973, p. 39).

---

<sup>49</sup> Edson Nery da Fonseca (1921-2014) colaborou com a fundação da Biblioteca Central da UnB, da qual foi diretor entre 1962 e 1964, também fundou o curso de graduação e de pós-graduação em Biblioteconomia da UnB.

É possível identificar uma prática colecionista na aquisição do acervo da Biblioteca Central, já que houve uma intenção de formar um acervo raro com obras relacionadas à produção bibliográfica brasileira, caso da aquisição dos documentos da Editora José Olympio, da coleção da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil e de exemplares da coleção *Brasiliana*. Segundo Fonseca (1973) Darcy Ribeiro pretendia constituir na BCE uma coleção *Brasiliana*.

'você está intimado a formar na UnB uma *Brasiliana* completa, adquirindo — por compra, doação e, eventualmente, por apropriações das chamadas 'indébitas' — todos os livros referenciados por Rubens Borba de Moraes na *Bibliographia Brasiliana*. (FONSECA, 1973, p. 39).

No universo de obras de Arte que formam o acervo da BCE, encontra-se no Setor de Obras Raras a coleção da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, que foi iniciada em 1963. Essa coleção abrange todos os títulos publicados pela SCBB, possui encadernações variadas, figurou em exposições organizadas em espaços culturais e é uma coleção relevante do acervo de Obras Raras da BCE.

Para estudar a coleção de livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da BCE, foram consideradas as três fases para o estudo dos objetos das coleções destacadas por Alberti (2005). Essa proposta de Alberti foi inspirada nos estudos biográficos e propõe um enfoque em aspectos dos objetos das coleções que envolvem sua procedência, seu percurso dentro de uma coleção e sua exposição ao público (ALBERTI, 2005).

A primeira fase trata da coleta do objeto, momento em que são considerados aspectos sobre os modos de aquisição, sobre as redes de circulação, intercâmbio e venda dos objetos. A partir do instante em que o objeto é coletado e se configura em uma coleção, ele instantaneamente é imbuído de significados que irão permear sua existência no museu, caso da coleção de livros da SCBB da BCE (ALBERTI, 2005).

A respeito da primeira fase proposta por Alberti, Lopes (2008) destacou que, muitas vezes, o responsável pela coleta pode influenciar a história do objeto na coleção. No caso da coleção de livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, esse aspecto é marcante, pois os livros estão diretamente associados aos seus colecionadores:

Objects are thus inalienably associated with their collector, donor, or benefactor. This was most visible for the case of whole collections—the King George III Collection of instruments in South Kensington, the Hunterian collections in London and Glasgow, or Marshall Field's eponymous museum in Chicago. Each of these men was only one of a number of collectors and donors, however, and such examples illustrate how the most famous (or wealthy) individual may then remain indelibly connected with a collection. As with whole museums, so particular

objects retain a relationship with persons involved in their trajectory, principally those of the highest status (ALBERTI, 2005, p. 565)<sup>50</sup>.

Para a primeira fase de análise, foram apresentados os quatro conjuntos de livros que formam a coleção da BCE, que pertenceram aos bibliófilos Ricardo Xavier da Silveira, Carlos Lacerda, Pedro Nava e Themístocles Marcondes Ferreira. Foram tratadas as formas de aquisição dessas coleções pela BCE, por meio da análise das documentações correspondentes. Também foram ressaltadas, na biografia desses bibliófilos, as características relacionadas ao colecionismo de livros.

A segunda fase enfatiza a vida do objeto na coleção. A partir do momento em que é adquirido pela instituição, o objeto pode assumir diferentes sentidos ao longo de sua trajetória. Nesse caso, muitos objetos podem mudar de status ao longo de sua vida na instituição e é por isso que essa fase é destacada por Alberti como o momento mais profícuo.

Para a segunda fase de estudo dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, foram apresentadas algumas notas gerais sobre o estado de conservação desses exemplares, sobre os aspectos que conferem raridade a esse acervo e também foram estudados os relatórios periódicos da Universidade de Brasília para o levantamento de seu acervo de obras de arte, nos quais constam a coleção da SCBB da BCE.

A terceira fase se refere à exposição dos objetos e trata do modo como o público recepciona e estuda as coleções. Para a terceira fase do estudo dos livros da SCBB da BCE foram apresentadas as exposições e as consultas desses livros pelo público. Essa coleção participou de mostras dentro do acervo de Obras Raras da BCE, em espaços culturais brasileiros, como a Casa de Cultura da América Latina (CAL) e em uma exposição internacional no Museu de Haia, Holanda. Também serão tratadas as consultas desses livros pelos usuários da BCE.

---

<sup>50</sup> “Objetos são, dessa forma, inalienavelmente associados com seu colecionador, doador ou benfeitor. Isso era mais visível nas coleções inteiras – a coleção de instrumentos do Rei George III, em South Kensington, a coleção Hunteriana, em Londres e Glasgow, ou o museu homônimo de Marshall Field, em Chicago. Cada um desses homens, em todo caso, era apenas um dentre um número de colecionadores e doadores, e tais exemplos ilustram como o mais famoso (ou rico) indivíduo pode então permanecer indelevelmente conectado com a coleção. Assim como com museus inteiros, objetos particulares retêm uma relação com as pessoas envolvidas em sua trajetória, principalmente aqueles de maior status” (Alberti, 2005, p. 565, tradução nossa).

#### 4.1 Primeira fase: a chegada dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil ao acervo de obras raras da BCE

O acervo da Biblioteca Central da Universidade de Brasília é dividido em cinco categorias principais: Acervo Geral; Folhetos; Coleções Especiais; Periódicos e Referência. O acervo das Coleções Especiais é subdividido em: Mapoteca; Multimeios; Obras Raras; Cassiano Nunes e Arquivo Carlos Lacerda<sup>51</sup>.

O acervo de Obras Raras é formado por:

(...) quase todas as áreas do conhecimento, formado por manuscritos antigos e modernos, primeiras edições de autores brasileiros e portugueses, periódicos literários nacionais e portugueses do século XIX e início do século XX e edições raras de comprovada importância ao estudo e à pesquisa e diversos assuntos. Possui também edições de arte, obras em miniatura, folhetos, separatas, jornais, ex libris, mapas, medalhas e moedas.

**Coleção de Ex libris** – Ex libris é uma marca, um verdadeiro título de propriedade, que identifica os livros de uma pessoa ou biblioteca. É constituído pelo nome e desenho do proprietário, representando sua cultura, personalidade, atividade profissional e tendências pessoais.

**Manuscritos medievais** – Três Códices Pergamináceos portugueses do séc. XIV, escritos em duas colunas, ornados com iluminuras em vermelho e azul.

**Manuscritos modernos** – Os originais dos romances “Água-Mãe” de José Lins do Rego e “As Razões do Coração” de Afrânio Peixoto; pareceres de Rui Barbosa; cartas de políticos, religiosos e literatos (Camilo Castelo Branco, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Nunes, entre outros).

**Coleção Hipocratiana** – Composta de 70 (setenta) obras de ou sobre Hipócrates.

**Coleção Camiliana** – Composta de 198 livros de, sobre, prefaciados ou traduzidos por Camilo Castelo Branco.

**Coleção Cem Bibliófilos do Brasil** – Edições de Arte da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Rio de Janeiro, ilustradas com gravuras feitas por artistas plásticos brasileiros (de 1944 a 1969), em tiragem de 120 exemplares, composta de 23 publicações. A BCE possui a coleção completa. (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Biblioteca Central. *Acervo*. Disponível em: <http://www.bce.unb.br/acervo/> acesso em: 23 set. 2015).

Dentre as categorias nas quais o acervo de Obras Raras foi colocado, os livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil são apresentados como uma das principais coleções da Biblioteca Central, somando um total de 37 exemplares.

Além dos livros da SCBB, BCE também possui alguns exemplares das tipografias artesanais brasileiras mapeadas por Creni (2013). Da tipografia artesanal *Philobiblion*, a BCE possui 11 títulos, dentre os quais o exemplar número 6 da obra *Pequeno oratório de Santa Clara*, de Cecília Meireles (1901-1964), publicada em 1955. Essa obra foi ilustrada por Manuel Segalá e possui edição limitada de 320 exemplares.

No acervo raro da BCE também constam obras da *Editores Hipocampo*, dos quais se destaca *ABC das catástrofes*, de Aníbal Machado (1894-1964), de 1951. Essa publicação foi ilustrada com gravuras de Darel Valença Lins, o texto foi composto manualmente, a obra foi

---

<sup>51</sup> UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Biblioteca Central. *Acervo*. Disponível em: <http://www.bce.unb.br/acervo/> acesso em: 23 set. 2015.

impressa em papel *Ingres* e possui tiragem de 106 exemplares. Da Editora *Noa Noa*, a BCE tem a obra *As vozes do juramento*, de Hugo Mund Júnior (1933-), publicada em 1987, com ilustrações de Rodrigo de Haro (1939-) e edição limitada a 500 exemplares. Do grupo *O Gráfico Amador*, a BCE conserva em seu acervo a obra *Mundo Guardado*, de Luís Delgado (1905-1974), publicada em 1958. Esse exemplar da BCE foi autografado por Luís Delgado.

Do grupo de bibliófilos *Confraria dos Bibliófilos Brasileiros Clatteya Alba*, a BCE possui a obra de Luís Câmara Cascudo (1898-1986), *Lendas brasileiras: 21 histórias criadas pela imaginação de nosso povo*, publicada em 1945. A BCE também mantém em seu acervo a publicação idealizada e financiada por Castro Maya, *Viagem Pitoresca e histórica ao Brasil*, de Jean Baptiste Debret (1768-1848), impressa na *Gráfica da Artes S.A.*

Como já mencionado, a coleção de livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da BCE foi formada a partir da compra dos exemplares de quatro bibliófilos: Carlos Lacerda, Ricardo Xavier da Silveira, Pedro Nava e Themístocles Marcondes Ferreira. A coleção de Ricardo Xavier da Silveira foi comprada em 1963. Os livros que pertenceram a Carlos Lacerda foram comprados pela BCE em 1979. O acervo de Pedro Nava foi comprado em 1985. Os livros de Themístocles Marcondes Ferreira, possivelmente, chegaram à BCE a partir da compra dos acervos de Pedro Nava e de Carlos Lacerda. Há indícios de que esses dois bibliófilos tenham adquirido os exemplares que pertenceram a Themístocles para compor seus acervos pessoais. A partir das informações presentes nos exemplares de Carlos Lacerda e nos de Pedro Nava, é provável que BCE tenha comprado os livros de Themístocles Marcondes Ferreira indiretamente, não havendo negociações com este bibliófilo ou mesmo com seus herdeiros.

A seguir serão apresentados os proprietários dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da BCE, bem como a documentação referente à aquisição dos respectivos acervos por essa Biblioteca. Também serão tratados aspectos relativos à participação desses bibliófilos na SCBB e as possíveis ligações desses proprietários com a bibliofilia.

#### **4.1.1 A coleção de Ricardo Xavier da Silveira**

O bibliófilo Ricardo Xavier da Silveira formou-se em Direito e foi prefeito de Nova Iguaçu (RJ), entre 1936 a 1943. (GRYNSZPAN, 1990).

Na Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, fez parte da Comissão Executiva, que, segundo artigo III do Estatuto da SCBB, era responsável por:

- a) Administrar a Sociedade e executar as deliberações tomadas.
  - b) Promover as edições, escolhendo o texto, o artista ilustrador, o gênero da ilustração, o papel, o formato e, de modo geral, tomar tôdas as resoluções necessárias.
  - c) Preencher as vagas no quadro social, nos têrmos do artigo IV.
  - d) Preencher as vagas que ocorrerem na própria Comissão, por escrutínio entre os membros restantes.
  - e) estipular o montante da primeira prestação das quotas a serem pagas pelos sócios e o prazo para o pagamento.
  - f) Providenciar em todos os casos omissos.
- (ESTATUTO DA SOCIEDADE dos Cem Bibliófilos do Brasil, ANEXO AB).

Ricardo Xavier da Silveira foi o membro de número 13 na SCBB e seu nome figura entre os membros da Comissão Executiva em nove colofões das obras publicadas pela SCBB: *Luzia Homem* (1949); *Bugrinha* (1950); *O caçador de esmeraldas* (1951); *O Rebelde* (1952); *Memórias de um sargento de milícias* (1954); *Três Contos* (1955); *Bestiário* (1956); *Canudos* (1956) e *Macunaíma* (1957). Há indícios de que Silveira tenha participado da produção da SCBB entre 1949 e 1962, porém, alguns colofões das obras publicadas nesse período não apresentam os nomes que formavam a Comissão Executiva. Não há citação do Conselho Executivo nas seguintes obras: *Menino de engenho* (1959), *Pasárgada* (1960), *Poranduba Amazonense* (1961) e *Cadernos de João* (1962), essas publicações mencionam somente a equipe diretora das publicações da SCBB. Nas reuniões da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, o nome de Ricardo Xavier da Silveira aparece na Ata realizada em 23 de Agosto de 1956, na Ata de 12 de Dezembro de 1957, na Ata de 23 de Janeiro de 1958 e na Ata realizada em 26 de Junho de 1962<sup>52</sup> (ANEXO AD; ANEXO AF; ANEXO AG).

Os jantares de apresentação dos livros da SCBB foram organizados no Jockey-Club do Rio de Janeiro, do qual Ricardo Xavier da Silveira foi membro ativo.

Ricardo Xavier da Silveira foi membro do Conselho Consultivo de 1936 a 1940, Membro da Comissão Técnica de 1948 a 1952, do JCB, fundador e primeiro presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Cavalos de corrida [...]. (JOCKEY CLUB RIO. Disponível em: <http://jcb.com.br/noticias/22424/22424/> . Acesso em: 26 out. 2015).

Ricardo Xavier da Silveira também participou da Diretoria que organizou a produção da *Sociedade dos Bibliófilos Brasileiros Cattleya Alba*, em 1944. Nesse período, essa Sociedade produziu 4 publicações: *Lendas Brasileiras*; *A Dama das Espadas*, de Alexandre

---

<sup>52</sup> Na Ata de 1962 houve a reformulação do Artigo III do Estatuto da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, nessa reunião foi acordado que a Comissão Executiva seria substituída pelo Conselho Deliberativo.

Púchkin (1799-1837); *Lysistrata*, de Aritófanes (447 a.C. – 385 a.C.) e *Conto de inverno*, de William Shakespeare (1564-1616) (Fig. 9).

**Figura 9** - Declaração de matrícula na Confraria dos Bibliófilos brasileiros Cattleya Alba. Pasta 102, Doc. 2, F 1/1.

Fonte: Arquivo do Museu Chácara do Céu – RJ. Foto: Maria de Fátima Medeiros.

Traços da bibliofilia de Ricardo Xavier da Silveira podem ser deduzidos não somente pela sua participação ativa da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil e na *Sociedade dos Bibliófilos Brasileiros*, mas também a partir da presença de Silveira em uma disputa entre bibliófilos por livros raros em um leilão (Fig. 10).

Advogados e intelectuais, bibliófilos de renome, comprimiam-se no armazém do leiloeiro Bricio, onde, desde há dois dias vem-se realizando o leilão da biblioteca do jornalista e bibliófilo Bricio de Abreu. O sr. Peixoto de Castro, um dos nossos mais ilustres advogados e bibliófilos, logo de início, pôs-se em campo em grandes batalhas com o bibliófilo Jeão Bellis. Enquanto os bibliófilos Hugo Vieira, Ricardo Xavier da Silveira, Francisco Barros Barreto, Eduardo Baheut, Celso da Rocha, Santana, Clovis Gaspar, general Mendes de Moraes, Carlos Rizzini, Valter Cunha, Almeida e Silva, Miranda Fontes, José Goudar, Aguiar Moreira, Cori Novais, Enéas de Carvalho, Álvaro Araújo, Francisco Paiva, Ernesto Eliat e Jofé Pereira,



disputavam arduamente edições raras e de luxo, que subiam a preços astronômicos. (JORNAL DIÁRIO DA NOITE, 28 de agosto de 1952, grifo nosso).

Figura 10 – O maior Leilão de livros dos últimos tempos. Jornal Diário da Noite, Página 3, 28 de agosto de 1952.

...A NOITE — Quinta-feira, 28 d



Os grandes bibliófilos que com outros disputam, em grande acontecimento desta semana, os livros raros, da maior biblioteca que vem sendo vendida em leilão pelo leiloeiro Eriço: Dr. Peixoto de Castro, Ricardo Xavier da Silveira, General Mendes de Moraes, Buarque de Macedo e Celso da Rocha Miranda.

**O MAIOR LEILÃO DE LIVROS DOS ÚLTIMOS TEMPOS**

**MAIS DE 60 MIL CRUZEIROS POR UM EXEMPLAR DE "DON QUIXOTE"**

**10.400 CRUZEIROS PELOS "SERTÕES" DE AFONSO ARINOS — GRANDES BIBLIÓFILOS EM EXTRAORDINÁRIA DISPUTA**

— Até hoje — revelou-nos o leiloeiro Eriço — nenhum leilão de livros raros está sendo tão disputado pelos bibliófilos nacionais, que os temos, em qualidade, tão bons como os do mundo inteiro.

A maior prova da nossa cultura está justamente neste leilão. Por exemplo, o infamíssimo exemplar de "D. Quixote", edição Erieva, reputada por Donatiano, foi adquirida pelo sr. João Bellis, que também adquiriu as "Cartas de Eça" e o "Dicionário de Milagre" e a primeira edição de "Os sertões" de Euclides da Cunha — em grande disputa com os demais concorrentes. A primeira edição de "Combate Social", de Isaacson, foi adquirida pelo senhor Penicoso Paiva, enquanto o dr. Peixoto de Castro adquiriu primeira edição brasileira e francesa, como Verilme, Raposo e Silva etc. Os incunáveis brasileiros, da Imprensa Régia, foram adquiridos pelo sr. Carlos Rizzoli, ilustre bibliófilo especializado. Enfim, por ocasião que, até hoje, n-

um leilão conseguiu valorizar tanto as obras raras, que realmente, têm valor. Só hoje, e ainda temos amanhã e depois, foram vendidos mais de 300 mil cruzeiros de livros.

Advogados e intelectuais, bibliófilos de renome, compriram-se no armazém do leiloeiro Eriço, onde, desde há dois dias vem-se realizando o leilão da biblioteca do jurista e bibliófilo Eriço de Abreu. O sr. Peixoto de Castro, um dos nossos mais ilustres advogados e bibliófilos, logo de início, pôs-se em campo em grandes lutas com o bibliófilo João Bellis. Enquanto os bibliófilos Hugo Vieira, Ricardo Xavier da Silveira, Buarque de Macedo, Ambrosio Pires, Henrique Barreto, Eduardo Barbosa, Celso da Rocha Miranda, Santina, Gouvea Gaspar, General Mendes de Moraes, sr. Carlos Rizzoli, Valler Cunha, Almeida e Silva, Miranda Pontes, José Goudar, Aguiar Moreira, Carl Novais, Línea de Carvalho, Alberto Araújo, Francisco Paiva, Ernesto Ehl e José Pereira, disputavam arduamente edições raras e de luxo, que subiam a preços astronômicos.

**A FESTA CONTINUA**

Segundo sabemos, hoje, amanhã, a disputa aconterá em grande estilo, pois, além da famosa "Eúclides", ainda novos e raros volumes irão à venda.

Para se dar uma ideia de interesse despertado neste leilão, basta dizer-se que um exemplar da primeira edição de "Os sertões", foi arrematado por 4.100 cruzeiros: "Pões per-

lões", de Afonso Arinos, por 10.400 cruzeiros; "História da Literatura", de Silvio Romero, por 2.100 cruzeiros; "História do Brasil", de Vernhagen, por 7.200 cruzeiros; "Dicionário dos milagres", de Eça, por 19.200 cruzeiros; "Crônica de Lou-dras", de Eça, por 10.400 cruzeiros; "Cartas Inéditas", de Eça, por 37 mil cruzeiros, e, finalmente, "D. Quixote", edição de Erieva, por 60.000 cruzeiros.

Realmente, há dois dias, um trecho da rua São José está praticamente interrompido pelo mais importante leilão de livros dos últimos tempos. Grande número de bibliófilos disputam a peço de ouro, verdadeiras preciosidades.

A luta é terrível, entre eles, pela conquista das obras raras. Irresistivelmente, a bibliofilia, no Brasil, vem tendo o seu ponto alto no leilão da biblioteca do jornalista e bibliófilo Eriço de Abreu, que ora se realiza.

**Dr Milton de Almeida**  
OUVIDOS-NARIZ-GARGANTA  
DIAGNÓSTICOS-TRATAMENTOS-OPERAÇÕES  
305 5ª AV. SARDAS 15 às 19 HORAS  
LARGO CARIOCA, 5-1ª e 2ª SALA 101  
TEL. 22-0707 e 46-2317

**RADICAL MODIFICAÇÃO NOS**

Fonte: Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.

Essa reportagem também evidenciou o crescimento de colecionadores de livros raros no Brasil. Mindlin (1997) já havia mencionado que a bibliofilia nacional se estabeleceu a partir do século XX. Segundo essa reportagem, a disputa entre os bibliófilos por edições raras fez com que algumas obras chegassem a uma quantia exorbitante, caso de uma edição de *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes (1547-1616). Obras produzidas no Brasil também figuravam

nesses grandes leilões, caso das primeiras edições de *Pelo Sertão*, de Afonso Arinos e de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1866-1909).

Sobre a raridade da biblioteca particular de Ricardo Xavier da Silveira, Edson Nery da Fonseca afirmou:

[...] a Presidência da República (Juscelino Kubitschek) adquiriu a biblioteca particular de Ricardo Xavier da Silveira. Com isso passou a adquirir um belo exemplar da obra *Rerum per octenium in Brasile de Barleus*, uma das preciosidades da Brasiliana brasileira (FONSECA em entrevista à SILVA, 2011, p 73).

Como já explicitado, dos 37 livros da SCBB que estão na Biblioteca Central da UnB, 17 provém da coleção de Ricardo Xavier da Silveira. A aquisição dos exemplares dessa coleção particular ocorreu em 1963, momento em que a UnB comprou diversas coleções para compor seu acervo.

**Quadro 1.** Publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil que pertenceram à Ricardo Xavier da Silveira

	<b>Publicação</b>	<b>Ano</b>
1	Memórias póstumas de Brás Cubas	1944
2	Espumas Flutuantes	1947
3	Pelo Sertão	1948
4	Luzia Homem	1949
5	Bugrinha	1950
6	O caçador de esmeraldas	1951
7	O Rebelde	1952
8	Memória de um sargento de milícias (2 v.)	1954
9	Três Contos	1955
10	Canudos	1956
11	Macunaíma	1957
12	Bestiário	1958
13	Menino de engenho	1959
14	Pasárgada	1960
15	Poranduba Amazonense	1961
16	A morte e a morte de Quincas Berro D'água	1962
17	Cadernos de João	1962

A coleção de Ricardo Xavier da Silveira compreende todos os exemplares publicados pela Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil entre 1944 e 1962, ou seja, os primeiros 17 livros publicados pelo grupo. Isso evidencia a participação de Silveira desde a criação da SCBB até o falecimento do bibliófilo, em 1962.

**Figura 11** – *Ex-libris* Ricardo Xavier da Silveira.



Fonte: BIBLIOTECA NACIONAL Mariano Moreno (Argentina)<sup>53</sup>.

#### 4.1.2 A coleção de Carlos Lacerda

Carlos Frederico Werneck de Lacerda (1914-1977) foi jornalista, escritor e político. Carlos Lacerda foi opositor do governo do presidente Getúlio Vargas (1882-1954), ativo em diversos campos da política brasileira, atuou como vereador da cidade do Rio de Janeiro, em 1947, como deputado federal, de 1955 a 1959, e como governador do Estado da Guanabara, de 1960 a 1965. Carlos Lacerda também se destacou como escritor, ao todo foram mais de 30 títulos publicados (DULLES, 1992).

Grande parte dos arquivos pessoais de Carlos Lacerda foram doados pela sua família à Universidade de Brasília em 1979, no mesmo período em que a Universidade comprou sua biblioteca particular. O arquivo de Carlos Lacerda é formado por:

registros documentais das atividades intelectuais, políticas e empresariais de Carlos Lacerda. O material contém ainda registros de sua vida pessoal, a relação com amigos, familiares,

<sup>53</sup> Disponível em: <http://www.bn.gov.ar/media/page/Fabian-Zubia.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2016.

políticos, artistas, escritores, eleitores, admiradores, de sua passagem pelo Governo do Estado da Guanabara etc. Trata-se de uma rica fonte de informações sobre a vida política do país das décadas de 1950 e 1960. (INVENTÁRIO CARLOS LACERDA, 2000, p. 21; ANEXO AH).

Sobre a aquisição do acervo e da biblioteca de Carlos Lacerda, um documento posterior mencionou detalhes do processo de compra, onde consta referência ao valor, sobre quem foram os avaliadores, uma descrição do material arquivístico e bibliográfico, entre outras informações.

2. A comissão avaliadora da coleção foi composta pelos professores Abílio Machado Filho, Carlos Henrique Cardim, e Edson Nery da Fonseca, à época, respectivamente, conselheiro da FUB, Decano de Extensão e Diretor da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas.
3. A transação foi efetuada em 16 de maio de 1979 (data da nota de empenho), no valor de CR\$ 5.000.000,00 (cinco milhões de cruzeiros).
4. A cerimônia oficial de entrega da Biblioteca de Carlos Lacerda à Fundação Universidade de Brasília foi realizada em 27 de setembro de 1979, na Biblioteca Central (VALLE, 2 out. 1995; ANEXO AI).

O acervo de Carlos Lacerda foi inventariado em um trabalho conjunto da Fundação Universidade de Brasília (FUB) com a Fundamar (Fundação 18 de Março). Em um das subdivisões dos arquivos que se referem aos documentos pessoais de Carlos Lacerda, encontra-se a documentação que diz respeito às suas atividades culturais, abrangendo o período entre 1924 e 1976.

Em meio aos seus arquivos pessoais, percebe-se o interesse de Carlos Lacerda pelas Artes Plásticas, evidenciada pela posse de gravuras e de desenhos. Sua vivência cultural era intensa, em seus arquivos encontram-se correspondências com escritores e artistas brasileiros entre eles Di Cavalcanti (1897-1976), Tarsila do Amaral (1886-1973), Rubem Braga (1913-1990), Otto Lara Rezende (1922-1992) e Mário de Andrade (1893-1945).

A correspondência que tratou da aquisição da biblioteca de Carlos Lacerda pela Biblioteca Central da UnB mencionou seu interesse por livros raros, o que pode indicar traços de sua bibliofilia. A coleção citada reflete os inúmeros interesses de Lacerda, o que levou os avaliadores a dividir sua biblioteca em 10 categorias principais, a saber:

Obras de Arte, Obras de Referência, Brasiliana (latu sensu), Ciências Sociais, Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Literatura Francesa, Política Africana, Psicanálise (incluindo Psicologia e Psiquiatria), Filosofia e Religião (AQUISIÇÃO DA BIBLIOTECA de Carlos Lacerda, s/d, f. 8; ANEXO AJ).

Além dessas categorias, os avaliadores da biblioteca de Carlos Lacerda destacaram a sua coleção de obras raras. Entre essas obras raras encontra-se um dos primeiros volumes do renomado periódico ilustrado, a Revista *Kosmos*. Essa Revista circulou no Brasil entre os anos de 1904 e 1909 e tratava de assuntos relacionados às artes e sobre a sociedade carioca, posteriormente foi considerado um dos mais importantes periódicos cariocas do início do

século XX (MOURA, 2011). No acervo de Carlos Lacerda também encontram-se vários exemplares da Revista *Careta*. O relatório mencionou ao todo 20 volumes dessa Revista, com publicações de 1911 a 1945 (Fig. 12).

O interesse de Carlos Lacerda pela confecção de livros de luxo o levou a fundar, na década de 1970, a *Confraria dos Amigos do Livro*:

Ao idealizar o projeto da Confraria dos Amigos do Livro, o objetivo de Carlos Lacerda era ter um segmento dentro da Nova Fronteira especializada em editar livros de arte, baseado no modelo da Sociedade dos Cem Bibliófilos, fundada por Raymundo Ottoni de Castro Maya (AZEVEDO; LIMA, 2014, p. 3).

Knychala destacou algumas publicações ilustradas da editora, *Confraria dos Amigos do Livro*:

Fundada por Carlos Lacerda, a *Confraria dos Amigos do Livro* publicou, na década de 1970, alguns livros de luxo, entre os quais *Ode marítima*, de Fernando Pessoa com quinze ilustrações de Sebastião Lacerda; *Atos dos Apóstolos com imagens dos passos da cruz do Aleijadinho: A guerra dos mundos*, de H. G. Wells, com desenhos de Alvim Correa; São Paulo 1990 e Rio 1990, com fotografias de Malta (KNYCHALA, 1991, p. 59).

O acervo raro de Carlos Lacerda também possuía exemplares antigos, dos quais se destaca *Vida e fabulas do insigne fabulador grego*, de Esopo (Lisboa, 1684). Foram destacadas pelos avaliadores algumas obras da coleção Brasileira<sup>54</sup>, como o exemplar *Voyage au Brésil* (Paris, 1869), escrito pelo naturalista Louis Agassiz (1807-1873) e as obras: *Memórias para a história da Capitania de São Vicente* (Lisboa, 1797), escrita por Frei Gaspar da Madre de Deus (1715-1800) e *Sertum Paumarum brasiliensium* (1903), do botânico João Barbosa Rodrigues (1842-1909). Essa obra possui 174 imagens das ilustrações científicas, que foram frutos do estudo de Rodrigues das espécies de palmeiras existentes na Amazônia (RODRIGUES, 2012) (ANEXO AJ).

---

<sup>54</sup> Sobre a coleção Brasileira ver PONTES (1988).

Figura 12 - OBRAS RARAS de Carlos Lacerda, s/d.

QUADRO 4

BIBLIOTECA DE CARLOS LACERDA

DESTAQUE DE COLEÇÕES E OBRAS RARAS

c) Obras Raras

	<u>Nº DE VOLUMES</u>	<u>PREÇO</u>
Sociedade dos Cem Bibliófilos (col. de 23 obras)	23	Cr\$ 115.000,00
Encyclopédie de Diderot e D'Alembert (reed. por Franco M. Ricci)	36	72.000,00
A monograph of the pheasants, by William Beebe	4	60.000,00
Oeuvres de George Sand (Paris, H. Soubert, 1842)	27	29.500,00
Théâtre de Scribe (Paris, Aimé André, 1828)	26	30.000,00
Oeuvres de Molière (Paris, E. Testard, 1882)	8	4.000,00
Gerum palmarum brasiliensium, de Barbosa Rodrigues	2	20.000,00
Memórias para a história da capitania de S. Vicente, de Frei Gaspar da Madre de Deus (Lisboa, 1757)	1	10.000,00
Vida, / e fábulas do insigne/ fabulador grego/ ESOPO (Lisboa, 1684)	1	10.000,00
Voyage au Brésil, de Agassiz (Paris, Hachette, 1859)	1	4.000,00
Poesias de Bocage (Lisboa, J. F. Lopes, 1853)	6	3.000,00
Os Portugueses em África, Ásia, América e Oceania (Lisboa, Typ. da Borges, 1848)	7	3.500,00
Souvenirs entomologiques, de J.H. Fabre (Paris, Delagrave, 1951)	11	5.500,00
Album do Amazonas (1901-1902)	2	2.000,00
	148	Cr\$ 362.500,00

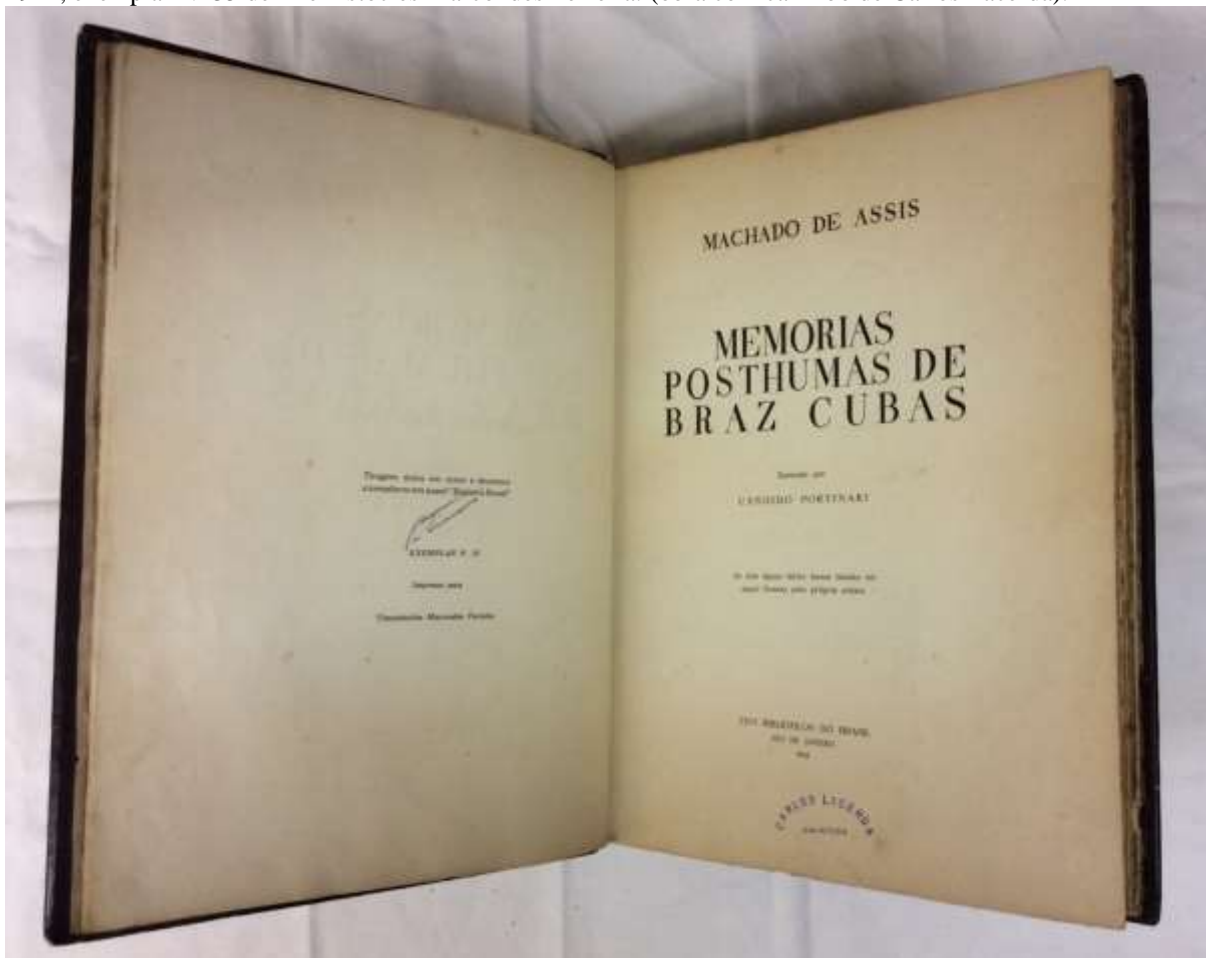
Fonte: arquivo da Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Os avaliadores da Biblioteca de Carlos Lacerda também destacaram as obras da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Lacerda foi o membro de número 6 da SCBB.

De acordo com as informações apresentadas nos documentos que avaliaram suas obras raras, Carlos Lacerda possuía a coleção completa dos livros da SCBB, mas, constam no acervo da BCE somente dois exemplares com o nome de Carlos Lacerda e seu número de inscrição impressos: *Hino nacional brasileiro* (1968) e *O compadre de Ogum* (1969).

Contudo, há indícios de que Carlos Lacerda tenha adquirido exemplares que pertenceram a Themístocles Marcondes Ferreira. A obra *Memórias posthumas de Braz Cubas* (Fig. 13), que está no acervo da BCE, pertenceu a Ferreira, membro de número 35 na SCBB. Entretanto, essa obra apresenta carimbo da biblioteca de Carlos Lacerda (Fig. 13).

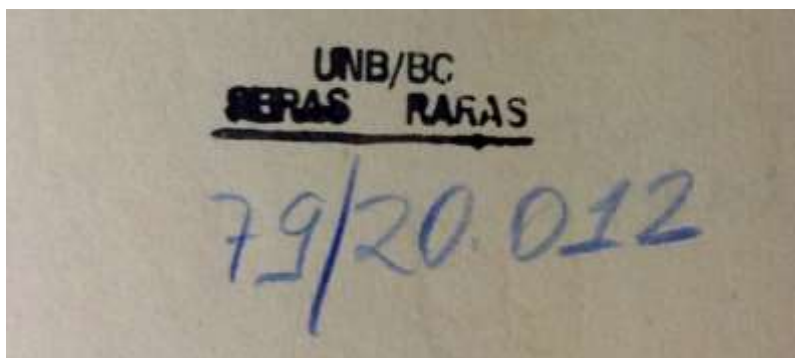
**Figura 13** - ASSIS, Machado. *Memorias posthumas de Braz Cubas*, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 1944, exemplar N° 35 de Themístocles Marcondes Ferreira. (obra com carimbo de Carlos Lacerda).



Fonte: Acervo de Obras Raras, Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Esse exemplar também apresenta marcações que indicam sua compra, em 1979, mesmo ano em que a Biblioteca de Carlos Lacerda foi comprada (Fig. 14):

**Figura 14** - ASSIS, Machado. *Memorias posthumas de Braz Cubas* (detalhe do verso do frontispício – carimbo do Setor de Obras Raras da BCE), Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 1944, exemplar N° 35 de Themístocles Marcondes Ferreira.



Fonte: Acervo de Obras Raras, Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Alberti (2005) já havia mencionado que muitos acervos particulares são incorporados às coleções de grandes museus a partir de doações que visam garantir que os objetos sejam reconhecidos pela instituição e pelo público. Trata-se de um ato de reciprocidade, o doador garante que seu acervo ficará preservado em uma instituição com alguma relevância para a divulgação de suas obras e as instituições, por outro lado, recebem àquelas doações que possam ser importantes para a composição de seu acervo.

Many of the exchanges involving the object en route to the museum were without remuneration, however, and may be characterized as gifts: from a collector to a patron or a private collector to an institution. As with any process of gift exchange, donation constituted a reciprocal relationship between benefactor and recipient. An isolated practitioner, collector, or manufacturer sent a specimen to a metropolitan museum with the hope of securing potentially useful patronage or, even better, the minor fame of a label or catalogue mention. [...]Collecting was civilizing; subsequently to donate to a worthy museum ensured that such an act remained visible in perpetuity and secured a lasting connection between person and object (ALBERTI, 2005, p. 564)<sup>55</sup>.

No período de negociação com a família de Carlos Lacerda, a UnB mostrou-se interessada em comprar a biblioteca e a família resolveu doar o arquivo. No documento de avaliação desse acervo, a família de Carlos Lacerda preferiu vender sua coleção para a UnB, mesmo frente à outras ofertas economicamente mais interessantes.

A família Lacerda possui ofertas para a compra do acervo, ou de sua maior parte, a preço significativamente superior ao que consta desta proposta; a Livraria Kosmos por exemplo, oferece-lhe pelas obras de arte quantia substancialmente superior à que estimamos certamente para vendê-las a retalho, com lucro substancial.

Todavia devem ser levados em conta outros fatores que muito influem na composição do preço:

- a) o interesse da família Lacerda em ver as obras do governador adquiridas por um órgão público que as conserve e que lhe dê o devido cuidado.
- b) o interesse em doar à UnB, caso esta venha a adquirir a biblioteca, o arquivo pessoal do governador.
- c) o interesse em montar um programa editorial com a família Lacerda, com os dados a serem extraídos no arquivo mencionado (AQUISIÇÃO DA BIBLIOTECA de Carlos Lacerda, s/d; ANEXO AJ).

Esse documento também menciona a diferença entre as estimativas de preços ofertados pelos órgãos públicos e pelos órgãos privados para a aquisição das bibliotecas particulares. A estimativa para a venda aos órgãos públicos são consideravelmente inferiores

---

<sup>55</sup>“Muitas das trocas que envolvem objetos *en route* para o museu ocorreram sem remuneração, contudo, e podem ser caracterizadas como presentes: do colecionador para um patrono ou do colecionador para uma instituição. Como em qualquer processo de troca de presentes, a doação constitui uma relação recíproca entre benfeitor e recipiente. Um profissional isolado, colecionador ou manufator mandam um espécimen para o museu metropolitano com a esperança de assegurar um patronato potencialmente útil ou, melhor ainda, a fama menor de um rótulo ou menção em catálogo. [...] Colecionar foi civilizador; doar subsequentemente a um museu meritório garantiu que tal ato permanecesse visível na perpetuidade e assegurasse uma conexão permanente entre pessoa e objeto” (ALBERTI, 2005, p. 564, tradução nossa).

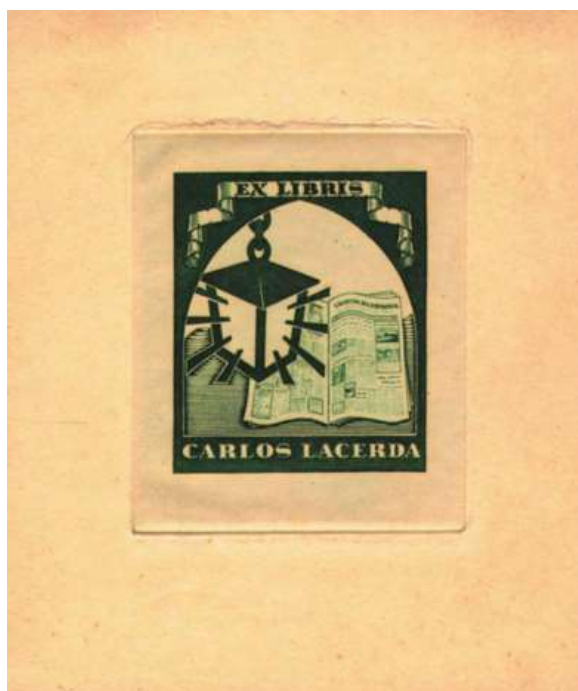


aos das instituições privadas, segundo esse documento, isso também se deve ao tipo de uso que se fará do acervo. Os órgãos públicos visam à divulgação cultural, por isso a família de Carlos Lacerda escolheu a oferta da Universidade de Brasília.

**Quadro 2.** Publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil que pertenceram à Carlos Lacerda

	<b>Publicação</b>	<b>Ano</b>
1	Hino Nacional brasileiro	1968
2	O compadre de Ogum	1969

**Figura 15** – Ex-libris de Carlos Lacerda



Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 165.

O *ex-libris* de Carlos Lacerda foi desenhado pelo artista Vitor Pedro Brumlik. Esse *ex-libris* apresenta elementos gráficos – a lâmparina e as páginas de um jornal abertas sobre uma mesa – que podem remeter ao ofício do jornalismo.

### 4.1.3 A coleção de Pedro Nava

Pedro da Silva Nava foi médico e escritor. Nava formou-se em Medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 1928, nessa área, interessou-se pelo estudo da anatomia humana, foi membro da Sociedade Brasileira de Medicina e Cirurgia e exerceu a profissão até se aposentar, em 1969. Pedro Nava circulou entre as personalidades do Modernismo de Minas Gerais, uma de suas primeiras publicações foi o periódico *A Revista*, um trabalho resultante da parceria com Carlos Drummond de Andrade e outros autores. Entretanto, apesar de seu interesse pela literatura e pela poesia, suas principais obras foram publicadas a partir de 1970 (AGUIAR, 1998).

As principais publicações de Pedro Nava foram: *Bau de Ossos*, de 1972; *Balão Cativo*, de 1973; *Chão de ferro*, de 1976; *Beira Mar*, de 1978; *Galo-das-trevas*, de 1981; *Círio perfeito*, de 1983 (AGUIAR, 1998).

Parte do acervo de Pedro Nava foi comprado pela Universidade de Brasília, em 1984. No processo de compra desse acervo, consta um parecer sobre os exemplares raros dessa biblioteca. Esse documento foi elaborado por dois especialistas: o Bibliógrafo, José Mindlin e o neurofisiologista, Aristides Pacheco Leão (1914-1993). Esse parecer mencionou os exemplares raros de Pedro Nava sobre a história da medicina, algumas primeiras edições de literatura brasileira e alguns exemplares da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. O primeiro conjunto foi avaliado como o mais valioso da coleção.

Os dois pareceristas destacaram a raridade desse acervo e elencaram algumas obras importantes, dentre as quais é possível ressaltar *Les Oeuvres de Me. André du Laures*, Paris, 1646, obra que trata da anatomia humana e que foi ilustrada com gravuras na página do frontispício e que também possui capitulares e vinhetas ornamentadas (MINDLIN; LEÃO, 1984; ANEXO AK).

Na coleção de Pedro Nava de obras sobre a Medicina, também foi listada a primeira edição da obra *Du climat et des Maladies du Brésil*, do médico e naturalista francês que viveu no Brasil, Joseph François Xavier Sigaud (1796-1856), editada em 1844, em Paris (CABRAL, 2006). Essa obra também faz parte da coleção Brasileira de José Mindlin, hoje no acervo da Universidade de São Paulo.

Sobre a coleção de livros da SCBB que pertenceram à Pedro Nava, a documentação apresentou um total de 14 exemplares:

Na parte literária encontramos 14 volumes da coleção dos Cem Bibliófilos, compreendendo o “Menino de engenho” de José Lins do Rego, com ilustrações de Portinari, e “Macunaíma” de Mário de Andrade, com ilustrações de Caribé, duas obras especialmente valiosas. As demais

também têm um valor alto, e, a nosso ver, o conjunto poderia ser estimado, em termos conservadores, em Cr\$ 3.500,000. (MINDLIN; LEÃO, 1984, p. 143; ANEXO AK).

Os pareceristas ressaltaram a importância da aquisição dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil pela Biblioteca Central da UnB. O conjunto total das obras raras listadas nesse documento foi estimado em Cr\$ 20.000.000. Esse valor englobava o conjunto de 23 livros sobre Medicina, avaliados em Cr\$ 13.500.000; o de 14 livros da SCBB, avaliados em Cr\$ 3.500.000 e, aproximadamente, outros 1.000 exemplares, orçados em Cr\$ 3.000.000.

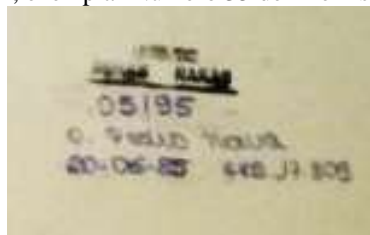
Não é possível afirmar se a UnB de fato comprou todos os livros mencionados nesse parecer. O que a avaliação mostra é o interesse de Pedro Nava por livros raros, sendo importante para a BCE a aquisição desse material. Além disso, esse documento também indicou a dimensão da biblioteca pessoal de Pedro Nava. A BCE, por exemplo, adquiriu por volta de 1.800 títulos (MATERIAL BIBLIOGRÁFICO sem processamento técnico na Biblioteca Central, 19 dez. 1986; ANEXO AL).

Acerca dos exemplares da SCBB de Pedro Nava, encontram-se 13 volumes no acervo de Obras Raras da BCE com o nome e o número de Pedro Nava impressos. Nava possuía a inscrição de número 17 na SCBB segundo a listagem dos membros referente a última composição desse grupo.

Pedro Nava provavelmente ingressou na SCBB a partir de 1957, já que o primeiro título que contém seu nome impresso é *Macunaíma*, publicado nesse ano. A coleção de Pedro Nava é formada pelos 13 últimos títulos publicados pela SCBB, entretanto, quatro exemplares que pertenceram à Themístocles Marcondes Ferreira apresentam marcações com a indicação da aquisição desses volumes pela BCE a partir da compra do acervo de Pedro Nava. Essas marcações foram encontradas nos seguintes exemplares: *Canudos*, *Memórias de um sargento de milícias*, *Poranduba Amazonense* e *Cadernos de João*. Sobressai o fato de haver edições que Nava já possuía, caso das duas últimas obras, que datam de 1961 e 1962, respectivamente.

A figura 16 mostra as marcações da BCE para os livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil que pertenceram à Pedro Nava. Trata-se de um carimbo que apresenta o nome de Pedro Nava, a data de aquisição da coleção, 23 de outubro de 1985, e o valor do exemplar, Cr\$ 17.809.

**Figura 16** – MACHADO, Aníbal. *Cadernos de João*. BABINSKY, Maciej (Ilustração), Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 1962, exemplar Número 35 de Themístocles Marcondes Ferreira.



Fonte: Acervo de Obras Raras da Biblioteca Central da UnB. Foto: Maria de Fátima Medeiros.

**Quadro 3.** Publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil que pertenceram à Pedro Nava

	<b>Publicação</b>	<b>Ano</b>
1	Macunaíma	1957
2	Bestiário	1958
3	Menino de Engenho	1959
4	Pasárgada	1960
5	Poranduba Amazonense	1961
6	Cadernos de João	1962
7	A morte e a morte de Quincas Berro D'água	1963
8	Campo Geral	1964
9	4 Contos	1965
10	As aparições	1966
11	Ciclo da Moura: poemas inéditos	1967
12	Hino Nacional brasileiro	1968
13	O compadre de Ogum	1969

**Figura 17** – Ex-libris de Pedro Nava



Fonte: BERTINAZZO, 2012, p. 193.

#### 4.1.4 A coleção de Themístocles Marcondes Ferreira

Themístocles Marcondes Ferreira (?-1965) foi diretor-presidente da *Cia Editora Nacional*, criada em 1925 pelo seu irmão Octalles Marcondes Ferreira (1899-1972) e por Monteiro Lobato (1882-1948). A *Cia Editora Nacional* foi importante editora brasileira,

também conhecida pelas publicações especializadas de livros didáticos e infantis, embora ao longo do tempo sua linha editorial tenha contemplado diversos tipos de publicações (HALLEWELL, 2005).

Segundo Hallelwell (2005), Themístocles assumiu a direção da *Editora Nacional* após comprar uma parte das ações que pertenciam ao seu irmão, mas a administração real dessa empresa acabou sendo exercida por Octalles.

Themístocles Marcondes Ferreira, irmão de Octalles, que durante anos até a sua morte, em 1965, foi diretor-presidente da editora. No entanto, o cargo era apenas nominal, uma vez que a direção geral sempre esteve nas mãos de Octalles (HALLEWELL, 2005, p. 387).

Themístocles também foi um dos fundadores da SNEL (Sindicato Nacional de Editores de Livros), órgão criado em 1940 e que ainda está ativo.

O Sindicato foi fundado por Themístocles Marcondes Ferreira, em 1940, com o intuito de estudar e coordenar as atividades editoriais, protegendo e representando legalmente a categoria de editores de livros e publicações culturais em todo o Brasil. Dirigido por Paulo Roberto Rocco, o SNEL é também responsável pela organização da Bienal do Livro do Rio de Janeiro – um dos principais eventos da área editorial no Brasil, desde seu lançamento em 1983 (ROMAIS, 2006, p. 99).

Os dados sobre a biografia de Themístocles Marcondes Ferreira são escassos, como descrito acima. Hallelwell (2005) fez uma pequena menção a ele no capítulo dedicado à Octalles Marcondes Ferreira, grande empresário do ramo editorial brasileiro. Em virtude da falta de dados sobre Themístocles não é possível mensurar sua bibliofilia. Por outro lado, o interesse por livros pode ser identificado pela presença de Themístocles na fundação da SNEL, pela direção da *Cia. Editora Nacional* e pela sua participação da Sociedade dos cem Bibliófilos do Brasil.

Themístocles Marcondes Ferreira foi o membro de número 35 na Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, segundo informações impressas nos colofões das obras da BCE. A lista apresentada por Moutinho (2002), que se refere à formação da SCBB após o morte de Castro Maya, apresenta Alvaro Lyra da Silva como o titular de número 35. Não é possível afirmar se Álvaro Lyra da Silva foi o sucessor de Themístocles, uma vez que o artigo IV do Estatuto da SCBB previa a possibilidade de sucessão, em caso de morte: “Cada sócio poderá registrar em livro ‘ad-hoc’ o nome de seu sucessor ‘mortis-causa’. Na falta deste registro a Comissão Executiva preencherá a vaga a critério seu”. Nas duas listagens dos membros da SCBB que se encontram no arquivo do Museu Chácara do Céu, a lista mais antiga é de 1968 e a mais recente data de 1972, nenhuma menciona Themístocles como membro, pelo contrário, essas listagens confirmam Álvaro Lyra da Silva como membro.

A composição da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil mudou ao longo de sua existência e é preciso levar em consideração que as duas listagens mencionadas foram feitas após a morte de Themístocles. Também é importante notar que a coleção de Themístocles que se encontra na BCE compreende publicações de períodos variados, diferente da coleção de Ricardo Xavier da Silveira, de Pedro Nava e de Carlos Lacerda que abrangem um período contínuo de edições. A coleção de Silveira compreende todas as publicações da SCBB entre os anos de 1944 e 1962; a de Nava compreende as publicações entre 1957 e 1969 e a coleção de Lacerda, as publicações de 1968 e de 1969. A coleção de Themístocles que está na BCE contém a primeira publicação da SCBB, de 1944; a oitava publicação, que é de 1954; a décima publicação, de 1956; a décima quinta publicação, de 1961 e a décima sexta publicação, de 1962. A partir disso pode-se afirmar que Themístocles foi membro da SCBB entre 1944 e 1962. Provavelmente a coleção desse bibliófilo, que seria composta de 16 volumes publicados pela SCBB, tenha se dispersado. Uma prova disso são as marcas presentes nos livros da BCE que indicam a compra dos livros que pertenceram à Themístocles a partir dos acervos de Pedro Nava e de Carlos Lacerda.

Sobre a dispersão das coleções, Alberti (p.564, 2005) afirmou:

The web of collectors and sites that eventually channeled objects to the museum was extensive and heterogeneous. The point of collection was often only the first in a series of exchanges on the way to the museum. Objects would commonly pass through the hands of a number of private collectors and dealers. (ALBERTI, 2005, p. 564)<sup>56</sup>.

Os objetos adquiridos pelo museu muitas vezes já passaram por diversos acervos particulares e se dispersaram em inúmeras coleções. Esse parece ter sido o caso da coleção de Themístocles, além disso, não há documentos no arquivo da BCE referentes à negociação direta com os familiares de Themístocles.

**Quadro 4.** Publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil que pertenceram à Themístocles Marcondes Ferreira

	<b>Publicação</b>	<b>Adquirido pela BCE a partir da coleção do bibliófilo</b>	<b>Ano</b>
1	Memórias póstumas de Brás Cubas	Carlos Lacerda	1944
2	Memórias de um sargento de milícias (2 v.)	Pedro Nava	1954
3	Canudos	Pedro Nava	1956
4	Poranduba Amazonense	Pedro Nava	1961
5	Cadernos de João	Pedro Nava	1962

<sup>56</sup> A rede de colecionadores e lugares que eventualmente canalizaram objetos para o museu era extensiva e heterogeneia. O ponto da coleção era frequentemente apenas o primeiro em uma série de trocas no caminho para o museu. Objetos comumente passavam por mãos de uma quantidade de colecionadores privados e de negociantes. (ALBERTI, 2005, p. 564, tradução nossa).

## 4.2 Segunda Fase: o percurso dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil no acervo de Obras Raras da BCE

A segunda fase para a análise dos objetos das coleções é destacada por Alberti (2005) como uma das mais relevantes, pois os objetos podem assumir diferentes significados ao longo de sua trajetória. Como já exposto, a vida dos objetos em uma coleção é permeada por diversos fatores, que envolvem os mecanismos de coleta, proveniência, as formas de aquisição e os diversos sentidos que os objetos possam adquirir ao longo do tempo.

The museum was not a static mausoleum but a dynamic, mutable entity where specimens were added and preserved, discarded, and destroyed. Museum objects were subject to considerable work during their life in the collection [...]. Preservation, preparation, and, especially, taxidermy are all abundant avenues of study for the historian of scientific practice. Objects were catalogued, stored, and researched. (ALBERTI, 2005, p. 567)<sup>57</sup>.

Também nesse sentido, Pearce (1992) propôs, para um estudo detalhado dos artefatos, um olhar focado na biografia dos objetos dentro das coleções dos museus, que pode servir para a análise da coleção de livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da BCE. As formas de usos e os significados dos objetos podem modificar de acordo com o contexto temporal e espacial em que eles foram estabelecidos. A partir desse pressuposto, a história dos objetos contemplaria sua história individual e sua história dentro da coleção de uma instituição. Assim como Alberti (2005), Pearce (1992) considerou que os objetos podem assumir diferentes significados ao longo de sua existência e destacou a importância do estudo das características materiais dos artefatos.

From the material characteristics of an artefact, we may turn to its history. This conveniently divides into two: its 'own' history, that is the details (in so far as these may be recovered) of its maker and manufacture, and its use in its own time and place; and its subsequent history of collection, publication and exhibition (PEARCE, 1992, p. 130)<sup>58</sup>.

Como ressaltado por Pearce (1992), para estudar a história dos objetos também é necessário considerar sua materialidade. Para a segunda fase de estudo da coleção de livros da

---

<sup>57</sup> “O museu não era um mausoléu estático, mas uma entidade dinâmica e mutável, na qual espécimes eram acrescentados e preservados, descartados e destruídos. Os objetos do museu eram sujeitos a um trabalho considerável durante a sua vida na coleção [...]. Preservação, preparação, e, especialmente, taxidermia são todas avenidas abundantes de estudo para o historiador da prática científica. Objetos eram catalogados, guardados e pesquisados”. (ALBERTI, 2005, p. 567, tradução nossa).

<sup>58</sup> “Das características materiais de um artefato, podemos destacar a sua história. Essa convenientemente divide-se em duas: a sua própria história, isto é, os detalhes (a medida que forem recuperados) de seu fabricante e manufatura, seu uso na sua época e lugar; e sua história subsequente na coleção, sua publicação e exibição” (PEARCE, 1992, p. 130, tradução nossa).

Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil do acervo da BCE serão realçados aspectos gerais sobre a conservação desse acervo, levando em consideração as características materiais dessa coleção. O acervo da BCE é diverso, alguns exemplares receberam encadernações distintas e tratamentos diferentes na sua construção, mas é possível identificar algumas semelhanças, uma vez que todos os livros foram impressos com os mesmos processos de impressão, as mesmas ilustrações e os mesmos papéis. As diferenças se apresentam justamente na maneira como os livros foram conservados por seus primeiros donos, os bibliófilos detentores da coleção, e também pelo tratamento que esses livros receberam no acervo da BCE.

Alberti (2005) realçou o período da aquisição como o momento crucial para o estudo dos objetos das coleções, muitas peças, ao serem adquiridas por uma instituição, já possuem um valor cultural e econômico alto, outros objetos são adquiridos sem muito status e posteriormente adquirem importância em uma coleção. Para essa segunda fase serão abordados os critérios usados pela BCE para a definição de suas obras raras. De acordo com os documentos referentes ao modo de aquisição, os livros da SCBB já foram comprados como obras raras, não houve mudança no status desse acervo. Os relatórios feitos por profissionais especializados, documentos encomendados pela BCE no momento da compra das coleções, já destacavam a relevância da aquisição dos exemplares da SCBB para a composição de um acervo raro na BCE.

#### **4.2.1 A raridade dos livros da Sociedades dos Cem Bibliófilos do Brasil**

Os critérios que definem a raridade de um acervo podem variar de acordo com parâmetros estabelecidos pelas instituições, mas também pode acontecer de esse parâmetros mudarem com o passar do tempo. Os livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil do acervo da Biblioteca Central da UnB foram comprados em períodos distintos. Como já explicitado anteriormente, o conjunto mais antigo é o de Ricardo Xavier da Silveira, adquirido em 1963; em seguida o acervo de Carlos Lacerda foi comprado quase quinze anos depois, em 1979; o acervo de Pedro Nava, em 1985, e o de Themístocles, como mencionado anteriormente, foi adquirido a partir da compra dos acervos de Lacerda e de Nava.

Ao longo dessa pesquisa não foram identificados nos arquivos da BCE documentos antigos referentes aos critérios adotados por essa Biblioteca para a definição das suas obras raras. Há somente um documento, de 1984, que menciona alguns dos critérios utilizados na



época, assinala também como eram avaliados os livros selecionados para compor o conjunto das Obras Raras da BCE:

A Seção de Obras Raras, subordinada ao serviço de auxílio aos usuários, tem por função, promover a consulta e divulgação, reunir e preservar a coleção formada de: manuscritos, periódicos literários brasileiros e portugueses do século XIX e começo do século XX, primeiras edições de obras escritas por autores renomados, assim como obras autografadas ou com dedicatórias dos mesmos, **edições de luxo, livros de arte**, edições diamantes, folhetos, jornais, ex-libris, mapas, etc.

[...] O material raro geralmente adquirido através de compra de grandes coleções particulares, passa pela Seção de Seleção onde é submetido a uma avaliação de acordo com os critérios de seleção de obras raras da Biblioteca. Esta avaliação conta com a colaboração de professores, bibliófilos e catálogos de obras raras (RELATÓRIO DOS SERVIÇOS – Serviços de aquisição, 1984, (grifo nosso); ANEXO AM).

Atualmente há um documento que norteia a seleção das obras raras (ANEXO AN), cuja metodologia usada contempla o “Limite histórico”, o “Valor cultural”, os “Exemplares raros e/ou valiosos”, as “peças raras e/ou valiosas” e os “formatos” das edições. A partir desses critérios adotados pela BCE, os livros da SCBB constituem acervo raro a partir do item 1.2 que trata do “Valor cultural”, que identifica para a composição das obras raras as “Edições limitadas, esgotadas, especiais e fac similares”, as “Obras ilustradas por artistas de renome ou pelos próprios autores” e as “Encadernações de luxo, curiosas ou exóticas”. O item 1.3 que trata dos “Exemplares raros e/ou valiosos” também menciona características identificáveis nos livros da SCBB, que se referem à tiragem limitada e sobre o uso de materiais especiais na confecção dos exemplares. Também no item 1.4 há um critério que realça as obras que possuam gravuras, caso dos exemplares da SCBB.

A documentação referente à aquisição dos acervos particulares dos quatro bibliófilos que formam a coleção da SCBB da BCE apresenta algumas referências sobre a aquisição de acervo raro. Fonseca (1973), como exposto anteriormente, mencionou a aquisição de obras para compor o acervo raro da BCE, em 1963. Esse autor também destacou o interesse da BCE em formar um acervo com obras da coleção Brasiliana descrita na *Bibliographia Brasíliana* por Rubens Borba de Moraes . Em 1963, também foi adquirido o acervo de Ricardo Xavier da Silveira, inclusive os exemplares da SCBB, foram destacados como uma raridade. Mas Fonseca não mencionou os critérios de raridade usados pela BCE.

Sobra a aquisição dos livros da SCBB de Carlos Lacerda, a documentação referente à negociação já destacava a raridade dessa coleção. A coleção da SCBB foi apresentada em meio a obras antigas, grande parte do século XIX, muitas dessas obras também fazem parte da coleção Brasiliana, um dos grandes interesses da BCE. Esse parecer sobre a compra da biblioteca de Carlos Lacerda contou com a colaboração de Edson Nery da Fonseca, que

conhecia o interesse de Darcy Ribeiro em construir uma coleção Brasileira nessa Biblioteca (FONSECA, 1973).

A biblioteca particular de Pedro Nava foi avaliada por Aristides Pacheco Leão e por José Mindlin, esse documento de avaliação destacou como “obras especialmente valiosas” os exemplares *Menino de Engenho* e *Macunaíma*, ambos publicados pela SCBB. As demais obras dessa Sociedade também foram realçadas como valiosas (LEÃO; MINDLIN, 1984; ANEXO AK).

#### **4.2.2 Levantamentos periódicos dos exemplares da Sociedade dos Cem Bibliófilos da BCE**

Para traçar a trajetória dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da BCE também foram consultadas listagens referentes aos levantamento periódico das obras de Arte que formam o conjuntos do patrimônio artístico e cultural da Universidade de Brasília.

Um dos primeiros inventários desse tipo foi realizado em 1997, esse trabalho serviu de referência para os levantamentos posteriormente realizados pela UnB. Apesar de esse levantamento não ter sido publicado, foram encontrados registros dele no acervo da Casa de Cultura da América Latina. O texto de apresentação – elaborado pelo então reitor da UnB, João Cláudio Todorov – mencionou a necessidade de preservar o acervo dessa Universidade a partir do conhecimento das condições de guarda, conservação e exposição das obras. As unidades da UnB consultadas foram: a Biblioteca Central da UnB – BCE; o Centro de Documentação da UnB – CEDOC; a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU; o Gabinete do Reitor e o Serviço de Patrimônio Imobiliário – PAT (PATRIMÔNIO ARTÍSTICO da UnB, 1997; ANEXO AO).

No período em que esse catálogo foi realizado, as Obras Raras da BCE era chefiada pela bibliotecária Clarimar Almeida do Valle. Segundo Simas (1997), presidente do grupo de trabalho que organizou o catálogo do *Patrimônio Artístico da UnB*, a intenção do grupo era:

Consideramos de grande importância para a UnB ter seu patrimônio levantado, registrado e analisadas as condições para guarda e restauro quando necessário e, por ser uma Universidade ainda nova, permite o resgate, ainda que oral, de informações que acabariam se perdendo com o tempo.

[...]

O grupo de trabalho teve como primeira ação, a de promover contato com todas as unidades da Universidade, através de questionário apropriado, a fim de se colocar os primeiros dados.

Essa ação começou por se desencadear um processo rico, mas difícil, de construção, localização, reconhecimento e histórias dos objetos que, quando devidamente registrados, passarão a constituir o patrimônio cultural da UnB. Patrimônio este que deve ser preservado

atentamente, pois contém a memória coletiva de todos os que ajudaram a construir e os que continuam fazendo-a crescer, e nos ajudará a compreender através das imagens e dos objetos essa rede mais intimista de sua história (SIMAS, Renée Gunsburger. In: PATRIMÔNIO ARTÍSTICO da UnB, 1997; ANEXO AO).

Nesse catálogo do *Patrimônio Artístico da UnB*, as obras da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil foram organizadas dentro da seção dedicada às gravuras, em uma subseção intitulada “Gravuras – álbuns e livros”. As informações desse catálogo enfatizaram as gravuras da SCBB, apresentando o artista ilustrador, a quantidade de gravuras, assim como a especificação da técnica da gravura e a presença de obras excedentes adquiridas pelos bibliófilos que formam a coleção da BCE.

**Quadro 5** – Dados dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Patrimônio Artístico da UnB, Universidade de Brasília, 1997.

<b>Artista</b>	<b>Obras</b>	<b>Gravuras</b>	<b>Obras excedentes (desenhos e provas de estado das gravuras)</b>
ABRAMO, Lívio	Pelo Sertão	27 xilogravuras	- 6 provas de gravuras; - 2 desenhos
BABINSKI, Maciej	Cadernos de João	24 águas-fortes	- sem obras excedentes
BIANCO, Enrico	O caçador de esmeraldas	51 gravuras com buril	- 2 gravuras excedentes assinadas pelo artista
CAMARGO, Iberê	O rebelde	29 águas-tintas	- sem obras excedentes
CARYBÉ, Héctor	Macunaíma	42 águas-fortes	- sem obras excedentes
CRAVO Jr., Mário	O compadre de Ogum	10 águas-fortes	- sem obras excedentes
DAREL, Valença Lins	Memórias de um sargento de milícias (2 v.)	69 águas-fortes coloridas à mão	- sem obras excedentes
DAREL, Valença Lins	Poranduba Amazonense	23 águas-fortes e buril	- sem obras excedentes
Di Cavalcanti	A morte e a morte de Quincas Berro D'água	6 gravuras	- sem obras excedentes
DIAS, Cícero	Ciclo da Moura	13 águas-fortes e águas-tintas	- sem obras excedentes
DJANIRA da Mota e Silva	Campo Geral	38 desenhos coloridos de Djanira gravados por Darel em cobre e as cores em linóleo	- sem obras excedentes
FARIA, Heloísa de	Bugrinha	25 litogravuras	- sem obras excedentes
GRACIANO, Clóvis	Luzia homem	33 águas-fortes	- sem obras excedentes
GRASSMANN, Marcelo	Bestiário	46 xilogravuras	- sem obras excedentes

MARTINS, Aldemir	Passárgada	38 gravuras em metal	- sem obras excedentes
PONS, Isabel	Hino Nacional	6 águas-fortes	- sem obras excedentes
PORTINARI, Cândido	Memorias Posthumas de Braz Cubas	7 águas-fortes	- 1 desenho
PORTINARI, Cândido	Menino de Engenho	32 gravuras	- sem obras excedentes
POTY, Napoleon P. Lazzarotto	4 Contos	12 pontas-secas e águas-fortes	- sem obras excedentes
POTY, Napoleon P. Lazzarotto	Canudos	32 águas-fortes	- sem obras excedentes
SANTA ROSA, Tomás	Espumas Flutuantes	4 águas-fortes	- 6 desenhos
SUED, Eduardo	As aparições	12 águas-fortes e águas-tintas	- sem obras excedentes

Fonte: PATRIMÔNIO ARTÍSTICO da UnB, 1997; ANEXO AO.

O catálogo não indicou dados mais específicos sobre qual o exemplar consultado, a que bibliófilo pertenceram os livros e nem mencionou a existência de outros exemplares na coleção da SCBB da BCE. Provavelmente o que interessava a esse catálogo era a identificação das obras e dos artistas que formavam o patrimônio da Universidade.

Esse catálogo mencionou outros livros das Obras Raras da BCE que contêm gravuras originais, caso da obra *Das cabras*, de Glauber Rocha (1939-1981), ilustrada com xilogravuras de José Júlio Calasans Neto (1932-2006), publicada pela editora Artes Gráficas, em 1968. Também foi apresentada a obra *O rio: ou relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife*, de João Cabral de Mello Neto, edição ilustrada por Fayga Ostrower (1920-2001) com quatro serigrafias, publicada pela Editora Fontana, em 1974. As obras da SCBB da BCE ocuparam grande parte da subseção “Gravuras – álbuns e livros” e dos 30 artistas listados, 20 foram ilustradores dos livros da SCBB.

O texto de apresentação do *Patrimônio Artístico da UnB* não mencionou se houve o interesse em mapear e descrever todas as obras de Arte da UnB. Existia, entretanto, a intenção de que o trabalho fosse um ponto de partida para futuros inventários.

Passados mais de dez anos após a realização do catálogo do *Patrimônio Artístico da UnB*, entre os anos de 2006 e 2007 foi elaborado outro inventário dos bens culturais da UnB. O documento intitulado *Relatório: atualização do Catálogo de Bens culturais da Universidade de Brasília* é, de um modo geral, mais abrangente, contemplando novos setores da UnB. Esse relatório mencionou a publicação anterior, de 1997, e descreveu como foram feitos os levantamentos das obras:

Todos os setores foram visitados para a coleta dos dados das obras. A catalogação das obras contém informações técnicas segundo normas existentes para esse tipo de acervo: nome do autor; nome da obra; local e da de execução; dimensões; localização; forma de aquisição; tombamento – documentação e número de patrimônio; estado de conservação e informações complementares (RELATÓRIO: ATUALIZAÇÃO dos bens culturais da universidade de Brasília, 2006/2007; ANEXO AP).

Esse *Relatório* situou agora as obras da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil na categoria “Álbuns e Livros” e acrescentou mais dados em relação ao levantamento realizado em 1997. Na publicação mais recente, alguns elementos como a identificação do bibliófilo a quem pertenceu o livro, a quantidade de exemplares, a tiragem e a ordem de publicação dos livros pela SCBB foram acrescentados.

O *Relatório* também dedicou um campo exclusivo para essas obras da SCBB, da mesma forma que o levantamento de 1997.

Outro levantamento dos livros da SCBB da BCE foi realizado pela produção da exposição *Imagem e palavra: as publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil*, que aconteceu em 2005, na Casa de Cultura da América Latina<sup>59</sup>. O conteúdo desse mapeamento identificou algumas características dos livros da SCBB, tais como: título, ilustrador, ano de publicação, dimensão e numeração do exemplar. Nesse mapeamento também constavam a quantidade de exemplares que estavam no acervo da BCE, a que bibliófilo pertenceu o livro e se havia desenhos e/ou gravuras excedentes adquiridas pelos bibliófilos (ANEXO AP). O levantamento realizado pela produção dessa exposição apresentou alguns desconpassos em relação ao levantamento dos livros da SCBB da BCE realizado nesta dissertação: há somente um exemplar das obras *Hino nacional brasileiro*, *Macunaíma* e *Memórias de um sargento de milícias* mapeados na documentação referente à exposição da CAL, enquanto que recentemente foram encontrados dois exemplares dessas obras no acervo de Obras Raras da BCE.

Esses relatórios periódicos contribuíram para traçar a trajetória da coleção de livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, eles também podem indicar a relevância dessa coleção no acervo da BCE e para a Universidade de Brasília.

---

<sup>59</sup> Essa exposição será abordada na terceira fase que trata das exposições e consultas dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil do acervo de Obras Raras da BCE.

### **4.2.3 Notas sobre o estado de conservação da coleção de livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da BCE**

O estado de conservação dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos da BCE também pode contribuir com a trajetória dessa coleção, pois ajudam a indicar a forma com que essas obras foram armazenadas no Acervo de Obras Raras e também como os livros eram conservados por seus antigos proprietários.

Atualmente, o acervo de Obras Raras está situado no andar superior do prédio da Biblioteca Central. A coleção de Obras Raras conta com os seguintes equipamentos para a preservação de seu acervo:

A coleção possui controle de umidade e de temperatura, com um sistema de ar condicionado central. Também conta com três termohigrômetros digitais, instalados em pontos estratégicos do acervo, dois desumidificadores e um termômetro de mercúrio. A seção ainda possui um psicômetro, um hidrotérmografo e um phâmetro, no entanto esses equipamentos não estão sendo utilizados e necessitam de manutenção.

Com relação a um programa de restauração para as obras da instituição, o respondente afirmou que está em processo de implantação um projeto para criação de um laboratório de restauração completo dentro da própria biblioteca, visto que existe apenas um laboratório pra restauração de obras do acervo geral, não estando apto a restaurar livros raros. Atualmente, as obras da coleção que necessitam de intervenção são enviadas ao CEDOC da Universidade de Brasília, que possui um laboratório adequado (SILVA, 2011, p. 90).

Os livros da SCBB, até o final do ano de 2015, estavam armazenados em uma estante de aço, alguns estavam na posição horizontal e outros na posição vertical – os livros inconsúteis e sem caixa de proteção são guardados na horizontal. A partir do final de 2015 o Setor de Obras Raras foi fechado por tempo indeterminado para a instalação de um arquivo deslizante para um melhor acondicionamento de seu acervo.

Os livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil foram confeccionados, de um modo geral, com materiais de qualidade. Castro Maya e sua equipe editorial se preocupavam com os materiais e com os processos de impressão do texto e das gravuras, aspecto que também pode ser notado em outras sociedades bibliófilas. A qualidade dos materiais usados nos exemplares da SCBB contribui com a conservação, mas esta também se relaciona ao modo como esses livros foram tratados pelos bibliófilos, uma vez que a encadernação pode influenciar a conservação dos exemplares. Outros aspectos também podem contribuir na conservação dos livros da SCBB, são os fatores relacionados ao armazenamento e ao manuseio dessas obras na Seção de Obras Raras.

Existem, portanto, fatores intrínsecos – aqueles que dizem respeito ao material usado na fabricação do objeto – e os fatores extrínsecos – que se referem ao modo como o objeto foi armazenado e manuseado.

Entende-se que as causas principais de deteriorações são ordenadas em intrínsecas e extrínsecas:

- a causa intrínseca está relacionada à produção do papel, como os resíduos na composição da pasta química, como a lignina e cargas, na colagem com alúmen (resina), os ácidos que reagem e destroem aos poucos as cadeias moleculares da celulose, rompendo-as, tornando o papel quebradiço, mesmo com uma simples dobra;
- a causa extrínseca é formada por fatores que representam o meio ambiente, assim como: umidade relativa, temperatura, radiações luminosas, poeira, poluição atmosférica, insetos e roedores, microrganismos, tintas de escrever, manuseio e acondicionamento inadequado, vandalismo, catástrofes (enchentes e incêndios) (GHIZONI; TEIXEIRA, 2012, p. 41).

Nesse sentido, fatores como umidade, temperatura e iluminação (artificial ou natural) contribuem com a conservação dos acervos bibliográficos. Por isso, a forma com que a coleção de livros da SCBB está acondicionada no acervo de Obras Raras da BCE influencia diretamente na preservação desse material (SPINELLI JUNIOR, 1997)<sup>60</sup>.

Como mencionado anteriormente, as correspondências de Castro Maya evidenciam a dificuldade em importar papel de qualidade, próprios para uma impressão refinada de livros. Há uma variedade de papéis usados nos exemplares da SCBB: o *Imperial Japão White Plate Finish*, o papel Japão, *Goatskin Parchment*, *Westerprint*, *Rives Marais*, *Velin Marais*, *Sunray* e o *Arches*.

Grande parte das publicações da SCBB – um total de 19 títulos – foram impressos com *Arches*, *Rives*, *Marais* e *Velin Arches*<sup>61</sup>. Esses papéis são especiais para a impressão de várias técnicas de gravura e são fabricados com fibras obtidas a partir do algodão, são livres de acidez e possuem maior durabilidade que os papéis fabricados a partir da madeira<sup>62</sup> (PASCUAL I MIRÓ; PATIÑO, 2006). O grupo francês *Les Cent Bibliophile*, no qual Castro Maya se inspirou para a criação da SCBB, também usava papéis *Rives*, *Marais* e *Arches*. (MONTEIRO, 2008).

---

<sup>60</sup> A ficha completa com os dados referentes ao estado de conservação da encadernação e do miolo dos livros da SCBB da BCE se encontra no APÊNDICE.

<sup>61</sup> As marcas de papel *Rives* e *Velin Marais* foram incorporados ao grupo *Arjomari*, que também produz o papel *Arches*: In 1953, Johannot d'Annonay joined the Arches and Marais paper mills. Soon after they were joined by Blanchet and Kléber of Rives, giving birth to the Arjomari Group (Arches, Johannot, Marais, and Rives). The Annonay buildings were then sold to Canson & Montgolfier which, twenty years later, would also join Arjomari. (LEGION PAPER. Disponível em: <http://www.legionpaper.com/johannot/> acesso em: 01 jan. 2016).

<sup>62</sup> A qualidade do papel é determinante na longevidade do livro. Por natureza, o papel não é um material inerte; a conservação de papéis de baixa qualidade representa um desafio, e mesmo os melhores papéis requerem tratamento cuidadoso. Os melhores tipos de fibras de celulose, para papéis fortes, duráveis e de alta qualidade, são obtidos de algodão, cânhamo e linho. Porém, no meio editorial comercial, o uso desses papéis há muito tempo foi suplantado pelos papéis a base de madeira. A polpa de madeira produz papéis baratos, convenientes às técnicas de produção industrial de livros desenvolvidas a partir do século XIX. Os papéis mais baratos são feitos com polpa de madeira e não passam por qualquer tratamento químico adicional após o processo mecânico de produção da polpa – é a chamada pasta mecânica. [...] Por sua constituição ácida e reativa, estão sujeitos à deterioração e desbotamento rápidos, sendo a luz particularmente nociva nesse sentido (BALL; DORNING, In: MUSEUMS, LIBRARIES AND ARCHIVES COUNCIL, 2005, p. 159).

Sobre os papéis *Japão White Plate Finish*, *Goatskin Parchment*, *Westerprint*, o papel *Japão* e o *Sunray* não foram encontradas maiores informações. Monteiro (2008) mencionou algumas características dos principais papéis usados na impressão dos livros da SCBB:

Dentre os papéis vindos da França, há uma preferência pelo papel Arches e, depois, do décimo terceiro livro, pelo tipo Velin. Em geral, os papéis possuem textura áspera e fosca e gramatura alta. Hoje encontram-se bastante amarelados e manchados. De acordo com o manuscrito, a gramatura do papel varia entre 180 e 200 g/m<sup>2</sup>. Apenas o último livro, finalizado após a morte de Castro Maya, foi feito com papel diferente dos demais: *Westerprint* (MONTEIRO, 2008, p. 164).

Esta pesquisa se desenvolveu a partir de um levantamento detalhado de todos os livros da SCBB da BCE, que foram organizados em um ficha com dados referentes ao estado de conservação dessas obras. A partir desse mapeamento foram identificados alguns danos ao papel que se repetiam em boa parte dessa coleção. Os tipos mais comuns de deterioração encontrados nos exemplares da BCE foram o amarelecimento e o *foxing*.

Entende-se por amarelecimento do papel:

O amarelecimento do papel pode ter várias causas, entre elas, a acidez ou a ação da luz. A acidez pode levar ao amarelecimento ou ao escurecimento do papel, embora não seja deterioração mais grave causada por este agente. A fragilidade que provoca no papel, se não for desacidificado pode levar à sua total destruição. A luz, um dos principais agentes de deterioração do papel, catalisa e favorece processos de oxidação, tanto mais acentuados quanto maior for a quantidade de lignina contida no papel, o que provoca o seu amarelecimento (PASCUAL I MIRÓ; PATIÑO, 2006, p. 30).

Entende-se por *foxing*:

O *foxing* é uma deterioração que se caracteriza pelo aparecimento de inúmeras manchas castanhas no papel. Desconhece-se a origem e os agentes que participam do seu desenvolvimento. Alguns investigadores pensam tratar-se de um microorganismo, mas outros defendem que se deve ao processo de oxidação das impurezas metálicas contidas no papel. Esta deterioração aparece principalmente sobre os papéis em contacto com os materiais e suportes ácidos como as obras emolduradas com cartolinas ou papéis impróprios para a conservação (PASCUAL I MIRÓ; PATIÑO, 2006, p. 31).

Outros danos presentes no papel com que foram feitas as obras da SCBB advém do amarelecimento e da acidez. É o caso dos exemplares que apresentam muitas manchas e daqueles que tem bordas fragilizadas. Também foram identificadas outros danos nos papéis dessa coleção, tais como: sujidades, rasgos, dobras, entre outros.

Exemplo de *foxing* nos livros da SCBB da BCE (Fig. 18):



**Figura 18** – REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. Ilustração: PORTINARI, Cândido. Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 1959. Exemplar N° 17 Pedro Nava. (Detalhe com foxing).



Fonte: Acervo de Obras Raras Biblioteca Central – BCE/UnB. Foto: Da autora.

Exemplo de amarelecimento causado pela acidez nos livros da SCBB da BCE (Fig. 19):

**Figura 19** – ASSIS, Machado. *Memorias posthumas de Braz Cubas*. Ilustração: PORTINARI, Cândido. Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 1944. Exemplar N° 35 Themístocles Marcodes Ferreira comprado por Carlos Lacerda. (Detalhe do corte com amarelecimento).



Fonte: Acervo de Obras Raras Biblioteca Central – BCE/UnB. Foto: Da autora.

Para esta dissertação, também foram observados todos os exemplares da coleção do SCBB que pertenceram à Castro Maya que hoje estão na biblioteca do *Museu Chácara do Céu*, no Rio de Janeiro. A coleção de Castro Maya e a que está guardada no acervo da BCE apresentam alguns tipos semelhantes de deterioração dos papéis, ambas apresentam amarelecimento e *foxing*. (Fig. 20). Monteiro (2008) já havia mencionado que a coleção de Castro Maya apresentava “manchas amareladas”.

**Figura 20** – HINO NACIONAL brasileiro. Ilustração: PONS, Isabel, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil,exemplar nº 2 Castro Maya, 1968. (Detalhe com *foxing*).



Fonte: Biblioteca *Museu Chácara do Céu* – Rio de Janeiro. Foto: Da autora.

Outro dano muito comum nos livros da SCBB da BCE é a migração, que se caracteriza pela “transferência da acidez de um material ácido para outro não ácido (ou com grau menor de acidez), quando os dois materiais estão juntos” (SPINELLI JÚNIOR, 1997, p. 77). No caso dos livros da SCBB, a migração ocorre principalmente nas páginas em que estão impressas as gravuras. Nessa coleção, muitas gravuras não contém folha de proteção, cuja finalidade é de salvaguardar a imagem e contribuir com a conservação do livro.

Documentos, gravuras, etc. Nunca devem ser colocados diretamente uns sobre os outros sem uma proteção. Recomenda-se o uso de algum papel neutro de baixa gramatura para separá-las, pois os aditivos químicos de um poderão atingir o outro pelo efeito de migração (SPINELLI JÚNIOR, 1997, p. 33).

Exemplo de migração nas obras da SCBB da BCE (Fig 21):

**Figura 21** – ARINOS, Afonso. *Pelo Sertão*. Ilustração: ABRAMO, Lívio. Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Exemplar N° 13 Ricardo Xavier da Silveira, 1946. (Exemplo de migração da gravura para a página seguinte).



Fonte: Acervo de Obras Raras Biblioteca Central – BCE/UnB. Foto: Da autora.

Também é comum encontrar livros da SCBB da BCE folhas de proteção com altos níveis de acidez, muitas vezes essas folhas foram encadernadas junto com o livro e há também casos em que essas folhas de proteção estão soltas nos exemplares inconsúteis. Nesse último caso, as folhas apresentam também dobras, rasgos e desgastes nas bordas (Fig. 22).

**Figura 22** – ALMEIDA, Manuel Antônio. *Memórias de um sargento de milícias*. Ilustração: LINS, Darel. Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Exemplar N° 13 Ricardo Xavier da Silveira, 1956. (Detalhe da folha de proteção com acidez).



Fonte: Acervo de Obras Raras Biblioteca Central – BCE/UnB. Foto: Da autora.

A ausência de encadernação de alguns exemplares da coleção da BCE pode ocasionar risco à integridade desses livros. Como exposto anteriormente, a produção da SCBB entregava os livros impressos em folhas soltas aos bibliófilos. Como no modelo francês, o bibliófilo encadernava de acordo com seu gosto. O que se verifica na coleção da BCE são muitos exemplares inconsúteis, boa parte deles apresenta uma sobretracapa de proteção, mas não há nenhum tipo de invólucro que evite a perda de páginas, assim como outras formas de danos. A ausência de encadernação pode ocasionar risco à integridade desses livros, considerando que uma das principais funções da encadernação é protegê-los:

[...] distintos processos de junção e guarda de documentos foram criados ao longo da história com o intuito de preservá-los, sendo a encadernação um método criado para proteger determinados tipos de suporte (GONÇALVES, 2008, p. 16).

Nos volumes da SCBB da BCE que foram encadernados, há diversos tipos de danos que podem estar relacionados ao tipo de material usado na fabricação, assim como pela qualidade do trabalho do encadernador. Os materiais usados nas encadernações são variados, alguns livros receberam capas de couro, outros foram confeccionados com tecidos sintéticos e há também volumes com capas de papel comercial comum ou de papel marmorizado.

Os danos mais comuns nas obras da SCBB que foram encadernadas em couro são: desgastes na lombada, descoloração, pequenos rasgos e bordas fragilizadas. Há também os danos mais graves, que comprometem a estrutura da encadernação, que é o caso das lombadas parcialmente soltas, como na Figura 23 abaixo:

**Figura 23** – ARINOS, Afonso. *Pelo Sertão*. Ilustração: ABRAMO, Lívio. Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Exemplar Nº 13 Ricardo Xavier da Silveira, 1946 (Detalhe dos danos à encadernação de couro).



Fonte: Acervo de Obras Raras Biblioteca Central – BCE/UnB. Foto: Da autora.

As encadernações de tecido e de papel também apresentam desgastes, os mais comuns são: descoloração, sujidades, manchas, bordas fragilizadas, lombadas rasgadas, rasgos e perdas de partes da capa. Caso da Figura 24 abaixo:

**Figura 24** – SOUZA, Inglez de. *O rebelde*. Ilustração: CAMARGO, Iberê. Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Exemplar Nº 13 Ricardo Xavier da Silveira, 1946 (detalhe dos danos à encadernação de tecido).



Fonte: Acervo de Obras Raras Biblioteca Central – BCE/UnB. Foto: Da autora.

A partir da observação do estado de conservação dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil no acervo de Obras Raras da BCE, algumas medidas podem ser tomadas a fim de resguardar esse acervo. Os principais danos detectados estão relacionados ao excesso de acidez do papel – amarelecimento, foxing, migração – e também existem os danos ligados à encadernação ou à falta de encapamento de alguns volumes.

Em relação ao acúmulo de acidez nas obras da SCBB, somente uma análise detalhada de um especialista da área de conservação e da restauração poderia elaborar um diagnóstico preciso, porém, algumas medidas podem ser aconselhadas. De acordo com alguns parâmetros recomendados pela Biblioteca Nacional – RJ, o controle da umidade e temperatura dos documentos em papel ou em suportes similares pode contribuir com a conservação desse material:

há uma estreita relação entre a longevidade dos suportes da escrita, quer sejam em papel, pergaminho ou outros materiais, e as condições climáticas do ambiente onde se encontram. O controle racional e sistemático de condições ambientais não reduz apenas os problemas de degradação, mas também e principalmente evita seu agravamento (SPINELLI JUNIOR, 1997, p. 19).

A migração, dano presente em alguns exemplares da SCBB, pode ser tratada a partir do entrefolhamento com papel neutro ou alcalino. Isso evitaria o agravamento da migração da tinta das gravuras para as páginas adjacentes e contribuiria com o resguardo da obra.

Outro tipo de deterioração presente em alguns exemplares da BCE ocorre com a encadernação, são desgastes ou rompimentos parciais da lombada e/ou descolorações nas extremidades das capas. Esses danos podem ser amenizados a partir de alguns cuidados, dentre os quais a proteção dos exemplares em invólucros:

As encadernações de papel e de tecido não devem ser armazenadas em contato direto com as de couro. A acidez e os óleos que estão no couro migram para o papel e o tecido, acelerando sua deterioração. Além disso, o couro deteriorado se transforma em uma substância poeirenta, que acaba por sujar o papel e o tecido. Sempre que possível, os livros devem estar protegidos em caixas, para evitar esses problemas (CONSERVAÇÃO PREVENTIVA EM BIBLIOTECAS E ARQUIVOS, 2001, p. 7).

Outra alternativa para os livros encadernados é a proteção com as “jaquetas de poliéster”:

As jaquetas transparentes para livros, feitas de películas de poliéster, oferecem inúmeros benefícios:

- a) protegem a capa da poeira e da abrasão causada pelo manuseio e pela colocação do livro na prateleira;
- b) se a capa de couro apresenta deterioração sob forma de pó vermelho, as jaquetas retêm esse resíduo, de maneira que não atinja os livros vizinhos;
- c) eviam possíveis danos causados por adesivos, uma vez que as etiquetas podem ser fixadas na jaqueta, e não diretamente na lombada do livro; (CONSERVAÇÃO PREVENTIVA EM BIBLIOTECAS E ARQUIVOS, 2001, p. 25)

Finalmente, para os livros inconsúteis recomenda-se a proteção desse material em caixas ou envelopes especialmente confeccionados, respeitando as dimensões dos livros da coleção da SCBB da BCE:

Para o acondicionamento são recomendadas tanto caixas de cartão rígido com lombadas articulada e fechamento por encaixe (drop-spine box) como as caixas de cartão rígido, em forma de cruz (phase box). As caixas com lombada articulada são preferíveis porque proporcionam melhor suporte e mantêm os livros mais limpos (CONSERVAÇÃO PREVENTIVA EM BIBLIOTECAS E ARQUIVOS, 2001, p. 8)

Essas recomendações visam a conservação das obras da Sociedade dos Cem Bibliófilos da BCE. Procedimentos mais invasivos, como a restauração desses livros, devem considerar suas características essenciais de serem livros de arte. As intervenções, portanto, devem respeitar o interior dos volumes encadernados – nos quais constam gravuras e desenhos excedentes – bem como as encadernações feitas pelos bibliófilos detentores dessa coleção.

#### 4.3 Terceira fase: exposição e consulta dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil do acervo de Obras Raras da BCE

A terceira fase para o estudo dos objetos das coleções foi caracterizada por Alberti (2005) como momento das consultas e das exposições dos artefatos. Essa fase considera a relação do público com os objetos, ou seja, diz respeito à apropriação e às interpretações que são construídas a partir dos objetos.

The meanings of an object varied not only over time and space but also according to who was viewing it. That is to say, an object on display had relationships not only with other items and with its collectors and curators but also with its audiences. Viewers observed and reacted to the object, and these responses (and their traces) are symptoms of the relationship between thing and observer. This relationship is historically and culturally contingent, but it is never one-way. However didactic and interpreted an exhibition, responses were a combination of that which was elicited by the display and that which came from within the visitor—things remembered and felt (ALBERTI, 2005, p. 569)<sup>63</sup>.

Nessa terceira fase de análise serão apresentadas as exposições em que essa coleção foi exibida e os usuários que a consultaram no acervo de obras raras da BCE.

Em relação às publicações e ao plano de acesso às Obras Raras da BCE como um todo, Silva (2011, p. 92) afirmou:

[...] Com relação a um catálogo de obras raras, a biblioteca ainda não possui nenhum publicado. Já houve uma tentativa, no entanto não foi possível acertar com uma editora. No entanto, existem planos para a publicação de um, segundo o bibliotecário.

A Biblioteca já realizou um inventário do acervo em 2006 e no momento está tendo início um novo inventário, que inclusive poderá fornecer dados para aprimoramento da identificação das obras raras para um possível catálogo.

Com relação a importância das obras raras dentro da instituição, segundo Raphael Greenhalgh, embora exista o interesse de mostrar a coleção ao público, ela sofre com a falta de aplicação de medidas que contribuam para o seu fortalecimento. Atualmente, segundo o respondente, não há mais a compra de materiais que já houve no passado e existem dificuldades em implantar um processo de digitalização exclusivamente para as obras raras.

No que se refere às consultas ao acervo de Obras Raras da BCE, Greenhalgh em entrevista à Silva (2011) pontuou uma média de 60 visitas por ano. Segundo as normas da BCE podem ter acesso às obras raras:

a comunidade acadêmica, mas também é permitida à comunidade externa, desde que justificada. [...] O usuário pode consultar o máximo de três livros por vez. Caso deseje mais obras deve devolver as anteriores para ter acesso a mais obras. São entregues máscaras e luvas para que ele efetue a consulta. Também são apresentadas recomendações de manuseio das

---

<sup>63</sup> O significado de um objeto variou não apenas com o tempo e com o espaço, mas também de acordo com quem o via. Isso significa que um objeto em exposição tinha relações não apenas com outros itens e com seus colecionadores e curadores, mas também com as suas audiências. Espectadores observaram e reagiram ao objeto, e essas respostas (e seus traços) são sintomas de um relacionamento entre a coisa e o observador. Essa relação é histórica e culturalmente contingente, mas nunca de uma mão só. Independente do quão didática e interpretativa seja uma exposição, as respostas são uma combinação daquilo que é evocado pela montagem e daquilo que vem de dentro do visitante – coisas lembradas e sentidas (ALBERTI, 2005, p. 569, tradução nossa).

obras. A consulta é local, não sendo permitido empréstimo sob nenhuma circunstância (SILVA, 2011, p. 91).

Acerca dos acessos às obras da SCBB pelos usuários da BCE, serão apresentados os dados obtidos a partir de 2008 até o final de 2015 (Quadro 6). Antes de 2008 não foi possível encontrar registros dos acessos às obras da SCBB nos arquivos do Setor de Obras Raras. Esse quadro mostra a identificação do usuário, a data de acesso, a discriminação dos exemplares da SCBB pesquisados e a finalidade da consulta. A motivação da pesquisa desses usuários também pode sinalizar como os livros da SCBB da BCE foram estudados e apropriados pelo público.

**Quadro 6** – Registros dos acessos aos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil do acervo das Obras Raras da BCE

<b>Usuário</b>	<b>Data de Acesso</b>	<b>Volumes consultados</b>	<b>Motivação</b>
Usuário A <sup>64</sup>	14/08/2008	10 volumes	Pesquisa acadêmica
Usuário B	20/05/2009	5 livros	“apreciação das gravuras”
Usuário C	13/10/2010	1 livro	“curiosidade”
Usuário D	13/04/2011	Não há informações acerca da quantidade de livros consultada.	Produção de matéria sobre a SCBB para jornal ou revista.
Maria de Fátima Medeiros de Souza	De 08/05 a 15/09/2015	Todos os exemplares da coleção.	Pesquisa de mestrado

Fonte: arquivo das Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Certamente, os livros da SCBB foram mais visitados do que se tem documentado no arquivo do Acervo de Obras Raras da BCE. Os acessos que ocorreram no período de produção do catálogo *Acervo de Arte: Universidade de Brasília* (2014), por exemplo, não foram registrados. Provavelmente, uma das contribuições desta pesquisa seja a de tornar mais visível e contribuir com a divulgação dos livros da SCBB a fim de incentivar mais visitas à essa coleção.

A seção de Obras Raras da BCE também recebe todos os semestres as turmas de Biblioteconomia que cursam o *Estágio Supervisionado I*, disciplina em que os alunos entram em contato com os vários setores da Biblioteca, entre eles o das Obras Raras. Segundo Raphael Greenhalgh, chefe da Seção de Obras Raras da BCE, para essas turmas são separadas obras representativas do acervo, dentre elas alguns exemplares da SCBB. Outros cursos da

<sup>64</sup> A identificação dos usuários foi ocultada.



UnB também visitam as Obras Raras, o setor recebeu seis turmas no decorrer do ano de 2015 e, assim como para os alunos da Biblioteconomia, Greenhalgh mostrou os livros da SCBB<sup>65</sup>.

Há também um documento que registra uma demanda particular pela coleção de livros que pertenceu a Carlos Lacerda e por livros raros, em geral. Esse documento, contudo, não faz menção à existência de uma demanda específica pelo acervo da SCBB.

O acervo de Carlos Lacerda é muito utilizado. As obras comuns que fazem parte do acervo geral da BCE são de livre acesso e o uso está diretamente relacionado ao assunto da obra. As Obras Raras que passaram a fazer parte da Coleção de Obras Raras da Biblioteca também ficam à disposição dos interessados, sendo facultada somente à consulta. Aos visitantes da Seção de Obras Raras são, normalmente, mostrados exemplares da coleção que pertenceram a Carlos Lacerda (VALLE, 2 out. 1995; ANEXO AI).

Em relação às exposições organizadas com os livros da SCBB da BCE, consta o registro de quatro grandes mostras: *O livro ilustrado brasileiro* (1991), organizada no Museu do Livro de Haia, Holanda; *O livro de Arte Brasileiro - Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil*, no Espaço Cultural do Instituto de Artes/UnB (1993); *O livro de Arte Brasileiro - Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil* no Museu de Arte de Brasília (1994) e a exposição *Imagem e palavra: as publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil*, que ocorreu na Casa de Cultura da América Latina (2005). O Setor de Obras Raras também organiza periodicamente pequenas exposições com as obras de seu acervo, muitas das quais apresentaram os volumes da SCBB.

Acerca das exposições do Espaço Cultural do Instituto de Artes e do Museu de Arte de Brasília não foram encontrados os catálogos até a finalização desta pesquisa. Barrios (2008) mencionou essas exposições em seu artigo que tratou da coleção da SCBB da BCE:

[...] organizei no Espaço Cultural do Instituto de Artes/UnB em 1993, para a qual fiz uma curadoria e convidei especialistas em livros de arte, como a professora Catarina Helena Knychala para participar do projeto com uma palestra (BARRIOS, 2008, p. 786).

Posteriormente, após ter visitado a exposição, um dos pioneiros do design brasileiro, Rogério Duarte, convidou-me para levar a exposição para o Museu de Arte de Brasília, da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, onde foi montada em 1994 uma grande exposição com todas as edições realizadas pela Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Em 2005, sendo coordenador de Artes Visuais da Casa da Cultura da América Latina organizei novamente outra mostra com as edições dos Cem Bibliófilos do Brasil com palestras de vários especialistas da área de literatura (BARRIOS, 2008, p. 787).

A exposição que ocorreu no Instituto de Artes, em 1993, e que depois foi reapresentada no Museu de Arte de Brasília, em 1994, recebeu a curadoria de Vicente Martinez, professor do Instituto de Artes da UnB. Na mostra de 1993, além da palestra com a professora de Biblioteconomia da UnB, Catarina Knychala, também foi organizada uma visita

---

<sup>65</sup> Dados colhidos a partir de entrevista com o Chefe das Obras Raras Raphael Greenhalgh, 03 nov. 2015.

guiada com a artista Marília Rodrigues (1937-2009), que era especialista em gravura e que também foi professora do Instituto de Artes da UnB.

Para o estudo das exposições da coleção da SCBB, foram identificados os catálogos de *O livro ilustrado brasileiro* e da mostra *Imagem e palavra: as publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil*. Os catálogos das exposições, como destacou Alberti (2005), podem servir de referência para estudos de aspectos da relação do público com os objetos das coleções. Os catálogos oferecem informações que podem guiar essas apreciações e essas interpretações.

#### **4.3.1 Exposição *O livro de Arte brasileiro***

A exposição *O livro de Arte brasileiro* aconteceu no Museu do Livro de Haia, na Holanda, em 1991. Essa mostra foi organizada pela Ministério das Relações Exteriores do Brasil em parceria com a Universidade de Leiden e com o Museu do Livro de Haia.

O Museu do Livro de Haia foi um dos primeiros espaços do mundo a se dedicar à história do livro e também é considerado o maior museu com essa temática. O acervo desse Museu é amplo e compreende a produção de livros que vai do século VI até obras contemporâneas<sup>66</sup>. A exposição *O livro de Arte brasileiro* foi a primeira mostra a apresentar livros brasileiros no Museu do Livro de Haia:

Com a exposição ‘O livro de Arte brasileiro’ será exibida pela primeira vez, neste Museu, uma coleção sul-americana.

Apesar de conhecermos os livros que se publicaram, no século XVII, sobre o Brasil nos Países Baixos, na época de Maurício de Nassau, os livros editados e ilustrados no Brasil atualmente nos são desconhecidos (KNYCHALA, 1991, p. 7).

O catálogo dessa exposição foi produzido na Holanda e contém textos da pesquisadora holandesa Marianne L. Wiesebron<sup>67</sup>; de Catarina Knychala, professora aposentada do curso de biblioteconomia da UnB; do bibliófilo, José Mindlin e do historiador, Leonardo Dantas da Silva.

Os textos, em geral, apresentaram a história do livro brasileiro como um todo, abrangendo impressos comerciais e de arte. Wiesebron, por exemplo, apresentou um panorama geral sobre a história do livro brasileiro, desde o período de dominação portuguesa,

---

<sup>66</sup>Disponível em: <http://www.meermann.nl/>, acesso em: 26 dez. 2015.

<sup>67</sup> Fonte: <http://www.universiteitleiden.nl/en/staffmembers/marianne-wiesebron>, acessado em: 26 dez. 2015.

passando pelos principais editores e tipógrafos do século XIX até as principais editoras brasileiras do século XX. O texto de Knychala parte de sua pesquisa de mestrado sobre o livro de arte brasileiro, na qual tratou do livro ilustrado desde os primeiros impressos, ainda no Brasil colônia até aspectos do livro de arte que foi produzido até meados de 1980. Knychala enfatizou a coleção de livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil para a difusão da gravura brasileira, também mencionou edições de tipografias artesanais, tratou das obras luxuosas de grandes editoras, como a *José Olympio*, entre outros aspectos da produção nacional. O texto de José Mindlin tratou da bibliofilia e dos aspectos materiais do livro que o levam a ser colecionado, destacando as características dos livros raros. O texto do historiador Leonardo Dantas Silva abordou a ocupação holandesa do século XVII e as missões científicas empreendidas por Maurício de Nassal no Brasil. Outros dois textos, de Marianne L. Wiesebron e de Leonardo Dantas Silva, trataram dos livros da literatura de cordel brasileira. Todos os textos desse Catálogo apresentam uma versão em português e em holandês.

Knychala apresentou os critérios de escolha dos livros que formaram essa exposição, que abrangeu 250 volumes de diferentes períodos e estilos.

Neste catálogo da Exposição do Livro Ilustrado Brasileiro optamos pelo arranjo alfabético dos títulos dos livros, pois estes são vistos aqui não só pelo texto, mas considerados como um todo, o livro-objeto, no presente caso, ilustrado. Muitos deles tem sua importância pelas ilustrações ou a partir delas se processaram; outros buscam na escrita apenas uma oportunidade para a criação de imagens visuais.

Sentimos muito não poder citar todos os bons ilustradores brasileiros e deixar de lado alguns escritores importantes que tiveram sua obra ilustrada. Procuramos fazer uma seleção dentre os melhores livros, mas alguns se encontraram em coleções inacessíveis. Incluímos apenas livros não-técnicos e não-didáticos e demos a preferência àqueles ilustrados por brasileiros natos ou naturalizados. Foram enfatizadas as realizações contemporâneas, mas incluímos obras importantes do início deste século e outras ilustradas por artistas europeus do século XIX, que compõem importantes fases da história do livro brasileiro. Não podíamos deixar de lado o folheto de cordel que, na maioria, traz a capa ilustrada. E nem também os livros ilustrados para crianças, os quais atingiram, entre nós, um alto nível artístico e estão muito bem representados na mostra (KNYCHALA, 1991, p. 89).

As obras selecionadas para participar da exposição *O livro de Arte brasileiro* formam um conjunto que compreende diversos períodos de produção nacional de livro de arte. Como destacado por Knychala, a intenção dessa mostra foi constituir um panorama geral da produção nacional. Muitas instituições e colecionadores brasileiros cederam seus exemplares para essa mostra, apesar da dificuldade que teve a comissão organizadora para acessar alguns livros, como relatou Knychala. As principais instituições públicas que emprestaram seus exemplares para a exposição foram: a Biblioteca do Itamaraty do Rio de Janeiro, o Ministério das Relações Exteriores e a Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Cederam também

seus exemplares, os colecionadores particulares como Catarina Knychala, Wladimir Murtinho (diplomata brasileiro) e José Mindlin.

A Biblioteca Central da UnB emprestou quatro obras da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil para essa exposição: *Campo Geral e Hino Nacional brasileiro*, que pertenceram a Pedro Nava; *Pelo Sertão* e *O Rebelde*, que pertenceram à Ricardo Xavier da Silveira. Ao todo foram 22 livros da SCBB exibidos nessa exposição, quatro vieram da coleção da BCE e 18 foram emprestados pela Biblioteca do Itamaraty (Rio de Janeiro). O único título da SCBB não exibido foi *O ciclo do Moura*.

Exemplares de outras editoras artesanais também foram mostrados, caso de *Mundo guardado*, de Luiz Delgado, publicado em 1958 pelo grupo *O Gráfico Amador* e também da obra *Poèmes de la nuit*, de Cristóvam Camargo, publicado em 1956 pela editora *Philobiblion*.

A BCE cedeu de seu acervo de Obras Raras um total de 25 obras para a composição da exposição *O livro de Arte brasileiro*. Dessas obras se destacam a edição de *O Alienista*, de Machado de Assis, publicada em 1948 por Castro Maya, ilustrada por Portinari; contando com desenhos e gravuras originais; a obra *Cara e Coroa: oito sátiras sociais*, de Heitor P. Fróes, publicada em 1957, pela *Philobiblion*, possuindo gravuras e desenhos originais de Manuel Segalá e a obra *Cheiro da Terra*, de Caio de Mello Franco, que foi ilustrada por Oswaldo Goeldi e produzida em 1949 pela *Gráfica das Artes S. A.*

Além do mais, figuraram nessa exposição obras relevantes para a história do livro ilustrado, caso do exemplar *Ensaio sobre a crítica*, de 1810, escrita por Alexandre Pope, que se configura como uma das primeiras obras ilustradas publicadas em território nacional. Também foram expostas obras de literatura em cordel e um conjunto de 108 títulos da literatura infantil brasileira.

#### **4.3.2 Exposição *Imagem e palavra: as publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil***

A exposição *Imagem e palavra: as publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil* foi montada na galeria da Casa de Cultura da América Latina – CAL e ficou aberta à visitação de 15 de setembro a 13 de outubro de 2005. Vicente Martinez Barrios (professor do Instituto de Artes – IDA/ UnB e então coordenador das galerias da CAL) foi o curador dessa exposição.

O convite dessa mostra (Fig. 25) apresenta a reprodução de um fragmento da gravura de Isabel Pons que ilustrou a publicação da SCBB de *Hino nacional brasileiro*, 1968.

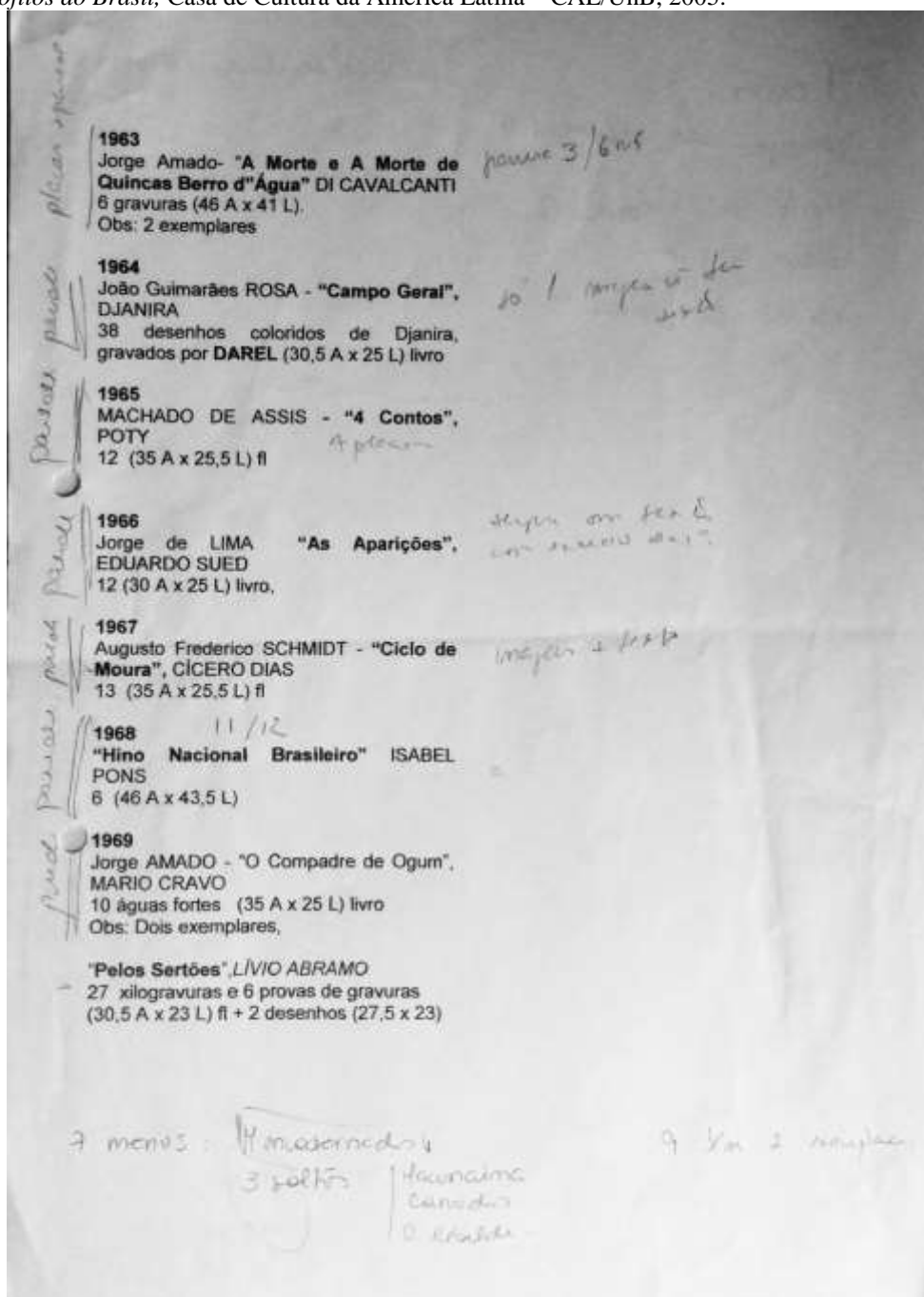
**Figura 25** – Convite da exposição *Imagem e palavra: as publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil*, Casa de Cultura da América Latina – CAL/UnB, 2005.



Fonte: Acervo Casa de Cultura da América Latina – CAL/UnB.

No dossiê correspondente à organização dessa mostra, apenas um documento faz a relação das obras expostas, e ainda assim de forma incompleta. Trata-se, provavelmente, do fragmento de uma listagem das peças em exibição, ordenadas cronologicamente de 1963 a 1969, com ressalva para a obra *Pelo Sertão*, que encerra a lista, apesar de não ter sido a última a ser publicada pela SCBB (Fig. 26).

**Figura 26** – Lista de obras selecionadas para a exposição *Imagem e palavra: as publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil*, Casa de Cultura da América Latina – CAL/UnB, 2005.



Fonte: Arquivo do Acervo Casa de Cultura da América Latina – CAL/UnB.

Quanto ao desenho de montagem dessa exposição, alguns exemplares foram desmembrados e expostos nas paredes, outros foram colocados em cubos e mostrados em formato de livro encadernado. A coleção de livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos da BCE, como já mencionado, apresenta livros encadernados e inconsúteis, o que possibilitou o tipo de montagem dessa mostra. O documento da Figura 26 indicou a forma com que algumas obras

foram dispostas na galeria da CAL, há menção, por exemplo, de exemplares que foram expostos nas paredes. Nesse mesmo sentido, a documentação imagética dessa exposição mostra obras dispostas em paredes e livros encadernados expostos nos cubos. (Fig. 27 e 28).

**Figura 27** – Exposição *Imagem e palavra: as publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil*, Casa de Cultura da América Latina – CAL/UnB, 2005.



Fonte: Arquivo do Acervo Casa de Cultura da América Latina – CAL/UnB.

**Figura 28** - Exposição *Imagem e palavra: as publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil*, Casa de Cultura da América Latina – CAL/UnB, 2005.



Fonte: Arquivo do Acervo Casa de Cultura da América Latina – CAL/UnB.

Para compor a exposição *Imagem e palavra: as publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil* foram organizados três seminários a fim de discutir tópicos da literatura brasileira. O primeiro seminário teve por título *Malandragem e volubilidade na literatura brasileira: Manuel Antônio de Almeida e Machado de Assis*, ocorreu em 05 de dezembro de 2005 e contou com a participação dos debatedores Hermenegildo de Bastos (Professor do departamento de teoria literária e literaturas – UnB) e André Matias Nepomuceno (Doutor em literatura – UnB). O segundo seminário intitulado *Regionalismo: Do pitoresco à consciência do atraso, Jorge Amado e Losé Lins do Rego*, ocorreu em 06 de outubro de 2005 e foi apresentado por Luis Bueno (Professor do Departamento de Letras – UFPR) e Tatiana Rossela (Doutoranda em Literatura – UnB). O terceiro seminário, *Classe e cultura na literatura brasileira: Lima Barreto e Mário de Andrade*, passou-se em 07 de outubro de 2005 e os debatedores foram Manoel de Souza Silva (Professor da Faculdade de Letras – UFGO) e Lunde Braghini Júnior (Mestre em comunicação – UnB).

Esses Seminários foram organizados pela CAL com a finalidade de divulgar o acervo da Universidade de Brasília e fomentar a discussão sobre a literatura brasileira a partir dos autores publicados pela Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. A justificativa para a organização desses seminário foi a seguinte:

Este debate também é uma forma de apresentar novas possibilidades de interpretar o conteúdo das obras dos escritores escolhidos e discutir momentos específicos da produção intelectual brasileira. Também a oportunidade de discutir o ambiente cultural brasileiro à época que a Associação dos Cem Bibliófilos<sup>68</sup> decidiram editar estes autores, momento que o país começava a discutir os rumos do desenvolvimento industrial e a reconhecer a sua marginalidade.

Por último, trata-se de divulgar e tornar mais acessíveis a um público heterogêneo o patrimônio cultural da UnB (PROJETO/EVENTO Seminário sobre Literatura brasileira: obras editadas pela “Associação dos Cem Bibliófilos Brasileiros”, 2005, p. 2; ANEXO AQ).

O foco de discussão desses Seminários foi no aspecto literário da coleção da SCBB, uma vez que todos os autores convidados estavam ligados aos estudos literários. O aspecto artístico da coleção não foi abordado em profundidade, pois não havia entre os debatedores nenhum especialista das artes ou das áreas afins. O projeto desses Seminários também mencionou que o objetivo principal era fomentar a discussão sobre os autores brasileiros editados pela SCBB.

A exposição *Imagem e palavra: as publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil* foi divulgada em jornais de grande circulação no Distrito Federal como o *Correio Braziliense* e o *Jornal de Brasília* e também pelo informativo da UnB, *UnBHoje*. A matéria

---

<sup>68</sup> O Projeto do Seminário em questão fez referência à Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil como “Associação dos Cem Bibliófilos brasileiros”.



do *Correio Braziliense* foi publicada em 15 de setembro de 2005 e é a mais extensa. Essa reportagem destacou alguns artistas renomados que ilustraram os exemplares, ressaltou alguns aspectos dos livros da SCBB e relatou uma breve história de sua fundação. Em depoimento ao *Correio Braziliense*, Vicente Martinez Barrios afirmou:

Além de mostrar como o texto e imagem criam uma nova linguagem, o público também perceberá a autonomia de cada uma dessas artes. Os livros são lúdicos e imprimem repertório modernista (BARRIOS, 15 set. 2005; ANEXO AR).

Em outro trecho dessa reportagem, Barrios afirmou que um dos principais objetivos da exposição foi divulgar as publicações da SCBB para um público mais vasto:

Para o curador, esta é uma obra-prima brasileira, apreciada por público pequeno e em poucos lugares do Brasil. “Essa coleção é uma raridade, aberta agora para toda a comunidade” (BARRIOS, 15 set. 2005; ANEXO AR).

A matéria publicada pelo *Correio Braziliense* foi intitulada de *Artes Plásticas encontram literatura no século 19*, acabou se equivocando acerca do período em que as obras da SCBB foram publicadas, já que todas são do século XX e não do século XIX. Mesmo que o título estivesse se referindo ao momento em que as obras foram escritas, ainda assim o Jornal estaria incorrendo em erro, uma vez que a SCBB publicou obras de períodos históricos variados, a mais antiga data do século XVI, outras do século XIX e XX.

A matéria do *Jornal de Brasília* foi publicada em 16 de setembro de 2005 e foi intitulada de *Edições raras e peças insólitas*. Essa reportagem tratou da mostra *Imagem e palavra: as publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil* e de outras três exposições que estavam acontecendo nas galerias da Casa de Cultura da América Latina. Na divulgação promovida pela UnB, *UnBHoje*, há somente uma pequena nota que se ocupou em informar acerca dos seminários que ocorreram ao longo da exposição.

#### **4.3.3 Acervo de Arte: Universidade de Brasília**

O *Catálogo do Acervo de Obras de Arte da Universidade de Brasília* foi publicado em 2014 pela Editora da Universidade de Brasília. Participaram da comissão organizadora desse Catálogo profissionais e professores de diversos órgãos da Universidade de Brasília, a CPPA (Comissão de Preservação do Patrimônio Artístico) foi formada por: Anelise Weingartner (CAL – UnB), Eduardo Oliveira Soares (CEPLAN – UnB), Elmira Melo Soares Simeão (FCI – UnB), Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (VIS/IdA/ UnB), Jeanina Daher (SEDF – CEDOC - UnB), Maria Goretti Vieira Vulcão (SEDF – CEDOC - UnB), Reinaldo Guedes

Machado (FAU – UnB), Renata Azambuja de Oliveira (SEDF – VIS/IdA/UnB) e Vera Pugliese (VIS/IdA/UnB).

**Figura 29** – Capa do catálogo *Acervo de Arte: Universidade de Brasília*, Editora UnB, Brasília, 2014.



Fonte: Catálogo Acervo de Arte: Universidade de Brasília.

Os trabalhos para a produção desse Catálogo foram iniciados em 2009 e um dos objetivos iniciais era o de que essa publicação fosse lançada como parte da comemoração dos 50 anos da Universidade de Brasília, em 2012. Estiveram à frente do projeto de produção desse Catálogo a Casa de Cultura da América Latina (CAL) e o Centro de Documentação (CEDOC/UnB).

Um dos objetivos desse Catálogo foi divulgar e colaborar com a conservação das Obras de Arte da UnB com a finalidade de preservar a memória institucional. Esse mapeamento se concentrou em três principais órgãos da UnB a guardar acervos de Arte:

O Instituto Central de Artes (hoje desdobrado no Instituto de Artes e na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), a Biblioteca Central e a Casa de Cultura da América Latina. Com diferentes contribuições, as três mostraram-se organizadoras, transmissoras e formalizadoras da produção e da memória artísticas da universidade (FERREIRA et al., 2014, p. 10).

Esse Catálogo foi dividido em três partes, a primeira contém textos críticos sobre o acervo e sobre os artistas que compõem o patrimônio artísticos da UnB; a segunda parte apresenta uma seleção de 50 imagens das obras de Arte da UnB e a terceira contém uma lista completa das obras que formam o acervo artístico da UnB.

As 50 obras realçadas nesse Catálogo foram selecionadas partir de três critérios:

[...] a comissão optou por colocar em relevo obras e autores que contribuíssem mais diretamente para a constituição das memórias das Artes Visuais da Universidade, potencializando seu papel formador de gerações de artistas que, por sua vez, inscreveram-se na formação e no amadurecimento das artes em Brasília. Tal premissa procurou respeitar a história das assimilações promovidas em diferentes momentos nas últimas cinco décadas [...].

Outro critério adotado foi a necessidade de compreender a própria atipicidade de um acervo construído na capital do país. A cidade de Brasília foi uma criação, cujas identidades movem-se entre um complexo amálgama a partir de fenômenos culturais isolados e de iniciativas coletivas. Tal especificidade cultural trouxe para nossas discussões a necessidade de selecionar obras de diferentes temporalidades artísticas e provenientes de todas as partes do país e do exterior. [...]

[...] Os demais critérios foram subordinados aos procedimentos museológicos destinados a garantir nesse catálogo a variedade da produção artística a partir de meados do século XX. Valores como elementos constitutivos de sua própria legibilidade (estado de conservação de cada obra); estatuto artístico (obras públicas, coletivos, etc.); variedade estética (diferentes linguagens nomeadas pela História da Arte e pela Crítica da Arte) e variedade histórica (obras filiadas a movimentos e projetos que marcaram, de algum modo, as constituições das próprias coleções) (FERREIRA et. al., 2014, p. 10).

Esses critérios procuraram considerar a diversidade do acervo artístico, que contém obras de artistas, técnicas, formatos e temáticas variadas. A CPPA procurou destacar as obras mais representativas dos vários acervos que formam o patrimônio cultural da Universidade de Brasília.

O texto de apresentação desse Catálogo salientou a Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil como uma das principais coleções do acervo da UnB:

É digno de nota que houve a necessidade de eleger algumas obras significativas que integram a Coleção dos Cem Bibliófilos, do Acervo das Obras Raras da Biblioteca Central – BCE/UnB, que é uma das parcelas mais representativas do acervo da universidade. Essa iniciativa, porém, apresentou uma questão referente à relação texto/imagem que essas obras comportam. Optou-se por eleger algumas imagens que, embora não deixem de ilustrar os respectivos livros de autores referenciais de nossa literatura, possuem, simultaneamente, certa autonomia visual como obras que também podem ser apreciadas isoladamente (FERREIRA et al., 2014, p.12).

O Catálogo *Acervo de Arte: Universidade de Brasília* contém dois textos críticos, escritos por Grace Maria de Freitas e Angélica Madeira.

No texto intitulado *Patrimônio, Patrimônios da Universidade de Brasília* a Dr<sup>a</sup> Grace Maria de Freitas, professora do Instituto de Artes da UnB, apresentou um panorama geral do acervo artístico da UnB, desde as obras dispostas nos espaços públicos do campus universitário até as obras de acesso restrito, como as que estão guardadas nos gabinetes dos prédios da Universidade e as que estão conservadas em acervos. Segundo essa autora, o acervo artístico da UnB foi constituído de modo diverso: “Não se trata, portanto, de uma coleção propriamente dita, já que não implica em uma escolha deliberada. Este é um acervo de obras heterogêneas [...]” (FERREIRA et al., 2014, p. 15).

As obras com suporte de papel formam o maior conjunto das obras de Arte do acervo da UnB, são desenhos, gravuras, fotografias de artistas renomados e muitas vezes de desconhecidos do grande público. E uma parte significativa desse acervo são as gravuras, composto das mais variadas técnicas, são obras de artistas como Lívio Abramo, Fayga Ostrower, Maciej Babinski, Rubem Grillo, Oswaldo Goeldi, entre outros. Freitas também destacou as gravuras dos livros da SCBB:

Destacam-se então, edições de arte – texto/imagem –, produzida pela Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, para as quais artistas se debruçaram sobre títulos clássicos da literatura brasileira. Vemos aí gravuras de Oswaldo Goeldi<sup>69</sup>, Cândido Portinari, Emiliano Di Cavalcanti, Carlos Scliar, Enrico Bianco, Eduardo Sued, Mário Cravo, Darel Valença, trechos de Gabriel Soares de Sousa para o Tratado Descritivo do Brasil em 1587, com gravuras de Marcello Grassmann, além de Aldemir Martins e Napoleon Poty que, pari passu com Machado de Assis, Euclides da Cunha, Jorge Amado, José Lins do Rego e outros, criaram obras que estabeleceram diálogos à altura dos autores propostos (FERREIRA et al., p. 16, 2014).

Essa autora também mencionou outras obras do Acervo de Obras Raras da BCE, como o manuscrito iluminado *Livro das Aves*, do século XIV, e o conjunto de desenhos de Tarsila do Amaral (1886-1973) que foram destacadas como algumas das obras mais notáveis para o patrimônio artístico da UnB. Freitas também tratou das esculturas, das pinturas e das mais diversas técnicas e manifestações artísticas que formam o acervo da UnB e ressaltou a necessidade de divulgação do patrimônio artístico dessa Universidade.

O texto *Acervo em busca de um museu*, escrito pela prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Angélica Madeira, também comentou a formação heterogênea do acervo artístico da UnB. O aspecto diversificado de certa forma reflete algo da trajetória da Universidade. Sobre isso, essa autora ressaltou: “Os acervos formados em ambiente acadêmico, em geral, trazem uma forte dose de aleatório, já que, em sua maior parte, resultam de doações de artistas que atuavam como professores” (FERREIRA et al, 2014, p. 18).

O catálogo *Acervo de Arte: Universidade de Brasília*, segundo Madeira, procurou respeitar a variedade do acervo, destacando obras importantes que fizeram parte da história da UnB. A autora também destacou como uma coleção significativa do patrimônio da UnB, a coleção da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil:

Narra também a história de professores e poetas, cujo espólio foi doado pelas famílias, origem de parte importante das obras raras. Toda Coleção dos 100 Bibliófilos, por exemplo, - obras literárias escolhidas e ilustradas por artistas como Carlos Scliar, Carybé, Di Cavalcanti, Portinari, Poty, Isabel Pons, Fayga Ostrower, Eduardo Sued, entre outros<sup>70</sup> – chegou à universidade aos poucos, vinda de coleções particulares (FERREIRA et al, 2014, p. 19).

---

<sup>69</sup> Como mencionado anteriormente, Goeldi não ilustrou obras da SCBB. A obra *Poranduba Amazonense* foi ilustrada por Darel Valença Lins, embora houvesse sido encomendada à Goeldi, que faleceu antes de finalizar as gravuras.

<sup>70</sup> Carlos Scliar (1920-2001) e Fayga Ostrower não ilustraram os livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil.

Na citação acima, Madeira se referiu à aquisição dos livros da SCBB das bibliotecas particulares de Ricardo Xavier da Silveira, Carlos Lacerda, Pedro Nava e Themístocles Marcondes Ferreira que foram adquiridas pelo Setor de Obras Raras da BCE, como foi exposto nesta dissertação. Esse modo de aquisição é um dos diversos meios pelos quais o acervo artístico foi construído. Existem, por exemplo, muitas obras que foram doadas por professores, entre eles alguns artistas renomados como Athos Bulcão e Marília Rodrigues.

Das 50 obras escolhidas pela Comissão de Preservação do Patrimônio Artístico para ilustrar o catálogo *Acervo de Arte: Universidade de Brasília*, ao todo foram selecionadas dez obras de artistas que ilustraram os livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da BCE. Conforme a Quadro 7 abaixo:

**Quadro 7** – Obras da Sociedade dos Cem Bibliófilos da BCE selecionadas para o catálogo *Acervo de Arte: Universidade de Brasília*

<b>Artista</b>	<b>Obra</b>	<b>Quantidade de imagens/ Técnica</b>
Lívio Abramo	Pelo Sertão	2 (uma xilogravura e um desenho que serviu de estudo para a ilustração da obra).
Héctor Carybé	Macunaíma	1 (água-forte)
Mário Cravo Júnior	O compadre de Ogum	2 (água-forte)
Darel Valença Lins	Poranduba Amazonense	1 (água-forte)
Di Cavalcanti	A morte e a morte de Quincas Berro D'água	2 (xilogravura)
Clóvis Graciano	Luzia Homem	1 (água-forte)
Marcelo Grassmann	Bestiário	2 (xilogravura)
Cândido Portinari	Menino de engenho	3 (água-forte)
Poty Lazzarotto	Canudos	2 (água-forte)
Isabel Pons	Hino Nacional Brasileiro	1 (água-forte e água-tinta)
Eduardo Sued	As Aparições	2 (água-forte e água-tinta)

Fonte: Catálogo *Acervo de Arte: Universidade de Brasília*.

O catálogo *Acervo de Arte: Universidade de Brasília* mapeou por volta de mil obras, alguns artistas tiveram grande parte de sua produção listada, caso de Marília Rodrigues. Esse catálogo usou como referências as listagens anteriores dos levantamentos periódicos das obras de Arte que foram realizados pela UnB, em 1997 e em 2007, os quais foram analisados anteriormente.

**Figura 30** – Detalhe da direita: ilustração de Marcello Grassmann para obra *Bestiário*; esquerda: ilustração de Clóvis Graciano para a obra *Luzia Homem*.



Fonte: CATÁLOGO *Acervo de Arte: Universidade de Brasília*, 2014, p. 76 e 77.

**Figura 31** – Detalhe: ilustrações de Di Cavalcante para a obra *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*.



Fonte: CATÁLOGO *Acervo de Arte: Universidade de Brasília*, 2014, p. 56 e 57.

## **5 Segundo Capítulo – As gravuras e as encadernações dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil do Acervo de Obras Raras da Biblioteca Central da UnB**

Este capítulo trata das gravuras e das encadernações da coleção de livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Após o mapeamento das características materiais dessa coleção, constatou-se que dois aspectos individualizavam esses livros, o primeiro se refere à aquisição de um excedente de gravuras e de desenhos pelos bibliófilos; o segundo diz respeito à personalização dos exemplares com as encadernações luxuosas. Esses aspectos tornam os livros da BCE diferentes das outras coleções de livros da SCBB que se encontram em acervos de outras instituições.

As gravuras que ilustram os livros da SCBB e as encadernações luxuosas estão entre as principais características artesanais desses exemplares. Ao mesmo tempo em que a produção artesanal faz valorizar o preço de mercado das edições bibliófilas, ela também confere unicidade aos livros. Sobre esse aspecto, Siqueira (2010) destacou a importância da fabricação artesanal de livros:

A artesanaria da impressão e encadernação complementava a particularidade da inserção de desenhos e gravuras originais na busca de um valor intrínseco, de autenticidade, para o objeto-livro. Evidentemente não é incomum num colecionador de objetos artísticos a defesa do artesanato, responsável pela confecção de obras únicas e irrepetíveis, com elevado valor comercial. Importa notar, entretanto, que essa artesanaria é, sobretudo, o modelo da relação de Castro Maya com o mundo: forma de conceder a cada evento ou objeto um valor artístico, que transforma o universo em uma aquisição pessoal.

Artesanaria e posse (e, conseqüentemente, posse de objetos artísticos) articulam-se na construção de uma prática incessante de descontextualização e reordenação dos dados do real [...] Cabe ao colecionador descobrir as coisas belas e certas, cuja verdade está condicionada à escolha, ao valor concedido pelo sujeito. O artesanato, que perdera o seu papel social de modelo da produção, transforma-se no paradigma de uma experiência qualitativamente superior da realidade (SIQUEIRA, 2010, p. 66).

Como já mencionado, as sociedades bibliófilas procuravam produzir livros luxuosos fabricados artesanalmente, além disso, os artistas voltaram a se interessar pela ilustração de livros. Em consequência dessa procura pelo livro ilustrado, veio a valorização da expressividade da gravura. (MCMURTRIE, 1997; HARTHAN, 2014).

Evidentemente, o interesse dos artistas consagrados pela ilustração e pela gravura contribuiu com a valorização dos livros de arte. A importância dos livros da SCBB que estão no acervo da BCE também está relacionada com a presença de gravuras de grandes artistas. Além disso, nesse acervo existem alguns livros que contêm gravuras e desenhos adquiridos pelos bibliófilos.

A Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil se destaca como um dos principais grupos a produzir livros artesanais para colecionadores. Em meados da segunda metade do século XX, a produção de edições bem acabadas reflete uma tendência observada em muitos grupos de colecionadores brasileiros que se organizaram para fabricar livros artesanais.

Algumas características dos grupos de bibliófilos podem ser identificadas na produção da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Como mencionado anteriormente, as sociedades bibliófilas se organizavam para editar livros com materiais requintados, com ilustrações de grandes artistas, a produção era custeada pelos sócios e muitas edições recebiam luxuosas encadernações (HESSE, 1927). Sendo assim, este estudo contextualiza a produção da SCBB da BCE a partir das características dos livros das sociedades bibliófilas.

### 5.1 A participação ativa dos artistas na produção dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil

Os livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil foram ilustrados por 20 artistas brasileiros. Alguns deles ilustraram mais de uma obra, caso de Portinari, Poty Lazzarotto e Darel Valença Lins. A equipe editorial da SCBB editou todos os livros com gravuras originais, 19 obras foram ilustradas com a calcogravura, 2 com xilogravura, 1 com linóleo e 1 com litografia.

**Quadro 8** – Lista dos artistas que ilustraram os livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil

Artista	Obra	Técnica	Ano
Cândido Portinari (1903-1962)	Memórias posthumas de Braz Cubas (1º)	calcogravura	1944
Santa Rosa (1909-1956)	Espumas Flutuantes (2º)	calcogravura	1944
Lívio Abramo (1903-1992)	Pelo Sertão (3º)	xilogravura e linóleo	1946
Clóvis Graciano (1907-1988)	Luzia Homem (4º)	calcogravura	1947
Heloísa de Faria (1904-1978)	Bugrinha (5º)	Litografia	1948
Enrico Bianco (1918-2013)	O caçador de esmeraldas (6º)	calcogravura	1949
Iberê Camargo (1914-1994)	O rebelde (7º)	calcogravura	1952
Cláudio Correia e Castro (1928-2005)	Três Contos (9º)	calcogravura	1955
Darel Valença Lins (1925-)	Memórias de um sargento de milícias (8º)	calcogravura	1956
Poty Lazzarotto	Canudos (10º)	calcogravura	1956



Héctor Carybé (1911-1997)	Macunaíma: o herói sem nenhum caráter (11º)	calcogravura	1957
Marcelo Grassmann (1925-2013)	Bestiário: trechos do tratado descritivo do Brasil em 1587 (12º)	xilogravura	1958
Cândido Portinari	Menino de Engenho (13º)	calcogravura	1959
Aldemir Martins (1922-2006)	Pasárgada (14º)	calcogravura	1960
Darel Valença Lins	Poranduba Amazonense (15º)	calcogravura	1961
Di Cavalcanti (1897-1976)	A morte e a morte de Quincas Berro D'Água (17º)	Linóleo	1962
Marciej Babinski (1931-)	Cadernos de João (16º)	calcogravura	1962
Djanira Silva (1914-1979)	Campo Geral (18º)	calcogravura	1964
Poty Lazzarotto (1924-1998)	4 contos (19º)	calcogravura	1965
Eduardo Sued (1925-)	As Aparições (20º)	calcogravura	1966
Cícero Dias (1907-2003)	Ciclo da Moura: Poemas inéditos (21º)	calcogravura	1967
Isabel Pons (1912-2002)	Hino Nacional brasileiro (22º)	calcogravura	1968
Mário Cravo Jr. (1923-)	O compadre de Ogun (23º)	calcogravura	1969

Os artistas recebiam remuneração pelas suas ilustrações. Consta que artistas como Di Cavalcanti, Marciej Babinski e Cândido Portinari receberam por volta de C\$ 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros)<sup>71</sup> e também a cópia de um dos exemplares por eles ilustrados. Essa remuneração variou. Clóvis Graciano (1907-1988), que ilustrou *Luzia Homem*, recebeu, em 1950, C\$70.000,00 (setenta mil cruzeiros) por seu trabalho.

O perfil dos 20 artistas que ilustraram as edições da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da coleção da BCE era diverso. Embora esses artistas sejam amplamente conhecidos, cabe ressaltar a participação deles na produção literária, bem como os seus trabalhos em gravura.

Aldemir Martins foi pintor, gravador, ceramista, ilustrador e estudou gravura com Poty Lazzarotto no Museu de Arte de São Paulo – MASP. Ao final desse curso de gravura, Aldemir Martins fez a obra *Cenas da Seca do Nordeste*, um álbum de gravuras que contava com uma apresentação da escritora Rachel de Queiroz (1910-2003).<sup>72</sup>

Cândido Portinari foi pintor, gravador e ilustrador. Portinari se destacou como pintor e muralista, mas também ilustrou muitos livros, caso da obra *O alienista*, de Machado de Assis, editada em 1948 e a Revista *O Cruzeiro* com a série *Cangaceiros*, de 1952 (DICIONÁRIO

<sup>71</sup> Em 1958, época do documento consultado que menciona o valor pago aos artistas, o salário mínimo estava a C\$3.800,00 (três mil e oitocentos cruzeiros). (Fonte: diariodasleis.com.br, acessado em 17 de maio de 2015).

<sup>72</sup> Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2273/aldemir-martins>. Acesso em: 07 out. 2015.

brasileiro de artistas plásticos, 1977). Portinari ilustrou também a obra *D. Quixote: Cervantes, Portinari e Drummond*, publicada em 1972, pela *Editora Fontana* do grupo *O Gráfico Amador* (CRENI, 2013).

Cícero Dias foi pintor, gravador, desenhista, cenógrafo e ilustrador. Assim como Portinari, Cícero Dias também se destacou como muralista e pintor, mas também ilustrou livros, caso da publicação de 1933 da obra *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freire (1900-1987)<sup>73</sup>.

Cláudio Correia e Castro foi ator, pintor e cenógrafo. Esse artista se destacou principalmente como ator, não atuando nas Artes Plásticas a partir de 1960.<sup>74</sup>

Clóvis Graciano foi pintor, gravador, ilustrador, desenhista, figurinista e cenógrafo. Estudou gravura em Paris e ilustrou a obra de Dorival Caymmi (1914-2008), *Cancioneiro da Bahia*, em 1947; em 1987, ilustrou *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado (1912-2001).<sup>75</sup>

Darel Valença Lins iniciou seus estudos e sua carreira a partir de 1946, no Rio de Janeiro. Destacou-se como gravador, principalmente com a gravura em metal, mas seu trabalho como artista abrangeu diversas técnicas, como litografia, desenho e pintura. Estudou no Liceu de Artes e Ofícios, em 1948, onde conheceu o também gravador Oswaldo Goeldi, uma de suas grandes referências de artista brasileiro. Na década de 1950 produziu ilustrações para revistas e jornais. Seus principais trabalhos como ilustrador foram: *Os reis*, de Augusto Frederico Schmidt, publicação também patrocinada por Castro Maya, em 1953; em 1992, ilustrou *São Bernardo*, de Graciliano Ramos (1892-1953); e, em 2002, ilustrou *A polaquinha*, de Dalton Trevisan (1925) (DICIONÁRIO brasileiro de artistas plásticos, 1977). Além dos livros promovidos pela SCBB, Darel ilustrou volumes das editoras artesanais *Hipocampo* e *O Livro Inconsútil*. Destaca-se a obra *ABC das catástrofes e Topografia da insônia*, de Aníbal Machado (1894-1964), publicada em 1951. Essa obra possuía edição limitada a 106 exemplares, foi impressa em papel *Ingres* e contém águas-fortes originais de Darel (CRENI, 2013).

Di Cavalcanti foi pintor, desenhista, gravador, muralista, cenógrafo e ilustrador. Entre seus trabalhos como gravador, destaca-se o álbum *7 Xilogravuras de Emiliano Di Cavalcanti*, publicado em 1972. Di Cavalcanti atuou principalmente como pintor, mas possui muitos

---

<sup>73</sup> Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1787/cicero-dias>. Acesso em: 07 out. 2015.

<sup>74</sup> Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa274813/claudio-correa-e-castro>. Acesso em: 07 out. 2015

<sup>75</sup> Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5507/clovis-graciano>. Acesso em: 07 out. 2015.

trabalhos na ilustração, destacam-se as revistas *Fon Fon* e *O Pirralho*. Di Cavalcanti também ilustrou a publicação de 1921 da obra *A balada do enforcado*, de Oscar Wilde (1854-1900).<sup>76</sup>

Djanira foi pintora, gravadora, desenhista, cenógrafa e ilustradora. No campo da gravura, destaca-se *Oratório de Djanira*, com versos do poeta Odylon Costa. Essa obra foi publicada em 1970 por Júlio Pacello (1931-1977), com tiragem limitada a 100 exemplares, todas assinadas pela artista (DICIONÁRIO brasileiro de artistas plásticos, 1977). Djanira também ilustrou a obra *Antologia Poética*, de Paulo Mendes Campos, publicada em 1978 pela *Editora Fontana* do grupo *O Gráfico Amador*. Essa edição conta com ilustrações feitas com águas-fortes e tiragem limitada de 100 exemplares (CRENI, 2013).

Eduardo Sued foi pintor, gravador, ilustrador, desenhista e vitralista. Em 1953, Sued estudou gravura em metal com Iberê Camargo (1914-1994). Ao final da sua formação como gravador, Sued permaneceu como assistente do Atelier de gravura de Iberê. Entre 1958 e 1964, Sued também atuou como professor de gravura na Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP e entre 1974 e 1980 foi professor de gravura no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Eduardo Sued atuou principalmente como gravador até 1980, destaca-se a publicação *25 Gravuras*, de 1964, e a participação na mostra *Bienal Internacional de Gravura* (1970) que aconteceu na Polônia (LEITE, 1966). Eduardo Sued ilustrou também a obra *A mesa*, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicada em 1951 pela tipografia artesanal *Hipocampo*. Essa publicação era luxuosa, impressa em papel *Ingres*, com tiragem limitada a 70 exemplares assinados por Sued (CRENI, 2013).

Enrico Bianco foi pintor, gravador, ilustrador e desenhista. Bianco ilustrou o poema *Anhanguera*, de Heckel Tavares (1896-1969), publicado em 1951. Também ilustrou a obra *Amor, sinal estranho: antologia Poética*, de Carlos Drummond de Andrade, pela *Editora Fontana*. Essa obra foi publicada em 1984 e conta com litografias assinadas pelo artista, edição limitada a 100 exemplares, o texto foi impresso em papel *Fabriano* e as gravuras impressas em papel *Westerprint* (CRENI, 2013).

Hector Carybé foi ilustrador, desenhista, gravador, diretor de Arte, muralista, ceramista e mosaicista e ilustrou obras como: *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez; duas obras de Jorge Amado, *O Gato Malhado* e *Andorinha Sinhá*. Publicou, em 1974, o álbum *Xilogravuras*<sup>77</sup>.

Heloísa de Faria se dedicou à pintura e, em 1949, foi condecorada no Salão Baiano de Belas Artes (DICIONÁRIO brasileiro de artistas plásticos, 1977). Nos documentos sobre a

<sup>76</sup> Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa971/di-cavalcanti>. Acesso em: 07 out. 2015.

<sup>77</sup> Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1199/carybe>. Acesso em: 07 out. 2015.

SCBB encontra-se referência sobre o que motivou a escolha dessa artista para a ilustração da obra *Bugrinha*.

Estão iniciados os trabalhos de edição de “Bugrinha” a obra de Afrânio Peixoto, que será ilustrada por Heloísa de Faria, ligada ao autor por estreitos laços de família e amizade. Para que a Sociedade rendesse justa e afetuosa homenagem ao seu ilustre fundador, foi escolhida a “Bugrinha”, pela própria Sra. Afrânio Peixoto, que bem conhece o pendor que ele tinha por essa sua heroína de peculiar encanto (CARTA AOS CONSÓCIOS, 6 jan. 1950; ANEXO AS).

Iberê Camargo atuou como pintor, desenhista, gravador e colaborou com a criação do curso de gravura do Instituto Municipal de Belas Artes do Rio de Janeiro, em 1953 (LEITE, 1966). Em 1964, Iberê Camargo publicou o artigo *Tratado sobre Gravura em Metal*, além disso, publicou o livro, *A Gravura*, de 1992, onde tratou de questões referentes à artesanaria da gravura.

Isabel Pons foi gravadora, pintora, ilustradora e desenhista, também foi professora de gravura da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, em 1957. Em 1959, foi aluna do Atelier de gravura no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, onde as aulas foram ministradas pelos artistas Rossini Perez (1932-) e Johnny Friedlaender (1912-1992) (LEITE, 1966).

Lívio Abramo foi gravador, ilustrador e desenhista. Começou produzindo charges e ilustrações para jornais e se dedicou ao ofício da gravura a partir de 1926. Em Paris, teve aula de gravura em metal e ajudou a imprimir um livro ilustrado, que contava com a participação de Pablo Picasso e Juan Miró (1893-1983) (BECCARI, 1983). Em 1953, Lívio Abramo também recebeu um prêmio na 2ª Bienal Internacional de São Paulo como melhor gravador. Lecionou gravura na Escola de Artesanato de Arte Moderna de São Paulo – MAM. Em 1961 criou, junto com Maria Bonomi (1935-), o *Estúdio de Gravura* (DICIONÁRIO brasileiro de artistas plásticos, 1977).

Mário Cravo Junior é gravador, escultor e desenhista, possui o título de doutor em Belas Artes e participou da criação do curso de especialização em gravura da Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia. Mário Cravo se destacou principalmente com escultor, mas também produziu importantes trabalhos com a técnica da gravura e também ilustrou livros<sup>78</sup>. Destacam-se as ilustrações para a tipografia artesanal *Dinamene* para a obra de Rainer Maria Rilke, *O canto de amor e morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke*, publicada em 1951, com tiragem limitada a 100 exemplares e ilustrada com águas-tintas de Mário Cravo Junior (CRENI, 2013).

---

<sup>78</sup> Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5514/mario-cravo-junior>. acesso em: 07 out. 2015.

Marcelo Grassmann foi gravador, ilustrador, desenhista e escultor. Atuou como ilustrador de jornais como *O Diário de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e *Estado da Guanabara*. Sua produção em gravura em metal foi considerada de “ altíssimo nível” (LEITE, 1966, p. 31). Foi condecorado com prêmio de viagem ao exterior, onde se dedicou ao estudo da gravura em metal e da litografia. Também estudou gravura em metal no Liceu de Artes e Ofícios, em um curso ministrado por Henrique Oswald (1918-1965). Nesse mesmo Liceu, estudou litografia com Poty Lazzarotto<sup>79</sup>.

Maciej Babinski é gravador, pintor, desenhista e ilustrador. Foi professor da Universidade de Brasília e da Universidade Federal de Uberlândia. Sobre a importância de Babinski na gravura brasileira, Leite (1966, p. 59) afirmou: “utilizando as várias técnicas da gravura em metal, Babinski teve sua grande oportunidade como gravador, entre nós, ao ilustrar para *Os Cem Bibliófilos*”. Parte importante do trabalho artístico de Babinski é dedicado à gravura, em depoimento a Alvim (2010, p. 14), Babinski afirmou: “O resultado da gravura é absolutamente único, a imagem possível é de uma força, de uma riqueza extraordinária”. Babinski conheceu artistas como Darel Valença e Oswaldo Goeldi (LEITE, 1966).

Poty Lazzarotto foi gravador, ilustrador e muralista. Formou-se em gravura no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, tendo por professor o gravador Carlos Oswald (1882-1971), também fez aula de litografia, em Paris. Foi professor de gravura da Escola Livre de Artes Plásticas, também colaborou com a criação de cursos de gravura em diversos estados brasileiros, inclusive o curso de gravura do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriant – MASP<sup>80</sup>. Poty Lazzarotto se destacou com diversos trabalhos como ilustrador de livros, realçam-se as ilustrações para a obra *Parábolas e fragmentos*, de Franz Kafka (1883-1924), que foi editada pela tipografia artesanal *Philobiblion* e pela editora *Civilização Brasileira*, em 1956. A obra publicada pela *Philobiblion* possui gravuras em água-forte de Poty e tiragem limitada a 300 exemplares (CRENI, 2013).

Santa Rosa foi gravador, pintor, artista gráfico, ilustrador, cenógrafo e figurinista. Suas principais produções enquanto artista foram pinturas e cenários para teatro<sup>81</sup>. No campo da ilustração, destacam-se os trabalhos para a tipografia artesanal *Hipocampo*. Ao todo foram quatro títulos ilustrados por Santa Rosa, com destaque para a obra *Arquipélago*, de Geir

---

<sup>79</sup> Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8824/marcelo-grassmann>. acesso em: 07 out. 2015.

<sup>80</sup> Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1567/poty-lazzarotto>. Acesso em: 07 out. 2015.

<sup>81</sup> Disponível em:.. Acesso em: 07 out. 2015.

Campos, publicada em 1952, com tiragem limitada a 116 exemplares e impressa em papel *Ingres* (CRENI, 2013).

Muitos dos artistas que ilustraram as obras da SCBB já haviam participado das produções de outros livros luxuosos. É o caso de Santa Rosa, Darel Valença, Poty Lazarotto, Cícero Dias, Eduardo Sued e Djanira. São edições promovidas pelas tipografias artesanais e por grandes editoras, como a *José Olympio* (HALLEWELL, 2005).

Particularmente no que se refere à consolidação da gravura na ilustração de livros, as edições promovidas pelas sociedades bibliófilas e pelas tipografias artesanais tiveram um papel de destaque. Artistas como Tomás Santa Rosa (1909-1956) e Axl Leskoschek (1889-1975), professores do curso de gravura na Fundação Getúlio Vargas, incentivaram seus alunos a ilustrar e a participar de outros processos que envolviam a concepção geral do livro<sup>82</sup>.

Tanto Santa Rosa quanto Leskoschek, grandes e atuantes ilustradores sensibilizaram seus alunos para estes e outros ofícios no campo da composição gráfica, objetivando suprir uma demanda na área (TÁVORA, 2012, p. 1616).

O crítico de Arte, Mário Pedrosa (1901-1981), produziu inúmeros escritos sobre a produção de gravura desse período, destacam-se os textos sobre os artistas gravadores Darel Valença Lins, Lívio Abramo, Fayga Ostrower e Anna Bella Geiger (1933-)<sup>83</sup>. Pedrosa também realçou a importância das ilustrações que Lívio Abramo fez para a obra *Pelo Sertão* publicada pela Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil:

Depois do magnífico esforço estilístico da ilustração de *Pelo Sertão*, de Afonso Arinos, o gravador ganhou uma liberdade maior, dentro de uma disciplina que já não é tão diretamente ditada pela fatalidade funcional, venha da goiva, do buril ou do material em que trabalha. Sua arte alcança trabalho plástico independente (PEDROSA, 1981, p. 92).

Foi a partir da exposição dessas ilustrações no Salão Nacional de Belas Artes que, em 1950, Abramo ganhou o prêmio de viagem para a Europa, onde permaneceu entre 1951 a 1953. Além desse prêmio, a ilustração desse exemplar possibilitou a volta de Lívio Abramo para a gravura, já que entre os anos de 1939 e 1947, ele havia produzido poucos trabalhos. Sobre essas ilustrações, Lívio Abramo afirmou: “Fiz 37 xilogravuras em madeira do topo e

---

<sup>82</sup> A gravura se disseminou no Brasil a partir de 1950, mas a partir de 1940 já é possível notar o aumento da demanda pelas artes gráficas incentivada pelo crescimento das editoras e das revistas. O ensino da gravura em escolas especializadas é mais antigo, já em 1914, o Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro apresentava cursos de gravura ministrados pelo artista Carlos Oswald (1882-1971). Mais tarde, outras escolas também ofereceram aulas de gravura, caso da Escola Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro, 1951), Instituto Municipal de Belas Artes (Rio de Janeiro, 1953), a Fundação Getúlio Vargas (Rio de Janeiro, 1946) e o Museu de Arte Moderna (Rio de Janeiro, 1959). Muitas dessas instituições que forneceram, em geral, uma formação mais focada nos aspectos práticos e técnicos do ofício da gravura. A Fundação Getúlio Vargas, entretanto, contava com um currículo mais abrangente, contemplando disciplinas práticas e teóricas (TÁVORA, 2012).

<sup>83</sup> Os críticos de Arte, especialmente os das décadas de 1950 e 1960, se ocuparam com a gravura moderna. Em geral, esses os textos se dividem entre os que valorizavam a prática tradicional da gravura e aqueles que aceitavam as novas experimentações técnicas e expressivas da gravura (TÁVORA, 2012).

mais de 20 ou 30 vinhetas em linóleo. Nesse trabalho eu mudei de estilo, procurei mudar minha linguagem” (BECCARI, 1983, p. 4).

Em documento posterior à morte de Castro Maya, a Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil reconheceu a contribuição das suas publicações para o estabelecimento da gravura brasileira:

[...] a Sociedade publicou obras primas da nossa literatura ilustradas por artistas representativos da época. [...] A iniciativa, inspirada na sociedade francesa “Les cent Bibliophiles”, abriu oportunidade a artistas nacionais para que exercitassem o seu talento no campo da ilustração e da gravura, técnica até então relegada no Brasil à condição de arte menor (A SOCIEDADE DOS CEM BIBLIÓFILOS DO BRASIL, Pasta 100, doc. 11, f. 1/ 2, s/d; ANEXO AT).

A participação dos artistas renomados na ilustração agrega valor e exclusividade aos livros da BCE, pois a Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, assim como outros grupos bibliófilos, também valorizava o envolvimento desses artistas nas ilustrações de seus volumes. No Brasil, esse fenômeno resultou na disseminação e consolidação da gravura, na medida em que contribuiu para o crescimento do ensino de gravura e para a projeção nacional e internacional dos artistas (TÁVORA, 2012).

Sobre os detalhes da produção das gravuras, na correspondência trocada entre Castro Maya e Carybé, na ocasião da negociação dos detalhes da ilustração de *Macunaíma*, encontram-se algumas referências sobre o processo de produção das gravuras dos livros da SCBB. Como já destacado, alguns artistas foram auxiliados pelos profissionais da SCBB, que, muitas vezes, ajudavam na gravação do desenho na matriz. Djanira, por exemplo, para a ilustração de *Campo Geral* foi auxiliada por Darel na gravação da matriz de cobre. No colofão dessa obra, encontra-se o registro: “Novela de João Guimarães Rosa, extraída do livro “Corpo de Baile”, ilustrada com desenhos coloridos de Djanira gravados por Darel em cobre e as cores em *linoleum*” (DETALHE DO COLOFÃO da obra *Campo Geral*; ANEXO AU).

Carybé, por outro lado, gravou as matrizes para a ilustração que fez para a SCBB. Na primeira correspondência trocada, Castro Maya questionou: “Quem gravaria as placas das águas-fortes?” (MAYA, 21 set. 1955, f 1/ 2, ANEXO AE). Ao que Carybé respondeu:

Acho que os desenhos podem ser aproveitados integralmente, pois os fiz num estilo que se presta muito bem para a água-forte e acho que, modéstia a parte, a pessoa mais indicada para fazer as gravuras sou eu mesmo, pois esse foi um trabalho que fiz cheio de entusiasmo pelo descobrimento de certas afinidades com o Herói sem nenhum caráter e com seu pai, o velho Mário de Andrade.

Não tenho dúvida enquanto a reprodução “tal qual foram executados”, pois passarei os desenhos para a chapa sem alteração nenhuma, pois eu acho que é um trabalho de muita unidade e impossível modificá-lo (CARYBÉ, f1/1, 6 out. 1955; ANEXO AV).

Outro trecho da correspondência trocada entre Carybé e Castro Maya confirma a presença do artista não só como ilustrador, mas como participante do processo geral da confecção dos livros.

Ainda em 1955 reunimos com Walter, estudamos a boneca de Macunaíma e com referência ao Capítulo XV achamos melhor, para que termine na página par, fazer as gravuras grandes e suprimir as pequenas [...]

Castro Maya, o livro levará ao todo 46 pranchas de 0,40x0,30, para que sobre mais ou menos um centímetro de cada lado do papel [...] (CARYBÉ, em resposta a MAYA, f 1/1, 4 jan. 1956; ANEXO AW).

A produção das ilustrações da SCBB era fruto de uma negociação entre o artista e a equipe de Castro Maya, havendo espaço para sugestões quanto aos aspectos mais gerais desses livros. Em correspondências trocadas posteriormente à ilustração de *Macunaíma*, Castro Maya sugeriu a Carybé que selecionasse uma obra literária para ilustrar. O trecho abaixo mostra que o artista também podia opinar quanto à escolha das edições:

Meu caro Carybé,

Estou com dois livros na máquina (um já quase pronto) e já estou tratando do próximo livro dos CEM BIBLIÓFILOS, e por isso estou te escrevendo, pois gostaria que fôsses o ilustrador.

Naturalmente dirás: “mas já illustrei um livro para você”. Não tem importância, porque eram desenhos teus antigos, com cerca de vinte ou trinta anos, e o que eu quero são desenhos da tua fase atual, como os que estavam na tua última exposição da Galeria Bonino.

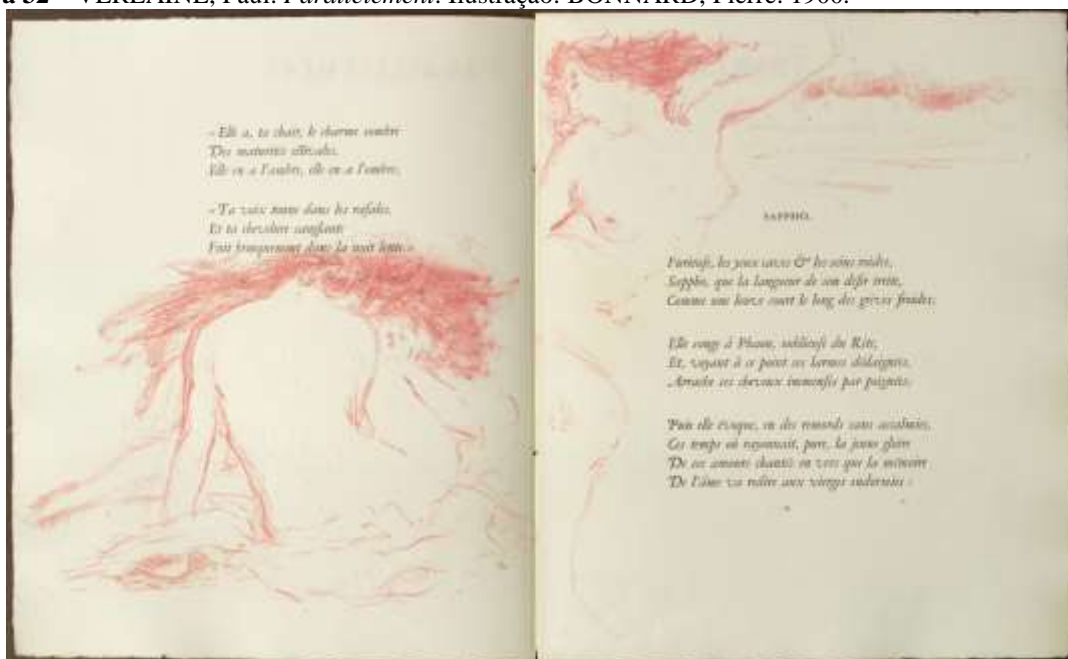
Gostaria que me escrevesse dizendo qual livro queres ilustrar, qualquer coisa da Bahia, de macumba, de Candomblé (MAYA, Castro. f 1/1, 1 mai. 1964; ANEXO AX).

Exemplo desse envolvimento do artista com o livro pode ser observado na produção gráfica do pintor francês Pierre Bonnard (1867-1947), que ilustrou diversos livros, muitos dos quais eram luxuosos. Bonnard foi membro do grupo francês *Peintres-graveurs* e se destacou com as suas ilustrações para a obra *Parallèlement*, do poeta francês Paul Verlaine (1844-1896), editada pelo negociante de Arte, Ambroise Vollard (1866-1939). Essa obra é uma edição de luxo, financiada por uma nova geração de bibliófilos franceses que buscavam fomentar ilustrações mais “autorais” (IVES; GIAMBRUNI; NEWMAN, 1989).

As imagens que se seguem evidenciam as semelhanças entre as ilustrações de Bonnard e as de Cícero Dias para a obra *Ciclo da Moura*, da coleção da SCBB da BCE.



Figura 32 – VERLAINE, Paul. *Parallèlement*. Ilustração: BONNARD, Pierre. 1900.



Fonte: IVES; GIAMBRUNI; NEWMAN, 1989.

Figura 33 – SCHIMDT, Augusto Frederico. *Ciclo da Moura*. Ilustração: Cícero Dias, 1967.



Fonte: Acervo de Obras Raras – BCE.

Bonnard fez os esboços das ilustrações de *Parallèlement* a partir do texto já impresso, o que lhe deu maior liberdade para combinar texto e imagem.

*Parallèlement*, which appeared in 1900, was the first of more than twenty deluxe volumes Vollard was to publish that would establish a new aesthetic in books by combining classically printed texts with the freely conceived illustration of contemporary painters or sculptors. As the

first modern *livre de peintre*, Bonnard's *Parallèlement* achieved such a harmonious union of words and images that it is difficult to imagine an artist better suited to the task of illustrating Verlaine's last important collection of verses (IVES In: IVES; GIAMBRUNI; NEWMAN, 1989, p. 28)<sup>84</sup>.

Algumas ilustrações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil também buscaram conciliar texto e imagem. Semelhante ao processo criativo de Bonnard, certos trechos das correspondências trocadas entre Castro Maya e Carybé evidenciaram que o grupo também enviava o texto impresso para que o artista elaborasse as ilustrações.

Alguns artistas também se envolviam na produção técnica das obras da SCBB, um dos que mais se envolveu foi Darel Valença Lins, atuando como Diretor Técnico entre os anos de 1951 e 1966. Dos 23 títulos publicados, Darel esteve à frente de 16. Sobre a presença de Darel nesse grupo, Barçal (2002, p. 52) afirmou: “E se Raymundo foi a alma da Sociedade, Darel durante muito tempo lhe foi o corpo”.

O trabalho do Diretor Técnico da SCBB consistia em:

[...] conceber graficamente o exemplar da vez, o que hoje chamamos de projeto gráfico. Escolhiam a tipografia, o corpo do texto, o título, as cores e definiam a área ocupada pela gravura [...] Ainda abriam as matrizes para os ilustradores que não sabiam gravar, como Djanira e Di Cavalcanti (MONTEIRO, 2008, p. 216).

Darel acabou se interessando pela fabricação artesanal de livros e, após a sua chegada na SCBB, as edições passaram a ter características de livro de bibliófilo, no sentido de que eram fabricadas com processos inteiramente artesanais, semelhantes aos exemplares luxuosos editados pelos grupos de bibliófilos europeus (SIQUEIRA, 2010).

A experiência de Darel com a gravura era notória, Loi Portinari era especializado na impressão manual, mas não na impressão das gravuras, por isso Darel acabou se tornando essencial na composição da equipe de trabalho da *Gráfica das Artes S.A.*<sup>85</sup> (REIFSCHNEIDER, 2012).

Como já mencionado, Darel ilustrou a obra *Memórias de um sargento de milícias* com gravuras em metal aquareladas à mão. Darel afirmou que essas ilustrações foram inspiradas por “um livro ilustrado por Dufy, em litografias a cores. Por não saber fazê-la, decide colorir

---

<sup>84</sup> *Parallèlement*, editado em 1900, foi o primeiro de mais de vinte volumes luxuosos que Vollard deveria publicar, os quais estabeleceriam uma nova estética em livros, por combinar textos impressos de forma clássica com ilustração concebida livremente, de pintores ou escultores contemporâneos. Na qualidade de primeiro *livre de peintre* moderno, *Parallèlement*, de Bonnard, atingiu uma união tão harmoniosa de palavras e imagens, que é difícil imaginar um artista mais adequado para a tarefa de ilustrar a última coleção importante de versos de Verlaine (IVES In: IVES; GIAMBRUNI; NEWMAN, 1989, p. 28, tradução nossa).

<sup>85</sup> Contudo, Darel afirmou, em diversas ocasiões, que sua relação com Castro Maya era conturbada: “Castro Maya se aproveitou de mim, me tirou da justificação da tiragem, mas fala nos dois estampadores. Os dois estampadores eram pessoas que eu pegava na rua, desempregados, e ensinava a fazer estampas. Fiz deles estampadores”. (REIFSCHNEIDER, 2012, p. 83).

cada prova”. (BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002, p. 57). A figura abaixo evidencia a semelhança entre a ilustração de Darel para *Memórias*. e a obra ilustrada por Dufy.

**Figura 34** –Da esquerda para direita: DAUDET, Alphonse. *Aventures prodigieuses de Tartarin de Tarascon*. Ilustração: DUFY, Raoul. 1937. ALMEIDA, M. A. *Memórias de um sargento de milícias*. Ilustração: VALENÇA, Darel, 1956.



Disponível em: [artvaleue.fr.com](http://artvaleue.fr.com), acesso em: 31 dez. 2015. Fonte: Coleção de Obras Raras da BCE.

Siqueira (2010, p. 65) também destacou a valorização das ilustrações de Darel para o exemplar *Memórias de um sargento de milícias*: “Antônio Rocha fala de seu preço excepcional, 4.000,00 cruzeiros, bem acima dos 1.500 cruzeiros estipulado nos estatutos da Sociedade”. No caso de um exemplar aquarelado à mão, as gravuras se tornaram ainda mais particulares. Monteiro (2008) já havia notado a diferença na coloração das imagens, o que era de se esperar frente a grande quantidade de impressões. Como a BCE possui dois exemplares dessa obra, foi possível comparar as diferenças de coloração (Fig. 35).

**Figura 35** –Da esquerda para direita: Exemplar de Ricardo Xavier da Silveira e exemplar de Themístocles Marcondes Ferreira



Fonte: Coleção de Obras Raras da BCE.

Como mencionado por Monteiro (2008), entre 1958 e 1959, Darel se ausentou da Direção Técnica da SCBB e Poty Lazzarotto assumiu o trabalho de impressão das gravuras. Segundo Hallewell, Poty já possuía larga experiência na produção de gravuras e de livros ilustrados:

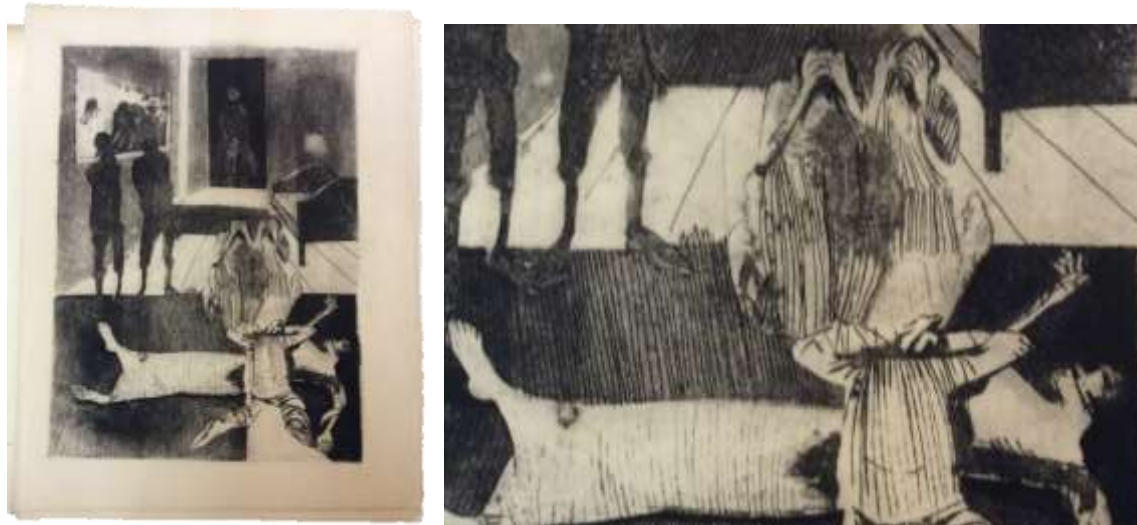
[...] em 1956, por essa época, a José Olympio instituiu capas coloridas (frequentemente reproduzidas na página de rosto), tendo Poty Lazzarotto como principal artista. Poty foi também importante ilustrador de muitos títulos da J. Olympio, entre os quais algumas edições de *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, *Chapada do Bugre*, de Mário Palmério, *O coronel e o lobisomem*, de José Cândido de Carvalho e *Sagarana*, de Guimarães Rosa (HALLEWELL, 2005, p. 514).

Poty foi responsável pela produção da 12ª e da 13ª publicações da SCBB, respectivamente, *Bestiário* e *Menino de Engenho*. No colofão da obra *Menino de Engenho* encontra-se o registro dessa participação:

Esta edição de *Menino de Engenho* de José Lins do Rêgo ilustrada com gravuras de Portinari décima terceira publicação da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil foi realizada sob a direção de Raymundo Ottoni de Castro Maya e Cypriano Amoroso Costa e a supervisão de Poty Lazzarotto [...] (COLOFÃO DA OBRA *Menino de Engenho*, 1959; ANEXO AY).

A obra *O menino de engenho* foi ilustrada por Portinari, e, diferente de grande parte dos colofões das obras da SCBB, esta não especifica a técnica da gravura. Percebe-se, entretanto, que se trata de gravura em metal, já que apresenta o *testemunho*<sup>86</sup> da matriz de metal; além disso, a ilustração apresenta os traços característicos da água-forte e água-tinta (GASCOIGNE, 2014) (Fig. 36).

**Figura 36** - REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 1959. Ilustração: Cândido Portinari. Exemplar N° 13 de Ricardo Xavier da Silveira. [Detalhe da ilustração de Portinari, observa-se traços característicos da água-forte e das manchas formadas por pequenos pontos, típicos da água-tinta].



Fonte: Coleção de Obras Raras da BCE.

Para as novas gerações de bibliófilos, estabelecidas a partir do final do século XIX, o envolvimento do artista na produção do livro trouxe ainda mais autenticidade às obras luxuosas. Esse fenômeno também permitiu que os artistas tivessem maior autonomia na criação das ilustrações (HARTHAN, 2014). A ilustração com gravuras originais produzidas por grandes artistas contribui com a valorização da coleção da SCBB da BCE. Além disso, como será mostrado a seguir, muitos volumes possuem um excedente de obras adquiridas pelos bibliófilos, aspecto ainda mais individualizador dessa coleção.

---

<sup>86</sup> Testemunho: rebaixamento das bordas de uma estampa, causada pela matriz quando calcada contra a folha de papel, durante a impressão (LEITE, 1966, p. 70).

### **5.1.1 As obras excedentes adquiridas pelos bibliófilos que compõem a coleção da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da BCE**

Os exemplares da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil do acervo da BCE possuem gravuras e desenhos excedentes, ou seja, além da tiragem oficial das gravuras dos livros editados pelo grupo. O estatuto da SCBB previa que no jantar de apresentação dos livros aos sócios haveria um leilão dos desenhos e das provas de estado<sup>87</sup> das gravuras – todas obras originais – elaboradas pelos artistas no processo de criação das ilustrações dos livros promovidos pelo grupo.

Os termos do acordo firmado entre a Sociedade dos Cem Bibliófilos e o artista previam: “O artista ilustrador obriga-se a entregar à Sociedade todos os originais das gravuras, os quais serão vendidos em leilão, nos termos do Artigo VI” (ESTATUTO DA SOCIEDADE DOS CEM BIBLIÓFILOS DO BRASIL; ANEXO AB).

Ainda nas correspondências trocadas com Carybé, Castro Maya destacou que o estatuto da SCBB previa o leilão dos estudos das ilustrações, mencionou ainda que uma porcentagem dos lucros seria destinada ao ilustrador. A partir do trecho destacado abaixo, percebe-se que os lucros advindos desses leilões também eram usados por Castro Maya para negociar os valores relativos à parte que caberia ao ilustrador.

Pelos Estatutos da Sociedade dos Cem Bibliófilos, os originais ficam pertencendo à Sociedade que os vende em leilão aos sócios por ocasião da entrega do livro. Será que este fato já é do seu conhecimento, que para nós é de importância capital?

Com o Poty que está fazendo “Canudos” resolvemos que ele teria 20% do produto do leilão, além do pagamento das placas para as águas-fortes que eram contratadas por Cr\$. 60.000,00.

Os seus maravilhosos desenhos não tenho dúvida que darão certamente Cr\$. 200.000,00 no leilão, e é esta maneira de proceder que nos tem permitido fazer os nossos livros, pois calculo que o “Macunaíma” custará à Sociedade mais ou menos Cr\$ 600.000,00.

Não seria melhor reduzir o preço básico e receber a porcentagem sobre o leilão?

(MAYA, 20 de out. 1955, f. 1/2, ANEXO BZ).

Nesse mesmo sentido, os artigos V e VI do estatuto da SCBB versam sobre o leilão de obras excedentes, esses artigos expressam que o recurso adquirido seria usado para auxiliar no pagamento do artista ilustrador.

O produto do leilão dos originais será destinado ao pagamento de uma porcentagem ao ilustrador, de gratificações e despesas várias, e constituição de reserva, a critério da Comissão

---

<sup>87</sup> Prova de estado: Cada uma tirada da matriz em determinado momento de sua elaboração, antes de que o artista-gravador possa dá-la como concluída. Porque explicam, não raro, o processo criador de cada artista, as provas de estado são muito cobiçadas pelos colecionadores, havendo muitas falsas provas de estado de estampas antigas, forjadas a partir de originais dos quais certas parte foram encobertas. As provas de estado ocorrem sobretudo na gravura em metal, escasseiam na litografia e praticamente inexistem na xilografia (LEITE, 1966, p. 70).

Executiva (ESTATUTO DA SOCIEDADE DOS CEM BIBLIÓFILOS DO BRASIL, f. 3/ 4; ANEXO AB).

Além das provas de estado das gravuras usadas nas ilustrações dos exemplares, Castro Maya encomendava ao artista a produção de desenhos ou de gravuras para serem leiloadas:

Será que você poderia fazer alguns desenhos do Carybé de hoje ilustrando “Macunaíma” para serem vendidos em leilão por ocasião da distribuição do livro? Estes desenhos seriam feitos no mesmo papel Arches que lhe enviarmos e sobre estes novos desenhos, poderíamos combinar uma percentagem maior para você. Que acha da ideia? Naturalmente não se gravaria placas destes desenhos (MAYA, 13 set. 1956; ANEXO BA).

Recebi tua última carta e venho agradecer a tua futura colaboração para “Macunaíma”, fazendo novos desenhos; estou enviando pela Panair, umas 40 folhas de papel Arches do tamanho do livro, para você nas horas vagas ir desenhando nosso herói (MAYA, 27 set. 1956; ANEXO BB).

Todos os exemplares de Castro Maya têm desenhos e gravuras adquiridas nesses leilões. O exemplar da obra *Cadernos de João*, por exemplo, possui aquarelas de Babinski, que serviram de estudo para as ilustrações. Outros exemplares de Castro Maya se destacam pela profusão de aquarelas, caso das obras *Bestiário* e *Memórias de um sargento de milícias*.

**Figura 37** – Exemplar da obra *Bestiário* de Castro Maya com aquarelas de Marcello Grassmann.



Fonte: Biblioteca Museu Chácara do Céu – RJ. Foto: Da autora.

Dos exemplares que formam a coleção da BCE, as coleções de Pedro Nava e de Ricardo Xavier da Silveira apresentam obras adquiridas nos leilões promovidos pela SCBB. A coleção de Silveira é a que apresenta o maior número de obras.

Muitos livros da BCE também contam com os menus dos jantares de apresentação das obras da SCBB. A ilustração dos menus dos jantares com gravuras também está presente nos livros dos *Les Cent Bibliophiles*. Inclusive Castro Maya possui alguns livros dessa Sociedade francesa em que os menus foram encadernados.

A coleção de Ricardo Xavier contém desenhos, provas de estado das gravuras, menu de jantares de apresentação dos volumes da SCBB e também há exemplares que possuem assinatura dos artistas ilustradores. Dos quatro bibliófilos que formaram a coleção da SCBB da BCE, Silveira foi o que participou mais ativamente da Sociedade. Como exposto anteriormente, Silveira foi membro da Comissão Executiva e, como Castro Maya, adquiriu grande parte das obras que eram leiloadas. Isso acabou se tornando uma maneira de ajudar a sustentar a SCBB nos momentos de crise financeira:

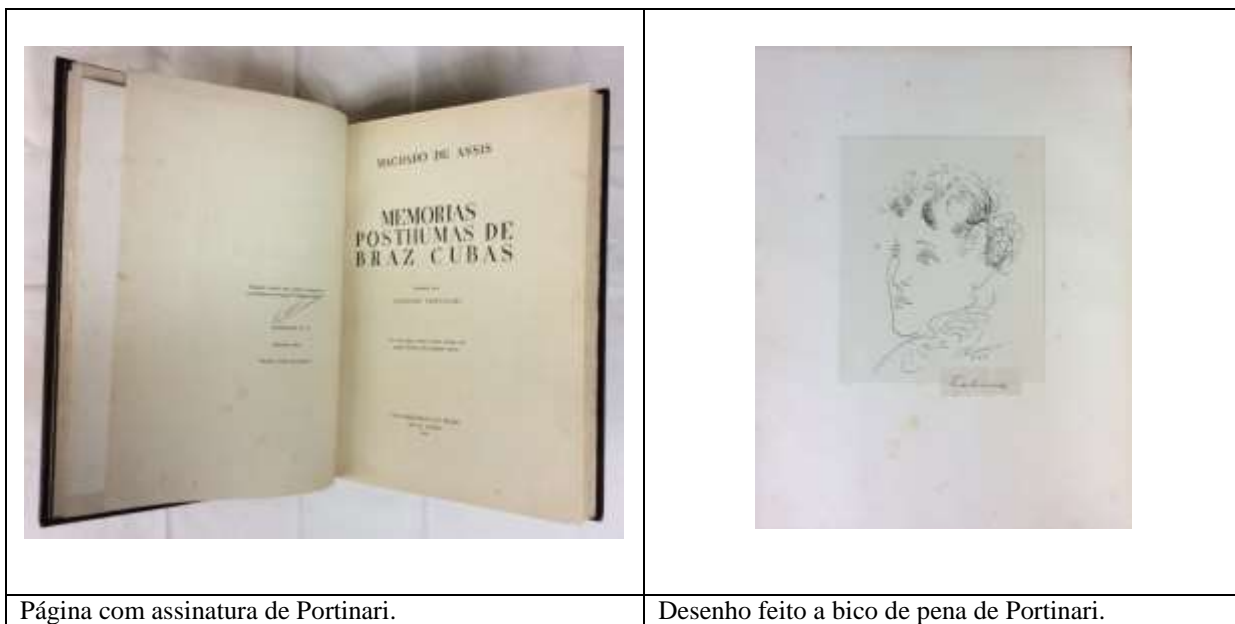
Jantares no Jockey Club ou no “Country” comemorávamos 23 lançamentos de livros publicados pelos Cem Bibliófilos. O ilustrador do ano desenhava o “menu” e, ao fim da festa, leiloavam-se os originais criados para o livro, sendo as matrizes inutilizadas. Castro Maya não só arrematou a maior parte desses originais como também assumiu a responsabilidade financeira da Sociedade, ao longo de sua existência (A SOCIEDADE DOS CEM BIBLIÓFILOS DO BRASIL, s/d; ANEXO AT).

Ao todo são dez livros de Ricardo Xavier da Silveira que possuem obras excedentes, além da tiragem oficial das gravuras dos livros da SCBB. A obra *Memórias Posthumas de Braz Cubas* contém a assinatura de Portinari; o *ex libris* de Silveira; o menu do jantar e um desenho feito a bico de pena por Portinari.

**Quadro 9** – Obra *Memorias Posthumas de Braz Cubas* da coleção de Ricardo Xavier da Silveira







O exemplar de *Espumas Fluctantes* de Ricardo Xavier da Silveira possui seis desenhos de Santa Rosa, o convite do jantar promovido pela SCBB e o menu desse jantar. Esse menu foi ilustrado com uma gravura de Santa Rosa e apresenta também a assinatura desse artista.

**Quadro 10** – Obra *Espumas Fluctantes* da coleção de Ricardo Xavier da Silveira





Desenho de Santa Rosa

Fonte: Setor de Obras Raras – BCE.

A obra *Luzia Homem* da coleção de Ricardo Xavier da Silveira é a que possui o maior número de obras excedentes adquiridas pelo bibliófilo. Ao todo são 34 gravuras de Clóvis Graciano (provas de estados das águas-fortes) e o menu do jantar realizado em 14 de dezembro de 1949, no Jockey Club – RJ.

**Quadro 11** – Obra *Luzia Homem* da coleção de Ricardo Xavier da Silveira



Provas de estado das gravuras.

Fonte: Setor de Obras Raras – BCE.

Provas de estado das gravuras.

A obra *O caçador de esmeraldas* da coleção de Ricardo Xavier da Silveira possui dois desenhos feitos a bico de pena por Enrico Bianco.

**Quadro 12** – Obra *O caçador de esmeraldas* da coleção de Ricardo Xavier da Silveira



Desenho a bico de pena de Enrico Bianco.

Gravura que acompanha o menu do jantar.

Fonte: Setor de Obras Raras – BCE.

A obra *Pelo Sertão* da coleção de Ricardo Xavier da Silveira possui 9 xilogravuras excedentes de Lívio Abramo – seis provas de estado para as gravuras que ilustram o exemplar e três gravuras excedentes, que não foram usadas na ilustração, mas que se relacionam com o texto. Apresenta ainda, dois desenhos preparatórios para as gravuras que ilustram a obra *Pelo Sertão*.

**Quadro 13** – Obra *Pelo Sertão* da coleção de Ricardo Xavier da Silveira



Xilogravuras de Lívio Abramo.



Xilogravura que acompanha o menu do jantar com assinatura de Lívio Abramo.

Fonte: Setor de Obras Raras – BCE.

A obra *Bugrinha* da coleção de Ricardo Xavier da Silveira contém duas obras da artista Heloísa de Farias – uma litografia (prova de estado) e um desenho feito a carvão.

**Quadro 14** – Obra *Bugrinha* da coleção de Ricardo Xavier da Silveira



Desenho de Heloísa Faria.

Gravura que acompanha o menu do jantar.

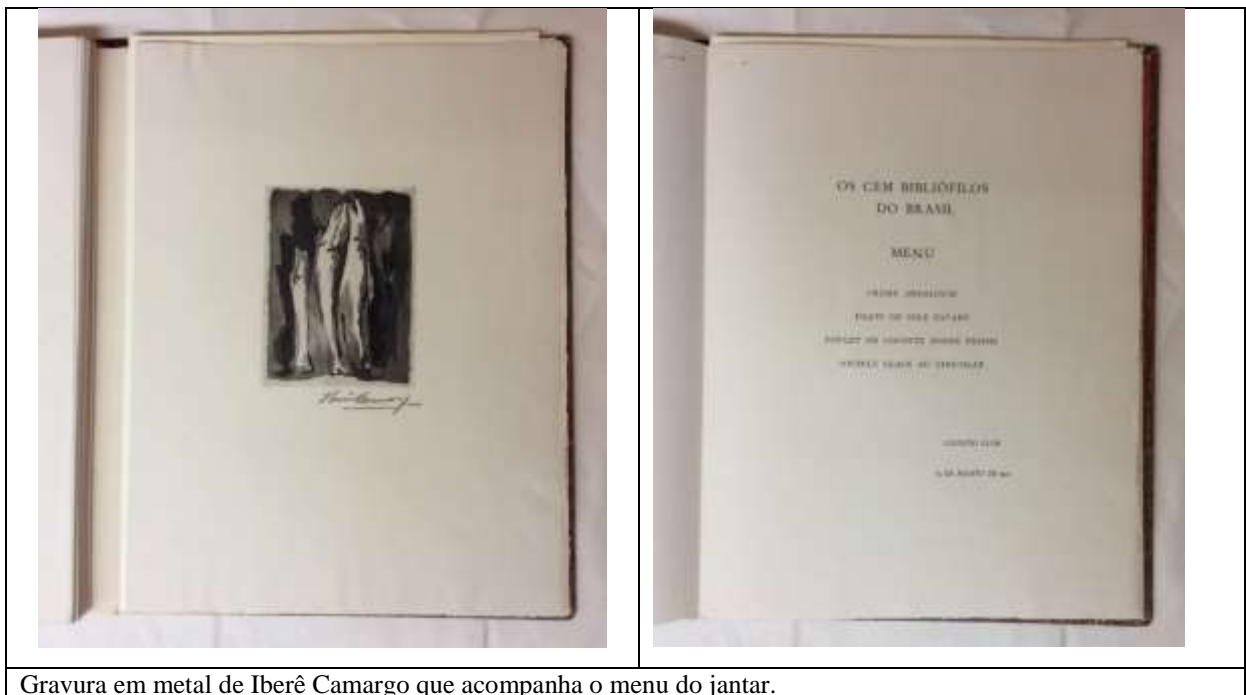
Fonte: Setor de Obras Raras – BCE.

A obra *O rebelde* da coleção de Ricardo Xavier da Silveira contém uma gravura de Iberê Camargo que ilustra o menu do jantar de apresentação do livro, que ocorreu no Country Club, em 19 de agosto de 1952. Também possui uma lista com as obras que foram leiloadas. A partir desse catálogo pode-se ter a dimensão da quantidade de obras que eram leiloadas pela Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. No caso específico da obra *O Rebelde*, além dos desenhos e das provas de estado, foram leiloadas outras gravuras excedentes de Iberê Camargo:

- A – 30 provas de artista<sup>88</sup>, livro e menu
- B – Série de 29 vernizes moles, 1ª prova de estado e 2 vernizes moles de gravuras não aproveitadas.
- C – Série de 29 contra-provas, 1º estado, 2 contra-provas, 1º estado, gravuras não aproveitadas.
- D – Série de 29 vernizes moles, 1º estado.
- E – 11 gravuras hors-Série<sup>89</sup>.
- F – 10 gravuras hors-Série.
- G – Série de 5 gravuras não incluídas no livro
- H – 6 gravuras em 2º e 3º estado.
- I – 6 gravuras em 2º e 3º estado. (CATÁLOGO DO LEILÃO – “O rebelde”, 19 ago 1952; ANEXO BC).

Embora o exemplar de *O rebelde* de Silveira contenha esse Catálogo, não consta nenhuma dessas obras que foram leiloadas.

**Quadro 15** – Obra *O rebelde* da coleção de Ricardo Xavier da Silveira



Gravura em metal de Iberê Camargo que acompanha o menu do jantar.

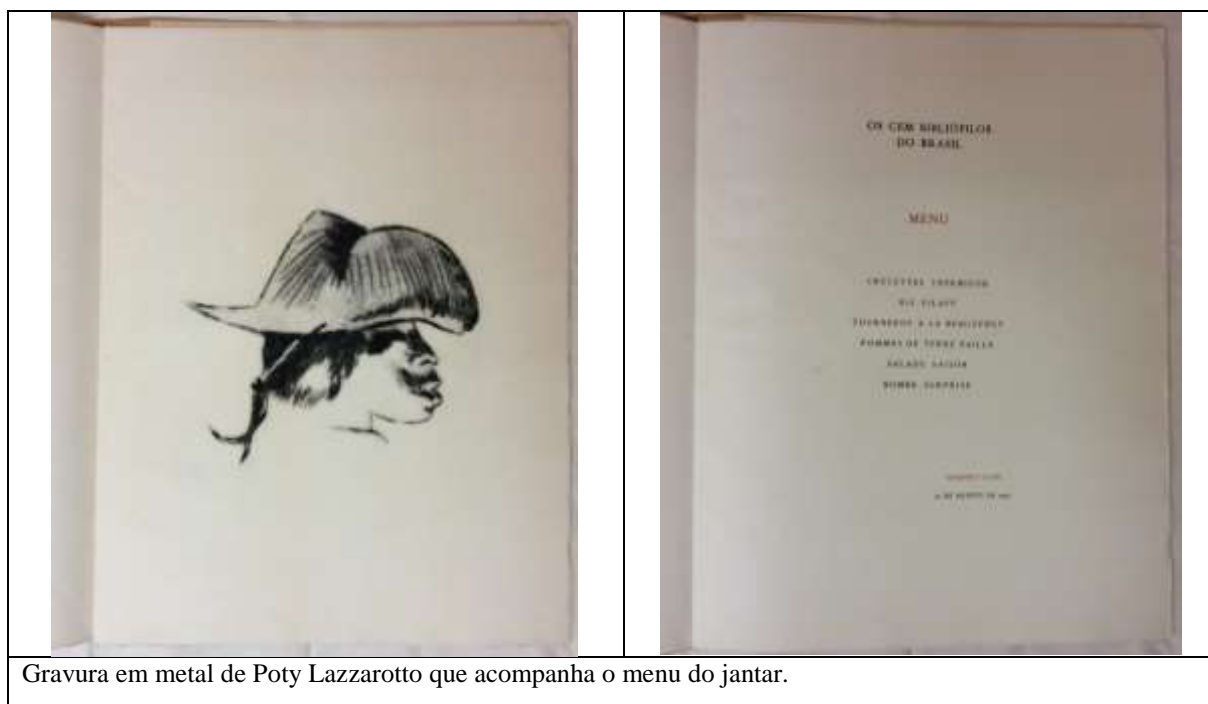
Fonte: Setor de Obras Raras – BCE.

A obra *Canudos* da coleção de Ricardo Xavier da Silveira apresenta uma gravura excedente de Poty Lazzarotto - não se trata de uma prova de estado para as gravuras que ilustraram o exemplar, mas se relaciona com outras imagens que ilustraram o texto.

<sup>88</sup> Prova de artista: concluída a gravação da matriz, é lícito ao artista-gravador tirar certo número de estampas, via de regra até seis (numeradas em algarismos romanos), com a menção: prova de artista. Essas provas de artista precedem a tiragem propriamente dita (LEITE, 1966, p. 70).

<sup>89</sup> Hors Série: Tiragem fora da série da tiragem estipulada pelo artista. Também pode se referir à cópia única de uma gravura.

**Quadro 16** – Obra *Canudos* da coleção de Ricardo Xavier da Silveira



Gravura em metal de Poty Lazzarotto que acompanha o menu do jantar.

Fonte: Setor de Obras Raras – BCE.

Os exemplares de *Macunaíma* e de *Pasárgada* das coleções de Pedro Nava e de Ricardo Xavier apresentam os mesmos menus ilustrados. Uma gravura de Carybé acompanha o menu do jantar de *Macunaíma* e uma gravura de Aldemir Martins acompanha o menu do jantar de *Pasárgada*.

A Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil é considerada um dos principais grupos que promoveram a edições de luxo no Brasil e a coleção de Ricardo Xavier da Silveira da BCE se destaca por conter livros com um grande número de gravuras excedentes e de desenhos preparatórios para as ilustrações.

Apesar de encontrarmos exemplares anteriores, como *Cobra Honorato*, já em 1937, as edições de luxo, no Brasil, parecem ter como marco histórico as edições da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil (SCBB) [...] A SCBB foi inspirada nas sociedades bibliófilas da França e da Inglaterra, cujo objetivo era valorizar o livro “como objeto precioso e, por isso, consideravam necessário imprimir edições com tiragem limitada e, desta forma, manter um controle sobre a qualidade da edição”. [...].

A fragilidade do projeto editorial da SCBB expõe algumas dificuldades enfrentadas pelo mercado editorial brasileiro da época, entre elas a falta de tradição no ofício da impressão e a subsequente falta de público para trabalhos elaborados de impressão. De qualquer modo, a iniciativa de Castro Maya possuía seus méritos. Primeiro porque conseguiu a colaboração de importantes artistas oriundos do núcleo histórico do Modernismo: Cândido Portinari, Di Cavalcanti, Clóvis Graciano, Djanira e Cícero Dias. Entre eles, gravadores renomados como Santa Rosa, Lívio Abramo, além de artistas ascendentes na época, como Iberê Camargo, Darel Valença, Poty Lazzarotto, Carybé, Marcello Grassmann, Aldemir Martins, Maciej Babinsky, Eduardo Sued, Isabe Pons e Mário Cravo. Segundo porque se apresentou publicações próximas à cultura brasileira, como literatura e ilustração feitas por artistas nacionais. Há ainda um aspecto que não pode ser ignorado: a impressão das ilustrações é esmerada; as imagens foram cuidadosamente manipuladas (OLIVEIRA; MONTEIRO, 2013, p. 261).

Sobre a valorização das provas de estados das gravuras, Leite (1966, p. 70) destacou que elas “são muito cobiçadas pelos colecionadores”, isso se deve ao fato de que são obras mais restritas do que a tiragem comum das gravuras e também porque as provas de estado podem revelar algo do processo criativo dos gravadores.

O valor cultural e de mercado dos livros da BCE também está atrelado às ilustrações, sobretudo porque os artistas eram reconhecidos nacionalmente e muitos deles se destacaram no cenário artístico brasileiro. A aquisição de obras excedentes desses artistas individualiza os livros da BCE, além de agregar valor e raridade a eles, como esta dissertação vem afirmando.

## **5.2 Encadernações dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da BCE**

A tiragem reduzida dos livros produzidos pela Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil garantia aos colecionadores o privilégio de possuir exemplares que poucos conseguiam adquirir. Contudo, mesmo frente à pequena tiragem, essas obras podiam se tornar ainda mais exclusivas com as encadernações que recebiam dos bibliófilos, que, a partir delas, poderiam personalizar seu objeto colecionado, caso de alguns dos livros que estão na coleção da BCE.

Uma das principais características da produção bibliófila é a confecção de livros sem costuras e sem encadernação. Em entrevista à Creni (2013), muitos editores e artistas que participaram das tipografias artesanais brasileiras mencionaram a produção de livros inconsúteis como algo tradicional dos grupos bibliófilos, especialmente das sociedades francesas. Geir Campos, da Editora artesanal *Hipocampo*, sobre as características da produção dessa tipografia, destacou:

E assim terminaram as Edições Hipocampo, uma coleção de vinte livros de composição tipográfica manual, feita por Thiago e por mim naquela tipografiazinha de Niterói, “inconsúteis” ou sem costuras, em papel especial e com tipografia especial também (CRENI, 2013, p. 56).



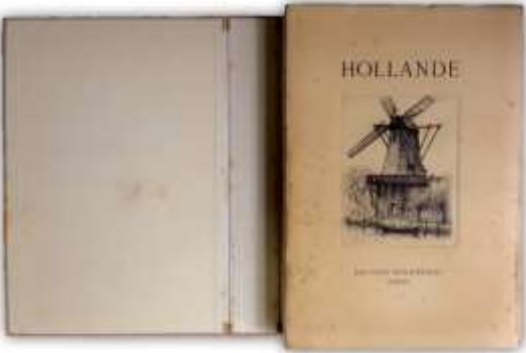

O poeta Thiago de Mello também da editora *Hipocampo*, realçou o fato de os livros serem inconsúteis como algo que remontaria à tradição de produção bibliófila: “Nossos livros não eram costurados, porque essa é uma característica tradicional desde o século XVI, os livros sempre sem costura” (CRENI, 2013, p. 64). Acentuando esse mesmo aspecto nas edições bibliófilas, Cléber Teixeira, da *Editora Noa Noa*, disse:

O ideal seria fazer edições para bibliófilos. E com todas as características desse produto, ou seja, com papel importado ou artesanal nacional, com ilustrações originais de bons artistas,

livros sem costura, uma tiragem de cem exemplares numerados e assinados pelo autor (CRENI, 2013, p. 135).

A Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil também entregava os exemplares impressos, sem costura e sem encadernação. O aspecto geral das obras entregues pela SCBB era semelhante ao das sociedades bibliófilas francesas. Examinando os livros franceses que pertenceram à Castro Maya, logo são identificadas características comuns com muitos dos livros da SCBB da BCE: os volumes são organizados em cadernos envolvidos em uma sobrecapa que se encaixa na primeira e na última página do volume. Alguns livros também apresentam uma camisa<sup>90</sup> confeccionada com papelão grosso, e também foram identificados alguns livros guardados em estojos<sup>91</sup> (Quadro 17).

**Quadro 17** – quadro comparativo das obras do grupo *Les Cent Bibliophiles* e a da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da BCE

Livros da Sociedade <i>Les Cent Bibliophiles</i>	Exemplares da SCBB da BCE
	
Exemplares fechados – uma camisa de papel grosso envolve o volume.	
	
Exemplares abertos – Falsa folha-de-rosto	

<sup>90</sup> “Camisa: cobertura de papel usada para proteger documentos ou para mantê-los juntos” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 126).

<sup>91</sup> “Estojo: caixa feita com a finalidade de proteger e/ou guardar um ou vários livros ou documentos. Quando se trata de um único livro ou documento cobre-o de tal modo que apenas deixa de fora a lombada; invólucro” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 314)





Fonte: Biblioteca do Museu Chácara do Céu/ Obras Raras BCE/ UnB.

Em geral, os livros produzidos pela SCBB eram entregues em sobrecapa, uma capa que envolve os cadernos inconsúteis, muitas delas apresentam o título do exemplar e, em alguns casos, imagens que se relacionam com o conteúdo do livro. A maior parte dos livros que estão no acervo de Obras Raras da BCE não foi encadernado (Quadro 18).

**Quadro 18** – Obras não encadernadas da coleção da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da BCE.







<b>Coleção Ricardo Xavier da Silveira</b>		
	<b>Obra</b>	<b>Tipo de revestimento</b>
1	O Rebelde	Sobrecapa/ camisa que envolve sobrecapa/ estojo
2	Memórias de um sargento de milícias	Sobrecapa/ camisa que envolve sobrecapa
3	Três contos	Sobrecapa/ camisa que envolve sobrecapa/ estojo
4	Canudos	Sobrecapa
5	Macunaíma	Sobrecapa/ camisa que envolve sobrecapa/ estojo
6	Bestiário	Sobrecapa/ camisa que envolve sobrecapa/ estojo
7	Menino de engenho	Sobrecapa/ estojo
8	Pasárgada	Sobrecapa/ estojo
9	Poranduba Amazonense	Sobrecapa/ camisa que envolve sobrecapa

10	A morte e a morte de Quicas Berro D'água	Sobrecapa/ camisa que envolve sobrecapa
11	Cadernos de João	Sobrecapa/ camisa que envolve sobrecapa/ estojo
<b>Coleção Carlos Lacerda</b>		
1	O compadre de Ogum	Sobrecapa
2	Hino Nacional	Sobrecapa
<b>Coleção Pedro Nava</b>		
1	Macunaíma	Sobrecapa/ estojo
2	Hino nacional brasileiro	Sobrecapa
3	Campo geral	Sobrecapa/ camisa que envolve sobrecapa
4	O compadre de Ogum	Sobrecapa
5	4 Contos	Sobrecapa/ camisa que envolve sobrecapa/ estojo
6	Cadernos de João	Sobrecapa/ camisa que envolve sobrecapa
7	Ciclo da Moura	Sobrecapa/ camisa que envolve sobrecapa
8	Bestiário	Sobrecapa/ camisa que envolve sobrecapa/ estojo
9	Poranduba Amazonense	Sobrecapa
10	Pasárgada	Sobrecapa/ camisa que envolve sobrecapa
11	As Aparições	Sobrecapa/ camisa que envolve sobrecapa
12	A morte e a morte de Quincas Berro D'Água	Sobrecapa/ camisa que envolve sobrecapa
13	Menino de engenho	Sobrecapa/ camisa que envolve sobrecapa
<b>Coleção Themístocles Marcondes Ferreira</b>		
1	Memórias de um sargento de milícias	Sem revestimento
2	Cadernos de João	Sobrecapa/ camisa que envolve sobrecapa/ estojo
3	Poranduba amazonense	Sem revestimento
4	Canudos	Sobrecapa
5	Hino nacional brasileiro	Sobrecapa
6	O compadre de Ogum	Sobrecapa

Fonte: Obras Raras – BCE/ UnB

Outro aspecto que se destaca nos livros inconsúteis da BCE é a presença de um mesmo revestimento em exemplares de diferentes bibliófilos. A documentação de Castro Maya não mencionou expressamente se a SCBB entregava os volumes com revestimentos, há somente, entre as despesas dos livros, uma que se refere à confecção de “estojos”, que pode se referir aos invólucros de alguns dos livros não encadernados da BCE. (ANEXO BD).

**Quadro 19** – Comparativo de exemplares da coleção da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da BCE

Exemplar de Pedro Nava	Exemplar de Ricardo Xavier da Silveira
	
	
	

Fonte: Obras Raras – BCE/ UnB

Alguns grupos como *O Gráfico Amador* e a *Philobibliion* encadernaram exemplares, muitos dos quais apresentavam capas no formato brochura, feitas com papel artesanal e estampadas com gravuras (CRENI, 2013). *O Gráfico Amador*, por exemplo, apresentava diversos tipos de encadernação, havendo também alguns exemplares inconsúteis:

A encadernação dos livros, de uma maneira geral, era bastante simples. Capas eram coladas sobre costuras simples. Muitas vezes os cadernos ficavam soltos dentro da capa. Em alguns casos foram usados grampos de lombada. Em um dos livros, *Ciclo*, de Carlos Drummond de Andrade, empregou-se a técnica da encadernação chinesa: folhas do miolo coladas cuidadosamente pelas bordas, formando uma sanfona contínua que se encaixava pelos dois lados na capa (LIMA, 2014, p. 69).

O aspecto geral das encadernações francesas pode ser identificado nos exemplares da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil de Castro Maya e também na coleção de exemplares encadernados da BCE. A coleção de Ricardo Xavier da Silveira é a que apresenta mais exemplares sendo possível verificar a influência das encadernações francesas.

Um dos fatores que impulsionou a disseminação das sociedades bibliófilas foi a decadência da qualidade da produção bibliográfica. Alguns desses grupos também procuravam por métodos tradicionais na confecção de livros, inclusive muitas técnicas de encadernação foram resgatadas e novos tipos de ornamentação das capas foram criadas a partir da crescente procura dos colecionadores (PRIDEAUX, 2011). Como será explicitado, essa tendência inovadora da encadernação está presente em alguns livros da SCBB da BCE.

O processo de fabricação do livro, de maneira geral, passou por significantes transformações durante o século XIX, alguns tipos de encadernações tradicionais foram substituídos por novas técnicas para, assim, adequarem-se à crescente produção industrial de livros (GONÇALVES, 2008).

O século XIX vivencia essa dupla polaridade: a sofisticação dos métodos de encadernação para atender um público consumidor cada vez mais exigente e a simplificação do processo no contexto da industrialização (GONÇALVES, 2008, p. 23).

Algumas sociedades, caso do *Roxburghe Club*, produziram suas próprias encadernações, que, com seu estilo, influenciou algumas tipografias artesanais:

From the outset, Roxburghe books have been bound in a particular style, quarter leather with plain sides. For the first little books, plain black or brown calf and maroon paper sides sufficed. As the books grew more substantial, morocco backs and buckram sides were substituted, designed with considerable elegance. These are the 'Roxburghe-style' bindings that private presses and others have imitated (Disponível em: <http://www.roxburgheclub.org.uk/history/>, Acesso em: 14 jan. 2016)<sup>92</sup>.

Os primeiros grupos bibliófilos, de um modo geral, encadernavam seus volumes com estilos mais sóbrios e sem muitas inovações. Esses colecionadores procuravam livros de literatura do século XVIII, bem confeccionados e com materiais de alta qualidade. Os bibliófilos franceses, a partir do final do século XIX, já consideravam algumas inovações na publicação e confecção de livros. Isso incentivou a produção de novos tipos de encadernações (PRIDEAUX, 2011).

Alguns grupos franceses como *Les Amis des Livres de Lyon*, *Société des Amis des livres* e *Les Cent Bibliophiles*, como destacou Prideaux (2011), contribuíram para a formação de um novo padrão de gosto na classe bibliófila de seu tempo:

These facts are interesting as showing how a small number of the genuine book lovers and collectors constitute a real power, and so far control the character of the book market that they

---

<sup>92</sup> No aspecto exterior, os livros da Roxburghe foram encadernados em um estilo particular, com couro apenas na lombada e laterais de cor sólida. Para os primeiros pequenos livros, capas revestidas de papel preto sólido ou marrom eram suficientes. À medida que os livros foram se tornando mais substanciais, lombadas de marroquino e capas de *Buckram* foram substituídas, desenhadas com considerável elegância. Esses são os estilos de encadernação Roxburghe, que gráficas particulares e outros imitaram (Disponível em: <http://www.roxburgheclub.org.uk/history/>, Acesso em: 14 jan. 2016, tradução nossa).

create a new taste which will be recorded in history as the fashion of the age in which they lived (PRIDEAUX, 2011, p. 249)<sup>93</sup>.

As encadernações modernas, com seus mais variados estilos e padrões ornamentais, possibilitou ao bibliófilo a personalização do livro. Novas combinações de técnicas de ornamentação passaram a ser usadas e, muitas vezes, a encadernação apresentava elementos que se relacionavam com o conteúdo do exemplar. Eram decorações feitas a partir de aplicações de couro colorido que formavam figuras, novas combinações de ferros para a douração da capa e novos tipos de texturas e materiais.

Thus out of the new bibliomania grew naturally the reaction in binding with which we are now dealing, and the latest expression of which was seen in the Galliera Museum. These books of fine illustrations must have an appropriate decoration; nothing will do that has served its turn elsewhere, and every amateur stipulates that his binding shall be unique (PRIDEAUX, 2011, p. 251)<sup>94</sup>.

Grande parte dos livros das sociedades francesas e da SCBB da coleção de Castro Maya foi encadernada fora do país. Até esse período, não havia uma tradição consolidada de encadernação no Brasil, embora já houvesse alguns ateliers e profissionais capacitados para esse trabalho. Muitos exemplares da BCE não indicam a fábrica e nem o artífice que fez a encadernação. Alguns volumes de Ricardo Xavier da Silveira revelam a fabricação por uma artesã brasileira, que era especialista em encadernação francesa.

No Brasil, as primeiras oficinas de encadernação foram estabelecidas ainda no século XIX, nesse primeiro período houve uma predominância de artífices franceses. Caso de algumas lojas como a *Bouvier* e a *Morange*, que ofereciam o serviço de encadernação e que se fixaram no centro do Rio de Janeiro. Outros encadernadores estrangeiros também se consolidaram no Brasil, caso de Antônio José Coimbra, português que se fixou na Bahia; e de George Leuzinger, suíço que também trabalhou com encadernação no Brasil. No século XIX e durante a primeira metade do século XX havia dificuldade em importar produtos para o Brasil, no caso da encadernação, isso dificultou grande parte o processo de consolidação dessa atividade. Havia, por um lado, uma grande demanda por encadernação e, por outro lado, uma carência de profissionais especializados (GONÇALVES, 2008).

---

<sup>93</sup> Esses fatos são interessantes, pois mostram como um pequeno número de genuínos amantes do livro e colecionadores constitui um poder real, e controla o caráter do mercado de livros a ponto de criar um novo gosto, que vai ser gravado na história como a moda da época em que eles viveram (PRIDEAUX, 2011, p. 249, tradução nossa).

<sup>94</sup> Assim se desenvolveu, a partir da nova bibliomania, uma reação na encadernação de livros, com a qual nós estamos lidando agora e cuja última expressão foi vista na Galliera Museum. Esses livros de finas ilustrações devem ter uma decoração apropriada; nada daquilo já desempenhou seu papel alhures vai servir, e todo aficionado determina que sua encadernação será única (PRIDEAUX, 2011, p. 251, tradução nossa).

No início do século XX é possível encontrar alguns artesãos brasileiros trabalhando com encadernação. A oficina *Leuzinger*, por exemplo, foi um espaço em que “formaram-se muitos brasileiros que depois foram montar suas próprias oficinas” (GONÇALVES, 2008, p. 52).

Apesar da preferência pelo padrão francês, Castro Maya também encomendou trabalhos nas oficinas de encadernação brasileiras. Foi o caso do primeiro exemplar publicado pela SCBB, *Memorias porthumas de Braz Cubas*, encadernado na oficina *Encadernação e douração Vallette* (Fig.37). Essa oficina também recebeu encomendas de outros colecionadores e intelectuais como Rui Barbosa (1849-1923), por exemplo (GONÇALVES, 2008).

**Figura 38** – Etiqueta da *Encadernação e Douração Vallette* – exemplar de Castro Maya.



Fonte: Biblioteca *Museu Chácara do Céu* – RJ.

Como já mencionado, embora houvesse encadernadores no Brasil, muitos dos quais com trabalhos bem acabados, era usual entre os bibliófilos enviar seus exemplares para serem encadernados na Europa, a encadernação francesa era a mais procurada<sup>95</sup>.

---

<sup>95</sup> O intelectual e político, Rui Barbosa, também costumava enviar seus volumes para serem encadernados na França. Rui Barbosa se preocupava com detalhes da encadernação, recomendando pormenorizadamente a maneira com que seus livros deveriam ser encadernados. Segundo Gonçalves (2008), Rui Barbosa escolheu encadernar fora do Brasil, pois, segundo ele, não havia profissionais capacitados para o tipo de serviço que ele procurava:

A opção por mandar encadernar seus livros fora do país decorre do fato de Rui Barbosa não confiar nas oficinas nacionais e evitar o que era de costume acontecer com livros de alguns de seus amigos: alguns encadernadores não seguiam as recomendações de não aparar excessivamente a cabeça dos volumes e em alguns casos perdiam páginas, trocavam as ordens das folhas e até mesmo perdiam exemplares. A qualidade inferior das encadernações nacionais, nas quais a qualidade do papelão e do papel das guardas, a ausência de ajuste harmonioso entre o couro de carneira e o papel da capa e o conjunto do acabamento – que para Rui Barbosa era o toque de arte chagada aos últimos remates de perfeição – influenciava na escolha do encadernador (GONÇALVES, 2008, p. 61).

Era costume de muitos colecionadores, mandar encadernar suas obras na Europa, principalmente na França. Os livreiros estrangeiros que se encarregavam eram: Livraria B. L. Garnier, Livraria Laemmert&cia, Livraria Briquet, localizadas no centro do Rio de Janeiro (GONÇALVES, 2008, p. 52).

Ainda no período de Castro Maya, décadas após a morte de Rui Barbosa, era comum encomendar encadernações no exterior. Castro Maya, por exemplo, enviava seus livros para serem encadernados por grandes artífices franceses, como René Aussourd e Jean Duval (BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002). É importante frisar que o estilo das encadernações desses exemplares pode ser identificado nas encadernações dos livros da BCE.

Muitas das encadernações do Castro Maya pai eram assinadas por grandes artífices da encadernação moderna francesa, é o caso da obra *Les Fleurs du mal* publicada pelo grupo francês *Les Cent Bibliophiles*.

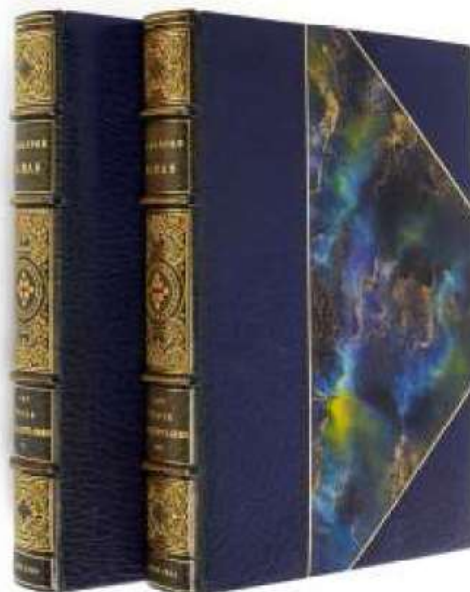
Entre os livros da biblioteca, o exemplar de *Les Fleurs du mal* merece destaque. Editado pela sociedade francesa dos cem bibliófilos para o pai de Castro Maya, em 1899, sua artística encadernação, por Marius Michel, se resalta pela alternância do couro gravado e dourado com o tecido chamalote nas guardas internas (BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002, p.12).

René Aussourd também encadernou obras para outros bibliófilos que, assim como Castro Maya, fizeram parte do grupo francês *Les Amis des Livres*. Num catálogo de edições raras da associação inglesa *Bernard Quaritch: rare books and manuscripts since 1847* há a ocorrência de dois exemplares encadernados por Aussourd. O primeiro livro é uma edição de Alexandre Dumas, *Les Trois Mousquetaires*, de 1894 (Fig. 38) que apresenta meia encadernação com cantos feitos com couro azul intenso, dourações na lombada e papel marmorizado. O segundo livro (Fig. 39) recebeu encadernação inteira de couro azul com aplicações florais de couro compondo a cercadura<sup>96</sup> da frente.

---

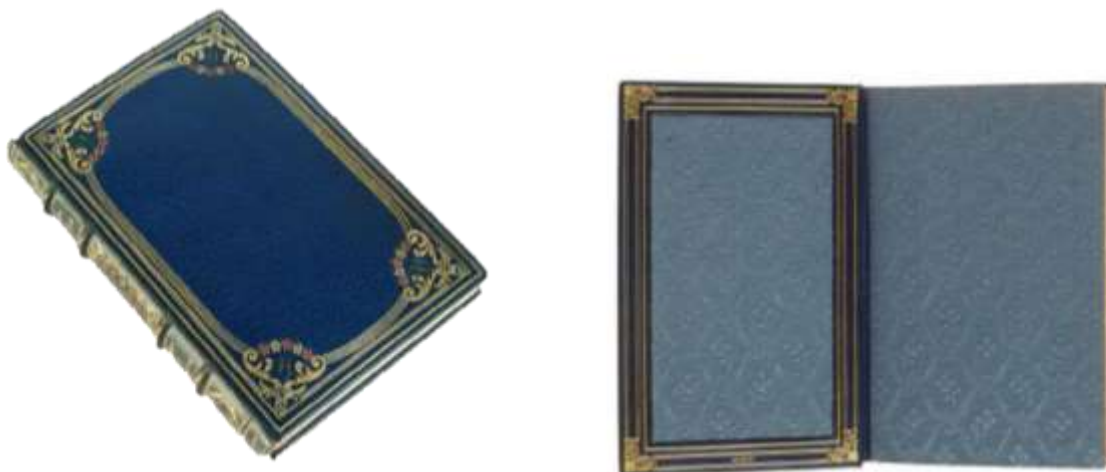
<sup>96</sup> “Cercadura: elemento decorativo, formado por quatro bordaduras, utilizado em composição, gravura e encadernação. Guarnição, orla, tarja, margem, enquadramento; revirada de bordas” (FARIA;PERICÃO, 2008, p. 156).

**Figura 39** - DUMAS, Alexandre. Les Trois Mousquetaires. Encadernação: René Aussourd, Paris, 1894.



Fonte: Bernard Quaritch Ltd. Disponível em: <http://www.quaritch.com/>, acesso em: 30 dez. 2015.

**Figura 40** - FIEVEE, Joseph. La Dot de Suzette. Encadernação: René Aussourd, Paris, 1892.



Fonte: Bernard Quaritch Ltd. Disponível em: <http://www.quaritch.com/>, acesso em: 30 dez. 2015.

A influência do estilo desses dois exemplares encadernados por Aussourd pode ser observada na coleção de Castro Maya e também em alguns exemplares da coleção de Ricardo Xavier da Silveira. O trabalho de Aussourd tem como referência o estilo de encadernação francesa.



**Quadro 20** – Quadro comparativo das encadernações dos livros da SCBB de Castro Maya e da coleção de Ricardo Xavier da Silveira da BCE.

Encadernações dos livros da SCBB de Castro Maya (feitas por René Aussourd).	Encadernações de Ricardo Xavier da Silveira da coleção da SCBB da BCE
	
	

Fonte: Biblioteca do Museu Chácara do Céu/ Obras Raras BCE/ UnB.

Embora se diga que as encadernações de Castro Maya eram “sóbrias e elegantes” (BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002, p. 61), o que se nota é uma variedade de encadernações, capas confeccionadas com couros de diversas cores e texturas, folhas de guarda e contraguarda feitas com tecidos furta-cor brilhantes e uma profusão de vários tipos de papéis marmorizados. Muitas dessas encadernações também apresentam ornamentos que se relacionam com o conteúdo do livro.

Em relação à coleção da BCE, o conjunto de encadernações dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da coleção de Ricardo Xavier da Silveira é o mais diversificado, apresentando exemplares inconsúteis e alguns livros que receberam encadernações artísticas. A coleção de Silveira contém seis obras encadernadas: *Memórias posthumas de Braz Cubas*, *Luzia Homem*, *Espumas fluctuantes*, *Pelo sertão*, *Bugrinha* e *O caçador de esmeraldas*.

Na obra *O caçador de esmeraldas*, há a indicação da confecção da encadernação por Simone Goldring. Gonçalves (2008) mencionou essa encadernadora entre as profissionais que

lecionaram no Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos Gráficos – LACRE da Casa de Rui Barbosa:

A necessidade de ampliar os conhecimentos da equipe na área de encadernação motivou a criação, em 1978, de um curso de 140 horas – curso teórico e prático de encadernação clássica francesa, ministrado pelas encadernadoras Simone Goldring e Lúcia Dubeaux em seus ateliês particulares (GONÇALVES, 2008, p. 66, [Grifo nosso]).

Observa-se que Simone Goldring lecionou justamente a encadernação francesa, estilo com que foram encadernadas as obras de Ricardo Xavier da Silveira. Os outros exemplares encadernados desse bibliófilo não contêm dados acerca da autoria da encadernação.

O exemplar de *Memórias posthumas de Braz Cubas* da coleção de Silveira recebeu uma encadernação inteira de couro marrom com dourações na lombada, na frente e no dorso. O ornamento frontal reproduz uma gravura de Portinari, que ilustra a folha de rosto do exemplar. A guarda e a contraguarda<sup>97</sup> foram feitas com tecidos semelhantes ao chamalote de seda<sup>98</sup>. A contraguarda feita do mesmo couro da capa com douração simples formando uma cercadura e aplicação do chamalote de seda ao centro. O cabeceado<sup>99</sup> é manual.

**Quadro 21** – Encadernação da obra *Memórias postumas de Braz Cubas* da coleção de Ricardo Xavier da Silveira da BCE.



<sup>97</sup> “Folhas de guarda: folha, geralmente branca e de um papel mais espesso, colocada no início e no final de um volume, destinada tal como o nome indica a proteger a obra; folha de proteção; guarda; papel de guarda. Folha de papel, geralmente mais fina que o texto ou mesmo transparente, que acompanha e protege uma estampa ou gravura de um livro, por vezes tem estampa e legenda do desenho que a acompanha” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 339).

“Contraguarda - parte da guarda de cor que se cola à guarda branca do livro” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 196).

<sup>98</sup> Chamalote de seda: a indicação desse material parte da observação dos materiais com que foram feitas as encadernações da biblioteca de Castro Maya. Em algumas encadernações de Ricardo Xavier da Silveira é possível identificar o uso do mesmo material (BARAÇAL; BANDEIRA; MOUTINHO, 2002).

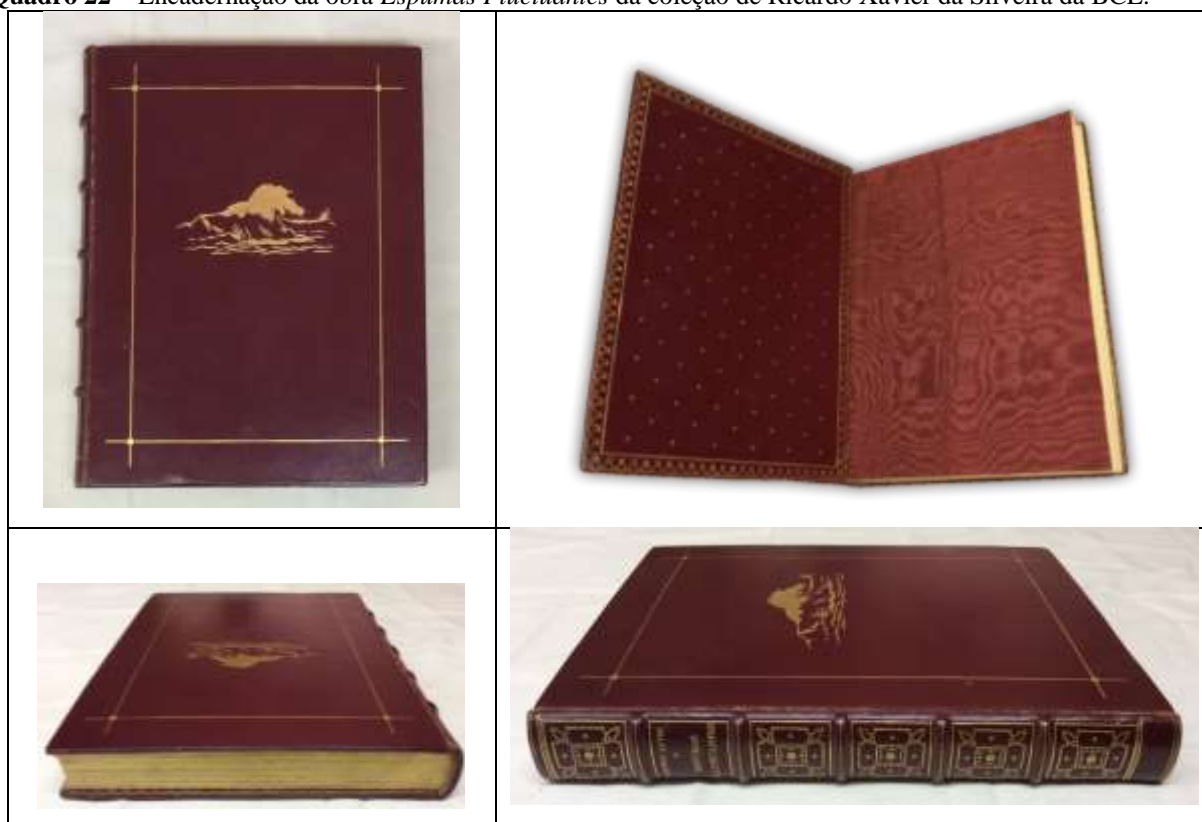
<sup>99</sup> “Cabeceado: pequeno cordão colorido, em geral de seda ou de algodão mercerizado, que o encadernador põe nas extremidades do lombo do livro, na cabeça e no pé; como elemento ornamental e de reforço, que sobressai ligeiramente dos cantos superior e inferior do livro” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 117).



Fonte: Obras Raras – BCE/ UnB

A obra *Espumas Flutuantes*, da coleção de Silveira, foi encadernada com uma capa inteira de couro vermelho intenso, com douraões na lombada, na frente e no dorso. A douraão da frente apresenta imagem que se relaciona com o conteúdo do livro. As guardas e as contraguardas foram trabalhadas em couro com douraões e com o chamalote de seda. O corte superior do livro<sup>100</sup> recebeu douraão. O cabeceado é manual.

**Quadro 22** – Encadernação da obra *Espumas Flutuantes* da coleção de Ricardo Xavier da Silveira da BCE.

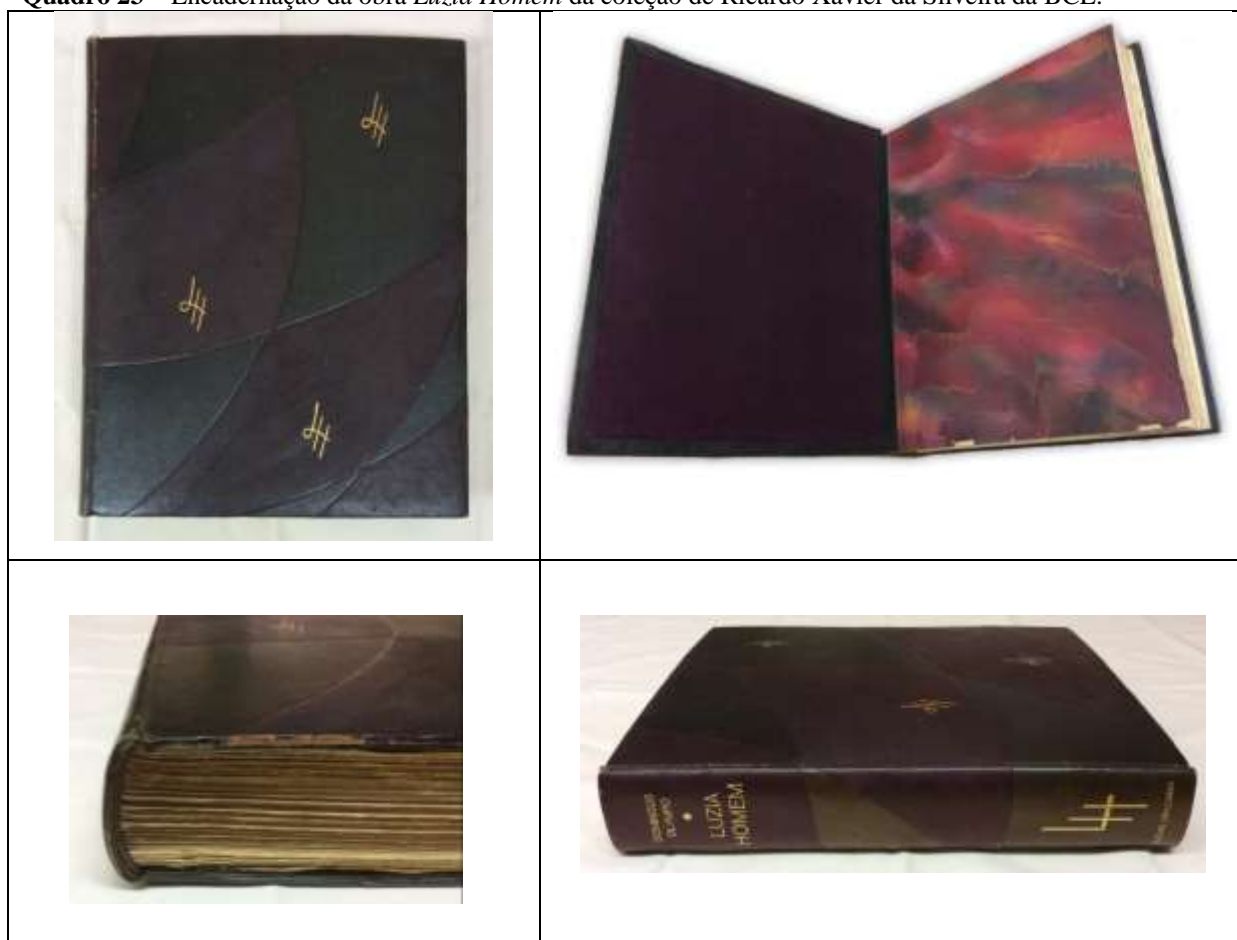


Fonte: Obras Raras – BCE/ UnB

<sup>100</sup> “Corte dourado: corte ou aparo do livro ornamentado a ouro” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 208).

O livro *Luzia Homem*, da coleção de Silveira, ganhou uma encadernação inteira formada pela justaposição de duas tonalidades de couro, nas cores roxa e verde. Apresenta douração na lombada, na frente e no dorso com anagrama das letras L e H, que são as iniciais do título da obra – *Luzia Homem*. A folha de guarda foi feita com papel artesanal e a contraguarda com aplicação de camurça no centro. Cabeceado manual combinando com as cores das aplicações de couros da capa do volume.

**Quadro 23** – Encadernação da obra *Luzia Homem* da coleção de Ricardo Xavier da Silveira da BCE.



Fonte: Obras Raras – BCE/ UnB

A obra *Bugrinha*, exemplar de Ricardo Xavier da Silveira, recebeu encadernação inteira de couro azul com dourações na lombada e desenho abstrato na frente. Apresenta guarda e contra-guarda confeccionadas com papel artesanal em diversos tons de amarelo,

dourado e esverdeado. A contraguarda possui douração e papel artesanal no centro. O cabeceado é manual.

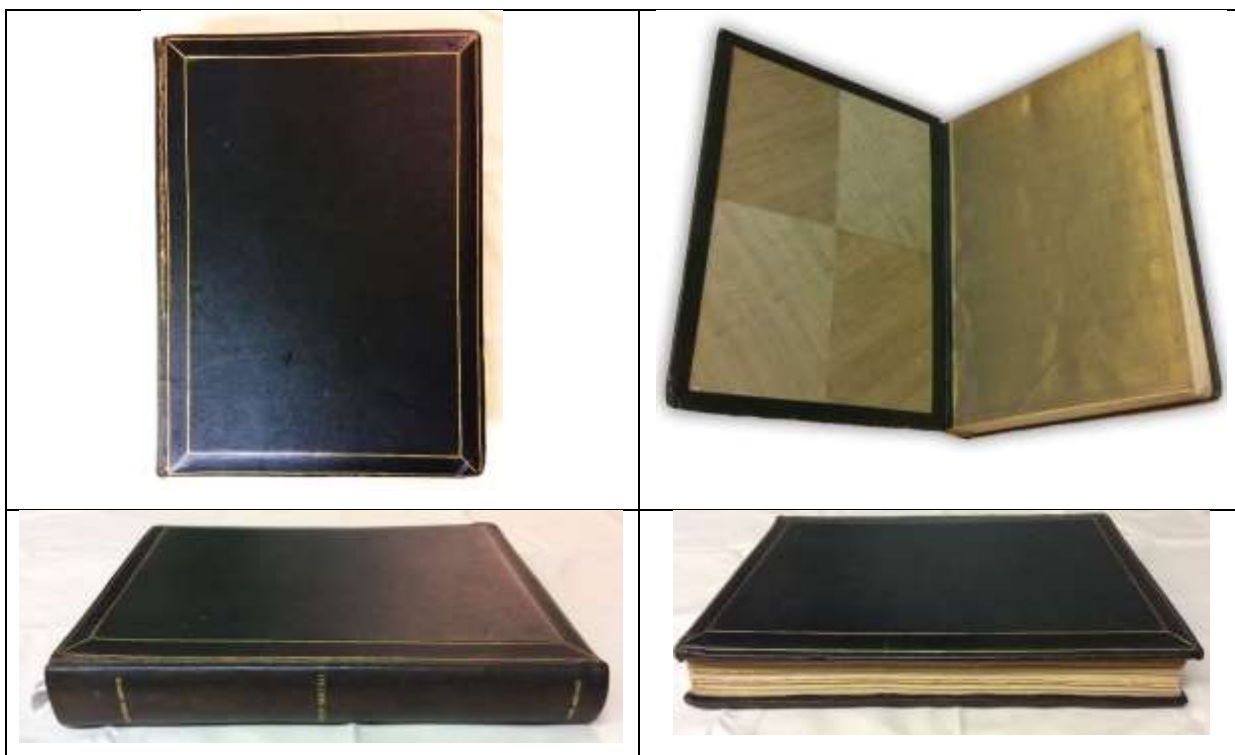
**Quadro 24** – Encadernação da obra *Bugrinha* da coleção de Ricardo Xavier da Silveira da BCE.



Fonte: Obras Raras – BCE/ UnB

O exemplar da obra *Pelo Sertão* da coleção de Silveira foi encadernado todo em couro verde escuro com cercadura dourada no centro da capa e lombada com dourações. A capa desse livro é de madeira. A contraguarda possui cercadura de couro e papel artesanal no centro e a guarda é de chamalote de seda. O cabeceado também é manual.

**Quadro 25** – Encadernação da obra *Pelo sertão* da coleção de Ricardo Xavier da Silveira da BCE.



Fonte: Obras Raras – BCE/ UnB

O exemplar *O caçador de Esmeraldas*, de Silveira, recebeu encadernação inteira de couro com douraões em toda a extensão da capa, formando desenho geométrico. Na parte da frente dessa encadernação, há uma lacuna em formato de losango e no dorso há uma aplicação de couro verde também em formato losangular. O formato de losango dessas figuras pode remeter à configuração de uma esmeralda lapidada, fazendo referência ao conteúdo da obra. A folha de guarda foi feita de papel artesanal e a contraguarda recebeu tratamento semelhante ao das demais encadernações de Silveira, possui cercadura de couro e papel artesanal ao centro. O cabeceado também é manual. Essa encadernação foi feita por Simone Goldring, mencionada anteriormente.

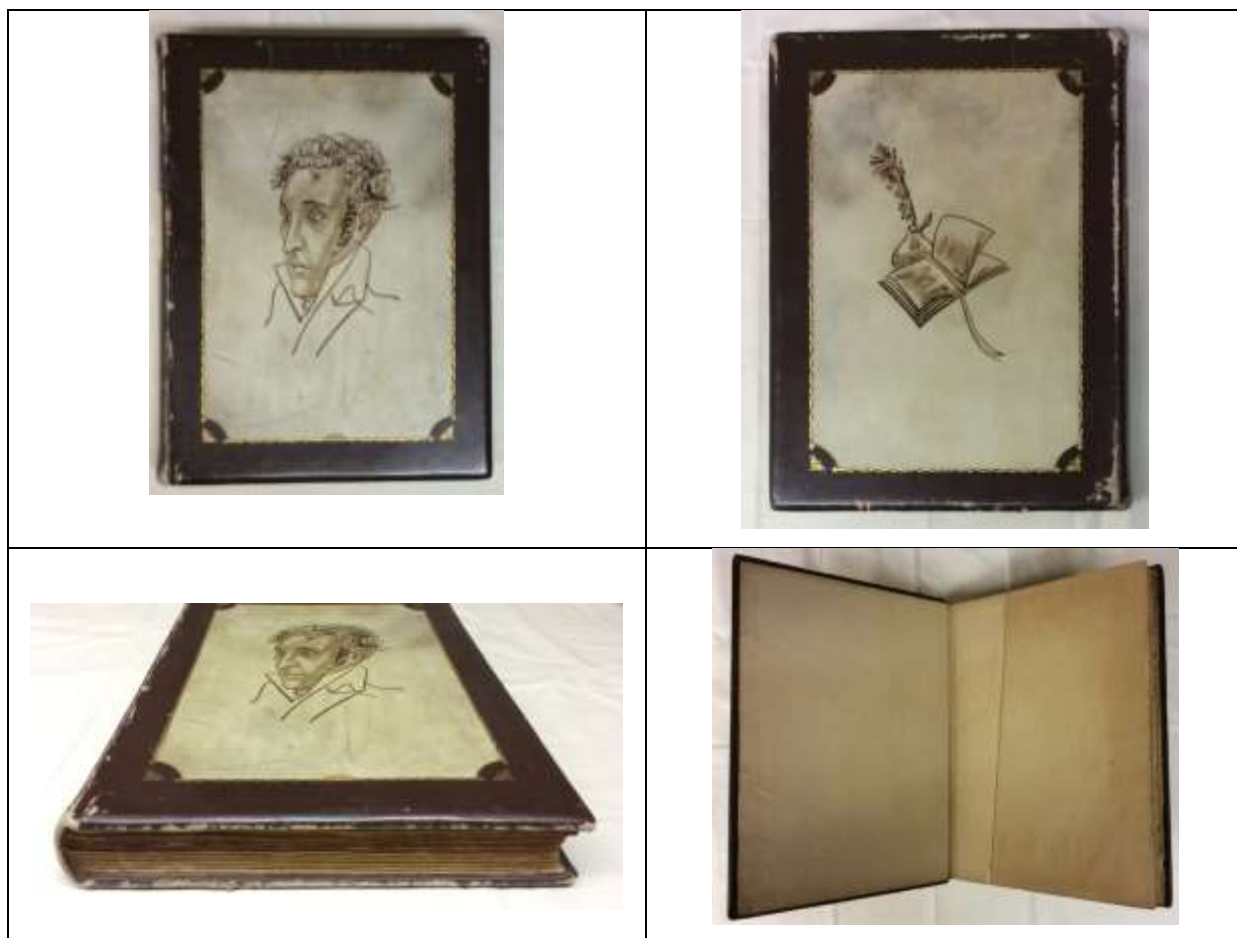
**Quadro 26** – Encadernação da obra *O caçador de esmeraldas* da coleção de Ricardo Xavier da Silveira da BCE.



Fonte: Obras Raras – BCE/ UnB

O exemplar de *Memórias posthumas de Braz Cubas* da coleção de Carlos Lacerda também foi encadernado em uma capa inteira de couro com aplicação de pergaminho na frente, dorso e lombada. Sobre o pergaminho foram reproduzidos desenhos de Portinari que ilustraram essa obra.

**Quadro 27** – Encadernação da obra *Pelo sertão* da coleção de Ricardo Xavier da Silveira da BCE.



Fonte: Obras Raras – BCE/ UnB

O tipo de trabalho presente nas folhas de guarda e contraguardas dos livros de Ricardo Xavier da Silveira é recorrente nas encadernações francesas do final do século XIX e foi largamente usado nas encadernações de luxo encomendadas por bibliófilos (PRIDEAUX, 2011). Castro Maya também possui volumes com esse mesmo tipo de trabalho nas folhas de guarda e de contraguarda. Nos exemplares destacados abaixo, a contraguarda apresenta uma cercadura com douraões e com aplicação de tecido ou de papel artesanal no centro. Também é recorrente o uso do chamalote de seda, um tipo de material luxuoso. (Fig. 39).



**Figura 41** – Folha de guarda e de contra guarda – exemplares de Castro Maya.



Fonte: Biblioteca Museu Chácara do Céu – RJ.

Sobre o movimento de modernização da encadernação francesa, Prideaux (2011) destacou algumas características mais marcantes, uma delas é a disseminação de alguns elementos decorativos na contra guarda dos livros dos bibliófilos do final do século XIX. Além disso, nota-se a renovação no uso das decorações nas capas dos livros, o que contribuiu para tornar as obras ainda mais personalizadas.

*Doubleures*, formerly the exception, are now the rule; ‘tools’ are cut freely for fresh designs, and expense increases with the initiative demanded of the binder, till there seems no limit to what will be paid by the enthusiast. With the craving for novelty there naturally arises the problem, so difficult of solution, concerning the limitation of material and how far audacity may be risked in decoration without extravagance or excentricity (PRIDEAUX, 2011, p. 251)<sup>101</sup>.

Outro aspecto comum nos livros de Ricardo Xavier da Silveira é um tipo de encadernação que contém elementos que remetem ao conteúdo do livro. Como já mencionado, essa característica está presente em algumas das encadernações de Castro Maya e também se configura como um importante aspecto das encadernações francesas do final do século XIX.

Essas considerações sobre as encadernações dos livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos da Biblioteca Central da UnB evidenciam a influência do tipo de obra que era confeccionada para os bibliófilos. Como explicitado nesta análise, é possível identificar a presença de elementos característicos das obras luxuosas dos grupos bibliófilos franceses nos exemplares de Castro Maya e nos livros de Ricardo Xavier da Silveira da coleção da BCE.

<sup>101</sup> “Contra guardas, antes a exceção, são agora a regra; ferramentas são talhadas livremente para designs novos, e os custos crescem com a iniciativa demandada do encadernador, parece não haver limite para o preço a ser pago pelo entusiasta. Com a sede de novidade, naturalmente surge o problema, de tão difícil solução, que concerne à limitação do material e a quão longe a audácia pode arriscar na decoração sem extravagância ou excentricidade” (PRIDEAUX, 2011, p. 251, tradução nossa).

## 6 Conclusão

A coleção de livros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do acervo de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília constitui um conjunto de obras originais que podem ajudar a entender aspectos da produção de livros de luxo no Brasil. Como destacado ao longo desta dissertação, essa coleção é abrangente, apresentando todos os títulos publicados pela SCBB, alguns volumes apresentam encadernações variadas e há também os livros que possuem desenhos e gravuras excedentes que foram adquiridos pelos bibliófilos. Essas características individualizam os exemplares da BCE e fazem com essa coleção seja única e merecedora de estudos que enfatizem outros aspectos.

A coleção da BCE foi constituída a partir da aquisição dos livros que pertenceram à quatro bibliófilos: Ricardo Xavier da Silveira, Carlos Lacerda, Pedro Nava e Themístocles Marcondes Ferreira. Esses colecionadores, de certa forma, refletem a composição da SCBB como um todo. Alguns participantes foram membros ativos da criação e concepção geral dos livros. Caso de Ricardo Xavier da Silveira, membro destacado em muitas das atas de reuniões em que se discutiam as características gerais dos livros a serem publicados. Entre os membros da SCBB também estavam intelectuais e escritores brasileiros, caso de Pedro Nava. Também eram membros muitos políticos, caso de Carlos Lacerda e também de Ricardo Xavier da Silveira. Havia integrantes desse grupo que trabalhavam em outras editoras brasileiras, caso de Themístocles Marcondes Ferreira e de Carlos Lacerda.

O objetivo geral dessa dissertação, que foi o de caracterizar a coleção da SCBB da BCE, foi alcançado. Os três objetivos específicos apresentaram aspectos dessa coleção de modo amplo: envolvendo os mecanismos de aquisição, a caracterização dos livros que pertenceram aos quatro bibliófilos citados, o modo com que o público se relaciona com esse acervo, as exposições em que esses livros foram mostrados, notas gerais sobre o estado de conservação, as encadernações e as Obras de Arte que agregam valor aos livros da BCE.

Para atender o primeiro objetivo específico, os livros da SCBB da BCE foram estudados a partir da perspectiva do colecionismo bibliográfico e do estudo dos aspectos materiais do livro. Momento em que foram apresentadas as definições de livro de arte e de livro de bibliófilo, importantes para o entendimento da coleção de livros da SCBB. Também tratou-se de tópicos referentes às características dos livros produzidos pela SCBB, sobre a sua formação e as suas principais características. Além de notas sobre os livros produzidos pelas

tipografias artesanais e pelos grupos bibliófilos europeus, sobretudo os franceses. Esses tópicos abrangeram temas importantes para o estudo desenvolvido nesta dissertação. A influência dos livros dos bibliófilos franceses, por exemplo, pôde ser constatada no estilo das encadernações de Castro Maya e nas de Ricardo Xavier da Silveira. O aspecto geral dos livros da SCBB da BCE também revela a influência do estilo dos livros franceses: o uso de materiais luxuosos, as ilustrações originais, a tiragem restrita e a personalização do livro como um todo.

O segundo objetivo específico foi estudar a coleção da BCE a partir das três fases de estudos dos objetos das coleções proposto por Alberti (2005).

A primeira fase tratou da chegada dos livros ao Acervo de Obras Raras da BCE. Tratada a partir dos documentos referentes ao modo de aquisição dessa coleção. Dentre as quatro coleções da SCBB da BCE, a aquisição dos livros de Carlos Lacerda, foi a mais documentada, uma vez que a Universidade de Brasília adquiriu sua biblioteca e seu arquivo. Nesse conjunto de arquivos, há algumas referências à coleção ao processo de aquisição dos livros da SCBB de Carlos Lacerda.

O conjunto de livros de Pedro Nava foi estudado a partir de um documento elaborado por Aristides Leão Pacheco e por José Mindlin onde consta a avaliação de alguns livros da biblioteca pessoal desse escritor. Esse documento também apresenta a coleção da SCBB no conjunto das obras raras de Nava. Apesar de não haver detalhes mais específicos sobre a coleção da SCBB, os dados relativos à compra da coleção de Pedro Nava foram importantes para a análise proposta nesta dissertação.

A coleção de Ricardo Xavier da Silveira foi a primeira a entrar no acervo da BCE. Esse período foi marcado como um momento em que grandes acervos particulares foram incorporados às Obras Raras dessa Biblioteca, e a coleção de Silveira se apresentou como parte importante dessa aquisição. Sobre essa compra não foram encontrados documentos mais esclarecedores em que constassem os detalhes da negociação. A documentação relativa a esse período de formação do acervo da BCE são escassos, muitos deles ainda não passaram por um processamento técnico especializado.

Sobre a coleção de Themístocles Marcondes Ferreira, como explicitado anteriormente, foram encontrados indícios de que os cinco volumes que hoje se encontram na BCE foram adquiridos indiretamente a partir da compra do acervo de Pedro Nava e de Carlos Lacerda. O que evidencia a circulação dos objetos das coleções, que, antes do seu destino estável em um acervo, já participaram de outras trocas comerciais.

Ao longo desta pesquisa alguns bibliotecários que trabalham na BCE mostraram-se interessados em procurar materiais que resgatassem a história da formação das coleções dessa Instituição. A bibliotecária Néria Lourenço, chefe da Divisão de Seleção e Compras da BCE, mostrou-se empenhada em organizar os documentos relativos à formação das coleções bibliográficas dessa Instituição como um todo. Nesse sentido, os materiais relativos às aquisições dos livros dos bibliófilos que formaram o coleção da SCBB podem contribuir com a história das formação da coleção das Obras Raras da BCE.

Na segunda fase de análise dos livros da SCBB da BCE destacou-se a trajetória dessa coleção no acervo dessa Biblioteca. Foram abordados os critérios que selecionam as obras raras e em quais desses critérios de raridade a coleção da SCBB pode ser enquadrada. Nessa fase também foram observados os dados colhidos pelos levantamentos do patrimônio artístico da UnB. Nos quais constam uma listagem das obras da SCBB da BCE. A UnB promoveu dois grandes levantamentos de seu patrimônio artístico, o primeiro em 1997 e o segundo em 2007. Interessante é observar como esses relatórios trataram dessa coleção como parte significativa do patrimônio dessa Universidade e como se operaram mudanças no tratamento dado aos livros da SCBB de um levantamento para outro. O levantamento de 1997 apresentava informações mais restritas a respeito dos livros da SCBB, no de 2007, já se encontram dados sobre a quantidade de exemplares e a identificação dos bibliófilos que formam esse acervo. Nas notas gerais sobre o estado de conservação das obras procurou-se contribuir com a preservação desse material a partir da apresentação dos danos mais frequentes nos livros da SCBB.

Na terceira fase de análise dos livros da BCE foram levantadas algumas das exposições em que esse acervo foi mostrado e a procura desses livros pelos usuários dessa Biblioteca. Dois catálogos foram analisados, o da exposição *O livro de arte brasileiro*, que ocorreu no Museu de Haia e o catálogo da mostra *Imagem e palavra: as publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil*, que aconteceu na Casa de Cultura da América Latina – CAL. Esses catálogos se configuraram como material importante para a análise desenvolvida nesse tópico, uma vez que contém imagens de como as obras foram expostas e também os textos curatoriais que contribuíram para um entendimento de como esses livros da BCE foram tratados na visão dos especialistas. Essas exposições também evidenciaram o interesse em divulgar essa coleção não só no meio acadêmico, mas para um público mais geral, fora da Universidade de Brasília.

Até a finalização dessa dissertação não foram consultados o catálogo da exposição *O livro de Arte Brasileiro - Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil*, que ocorreu no Instituto de Artes da Universidade de Brasília, em 1993, e que depois foi exibida no Museu de Arte de Brasília, em 1994. O CENDAD, órgão do Instituto de Artes da UnB, que preserva em seu acervo catálogos das exposições nacionais e internacionais, não dispunha do catálogo dessa exposição.

O terceiro objetivo específico consistiu em estudar as encadernações e as ilustrações da coleção da SCBB da BCE. Todos os livros editados pela SCBB possuem gravuras originais, mas alguns exemplares apresentam também obras excedentes que foram adquiridas pelos bibliófilos em leilões promovidos pelo grupo: são provas de estado das gravuras, desenhos, ou mesmo, o menu dos jantares de apresentação dos exemplares. A coleção de Ricardo Xavier da Silveira contém o maior número de obras, seu exemplar de *Luzia Homem* apresenta um total de 34 provas de estado de Clóvis Graciano. Além de se configurar como um livro de alto valor, o grande número de provas de estado podem ser analisados para se conhecer o processo criativo desse artista. Outros exemplares de Silveira também podem ser investigados por esse viés.

Como já mencionado, as encadernações dos livros da SCBB da BCE ajudam a individualizar essa coleção. O conjunto mais numeroso de obras encadernadas é o de Ricardo Xavier da Silveira, que conta com capas feitas de estilos e materiais variados. Essas encadernações tem um estilo semelhante aos das obras de Castro Maya e também lembram as capas que envolvem os volumes das sociedades francesas.

As imagens de todas as obras da SCBB registradas nas visitas ao Setor de Obras Raras auxiliaram o estudo dos aspectos materiais dessa coleção. Outras referências visuais foram consultadas, foi o caso da coleção da SCBB do acervo de Castro Maya e os livros das sociedades bibliófilas francesas que estão no *Museu da Chácara do Céu* – RJ. Essas fontes visuais auxiliaram na análise desenvolvida nesta dissertação.

## **6.1 Sugestões para futuras pesquisas**

1. No decorrer desta pesquisa foram acessados todos os documentos referentes à produção da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil que estão no arquivo do *Museu da Chácara do Céu*. Um dos empreendimentos de Castro Maya que incentivou a

produção de gravura no Brasil e que merece ser estudado com maior atenção é o grupo *Os Amigos da Gravura*. Esse grupo, semelhante à SCBB em alguns aspectos, possuía subscritores, um total de 100, seus membros pagavam uma quantia fixa e recebiam pelo menos 4 gravuras originais por ano, a produção foi feita na *Gráfica das Artes S.A.* Castro Maya também pretendia destinar parte da tiragem para os acervos de grandes instituições culturais brasileiras como o Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, a Biblioteca Nacional, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e o Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Dentre os artistas que participaram dos *Amigos da Gravura* destacam-se: Poty Lazzarotto, Fayga Ostrower, Henrique Oswald, Hans Steiner, Aldemir Martins, Carybé e Darel Valença Lins. Alguns desses artistas também ilustraram os livros da SCBB, muitas vezes esses artistas produziam concomitantemente para os dois grupos. Os sócios do grupo *Os Amigos da Gravura* também participaram da SCBB, caso do mecenas, Francisco Matarazzo Sobrinho (1898-1977), membro de número 56. Para Herkenhoff (1996, p. 84), a criação desse grupo “estimulava a produção e a circulação da arte brasileira”.

2. O acervo da Biblioteca Central da UnB também possui exemplares de outras tipografias, como a *Philobiblion*, *Noa Noa*, *Confraria dos Bibliófilos Brasileiros*, *Cattleya Alba* e *O Gráfico Amador*. Algumas dessas editoras artesanais já foram amplamente estudadas, caso de *O Gráfico Amador*, porém algumas delas podem ser investigadas com maior atenção, é o caso das edições da *Philobiblion*. Tratada de um modo mais geral por Creni (2013), mas que pode ser explorada com mais atenção.

## Referências Bibliográficas

AGUIAR, J. A. *Espaços da memória: um estudo sobre Pedro Nava*. Ensaios de Cultura 15. Editora da Universidade de São Paulo – EdUSP: FAPESP, São Paulo, 1998.

ALBERTI, S.J.M.M. *Objects and the Museum*. ISIS. 2005. Disponível em: <http://www.uio.no/studier/emner/hf/ikos/MUSKUN2000/v10/pdfversjon%20av%20ALBERTIartikkelen%5B1%5D.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2015.

ALVIM, P. *A gravura segundo o Artista*. In: BABINSKI, Maciej. Inferno Estético (Catálogo de exposição), Brasília, 2010.

ARGAN, G. C. *Imagem e Persuasão: Ensaios sobre o Barroco*. Companhia das Letras. São Paulo, 2002.

AZEVEDO, C. N.; LIMA, G. C. *O Estilo De Victor Burton: um olhar sobre o design do livro iconográfico brasileiro*. 11º P&D Design: Congresso Brasileiro de pesquisa e desenvolvimento em Design, Nov. de 2014, Nº 4, Vol. 1, 2014.

BARAÇAL, A. B.; BANDEIRA, J.; MOUTINHO, S. *Castro Maya Bibliófilo*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro: 2002.

BARRIOS, V. M. *A modernidade do livro de arte brasileiro: a Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil na coleção de Obras Raras da UnB*, 17 Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – Panorama de Pesquisa em Artes Visuais – 19 a 23 de agosto de 2008. Florianópolis, 2008.

BARAÇAL, A. B.; BOSSON, A. (Dir.); KNYCHALA, C. H.; MINDLIN, J.; NICOULIN, M. *Brésil, pages de beauté: merveilles du livre illustré brésilien (1944-1970) de la collection Ernesto Wolf*. Fribourg: Bibliothèque Cantonale et Universitaire de Fribourg, 2000. p. 73-90. Texto em francês com tradução paralela em alemão e português. Coleção Ernesto Wolf. Bibliothèque Cantonale et Universitaire de Fribourg, 2000.

BECCARI, V. D. *Em busca de uma nova linguagem para a gravura*. In: Livio Abramo: Xilogravuras. São Paulo: Secretaria de Cultura, 1983.

BERTINAZZO, S. M. F. *Ex libris: pequeno objeto do desejo*. Brasília: EdUnB, 2012.

BLAND, D. *A History of book illustration: the illuminated manuscript and the printed book*. 2. ed. Berkeley: Univ California, 1969.

BUCKLAND, M.K. *Information as thing*. Journal of the American Society for Information Science.v.45, n.5, p. 351-360, 1991. Disponível em: [http://skat.ihmc.us/rid=1KR7VC4CQ-SLX5RG-5T39/BUCKLAND\(1991\)-informationasthing.pdf](http://skat.ihmc.us/rid=1KR7VC4CQ-SLX5RG-5T39/BUCKLAND(1991)-informationasthing.pdf). Acesso em: 13 mar. 2014.

BULLETIN DU BIBLIOPHILE: Petit Revue D'Ancien livres. N° 1, 3ª Serie, Techener, Place de la Collonade du Louvre, Paris, 1839. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=Sh1bAAAAQAAJ&pg=PA106&lpg=PA106&dq=soci%C3%A9t%C3%A9+des+bibliophiles+fran%C3%A7ois+bulletin&source=bl&ots=2qrXN4Fp6c&sig=xRkk5PDIt5BssneuDDBIZyBSEs&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwjHvcyVua\\_KAhWMBBoKHTS2B-EQ6AEIJTAB#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=Sh1bAAAAQAAJ&pg=PA106&lpg=PA106&dq=soci%C3%A9t%C3%A9+des+bibliophiles+fran%C3%A7ois+bulletin&source=bl&ots=2qrXN4Fp6c&sig=xRkk5PDIt5BssneuDDBIZyBSEs&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwjHvcyVua_KAhWMBBoKHTS2B-EQ6AEIJTAB#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 16 dez. 2015.

CABRAL, D. *A lepra e os novos referenciais da medicina brasileira no final do século XIX*. O laboratório bacteriológico do Hospital dos Lázaros. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de; MARQUES, Rita de Cássia (Orgs.). *Uma história das doenças*, V. 2. Mauad X, Rio de Janeiro, 2006.

CAPURRO, R. *Epistemologia e ciência da informação*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Enancib, 2003. Disponível em: <[http://www.capurro.de/enancib\\_p.htm](http://www.capurro.de/enancib_p.htm)>. Acesso em: 23 dez. 2014.

CARTERET, L. *Le Tresor du bibliophile: Livres illustrés modernes de 1875 à 1945*. Livres Illustrés Du Xixe Siècle, Libraire de plusieurs Sociétés de Bibliophiles, La Carteret Éditeur, Paris, 1946.

CONSERVAÇÃO PREVENTIVA EM BIBLIOTECAS E ARQUIVOS. 2ª Edição, Projeto de conservação Preventiva em Bibliotecas e arquivos, Rio de Janeiro, 2001.

CRENI, G. *Editores Artesanais Brasileiros*, Editora Autêntica, Belo Horizonte, 2013.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Trad. Luciana de Oliveria da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUNHA, L. F. F. *O acervo iconográfico da Biblioteca Nacional: estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha*. SANTOS, Renata; RIBEIRO, Marcus Venicio; LYRA, Maria de Lourdes Vianna (orgs.). Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 2010.

DICIONÁRIO brasileiro de artistas plásticos. Brasília : Instituto Nacional do Livro, 1977.

DULLES, J. W. F. *Carlos Lacerda: a vida de um lutador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

EIBANAT, A. K. *A imagem gravada e o livro: as publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, aproximações às poéticas brasileiras entre os anos 40 e 60*. Dissertação de Mestrado: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. Orientação: José Roberto Teixeira Leite. Campinas, São Paulo, 1996.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2015. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>. Acesso em: 19 de Mai. 2015. Verbetes da Enciclopédia

FARIA, M. I.; PERICÃO, M. G. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: Edusp, 2008.



FERREIRA, A. W. et. al. *Acervo de Arte*: Universidade de Brasília. Editora da Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

FERREIRA, O. C. *Imagem e Letra*: Introdução à bibliologia brasileira: A imagem gravada. 2ª Edição. Editora Universidade e São Paulo, 1994.

FONSECA, E. N. *Biblioteca Central da Universidade de Brasília*: história com um pouco de doutrina e outro tanto de memórias. R. Bibliotecon. Brasília 1 (1) jan./jun, 1973. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000001952&dd1=2cc20>. Acesso em: 26 set. 2014.

GASCOIGNE, B. *How to Identify Prints*: a complete guide to manual and mechanical process from woodcut to inkjet. 2ª Edition, Thames & Hudson, 2014.

GHIZONI, V. R.; TEIXEIRA, L. C. *Conservação preventiva de acervos*. Florianópolis: FCC, 2012. (Coleção Estudos Museológicos, v.1)

GONÇALVES, E. M. *Estudo das estruturas das encadernações de livros do século XIX na coleção Rui Barbosa*: Uma contribuição para a conservação – restauração de livros raros no Brasil. Dissertação. Escola de Belas Artes – UFMG, Belo Horizonte, 2008.

GREENHALGH, R. D. *Segurança contra roubo e furto de livros raros*: uma perspectiva sob a ótica de economia do crime e da teoria da dissuasão. 2014; 2 v. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2014.

GREENHALGH, R. D.; MANINI, Míriam. *Análise bibliológica*: ferramenta de segurança em coleções de livros raros. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 20, n. 42, p. 17-29, jan./abr., 2015.

GRYNSZPAN, M. *Os idiomas da patronagem*: um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti. Rio de Janeiro, FVG, CPDOC, 1º semestre, 1990. Disponível em: [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_14/rbcs14\\_07.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_14/rbcs14_07.htm). Acessado em: 11 nov. 2015.

HALLEWELL, L. *O livro no Brasil*: Sua história. 3ª Ed. Editora Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

HARTHAN, J. *The History of the Illustrated Book*: the western tradition. Thames & Hudson, London, 2014.

HEDSTROM, M. J. L., KING. *On the LAM*: Library, Archive, and Museum Collections in the Creation and Maintenance of Knowledge Communities. School of Information University of Michigan, 2003. Disponível em: <http://www.oecd.org/edu/innovation-education/32126054.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2015.

HEITLINGER, P. *Alfabetos*: Caligrafia e Tipografia. Dinalivro, Lisboa, Portugal, 2010.

- HERKENHOFF, P. In: MUSEUS Castro Maya(os). São Paulo: Banco Safra, 1996.
- HESSE, R. G. *Livre d'art du xix siècle a nous jours(le)*. Paris : La Renaissance du Livre, 1925.
- IVES, C.; GIAMBRUNI, H.; NEUMAN, S. *Pierre Bonnard: the Graphic Art*. The Metropolitan Museum of Art, New York, 1989.
- JOCKEY CLUB RIO. Disponível em: <http://jcb.com.br/noticias/22424/22424/> . Acesso em: 26 out. 2015.
- JORNAL DIÁRIO DA NOITE, 28 de agosto de 1952. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervodigital>. Acesso em: 14 dez. 2015.
- KNYCHALA, C. H. *O Livro de arte brasileiro*. Brasília, 1981.
- \_\_\_\_\_ *Livro ilustrado brasileiro: Catálogo(o)*. Haia: Rijksmuseum, 1991.
- KOOPMAN, H. L. *Booklover and his books*. Boston : Boston Book, 1917.
- LEHMANN-HAUPT, H. *The life of the book: how the book is written, published, printed, sold and read*. London: Abelard-Schuman, 1957.
- LEGION PAPER: Fine Arts Papers. Disponível em: <http://www.legionpaper.com/johannot/> acesso em: 01 jan. 2016
- LEITE, J. R. T. *Gravura brasileira contemporanea(a)*. Rio de janeiro : Expressão & Cultura, 1966.
- LIMA, G. C. *O Gráfico Amador: As origens da moderna tipografia brasileira*. Verso Editora, Rio de Janeiro, 2014.
- LIMA, Y. S. *A ilustração na produção literária: São Paulo – década de vinte*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1985.
- LOPES, M. M. *Trajetórias museológicas, biografias de objetos, percursos metodológicos*. In: ALMEIDA, Marta de; VERGARA, Moema de R.. (Orgs.). *Ciência, história e historiografia*. São Paulo; Rio de Janeiro: Via Lettera ; MAST, 2008: 305-318.
- MANOR, P. *A imagem do Brasil na França no começo do século XX* In: *Estúdios Latinoamericanos* 6, p. II, 1980, pp. 127-132.
- MARTINS FILHO, P. *Ex-libris: coleção livraria Sereia de José Luiz Garaldi*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.
- MATHIEU, J. *L'object et ses contextes*. Bulletin d'histoire de la culture matérielle 26, pp. 7-17, 1987.

McMURTRIE, D. C. *O Livro: Impressão e fabrico*. Tradução Maria Luísa Saavedra Machado. Serviço de Educação Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 1997.

MINDLIN, J. E. *Uma vida entre livros: reencontros com o tempo*. São Paulo: EdUSP, Companhia das Letras, 1997.

MONTEIRO, G. C. P. *A identidade visual da coleção dos cem bibliófilos do Brasil, 1943/1969*. Dissertação (mestrado), Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MORAES, R. B. *O bibliófilo aprendiz*. Briquet de Lemos/Casa da Palavra. Brasília, 2005.

MOURA, R. L. *História das Revistas Brasileiras – informação e entretenimento*. In: VIII Encontro Nacional de História da Mídia, Unicentro, Guarapuava – PR, 28 a 30 de abril de 2011.

MURGUIA, E. I. *O colecionismo bibliográfico: uma reflexão sobre o livro para além da informação*. VIII ENANCIB – Encontro de Pesquisa em Ciência da Informação 28 a 31 de outubro, Bahia, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2009v14nesp1p87>. Acesso em: 14 jan. 2015.

MUSEUMS, LIBRARIES AND ARCHIVES COUNCIL (GRÃ-BRETANHA); *Conservação de coleções*. São Paulo: EdUSP: Vitae, 2005. (Museologia: roteiros práticos; 9).

OLIVEIRA, E. D. G.; FERREIRA, A. W. *A construção de um acervo: princípios e estratégias de classificação*. Patrimônio e Memória (UNESP), v. 9, p. 96-112, 2013. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/316>. Acesso em: 16 set. 2015.

PAIVA, A. P. M. *A aventura do livro experimental*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PASCUAL I MIRÓ, E.; PATIÑO, M. (Coord.). *Conservar e restaurar papel*. Lisboa: Editorial Estampa, 2006.

PEARCE, S. M. *Museums, objects and collections: a cultural study*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1992.

PEDROSA, M.; AMARAL, A. A. *Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

PINHEIRO, A. V. *Livro Raro: antecedentes, propósitos e definições*. In: SILVA, Helen de Castro e; BARROS, Maria Helena T.C. (orgs.) *Ciência da Informação: múltiplos diálogos / Marília: Oficina Universitária Unesp*, 2009.

\_\_\_\_\_. *O espírito e o corpo do livro raro: fragmentos de uma teoria para ver e tocar*. Revista Museu: Cultura leva a sério., Rio de Janeiro, 2003.

PONTES, H. *Retratos do Brasil: Um Estudo dos Editores, das Editoras e das "Coleções Brasileiras"*, nas Décadas de 1930, 40 e 50. BIB, Rio de Janeiro, n. 26, p p . 56-89, 2.º sem

estre de 1988. Disponível em: [http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=401&Itemid=435](http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=401&Itemid=435). Acesso em: 19 dez. 2015.

PRIDEAUX, S. T. *Modern Bookbindings: Their Design and Decoration*. In: ATKINS, WM [et. al.]. *A History of Bookbinding: a selection of classic articles on the design as progress of bookbinding*. Read Books Ltda, 2011.

RIBEIRO, M. E. B. *O livro das Aves: fragmentos de um manuscrito desaparecido*. I Seminário Brasileiro sobre o Livro e sobre a História Editorial. Realização: FCRB – UFF/PPGCOM – UFF/LIHED. 8 a 9 de novembro de 2004. Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/mariaeurydice.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2016.

REIFSCHNEIDER, O. D. B. *O livro como objeto museológico*. RICI: R. Ibero-amer. Ci.Inf. Brasília, v.2, ago./dez. 2009.

\_\_\_\_\_. *Darel Ilustrador*. Scriptorium, 2012.

RODRIGUES, W. *Barbosa Rodrigues e os estudos botânicos na Amazônia*. In: Revista Brasileira de História das Ciências. Volume 5, Suplemento, 2012. Sociedade Brasileira de História das Ciências, 2012.

ROMAIS, S. E. *A literatura como fato social: instâncias e instituições que constroem o literário*. Universidade Estadual de Maringá Centro De Ciências Humanas, Letras e Artes Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado) Áreas de Concentração: Estudos Linguísticos e Literários. Maringá – PR, 2006

ROXBURGUE CLUB. Disponível em: [www.roxburgueclub.org.uk](http://www.roxburgueclub.org.uk), acesso em: 31 ago. 2015.

SANT'ANA, R. B. *Critérios para definição de obras raras*. Revista Online Biblioteca Prof. Joel Martins, Campinas, v. 2, n.3, p. 1-18, Jun, 2001.

SILVA, F. *Critérios de seleção de Obras Raras adotados em bibliotecas do Distrito Federal*. Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2011.

SILVEIRA, P. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

SIQUEIRA, V. B. *O espelho da biblioteca: tempo e narrativa na coleção Castro Maya*. Palíndromo. Teoria e História da Arte, 2010 / no3 55. Pág. 57 – 80. Disponível em: [http://ppgav.ceart.udesc.br/revista/edicoes/3teoria\\_hst\\_arte/3\\_palindromo\\_vera.pdf](http://ppgav.ceart.udesc.br/revista/edicoes/3teoria_hst_arte/3_palindromo_vera.pdf) Acessado em 15 Jul. 2013.

\_\_\_\_\_. *Coleção Castro Maya: estilo e instituição*, 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais, Florianópolis, 2007.

SPINELLI JUNIOR, J. *A conservação de acervos bibliográficos & documentais*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. de Processos Técnicos, 1997.

TÁVORA, M. L. *A Crítica e a Gravura Artística – Anos 50-60: entendimentos da experiência informal*. Arte & Ensaios | revista do ppgav/eba/ufRJ – n. 27, dezembro 2013. Disponível em: <http://www.ppgav.eba.ufRJ.br/wp-content/uploads/2015/03/artigos-maria-luisa.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. *Experiência moderna: Gravura no curso de desenho de propaganda e de artes gráficas – Fundação Getúlio Vargas 1946*. Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP – Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: [http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio9/maria\\_luisa\\_tavora.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio9/maria_luisa_tavora.pdf). Acesso em: 08 mai. 2015.

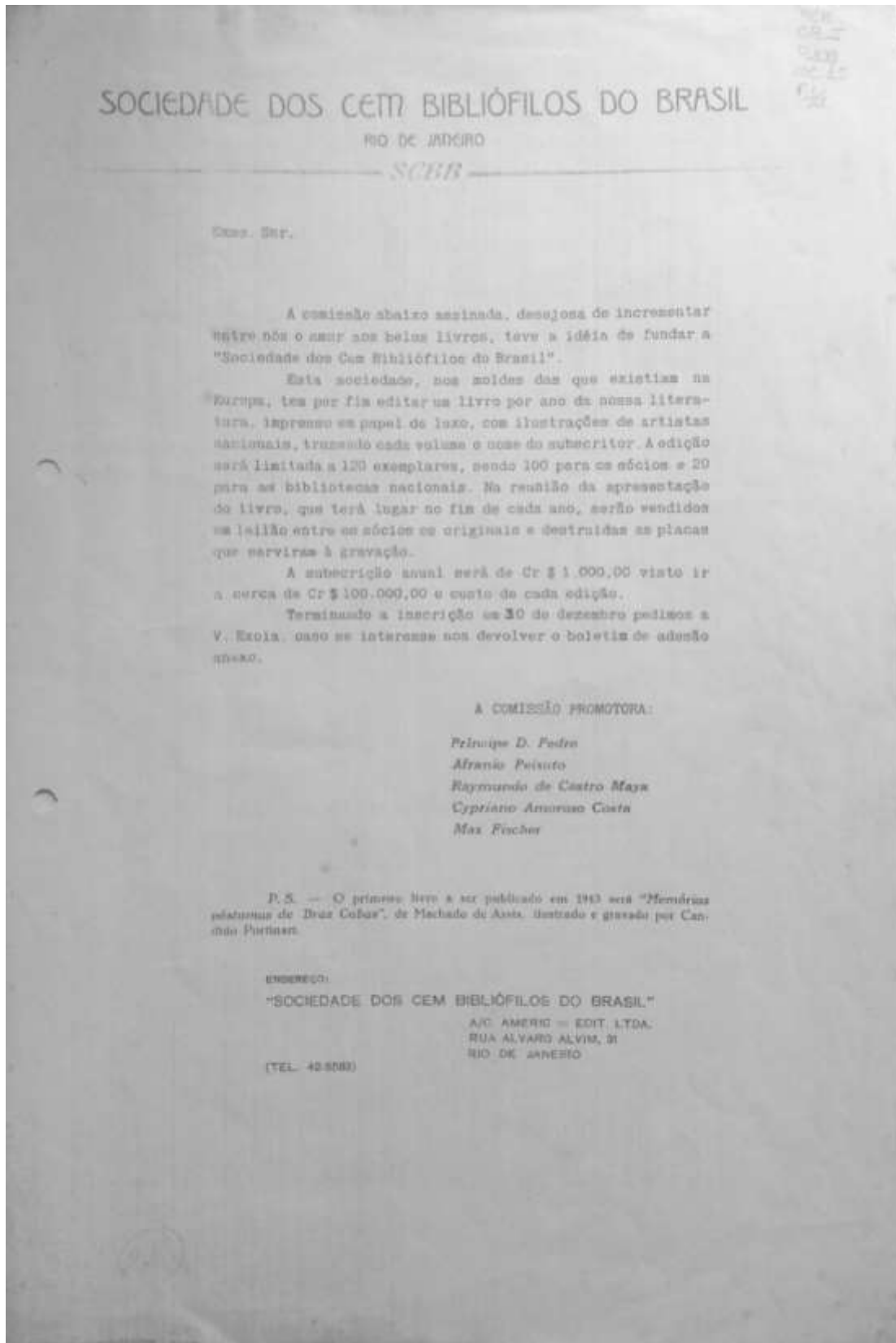
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Biblioteca Central. *Sobre a BCE*. Disponível em: <http://www.bce.unb.br/sobre-a-bce/>. Acesso em: 01 jan. 2016.

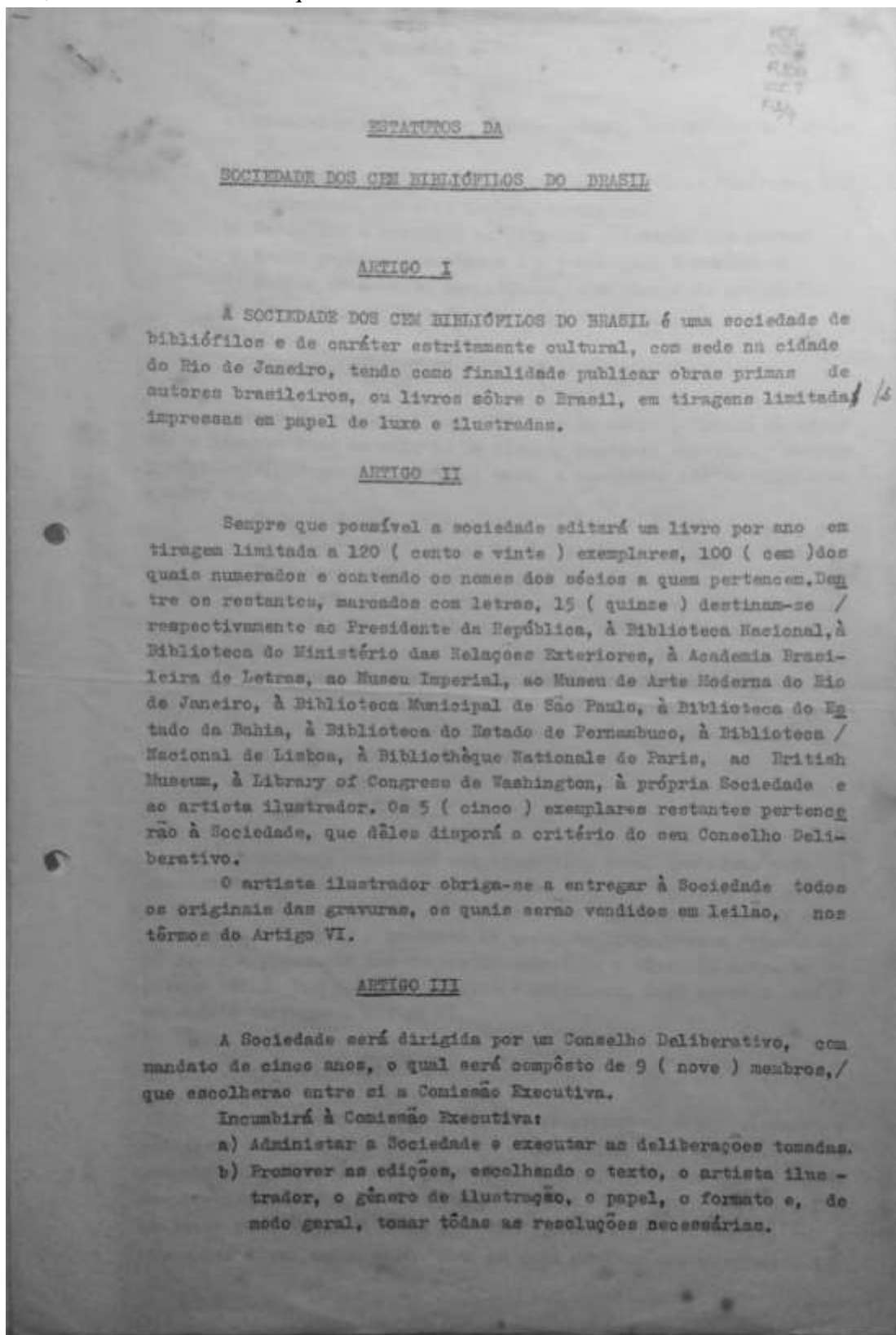
VERGUEIRO, W. *Desenvolvimento de coleções*. São Paulo: Editora Polis: APB, 1989. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/%EE%80%80ciinf%EE%80%81/article/viewFile/1208/849> / Acesso em: 26 out. 2014.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2005.

## ANEXO

ANEXO AA – CARTA-CONVITE para inscrição na SCBB. pasta 100, doc. 12, f 1/1. s/d.  
Fonte: Arquivo *Museu da Chácara do Céu* – RJ.





- 1
- 109  
100  
1000  
10000  
100000
- c) Preencher as vagas no quadro social, nos termos do Artigo IV.
  - d) Preencher as vagas que ocorrerem na própria Comissão, por escrutínio entre os membros restantes.
  - e) Estipular o montante da primeira prestação das quotas a serem pagas pelos sócios e o prazo para o pagamento.
  - f) Dispor do produto dos leilões, nos termos do Artigo VI.
  - g) Providenciar em todos os casos omissos.

#### ARTIGO IV

Haverá sempre 100 ( cem ) títulos de Sócios. Poderá qualquer sócio inscrever-se em mais de um título, dando-se contudo sempre preferência, no preenchimento da vaga, a candidato idôneo alheio ao quadro social.

- a) Cada Sócio poderá registrar em livro "ad-hoc" o nome de seu sucessor "mortis-causa". Na falta deste registro a Comissão Executiva preencherá a vaga a critério seu.
- b) Para cada título o sócio receberá um exemplar de cada livro editado, contendo o seu nome e número de inscrição.
- c) Em cada exercício financeiro os Sócios contribuirão com uma quota variável, a ser fixada nos termos do Artigo VI, letra "a", e paga dentro do prazo fixado.
- d) A joia de admissão à Sociedade será equivalente a um salário mínimo no Estado da Guanabara.

#### ARTIGO V

A Sociedade realizará uma Assembléia Geral Ordinária para a apresentação de cada livro, reunindo-se de preferência em um jantar /- ao qual poderão comparecer as senhoras dos associados /- que será custeado pela Sociedade e incluído no custo do livro. Nessa ocasião será feita a prestação das contas do exercício e efetuado entre os Sócios o leilão dos desenhos e estudos originais, cujo produto será empregado conforme o Artigo VI.

#### ARTIGO VI

1/a

A vida financeira da Sociedade processar-se-á por exercícios relativos a cada edição. Encerrado o exercício, será apresentado o respectivo balanço à Assembléia Geral Ordinária. O custeio do livro devidamente apurado, será rateado entre os 100 ( cem ) Sócios, fixando-se assim a quota a que se refere a letra "c" do Artigo IV. O pagamento dessa quota será feito em duas prestações, a primeira lo-



100  
100  
100  
100

go no início do exercício e no montante que a Comissão Executiva julgar necessário ao financiamento da edição e dentro do prazo / marcado (Artigo IV letra "c" ) / e a segunda na entrega do livro. / 7

O produto do leilão dos originais será destinado ao pagamento de uma percentagem ao ilustrador, de gratificações e despesas várias, e / constituição de reserva, a critério da Comissão Executiva.

1a

#### ARTIGO VII

A Comissão Executiva, por iniciativa própria ou solicitação de pelo menos 50 ( cinquenta ) Sócios, poderá convocar Assembleia Geral Extraordinária, por carta enviada com antecedência / de 15 ( quinze ) dias. Os sócios impossibilitados de comparecer terão o direito de se fazer representar, outorgando procuração a um Consócio.

Parágrafo Único - O sócio se obriga a receber o livro o mais / tardar 30 dias depois de sua apresentação. Em caso de não providenciar a sua retirada receberá um aviso por carta registrada ou protocolada. Passados mais 30 dias, não obtendo resposta, será considerado como tendo desistido de fazer / parte da Sociedade, sendo-lhe restituídas as prestações já pagas para o livro que estiver no prelo e a sua vaga preenchida de / acordo com a ordem da relação de candidatos. / 2

#### ARTIGO VIII

A reforma dos presentes Estatutos poderá ser promovida / por iniciativa da Comissão Executiva ou de um grupo de pelo menos 50 ( cinquenta ) Sócios, discutindo-se e votando-se na mesma Assembleia as modificações propostas e sendo exigido o mínimo de 51 ( cinquenta e um ) votos para que se considerem aprovadas.

#### ARTIGO IX

A Sociedade só poderá ser dissolvida por proposta da Comissão Executiva ou de um grupo de, pelo menos, 50 ( cinquenta ) sócios, exigindo-se para que se a considere aprovada um mínimo de 51 ( cinquenta e um ) votos. Se tal número não for atingido, ficará a decisão adiada para segunda assembleia, a ser realizada depois de decorrido um mês, a qual resolverá definitivamente pela maioria de Sócios presentes ou representantes. Uma vez aprovada a proposta de dissolução, será eleita uma Comissão de 5 ( cinco ) Sócios para proceder à liquidação.

1 dos

1a

BR.  
C.B. 2  
1.100  
2002  
F. 4/7

ARTIGO X

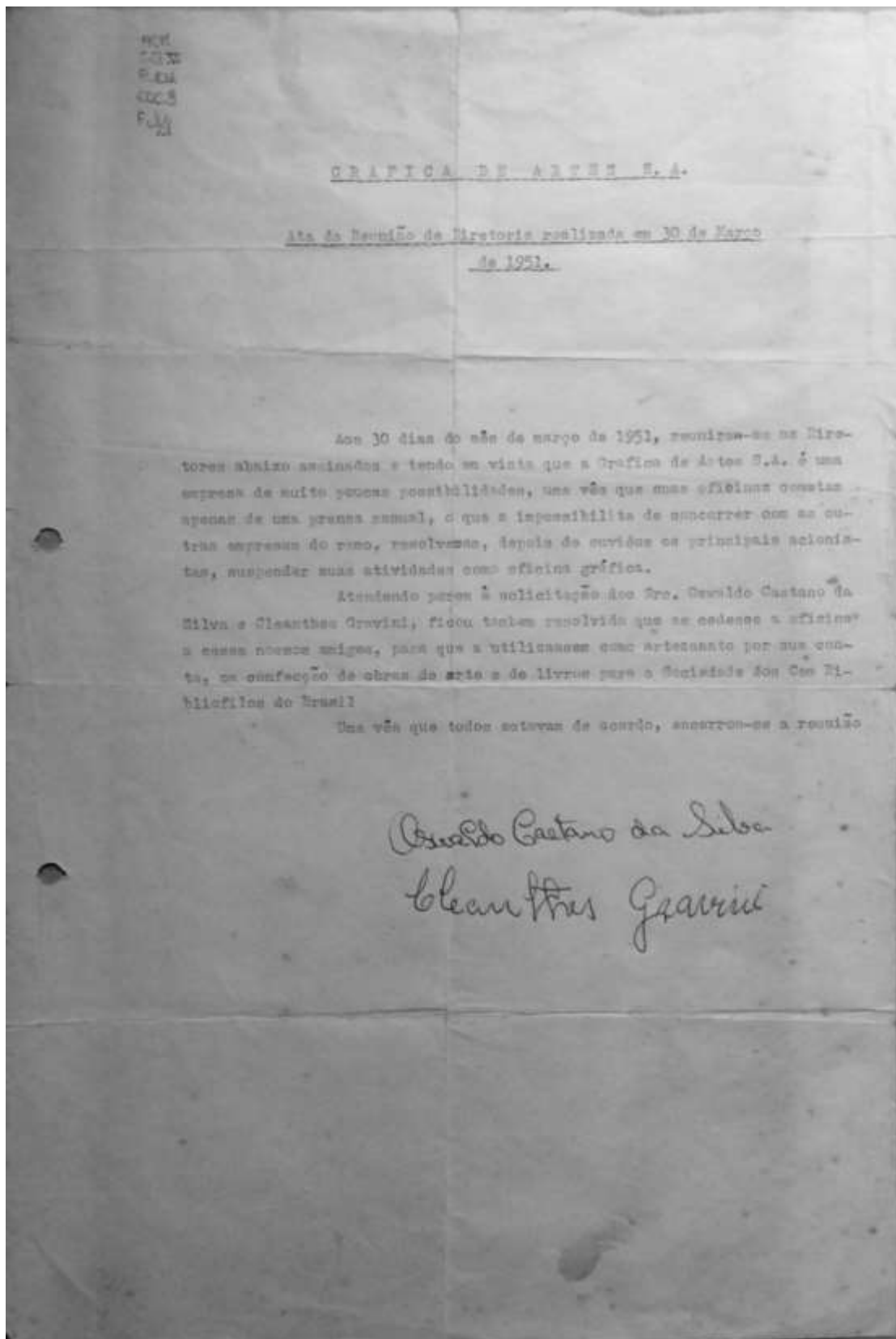
14  
24 / Em caso de dissolução da Sociedade, reverterão os seus bens  
/ a Biblioteca Nacional.

Rio de Janeiro 3 Fevereiro 1966.

- \* - \* -

/m

A SOCIEDADE DOS CEM BIBLIÓFILOS foi constituída em 1943 por iniciativa de Raymundo Ottoni de Castro Maya, sob cuja direção e responsabilidade foram editados os livros até hoje distribuídos / aos Sócios. Sua primeira Comissão Executiva era formada por S. A. I. e R. D<sup>o</sup> Pedro de Orléans e Bragança, Afranio Peixoto, Raymundo Ottoni de Castro Maya, Cypriano Amoroso Costa e Max Fischer.



ATA DA REUNIÃO DA SOCIEDADE DOS CEM BIBLIÓFILOS DO BRASIL  
REALIZADA EM 12 DE DEZEMBRO DE 1957.

Aos 12 dias do mês de Dezembro de 1957 os membros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil reuniram-se às 21 horas no Rio de Janeiro Country Club em jantar marcado nos termos dos Estatutos e que foi presidido por S.A.I. e R. o Príncipe Dom Pedro de Orleans e Bragança.

O Sr. Raymundo de Castro Mays, tomando a palavra pela Comissão Executiva, apresentou a décima-primeira publicação da Sociedade, "Macunaima", de Mario de Andrade, ilustrado com aguas-fortes originais de Carybe. Assinalou que mais uma vez se procurara combinar texto e ilustrações em nível de alto valor artístico e literário, qualidade peculiar às edições dos Cem Bibliófilos, mas que nem sempre se encontra em edições similares estrangeiras, explicou que as águas-fortes que ilustram o volume reproduzem desenhos feitos quando ainda vivia Mario de Andrade e que, para proporcionar aos sócios maior enjeito de enriquecer os seus exemplares, Carybe executara uma série de notáveis desenhos aquarelados para serem também vendidos no leilão. Agradeceu a D. Elizabeth Oswald a sua valiosa colaboração, como Diretora das oficinas da Grafica de Artes S.A. e organizadora do jantar.

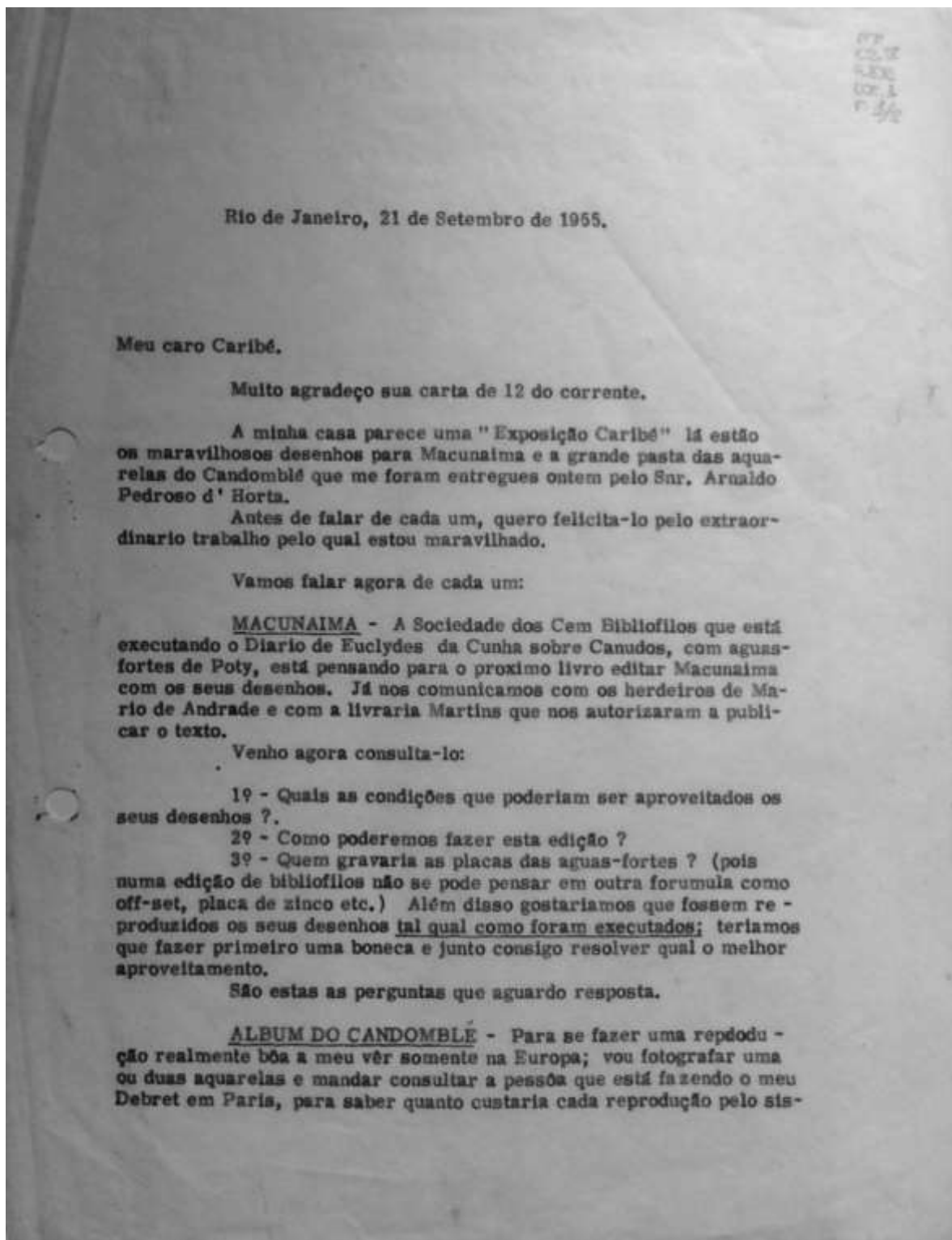
Advertiu que, em obediência à praxe será enviado aos sócios balanço do exercício relativo a "Macunaima", assim que encerrado, - depois de efetuados os recebimentos provenientes do leilão de originais e os pagamentos de despesas pendentes (jantar, saldo de honorários e comissões de Carybe, gratificações etc.).

Exibiu então algumas gravuras sobre madeira de Marcelo - Grassmann e que vão ilustrar o "Bestiário", texto de Gabriel Soares de Souza, que será a décima-segunda publicação da Sociedade, e cujos trabalhos já estão em andamento. Propôs que se mantivesse para essa obra uma contribuição inicial de quatro mil cruzeiros a ser desde já cobrada, sujeita contudo a reajustamento, afim de ser totalmente coberto o custeio da referida obra. Por em discussão e votação essa proposta que logo foi unanimemente aprovada.

Encerrada a sessão o Sr. Raymundo de Castro Mays procedeu ao leilão dos desenhos, das aquarelas, das séries das águas-fortes - em papéis especiais, tendo sido alcançada a importância de Cr\$195.000,00 (cento e noventa e cinco mil cruzeiros).

Fu, Cypriano Amoroso Costa mandei lavrar esta Ata que assino, depois de a ter conferido. Rio de Janeiro, 13 de Dezembro de 1957.

a) Cypriano Amoroso Costa - Dom Pedro de Orleans e Bragança - Raymundo Ottoni de Castro Mays - Ricardo Xavier da Silveira - Roberto Marinho.



REC  
CASA  
4.000  
1904  
1.2/2

- 2 -

tema fototipia e "pochoir".

Logo que tiver uma resposta lhe comunicarei para ver se é possível realizar a publicação deste album que a meu vêr teria um enorme sucesso.

Uma das dificuldades è a obtenção do cambio, mas creio que pelo "livre" não ficaria muito caro e cada subscriptor pagaria os direitos do album na sua chegada por intermedio de algum livreiro.

Quanto ao painel do Banco Português, pelo projeto de decoração, ele deverá ocupar toda a parêde conforme o pequeno croquis anexo.

Esperando ter suas noticias em breve, envio um abraço do amigo

ATA DA REUNIÃO DA SOCIEDADE DOS CEM BIBLIÓFILOS DO BRASIL

REALIZADA EM 23 DE AGOSTO DE 1956

Aos 23 dias do mês de Agosto de 1956, os membros da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil reuniram-se às 21 horas no Rio de Janeiro Country-Club, em jantar marcado nos termos dos Estatutos. S. S. A. A. I. I. o Príncipe Dom Pedro e a Princesa D. Esperança de Orleans e Bragança presidiram a reunião a que compareceram numerosos associados.

Falando pela Comissão Executiva, o Sr. Raymundo de Castro Maya apresentou a décima publicação da Sociedade, "CANUDOS", de Euclides da Cunha, com águas-fortes de Poty, tiradas pelo artista. Assinalou a estreita harmonia entre o texto e a ilustração intensamente dramática. Detendo-se a seguir em pormenores dos trabalhos da edição louvou e agradeceu a colaboração dedicada da Sra. Elisabeth Onward.

Anunciou que se dera início à edição do 11º livro da Sociedade, "MACUNAÍMA", de Mário de Andrade, com águas-fortes de Gerybe, de quem já foram recebidas várias placas gravadas. Propôs que fosse mantida em Cr\$ 4.000,00 a contribuição para essa obra, considerando a alta de salários, o encarecimento geral dos preços, o elevado custo do papel. Comunicou que a Comissão Executiva, prevendo atraso em consequência das dificuldades na obtenção da licença para importar papel, julgara conveniente preparar desde já a edição de outro livro, havendo deliberado fazer um "BESTIÁRIO" de gravuras sobre madeira, de Marcelo Grassmann, ilustrando trechos do "Tratado Descritivo do Brasil", de Gabriel Soares de Souza; livro esse que, por seu formato exíguo, bem poderia ser menos dispendioso do que os anteriores.

Declarou em seguida que, em obediência à praxe, será enviado aos Consócios balanço do exercício relativo a "CANUDOS" assim que encerrado, depois de efetuados os recebimentos provenientes do leilão de originais e os pagamentos de despesas pendentes (jantar, saldo de honorários de Poty e sua percentagem, gratificações, últimas despesas de Secretaria, etc.).

Comunicou então que movido pelo desejo de servir à Sociedade fizera-lhe doação das quantias recebidas dos Sócios no ato de subscrição ao Album de Debret, na importância de Cr\$ 97.000,00 aproveitando o ensejo para dar a agradável notícia de que se acha na Alfândega o referido Album, o qual breve será distribuído nas condições estipuladas.

Apresentou finalmente proposta de alteração nos Estatutos elevando-se a tiragem dos livros para 120 exemplares e destinando-se um ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Pôs em deliberação e votação as matérias em apreço e ninguém desejando usar da palavra, deu-as como aprovadas.

O Sr. Raymundo de Castro Maya encerrou a sessão e procedeu ao leilão dos originais, o que alcançou a importância de Cr\$.. 217.000,00.

Terminado o leilão, o Sr. Ricardo Xavier da Silveira agradeceu e agradeceu em nome dos Consócios a infatigável e profícua dedicação do Sr. Raymundo de Castro Maya à Sociedade, de que constituía mais uma prova o generoso oferecimento do produto da subscrição ao Album de Debret.

Eu, Cypriano Amoroso Costa fiz lavrar esta ata que dato e assino - depois de a ter lido e conferido. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1956.

(a) Cypriano Amoroso Costa - D. Pedro de Orleans e Bragança - Raymundo de Castro Maya - Ricardo Xavier da Silveira e Roberto Marinho.

**ANEXO AG – ATA DA ASSEMBLÉIA** geral ordinária da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Pasta 100, doc. 8, f 1/ 2, 26 jun. 1962. Fonte: Arquivo *Museu da Chácara do Céu* – RJ.

**Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil**  
 RIO DE JANEIRO  
 Praça 15 de Novembro, 34 - 18.º 47001-A - Tel. 31.3079

REC.  
 1.811  
 1.800  
 1.800  
 1.800

SCBB

ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA DA SOCIEDADE DOS CEM BIBLIÓFILOS DO BRASIL REALIZADA NA DATA DE 26 DE JUNHO DE 1962.

Em 26 dias do mês de junho de 1962, logo após à Assembléia Geral Extraordinária, na sede da Sociedade, à Praça 15 de Novembro, 34, 2.º andar, realizou-se a Assembléia Geral Ordinária da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil para a apresentação da sua 16.ª publicação, "CADERNOS DE JOÃO", de Aníbal Machado, ilustrada com 24 águas-fortes de Maciej Babinski, contando com a presença do ilustre autor e de mais 21 associados e 30 procurações, e ainda sob a presidência de S.A.J. e R. o Príncipe Dom Pedro de Orléans e Bragança que deu a palavra ao Sr. Raymundo de Castro Maya que leu, inicialmente, o balancete do custo do livro, que já havia sido enviado aos Sócios, pelo Correio, advertindo que o mesmo foi acrescido de R\$ 89.981,00, conforme se discrimina a seguir:

BALANCETE DO LIVRO "CADERNOS DE JOÃO"

RECEITA

Arquidades recebidas dos Sócios .....	R\$ 600.000,00
---------------------------------------	----------------

DESPESAS

Deficit do livro "PORANDUBA AMALONENSE" .....	R\$ 90.102,20
---	---------------

IMPRESSÃO

Pago à Gráfica de Artes S.A. ....	R\$ 454.460,00
-----------------------------------	----------------

ARTISTA

Pago a Babinski pela ilustração do livro .....	R\$ 230.000,00
+ .....	R\$ 70.000,00
R\$	300.000,00

SECRETARIA

Por diversas despesas de Secretaria .....	R\$ 151.000,00
---	----------------

CAPAS DO LIVRO

Pago por papel e impressão .....	R\$ 39.294,00
----------------------------------	---------------

MATERIAIS

Por diversos materiais empregados no livro .....	R\$ 54.425,30
+ .....	R\$ 19.981,00
R\$	74.406,30

ESTOJOS

Pago a Basin por 120 estojos .....	R\$ 49.000,00
------------------------------------	---------------

T O T A L: .. R\$ 1.158.262,50



# Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil

RIO DE JANEIRO  
Praça 15 de Novembro, 44 - 18.º A/1081-A - Tel. 21.2979

SCBB

APP  
C.B. 4  
R. 104  
con. 2  
1-22

- 2 -

Tendo sido recebido dos Sócios como 1ª prestação do livro a quantia de R\$ 600.000,00 e estando em cobrança a 2ª prestação no valor de R\$ 1.000,00 cada que somarão R\$ 400.000,00 verifica-se que este balanço apresenta um déficit de R\$ 158.262,50.

De seguida ainda o Sr. Raymundo de Castro Maya disse que tendo recebido algumas cartas a respeito do critério da escolha dos livros, demonstrou o quanto era difícil encontrar o verdadeiro entrosamento do artista com o texto. Explicou as dificuldades em consultar a opinião de todos os Sócios, dizendo que, entretanto, seria muito bem recebida qualquer sugestão nesse sentido. Disse também que, apesar da renúncia ter sido apresentada e se a Sociedade viesse a se dissolver, ele assumiria a responsabilidade da 17ª publicação, financiando-a; por isso a Comissão Executiva já tinha escolhido o conto de Jorge Amado, "A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água", que será ilustrado por Di Cavalcanti, com gravuras sobre madeira, pela importância de R\$ 300.000,00, não estando incluído neste preço o preço da gravagem.

Sugeriu então o Sr. Raymundo de Castro Maya que fosse cobrada desde já aos Sócios, como 1ª. quota desse livro, a importância de R\$ ..... R. 000,00.

Procedeu-se então ao leilão dos originais de Darel que serviram para ilustrar o livro anterior, "PORANDUBA AMAZONENSE", o qual alcançou a soma de R\$ 539.000,00, salientando-se aí um exemplar de "Poranduba Amazonense" todo ilustrado com aquarelas originais o que tinha custado à Sociedade R\$ 50.000,00, conseguindo no leilão a soma de ... R\$ 150.000,00.

De seguida foram leiloados os originais de Babinski que serviram para ilustrar "CADERNOS DE JOÃO", e que renderam no leilão R\$ 201.000,00. Ainda o Sr. Raymundo de Castro Maya solicitou autorização para conceder gratificações às pessoas que trabalharam na confecção deste último livro e uma pequena percentagem para os artistas.

As mesmas foram aprovadas. Nada mais havendo a tratar e ninguém que tenha feito uso da palavra, foi encerrada a Assembléa da qual se lavrou a presente Ata. Rio de Janeiro, 26 de junho de 1962.

## Descrição do Fundo

**Fundo:** Carlos Lacerda

**Notação:** CL

**Datas-Limite:** 1883-1977. Predominam, entretanto, os registros documentais produzidos e/ou recebidos por Carlos Lacerda nas décadas de 1950, 1960 e 1970.

**Quantificação:** 26,54 metros lineares de documentação textual (aproximadamente, 159.240 folhas de documentos), 4.426 ampliações fotográficas, 266 slides, 86 discos de vinil, 2 fitas de áudio.

**Dados biográficos:** Carlos Frederico Werneck de Lacerda nasceu no Rio de Janeiro, em 30 de abril de 1914, filho de uma família que participava ativamente da vida política do país. Seu avô, Sebastião de Lacerda, foi ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas do governo Prudente de Moraes (1897-1889) e ministro do Supremo Tribunal Federal (1912-1925). Seu pai, Maurício de Lacerda, foi deputado federal (1912-1920) e seus tios, militantes do Partido Comunista Brasileiro.

Sua vida política tem início, em 1932, com a entrada na Faculdade de Direito, que abandonou três anos mais tarde. Em 1934, como integrante da comissão organizadora do I Congresso da Juventude do Brasil, combateu a Ação Integralista Brasileira (AIB). A partir de 1938 passou a dedicar-se ao jornalismo.

Em 1939, rompeu com o Partido Comunista na esteira da repercussão de um artigo de sua autoria no *Observador Econômico*, sendo acusado de ex-comunista e traidor do partido.

Fez oposição sistemática a Getúlio Vargas, principalmente a partir de 1945. Filiou-se à União Democrática Nacional (UDN) e apoiou o brigadeiro Eduardo Gomes para a presidência da República. A vitória de Eurico Gaspar Dutra e a convocação da Assembléia Nacional Constituinte foram acompanhadas pela criação da coluna *Tribuna da Imprensa* no jornal *Correio da Manhã*. Pretendia, com

ANEXO AI - VALLE, Clarimar Almeida. Divisão de Coleções Especiais – BCE/ UnB, 2 out. 1995. Fonte: Arquivo Biblioteca Central – BCE/UnB.

Brasília, 07 de outubro de 1995.

Sr. Antonio Vivaldo de Azevedo

Em resposta a sua correspondência de 08 de Setembro, informo-lhe que o acervo pertencente à Biblioteca de Carlos Lacerda foi adquirido pela Fundação Universidade de Brasília (FUB) e faz parte do acervo da Biblioteca Central (BCE) desta Universidade.

1. O termo de venda foi firmado entre a Fundação Universidade de Brasília, representada por seu Presidente, à época, Reitor José Carlos de Almeida Azevedo e por Leticia Lacerda, inventariante do Espólio Carlos Lacerda.

2. A Comissão Avaliadora da coleção foi composta pelos Professores Abílio Machado Filho, Carlos Henrique Cardim e, Edson Nery da Fonseca, à época, respectivamente, Conselheiro da FUB, Decano de Extensão e Diretor da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados.

3. A transação foi efetuada em 16 de maio de 1979 (data da nota de empenho), no valor de CR\$ 5.000.000,00 (cinco milhões de cruzeiros).

4. A cerimônia oficial de entrega da Biblioteca Carlos Lacerda à Fundação Universidade de Brasília foi realizada em 27 de Setembro de 1979, na Biblioteca Central.

5. O acervo adquirido consta de livros, periódicos (num total de 17.000 (dezeete mil) volumes), estantes, armários, fichários e desumidificadores de ar e, ainda, o Arquivo do Governador Carlos Lacerda, que consta de correspondências, recortes de jornais e revistas, memorandos, cartões postais, fotos, medalhas e placas doados a esta Universidade por ocasião da compra da referida biblioteca.

6. O acervo Carlos Lacerda é muito utilizado. As obras comuns que fazem parte do acervo geral da BCE têm de livre acesso e o uso está diretamente relacionado ao assunto da obra. As obras raras que passaram a fazer parte da

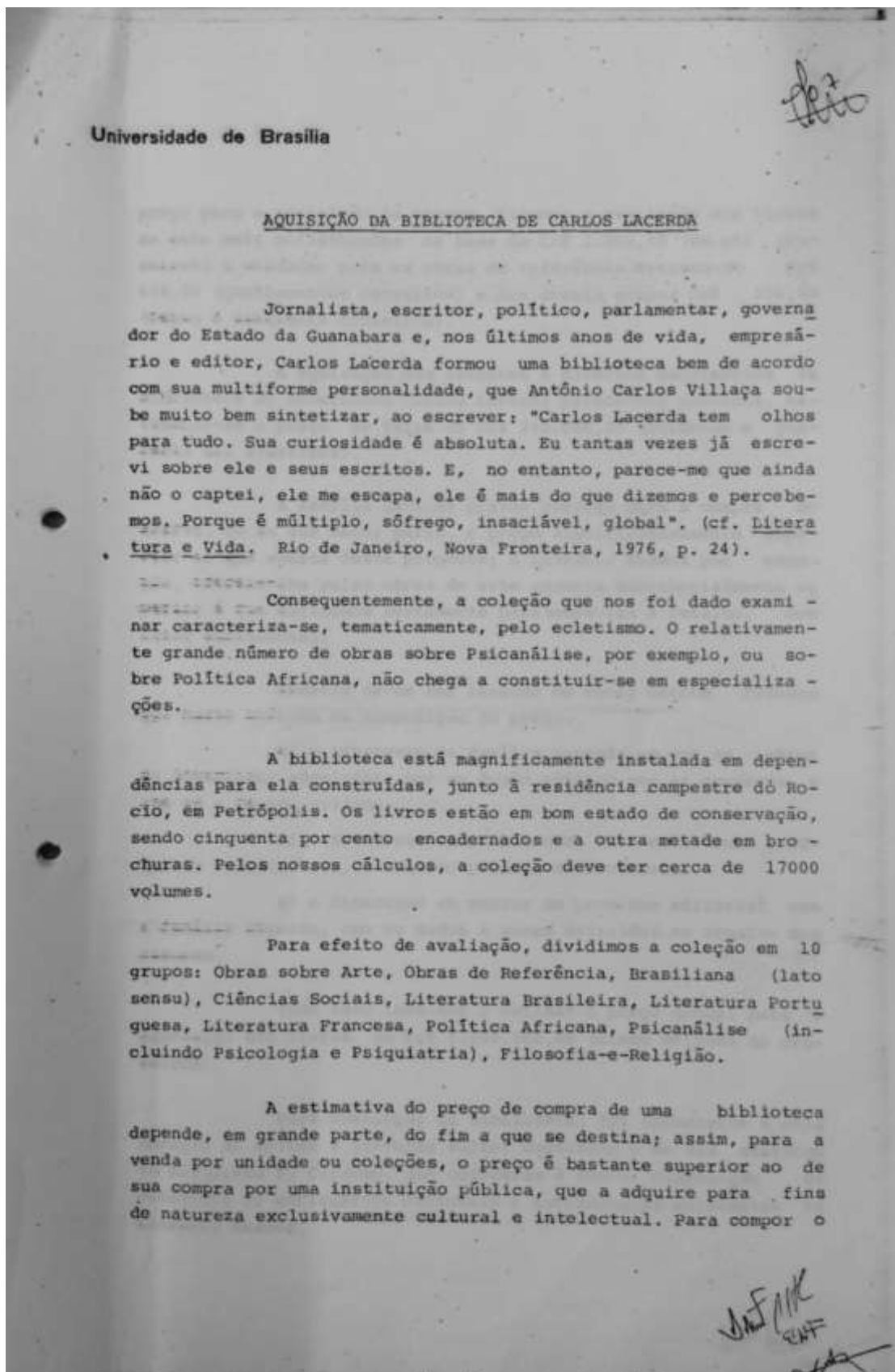
Coleção de Obras Raras da Biblioteca também ficam à disposição dos interessados, sendo facultada somente a consulta. Aos visitantes da Seção de Obras Raras são, normalmente, mostrados exemplares da coleção que pertenceu a Carlos Lacenda.

O Arquivo Carlos Lacenda carece, ainda, de maior divulgação sendo, portanto, pouco utilizado em relação ao que ele pode oferecer aos pesquisadores, mas serve de laboratório aos alunos de Arquivologia.

7. Quanto a fotocópias, a restrição fica apenas aos materiais raros. Quanto ao valor de tal serviço, não tenho condições de oferecer nenhuma estimativa.

Esperando que as informações acima atendam plenamente às suas necessidades coloco-me ao seu inteiro dispor para maiores esclarecimentos que se fizerem necessários.

  
Clarimar Almeida Valle  
Divisão de Coleções Especiais/BCE-UaB



Universidade de Brasília

preço para a aquisição do acervo, fizemos a avaliação dos livros de arte mais sofisticados na base de Cr\$ 1.000,00 (Um mil cruzeiros) a unidade; para as obras de referência estimou-se Cr\$ 400,00 (quatrocentos cruzeiros) e nos demais grupos Cr\$ 150,00 (cento e cinquenta cruzeiros).

A aquisição das estantes e diversos maquinários da Biblioteca do Governador Carlos Lacerda parece-nos oportuna, estimando-se o preço na faixa de Cr\$ 240.000,00 (duzentos e quarenta mil cruzeiros).

A família Lacerda possui ofertas para a compra do acervo, ou de sua maior parte, a preço significativamente superior ao que consta desta proposta; a Livraria Kosmos por exemplo, oferece-lhe pelas obras de arte quantia substancialmente superior à que estimamos certamente para vendê-las a retalho, com lucro substancial.

Todavia devem ser levados em conta outros fatores que muito influem na composição do preço:

- a) o interesse da família Lacerda em ver as obras do Governador adquiridas por um órgão público que as conserve e lhe dê o devido cuidado.
- b) o interesse em doar à UnB, caso esta venha a adquirir a biblioteca, o arquivo pessoal do Governado.
- c) o interesse em montar um programa editorial com a família Lacerda, com os dados a serem extraídos no arquivo mencionado.

Tudo isso leva-nos a estimar o preço global para a aquisição dos livros em Cr\$ 5.000.000,00 (cinco milhões de cruzeiros).

Para avaliação da biblioteca, foi importante a colaboração do editor e livreiro Walter Geyerhahn e de sua assistente Margarete E. Cardoso, que colocaram à nossa disposição os catálogos de antiquários nacionais e estrangeiros existentes na Livraria Kosmos.

Universidade de Brasília

1073

*Abílio Machado Filho*

ABÍLIO MACHADO FILHO  
Conselheiro da FUB

*Carlos H. Cardim*

CARLOS HENRIQUE CARDIM  
Decano de Extensão

*Edson N. Fonseca*

EDSON NERY DA FONSECA  
Diretor da Faculdade  
de Estudos Sociais  
Aplicados

QUADRO 3

BIBLIOTECA DE CARLOS LACERDA

DESTAQUE DE COLEÇÕES E OBRAS RARAS

b) Periódicos

	Nº DE VOLUMES	PREÇO
<u>Carta</u> (1811-1943)	64	Cr\$ 20.000,00
<u>Revista Acadêmica</u> (n. 1-21)	1	1.000,00
<u>Boletim de Arca</u> (n. 1-12, 1931-1932)	1	1.000,00
<u>Revista</u> (Ann 1-11 de 1884-1904)	1	1.000,00
<u>A Noiva Ilustrada</u> (1931-1932)	2	2.000,00
<u>Tribuna da Imprensa</u>	7	3.000,00
<u>Illustration</u> (1881-1897)	1	1.000,00
	<u>78</u>	<u>Cr\$ 28.000,00</u>

QUADRO 4

BIBLIOTECA DE CARLOS LACERDA

DESTAQUE DE COLEÇÕES E OBRAS RARAS

c) Obras Raras

	Nº DE VOLUMES	PREÇO
<u>Biblioteca dos Cem Bibliófilos (vol. de 23 obras)</u>	23	Cr\$ 113.000,00
<u>Encyclopédie de Diderot e d'Alembert</u> (trad. por Franco A. Ricci)	16	72.000,00
<u>A HISTORY OF THE GUINEAS</u> , by William Lewis	4	40.000,00
<u>Ocupação de George Zand</u> (Paris, H. Bouvier, 1942)	17	23.000,00
<u>Tratado de Heráldica</u> (Paris, Aimé André, 1829)	10	30.000,00
<u>Ocupação de Brasília</u> (Paris, E. Testard, 1942)	8	4.000,00
<u>Cartas póstumas de Brasilianismo</u> , de Severina Rodrigues	2	20.000,00
<u>Memórias para a história da capitania de São Vicente</u> , de Frei Gaspar de São Mateus de São Ildefonso, 1797	1	10.000,00
<u>Vida e Escritos do insigne / fabulador grego / SENECA</u> (Lisboa, 1694)	1	10.000,00
<u>Tratado de Heráldica</u> , de Alexandre Ovaris, Manchettes, 1869	1	4.000,00
<u>Poesias de Horácio</u> (Lisboa, J. F. Lopes, 1831)	6	3.000,00
<u>Os Portugueses em África, Ásia, América e Oceania</u> (Lisboa, Typ. de Moraes, 1872)	7	1.500,00
<u>Revista entomológica</u> , de J. S. Fabre (Paris, Delagrave, 1951)	11	3.000,00
<u>Alman de Anonimas</u> (1901-1902)	1	2.000,00
	<u>148</u>	<u>Cr\$ 281.500,00</u>

QUADRO 5 (continuação)

BIBLIOTECA DE CARLOS LACERDA

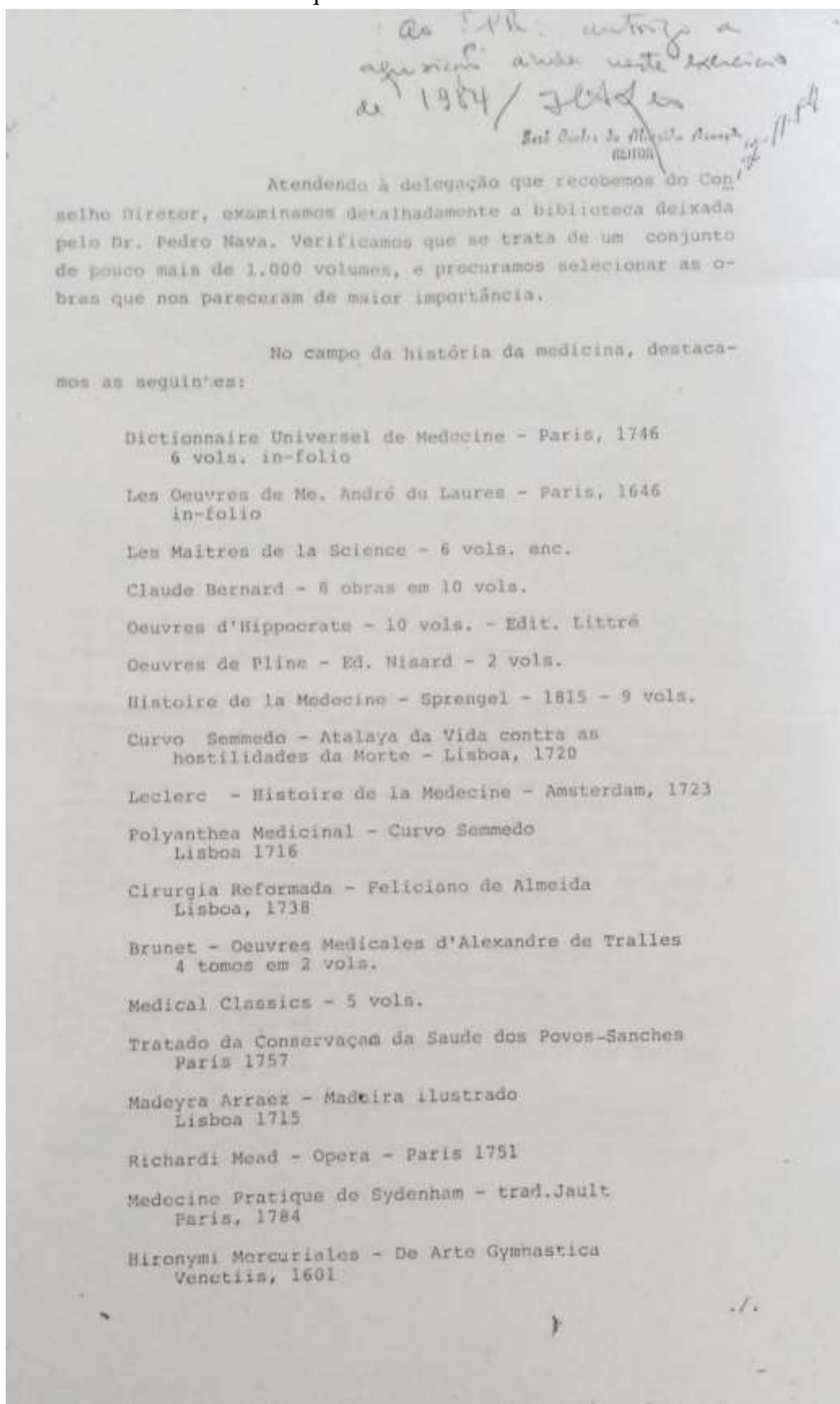
DESTAQUE DE COLEÇÕES E OBRAS RARAS

c) Obras Raras (continuação)

	Nº DE VOLUMES	PREÇO
<u>Le Containé de Journal de Commerce</u> (Rio de Janeiro, 1826)	1	Cr\$ 2.000,00
<u>Tratado</u> , de Manoel Bivar (L. ed., Rio de Janeiro, 1919)	1	1.000,00
<u>Arte de Partir</u> , de Antonio Vieira (Lisboa, 1813)	1	1.000,00
<u>Le Brésil à l'Exposition Internationale de St. Pétersbourg</u> (St. Pétersbourg, 1894)	1	2.000,00
<u>The plays of William Shakespeare</u> , ed. and annotated by Charles and Mary Cowden Clarke, The Comedies (London, Cassell, Petter & Galpin, 9, 2.1)	1	1.000,00
<u>Le Brésil en 1827</u> , de Santa-Rosa Berry	1	1.000,00
	<u>6</u>	<u>Cr\$ 9.000,00</u>



**ANEXO AK – MINDLIN, José; LEÃO, Aristides Leão Pacheco. Relatório Biblioteca de Pedro Nava. 1984. Fonte: Arquivo da Biblioteca Central/ UnB.**



Joannes Freind - Opera Omnia Medica  
Paris, 1735

Histoire de la Medecine - par J. Freind  
Leide, 1727

Oeuvres de Gallen - Trad. et notes par Ch. Daremberg  
2 vols., Paris, 1854

Oeuvres de Rufus d'Ephèse - Daremberg - 1 vol.  
Paris, 1879

Sigaud - Du Climat et des Maladies du Brésil  
Paris, 1844

Parecem-nos obras dignas de figurar na Biblioteca da Universidade de Brasília, sendo todas elas raras, dificilmente encontráveis no bom estado dos exemplares que vimos.

Baseando-nos em preços correntes no mercado europeu e norte-americano, achamos que só esse conjunto, se encontrado, deveria custar pelo menos importância equivalente a US\$ 4.500,00.

Além dessas obras que destacamos, encontram-se muitas outras, de menor importância, mas também de interesse para a Biblioteca. Incluímo-las no cômputo geral de 1.000 volumes, entre os quais se encontram também obras literárias, muitas primeiras edições de autores brasileiros com dedicatórias autógrafas, e obras de interesse geral. Esse conjunto, isoladamente considerado poderia ser facilmente estimado em Cr\$ 10.000.000, ou seja, Cr\$ 10 em média por volume. Na proposta de compra, entretanto, conciliando o interesse de ambas as partes, este conjunto de cerca de 1.000 obras poderia ser computado em base bem inferior, ou seja, Cr\$ 3.000.000.

Na parte literária encontramos 14 volumes da Coleção dos Cem Bibliófilos, compreendendo o "Menino do Engenho" de José Lins do Rego, com ilustrações de Portinari, e "Macunaima" de Mário de Andrade, com ilustrações de Caribé, duas obras especialmente valiosas. As demais também têm um valor alto, e, a nosso ver, o conjunto poderia ser estimado, em termos conservadores, em Cr\$ 3.500.000.

Em resumo, parece-nos que é razoável e aconselhável a aquisição da biblioteca por Cr\$ 20.000.000 (vinte milhões de cruzeiros), valor a que chegamos da seguinte forma:

	<u>Cr\$</u>
23 obras destacadas da História da Medicina:	13.500.000
Cem Bibliófilos:	3.500.000
Cerca de 1.000 volumes:	<u>3.000.000</u>
<u>Total:-</u>	<u>20.000.000</u>

Este é o nosso parecer e recomendação.

Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1984.

*Aristides A. Pacheco Leão*  
Aristides Pacheco Leão

*José E. Mindlin*  
José E. Mindlin

**ANEXO AL - MATERIAL BIBLIOGRÁFICO sem processamento técnico na Biblioteca Central, 19 dez. 1986. Fonte: Arquivo Biblioteca Central/ UnB.**

47

**TÍTULO DO PROJETO**

Processamento do acervo bibliográfico acumulado na Biblioteca Central: bibliotecas particulares e do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses

**ÁREA DE ATUAÇÃO DO PROJETO** - Indicar o campo de conhecimento ou setor econômico a que o projeto está vinculado.

Desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da informação

**POSICIONAMENTO DO PROJETO NO CONTEXTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO** - Discutir a importância do projeto, sua motivação e a oportunidade de sua execução.

de grande interesse para a comunidade usuária, além de outras consideradas raras, e/ou edições esgotadas.

A Biblioteca Central presta serviços tanto à comunidade universitária como à comunidade do Distrito Federal, com uma frequência diária de 2.500 usuários, exigindo constantemente o desenvolvimento e a manutenção do seu acervo bibliográfico.

**QUADRO DE PESSOAL / CRESCIMENTO DO ACERVO (\*)**

TIPO	A N O S						
	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986
PESSOAL	130	128	129	131	130	131	127
ACERVO	413.657	427.951	442.481	457.891	469.627	479.538	490.000

(\*) Ver Gráfico demonstrativo na página 47a

**MATERIAL BIBLIOGRÁFICO SEM PROCESSAMENTO TÉCNICO  
NA BIBLIOTECA CENTRAL (EM 19/12/1986)**

Ex-CBEP (Estudos Portugueses) ..... 3.100

Bibliotecas particulares adquiridas pela UnB

1) Aliomar Baleeiro (comprada em 1979) > ..... 18.368

2) Agripino Grieco (comprada em 1975) > ..... 1.800

3) Pedro Nava (comprada em 1984) ..... 6.053

4) Carlos Lacerda (comprada em 1979) ..... 1.850

5) Vandick Londres da Nóbrega (comprada em 1984) ..... 1.850

T O T A L ..... 35.171

### 3.3.3 SEÇÃO DE OBRAS RARAS

#### 1 Introdução

A Seção de Obras Raras, subordinada ao Serviço de Auxílio aos Usuários, tem por função, promover a consulta e divulgação, reunir e preservar a coleção formada de: manuscritos, periódicos literários brasileiros e portugueses do século XIX e começo do século XX, primeiras edições de obras escritas por autores renomados, assim como obras autografadas ou com dedicatórias dos mesmos, edições de luxo, livros de arte, edições diamantes, folhetos, jornais, ex-libris, mapas, etc.

#### 2 Atividades

2.1 Processamento técnico de todo material da Seção;

2.2 Manter atualizados e em ordem os catálogos da Seção;

2.3 Manter a Seção em ordem, recolocando todo o material consultado;

2.4 Facultar e manter controle sobre a consulta e a pesquisa das obras raras na própria Seção;

2.5 Promover exposições dos documentos da Seção em vitrines rigorosamente fechadas, na "Sala Simon Bolívar", com a finalidade de divulgar o acervo;

2.6 Elaborar relatórios mensais e anuais das atividades desenvolvidas na Seção;

#### 3 Seleção

O material raro geralmente adquirido através de compra de grandes coleções particulares, passa pela Seção de Seleção onde é submetido a uma avaliação de acordo com os critérios de seleção de obras raras da Biblioteca. Esta avaliação conta com a colaboração de professores, bibliófilos e catálogos de obras raras.

#### 4 Processamento técnico

O material bibliográfico é preparado na Seção de acordo com as normas utilizadas na Seção de Processos Técnicos, obedecendo a Classificação Deci-

mal Universal. Para o processamento do material são utilizadas todas as fontes de informação que a Biblioteca dispõe, e quando necessário, da orientação de professores.

#### 5 Pessoal

A Bibliotecária Anita Manalhões da Silva, responsável pela Seção, após uma ausência de 8 meses, dos quais 7 foram em substituição à chefia da Seção de Acervo Geral, por esta encontrar-se de licença prêmio, reassumiu suas atividades no mês de Setembro. Neste período ficaram responsáveis pela Seção, quando da procura de material bibliográfico, as bibliotecárias da Seção de Referência.

#### 6 Atendimento

A coleção de Obras Paras não circula para empréstimo, nem para reprodução. As consultas são feitas no local no horário de 8:00 às 12:00 horas no período da manhã, e de 14:00 às 18:00 horas no período da tarde, de segunda a sexta-feira.

#### 7 Atividades desenvolvidas na Seção

##### 7.1 Processamento

7.1.1 Livros novos: 66

7.1.2 Duplicatas: 55

7.1.3 Consertos: catalogações: 58  
exemplares: 116

7.1.4 Etiquetas datilografadas: 219

7.1.5 Inserção de fichas: 157

##### 7.2 Consultas

7.2.1 Livros: 321

7.2.2 Periódicos: 32

7.2.3 Línguas exóticas: japonês, coreano: 25

TOTAL: 355 consultas.

#### 8 Conclusão

A Seção de Obras Paras conta com um acervo de 6.246 livros processados e 78 títulos de periódicos. No decorrer do ano o material mais consultado foram os relatórios do Itamarati, dicionários filológicos e literatura.

O setor de línguas exóticas cresceu bastante com a doação de 1.000 livros japoneses, pelo líder religioso Daisaku Ikeda. O material bibliográfico escrito em japonês é de muito interesse aos alunos que fazem o curso da respectiva língua, o qual está sendo selecionado pela Prof. Alice, para ser processado e encaminhado à Seção de Organismos Internacionais e Assuntos Especiais, facilitando assim o seu empréstimo.

## **ANEXO I – CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE OBRAS RARAS DA BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**



Universidade de Brasília  
Biblioteca Central  
Setor de Obras Raras

### **Crítérios para seleção do acervo de Obras Raras**

Inserido no acervo bibliográfico geral da Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília (UnB), há um outro acervo, precioso e raro, que necessita ser preservado e possui normas de acesso e armazenamento diferenciadas. tal acervo é composto de livros, periódicos, folhetos, separatas, jornais, recortes de jornais, ex-libris, mapas, manuscritos, etc.

#### **Seleção e aquisição**

Para orientação na seleção e aquisição por compra ou doação das obras que pertencerão ao acervo raro foram determinados alguns critérios, tendo em vista as características da Instituição.

Serão consideradas obras raras e/ou valiosas:

#### **1.1 Limite histórico**

- Manuscritos antigos (antes do advento da imprensa);
- Obras dos séculos XV ao XVIII;
- Obras que tratam do Brasil até o século XIX;
- Obras de autores brasileiros editados até 1860;
- Obras editadas no Brasil até 1840;
- Primeiras obras editadas em cidades ou capitais dos Estados brasileiros;
- Periódicos de assuntos literários e/ou históricos sobre o Brasil e Portugal cuja publicação foi cessada.



## 1.2 Valor cultural

- Obras científicas ou literárias (manuscritas ou impressas) de personalidades de projeção política, literária ou religiosa;
- Primeiras edições de autores brasileiros consagrados antigos e modernos;
- Primeiras edições de autores consagrados universalmente;
- Edições apreendidas, suspensas, recolhidas, censuradas;
- Obras repudiadas pelo autor;
- Edições clandestinas;
- Teses de autores renomados antigos;
- Obras das quais possuímos manuscritos;
- Edições limitadas, esgotadas, especiais e fac similares;
- Obras ilustradas por artistas de renome ou pelos próprios autores;
- Folhetos de autores renomados;
- Separatas de obras importantes;
- Encadernações de luxo, curiosas ou exóticas;
- Traduções de autores renomados brasileiros ou quando o tradutor é mais conhecido do que o autor.

## 1.3 Exemplares raros e/ou valiosos

- Manuscritos de autores antigos e modernos;
- Com dedicatória e/ou autógrafo de autores consagrados;
- Com anotações importantes feitas por pessoas de renome;
- Em encadernações de luxo;
- Com tiragem em papel especial, impressão personalizada ou que contenha erros de impressão.

## 1.4 Peças raras e/ou valiosas

- Mapas antigos;
- Medalhas comemorativas;
- Material iconográfico, fotografias, quadros e gravuras;
- Moedas e cédulas antigas do Brasil e de outros países;

- Ex-libris antigos de particulares;
- Jornais e recortes de jornais antigos.

#### 1.5 Formato

- Livros de tamanho reduzido;
- Livros em formato diferenciado.

OBS: Materiais relacionados com a história de Brasília e da UnB não pertencem ao acervo de obras raras. Esses materiais pertencem ao acervo de OAE (Coleções Especiais e Organismos Internacionais). Eventualmente, se enquadrados nos critérios acima, poderão ser incorporados ao acervo de Obras Raras.

**GRAVURAS - ÁLBUNS E LIVROS**

**ABREU, Lúcia**

21 300 GRAVURAS  
1 6 PRIMA DO SANGUE  
10,5 A X 22,5 A FL.  
2005 INATE AMALVA  
SEM TÍTULO (17 A X 22,5 FL.)  
"PEDRO BARROCO" (17 A X 22,5 FL.)  
"FRANCISCO MONTE ALVAREZ" (17 A X 22,5 FL.)  
"PELO BERTÉ" (17 A X 22,5 FL.)  
"DADOS DO BRASIL" (17 A X 22,5 FL.)

**ABREU, Helena**

24 ÁGUAS FORTES  
10,5 A X 22,5 FL.  
"MICHADO AMALVA" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO" (10,5 A X 22,5 FL.)

**BERTINAZZI, Tânia Helena A.**

(orientação)  
"ALBUQUERQUE AMALVA" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"CARRÃO" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"SILVIA AMALVA" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"ALEXANDRA BRONHINI" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"DELANAR NORTON" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"TITIA GURDES" (10,5 A X 22,5 FL.)

**BRANCO, Euriza**

31 GRAVURAS A BUBIL SCOBEL  
1 ÁGUAS ASENADAS PELO ARTISTA  
10,5 A X 22,5 FL.  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)

**CALZANI NETO, José Júlio de**

1 XILÓGRAVURA  
12 A X 22,5 FL.  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)

**CAMARGO, Inês**

24 ÁGUAS FORTES  
10,5 A X 22,5 FL.  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)

**CARYBÉ, Héctor J. A. Barroco**

42 ÁGUAS FORTES  
10,5 A X 22,5 FL.  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)

**COINHA, Cláudio**

33 ÁGUAS FORTES  
10,5 A X 22,5 FL.  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)

**CRAYO, Ju. Maria**

10 ÁGUAS FORTES  
10,5 A X 22,5 FL.  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)

**DARZI, Valéria Lima**

41 ÁGUAS FORTES E CROMAS A NÃO  
PELO ARTISTA  
10,5 A X 22,5 FL.  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)

**DARZI, Valéria Lima**

31 ÁGUAS FORTES COM BUBIL  
10,5 A X 22,5 FL.  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)

**DI CAVALCANTI**

4 GRAVURAS  
10,5 A X 22,5 FL.  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)

**DIAL, Cláudio**

11 ÁGUAS FORTES E ÁGUAS TINTAS  
10,5 A X 22,5 FL.  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)

**DJANIRA de Melo e Silva**

24 DESenhOS COLORIDOS DE DJANIRA  
GRAVADOS POR DARELEM COEHE E H.  
CORREIA LINDO  
10,5 A X 22,5 FL.  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)

**FALKENBACH, Cláudio**

(orientação)  
10,5 A X 22,5 FL.  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)

**FALKENBACH, Cláudio**

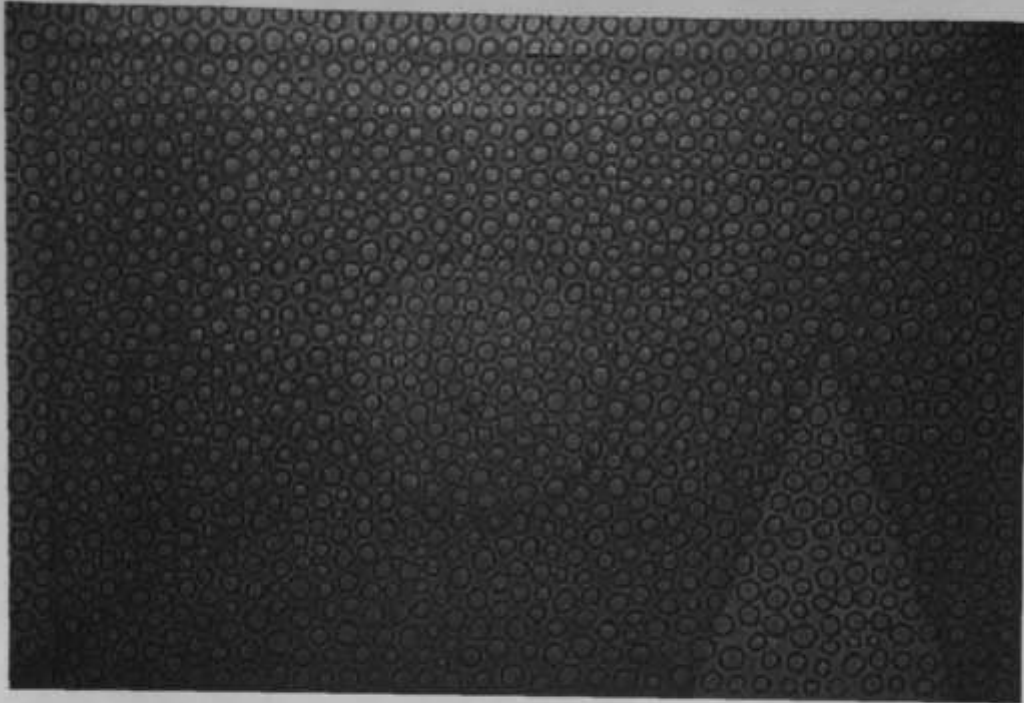
10,5 A X 22,5 FL.  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)

**FARJÁ, Heloisa de**

31 LITOGRAFIAS  
10,5 A X 22,5 FL.  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)  
"M. BORG" (10,5 A X 22,5 FL.)



Mário Ballester,  
1960  
Gravura em madeira



Atas Gerais  
1911-1912  
1913

**GRACIANO, Clévis**  
77 ÁGUAS FORTES  
(32 A X 34,2 L) FL.

In: OLYMPIO DOMINGOS "LUIZIA HO-  
MEM" RIO DE JANEIRO SOCIEDADE DOS CEM  
BIBLIÓFILOS DO BRASIL, 1947

**GRASSMANN, Marcelo**  
49 XILOGRAVURAS  
(33 A X 23 L) FL.

In: SOUZA, GABRIEL SOARES DE  
"BESTIÁRIO" RIO DE JANEIRO SOCIE-  
DADE DOS CEM BIBLIÓFILOS DO BRASIL,  
1954

**MARTINI, Antônio**  
32 GRAVURAS EM METAL  
(39 A X 23 L) FL.

In: SANDOIA, MANUEL "PASSARILHOS"  
RIO DE JANEIRO SOCIEDADE DOS CEM  
BIBLIÓFILOS DO BRASIL, 1949

**OSTROWER, Ferga**  
4 SERIGRAFIAS  
(46 A X 21 L) FL.

In: MELO NETO, JOÃO CARVAL DE "O  
RIO OU RELAÇÃO DA VIAGEM QUE FAZ  
O CARREIRO DE SUA NASCENTE A  
CIDADE DO RIO DE JANEIRO" RIO DE  
JANEIRO SO. FONTANA, 1974

**POMI, Hebe**  
4 ÁGUAS FORTES E ÁGUAS TINTAS  
(44 A X 33,3 L) FL.

In: "HINO NACIONAL BRASILEIRO" RIO  
DE JANEIRO SOCIEDADE DOS CEM BIBLIÓFILOS  
DO BRASIL, 1948

**PORTINARI, Cândido**  
7 ÁGUAS FORTES  
(39 A X 38 L) FL.

1. DESENHO AVULSO  
(17,5 A X 14,5 L)  
In: MACHADO DE ASSIS JOAQUIM MARIA  
"MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRAS CUBAS"  
RIO DE JANEIRO SOCIEDADE DOS CEM  
BIBLIÓFILOS DO BRASIL, 1943

**PORTINARI, Cândido**  
22 GRAVURAS  
(34 A X 28 L) FL.

In: REGO, JOSÉ LINS DO "MENINO DO  
ENGENHO" RIO DE JANEIRO SOCIEDADE  
DOS CEM BIBLIÓFILOS DO BRASIL, 1957

**POTY, Napoleão P. Lazzaretto**  
12 PONTAS SECAS E ÁGUAS FORTES  
(33 A X 21 L) FL.

In: MACHADO DE ASSIS JOAQUIM MARIA  
"MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRAS CUBAS"  
RIO DE JANEIRO SOCIEDADE DOS CEM  
BIBLIÓFILOS DO BRASIL, 1943

**POTY, Napoleão P. Lazzaretto**  
22 ÁGUAS FORTES  
(49 A X 33,3 L) FL.

In: CUNHA, SUCIÇÕES DA "CANUDO"  
RIO DE JANEIRO SOCIEDADE DOS CEM  
BIBLIÓFILOS DO BRASIL, 1914

**RODRIGUES, Marília**  
GRAVURA METAL  
(28 A X 21 L) FL.

In: "ESCUIT DIFÍCIL" BRASÍLIA GRA-  
FICA PILOTO DO INSTITUTO CENTRAL  
DE CIÊNCIAS DA UFMG, 1945

**RODRIGUES, Marília**  
(orientação)

1. BOM "CERRADO SOCIEDADE"  
EDIÇÕES DE ARTE DO INSTITUTO DE  
ARTES, 1990  
GRAVURA EM METAL  
(33,3 L X 21,3 L) FL.  
ANDRÉIA DA  
CRISTINA CARVALHEIRA  
CINTIA SACK  
HELENA S. LOPES  
MARIA LEONOR ZECQUET  
NIVALDA ASSUNÇÃO  
PATRÍCIA FARIA

**SANTA ROSA JR., Thomas**  
4 ÁGUAS FORTES  
4 DESENHOS  
(31 A X 24 L) FL.

In: CASTRO ALVES ANTONIO DE "ESPI-  
RAS FLUCTUANTES" RIO DE JANEIRO  
SOCIEDADE DOS CEM BIBLIÓFILOS DO  
BRASIL, 1944/45

**SÉCIAR, Carlos**  
38 LINÓLEOGRAVURAS  
(45 A X 31 L) FL.

In: SÉCIAR, CARLOS "LE CHEMIN DE LA  
FAIM" PARIS ASSOCIATION LATINO-  
AMÉRICAINE, 1969

**SIMES, Eduardo**  
11 ÁGUAS FORTES E ÁGUAS TINTAS  
(38,5 A X 21,3 L) FL.

In: LIMA, JORGE DE "AS MARCOSES" RIO  
DE JANEIRO SOCIEDADE DOS CEM BIBLIÓFILOS  
DO BRASIL, 1964

**ANEXO AP - RELATÓRIO: ATUALIZAÇÃO** dos bens culturais da Universidade de Brasília, 2006/2007. Fonte: Arquivo da Casa de Cultura da América Latina.

**Coleção dos Cem Bibliófilos**

Localização: Seção de Obras Raras da BCE

**CANDIDO PORTINARI**

7 águas fortes  
(38 A x 28 L) fl  
(41 A x 28 L) Livro  
Gravuras tiradas pelo próprio artista  
Numeração: 13/119  
1 desenho  
(17,5 A x 14,5 L) fl  
In ASSIS, Machado de - "Memórias Póstumas de Brás Cubas", Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Rio de Janeiro, 1943. (impressão 1944)  
Obs: Menu encadernado. Tem um documento da primeira reunião – verificar.  
Dois exemplares, um de Themístocles Marcindes Ferreira.

**1ª Publicação**

**SANTA ROSA**

4 águas fortes  
6 desenhos (que servirão de base para as ilustrações do livro)  
(31 A x 24 L) fl  
Numeração: 13/119  
In CASTRO ALVES - "Espumas Flutuantes", Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Rio de Janeiro, 1944/45 (publicação 1947)

**2ª Publicação**

**LÍVIO ABRAMO**

27 xilografuras e 6 provas de gravuras  
(30,5 A x 23 L) fl  
Numeração: 13 / 119  
2 desenhos  
sem título (27,5 A x 23L) fl  
"Pedro Barqueiro" (27 A x 21 L)  
In FRANCO, Afonso Arinos de Melo - "Pelos Serões", Sociedade dos Cem Bibliófilos, Rio, 1946  
(impressão 1948)

**3ª Publicação**

**CLÓVIS GRACIANO**

33 Águas fortes  
(32 A x 24,5 L) fl (35 A x 25 L) Livro  
Gravuras tiradas na Oficina de Artes S.A, do Rio de Janeiro, sob a direção de Luis Portinari  
Numeração: 13/119  
In OLYMPIO, Domingos - "Luzia Homem", Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Rio de Janeiro, 1947  
Obs: Menu e gravuras (outra tiragem sem texto) encadernado. Exemplar de Ricardo Xavier da Silveira.

**4ª Publicação**

**HELOÍSA DE FARIA**

25 litogravuras  
(32 A x 25 L) fl (30 A x 25 L) Livro  
Gravuras tiradas Ennio Marques Ferreira, na Gráfica de Artes S.A  
Numeração: 13/119  
In PEIXOTO, Afrânio - "Bugrinha", Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Rio de Janeiro, 1948 (impressão 1949/50)  
Obs: Menu encadernado. Exemplar de Ricardo Xavier da Silveira

**5ª Publicação**

**ENRICO BIANCO**

51 gravuras a buril sí cobre, 2 originais autografados pelo ilustrador  
(27 A x 21 L) comp. (30 A x 25 L) Livro.  
Numeração: 13/119  
In BILAC, Otavo - "O Caçador de Esmeraldas", Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Rio de Janeiro, 1949 (impressão 1950/1951)  
Obs: Tem o menu mas ele e os desenhos estão encadernados

**6ª Publicação**

**IBERE CAMARGO**

29 aquatintas  
(33 A x 25 L) fl  
Gravuras tiradas na Gráfica de Artes SA do Rio de Janeiro  
Numeração: 13 / 119  
In - SOUZA, Herculano Inglês de - "O Rebelde", Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Rio de Janeiro, 1950. (impressão 1951/52)  
Obs: Menu, catálogo do leilão e comissão executiva.

**7ª Publicação**

**DAREL VALENÇA LINS**

69 águas fortes coloridas à mão pelo artista  
(30 A x 23,5 L) fl (31 A x 25 L) Livro  
Numeração: 13/119  
In ALMEIDA, Manoel Antônio de - "Memória de um Sargento de Milícias" (2 Volumes), Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Rio de Janeiro, 1951 (impressão 1953)  
\*Obs: Exemplar de Ricardo Xavier da Silveira  
\*\*Obs: A informação de 69 águas fortes consta no texto do livro sobre a publicação. Na contagem realizada constam 59 águas fortes. Será realizada consulta à outra biblioteca para ver a erro de impressão ou gravuras faltando.

**8ª Publicação**

**CLÁUDIO CORREA**

35 águas fortes  
(29 A x 22,5 L) fl (30 A x 25 L) Livro  
Gravuras tiradas na Gráfica de Artes SA do Rio de Janeiro  
Numeração: 13 / 119  
In - LIMA BARRETO, Afonso Henrique de - "Três Contos", Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Rio de Janeiro, 1952 (publicação em 1955)  
Obs: Exemplar de *Ricardo Xavier de Oliveira*  
**9ª Publicação**

**POTY LAZZAROTTO**

32 águas fortes  
(43 A x 32,5 L) fl (43,5 A x 33 L) Livro  
Gravuras tiradas na Gráfica de Artes SA do Rio de Janeiro  
Numeração: 35 / 119  
In - CUNHA, Euclides da - "Canudos", Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Rio de Janeiro, 1956  
Obs: Menu (solto). Dois exemplares, de *Ricardo Xavier da Silveira* e de *Themistocles Marcondes Ferreira*.  
**10ª Publicação**

**CARYBÉ**

42 águas fortes  
(38 A x 29 L) fl  
Gravuras tiradas na Gráfica de Artes SA do Rio de Janeiro  
Os desenhos originais datam de 1945/46 e foram gravados em cobre pelo artista em 1957.  
Numeração: 13 / 120  
In - ANDRADE, Mário de - "Macunaíma", Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Rio de Janeiro, 1957  
Obs: Menu (solto). Exemplar de *Ricardo Xavier da Silveira*.  
**11ª Publicação**

**MARCELLO GRASSMANN**

46 xilogravuras  
(33 A x 25 L) fl (33 A x 25 L) Livro  
Gravuras tiradas na Gráfica de Artes SA do Rio de Janeiro  
Numeração: 17 / 120  
In - SOUSA, Gabriel Soares de - "Bestiário", (texto extraído do Tratado Descritivo do Brasil, em 1587) Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Rio de Janeiro, 1958  
Obs: Dois exemplares, de *Ricardo Xavier da Silveira* e *Pedro da Silva Nava*.  
**12ª Publicação**

**CANDIDO PORTINARI**

32 gravuras  
(36 A x 28 L) fl (38 A x 30 L) Livro  
Gravuras tiradas na Gráfica de Artes SA do Rio de Janeiro  
Numeração: 13 / 120 e 17 / 120  
In - REGO, José Lins do - "Menino do Engenho", Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Rio de Janeiro, 1959  
Obs: Dois exemplares, de *Ricardo Xavier da Silveira* e *Pedro da Silva Nava*.  
**13ª Publicação**

**ALDEMIR MARTINS**

38 gravuras em metal  
(29 A x 23 L) fl (30 A x 25 L) Livro  
Gravuras tiradas por Oswaldo Caetano da Silva, Cleanthes Gravini e Darcy Vieira  
Numeração: 13 / 120  
In - BANDEIRA, Manuel - "Passárgada", Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Rio de Janeiro, 1960  
Obs: Dois exemplares, de *Ricardo Xavier da Silveira* e *Pedro da Silva Nava*  
**14ª Publicação**

**DAREL VALENÇA LINS**

23 águas fortes com buril  
(35 A x 28,5 L) fl (35,5 A x 29 L) Livro  
Gravuras tiradas por Oswaldo Caetano da Silva, Cleanthes Gravini e Darcy Vieira  
Numeração: 13 / 120  
In - RODRIGUES, João Barbosa - "Poranduba Amazonense", Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Rio de Janeiro, 1961  
Obs: Dois exemplares completos, de *Ricardo Xavier da Silveira* e *Pedro da Silva Nava*. Tem um terceiro exemplar faltando a capa, de Themistocles Marcondes Ferreira.  
**15ª Publicação**

**MACIEJ BABINSKI**

24 águas fortes (Segundo o levantamento foram encontradas 23 e um dos livros, apenas 2 águas fortes)  
(28,5 A x 23 L) fl (30,5 A x 25 L)  
Numeração: 13/120  
In MACHADO, Anibal - "Cadernos de João", Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Rio de Janeiro, 1962  
Obs: Existem 3 exemplares. Dois exemplares completos, de *Ricardo Xavier da Silveira* e *Pedro da Silva Nava*. Tem um terceiro exemplar faltando muitas folhas de *Themistocles Marcondes Ferreira*.  
**16ª Publicação**

**DI CAVALCANTI**

6 gravuras  
(45,5 A x 40,5 L) fl (46 A x 41 L) Livro  
Gravuras tiradas por Oswaldo Caetano da Silva,  
Cleanthes Gravini e Darcy Vieira, sob a orientação  
de Darel, na Gráfica de Artes S.A.  
Numeração: 17/120  
In AMADO, Jorge - "A Morte e A Morte de Quincas  
Berro d'Água", Sociedade dos Cem Bibliófilos do  
Brasil, Rio de Janeiro, 1962 (impressão 1963)  
Obs: 2 Exemplares, um de *Pedro da Silva Nava* e  
outro de *Ricardo Xavier da Silveira*.  
**17ª Publicação**

**DJANIRA**

38 desenhos coloridos de Djanira, gravados por  
DAREL em cobre e as cores em linóleo  
(28,5 A x 22,5 L) fl (30,5 A x 25 L) Livro  
Gravuras tiradas na Gráfica de Artes SA do Rio de  
Janeiro  
Numeração: 17 / 120  
In - ROSA, João Guimarães - "Campo Geral",  
Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Rio de  
Janeiro, 1964  
(28,5 A x 22,5 L) fl (30,5 A x 25 L) Livro  
Obs: Exemplar de *Pedro da Silva Nava*.  
**18ª Publicação**

**POTY LAZZAROTTO**

12 pontas secas e águas fortes  
(33 A x 25 L) fl (35 A x 25 L) Livro  
Gravuras tiradas por Oswaldo Caetano da Silva,  
Cleanthes Gravini e Darcy Vieira  
Numeração: 17 / 120  
In - MACHADO DE ASSIS - "4 Contos",  
Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Rio de  
Janeiro, 1965  
**19ª Publicação**

**ISABEL PONS**

6 águas fortes e águas tintas  
(46 A x 32,5 L) fl (46 A x 35,5 L) Livro  
Gravuras tiradas por Oswaldo Caetano da Silva,  
Cleanthes Gravini e Darcy Vieira  
Numeração: 6 / 140  
In - "Hino Nacional Brasileiro", Sociedade dos  
Cem Bibliófilos do Brasil, Rio de Janeiro, 1968  
Obs: Exemplar de *Pedro da Silva Nava*  
**24ª Publicação**

**MARIO CRAVO**

10 águas fortes  
(33 A x 24 L) fl (35 A x 25 L)  
Gravuras tiradas por Oswaldo Caetano da Silva,  
Cleanthes Gravini e Darcy Vieira  
Numeração: 17 / 120  
In - AMADO, Jorge - "O Coadjuvante de Ogum",  
Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Rio de  
Janeiro, 1969  
Obs: Dois exemplares, de *Carlos Lacerda* e *Pedro  
da Silva Nava*. Ambos com a capa bem estragada.  
**23ª Publicação**

**EDUARDO SUED**

12 águas fortes e águas tintas  
(28,5 A x 22,5 L) fl (30 A x 25 L) Livro  
Gravuras tiradas na Gráfica de Artes SA do Rio de  
Janeiro  
Numeração: 17 / 120  
In - LIMA, Jorge de - "As Aparições", Sociedade  
dos Cem Bibliófilos do Brasil, Rio de Janeiro, 1966  
Obs: Exemplar de *Pedro da Silva Nava*  
**20ª Publicação**

**CÍCERO DIAS**

13 águas fortes e águas tintas  
(32,5 A x 25 L) fl (35 A x 25,5 L) Livro  
Gravuras tiradas por Oswaldo Caetano da Silva,  
Cleanthes Gravini e Darcy Vieira  
Numeração: 17 / 120  
In - SCHMIDT, Augusto Frederico - "Ciclo de  
Moura", Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil,  
Rio de Janeiro, 1967 (impressão 1966/1967)  
Obs: Exemplar de *Pedro da Silva Nava*  
**21ª Publicação**

**ANEXO AQ** - PROJETO/EVENTO Seminário sobre Literatura brasileira: obras editadas pela “Associação dos Cem Bibliófilos Brasileiros”, 2005, p. 2. Fonte: Arquivo do Acervo Casa de Cultura da América Latina – CAL/UnB.

A UnB dispõe da Coleção no setor de Obras Raras, daí a idéia de organizar uma Exposição sobre este acervo e discutir a obra de alguns escritores editados pela Associação.

### **JUSTIFICATIVA**

A Casa da Cultura da América Latina-CAL/UnB tem como uma de suas finalidades divulgar a cultura latino-americana. Ao propor um debate sobre a produção intelectual do Brasil procura contribuir para fortalecer a consciência brasileira de identificação com a cultura elaborada no continente americano.

Este debate também é uma forma de apresentar novas possibilidades de interpretar o conteúdo das obras dos escritores escolhidos e discutir momentos específicos da produção intelectual brasileira. Também a oportunidade de discutir o ambiente cultural brasileiro à época que a Associação dos Cem Bibliófilos decidiram editar estes autores, momento que o país começava a discutir os rumos do desenvolvimento industrial e a reconhecer a sua marginalidade.

Por último, trata-se de divulgar e tornar mais acessível a um público heterogêneo o patrimônio cultural da UnB.

### **OBJETIVOS**

- 1) Ampliar o campo de atuação da Cal com a área literária
- 2) Divulgar o Acervo cultural da UnB
- 3) Popularizar o conhecimento de autores brasileiros
- 4) Ampliar a divulgação das obras literárias que serão expostas na CAL

### **METODOLOGIA**

O Seminário contará com três Mesas-Redondas, quando serão discutidas obras de 06 escritores:

#### **Mesa 1) MALANDRAGEM E VOLUBILIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA**

Apresentação e discussão de **Memórias de um sargento de milícias** (Manoel Antônio de Almeida), **Memórias póstumas de Brás Cubas** e **Quatro contos** (Machado de Assis)

Palestrantes:

Prof. Hermenegildo Bastos (UnB)

Dtndº André Matias Nepomuceno (UnB)



**ANEXO AR – BARRIOS, Vicente Martinez. *Artes Plásticas encontram literatura no século 19*, Caderno Dois, Correio Braziliense, 15 set. 2005. Fonte: Arquivo do Acervo Casa de Cultura da América Latina – CAL/UnB.**

CB | 15 set 05

**EXPOSIÇÃO**

## Artes plásticas encontram a literatura no século 19

**TATIANE LOPES**  
DA 12.ª PÁG. DO CORREIO

Na década de 40, o empresário Raymundo Ottom de Castro May, inspirado nas coleções realizadas por bibliófilos franceses e ingleses do século 19, fundou a Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Os membros dessa sociedade, além de fazerem parte da elite brasileira, criaram obras seguídas em estudos europeus, ou seja, tinham gosto e imaginação de mestres da arte plástica e da literatura nacionais. A série, composta de 23 livros, era repassada para cada sócio, e distribuída, com minucioso cuidado, para instituições nacionais e internacionais. Uma delas está em Brasília, integrando a seção de literatura da biblioteca da UnB, e seu registro na memória dos jovens e jovens: as publicações dos cem bibliófilos do Brasil, a partir de hoje, na Galeria Acervo da Casa de Cultura da América Latina (CAL).

A exposição, com curadoria de Anelise Weigartner, coordenadora do acervo da CAL, e de Vicente Martinez, coordenador das galerias da CAL, apresenta ilustrações feitas por Livio Abramo, Aldemir Martins, De Carnevali, Porty, para obras de Machado de Assis, Castro Alves, Ingo Arias e outros. Para o curador, esta é uma obra prima brasileira, apreciada por públicos pequenos e em poucos lugares do Brasil. "Essa coleção é uma raridade, aberta agora para toda a comunidade", observa.

A exposição teve também a honra de ser adotada pela artista, de compor as obras e as pinturas da época. "Com o reconhecimento Brasil, a estética das páginas moldas e a sutil expressão ímpar e palavras passava o tempo por luzes", argumenta Vicente. A primeira obra publicada por artistas em conjunto foi *Alentrias potáreas de João Cabral de Medeiros de Assis*, com ilustrações de Cândido Portinari, em 1943. Passou 12 meses, foi editada e passou flutuantes de Castro Alves, com ilustrações de Santa Rosa. A exposição ainda inclui as obras *Pelé ardente* (Nelson Alves de Melo Franco, com ilustrações de Livio Abramo, de 1948), *Intitória*, *problemas do trabalho descrito* do Brasil em 1587 (Gabriel Soares de Sousa, com ilustrações de Maurício Greenman, de 1954), *Passagem* do poeta Manuel Bandeira, com ilustrações de Aldemir Martins, de 1960 e *Carta geral* (João Guimarães Rosa, com ilustrações de Djantira da Mota e Silva, de 1964), entre outras.

Além de mostrar como tempo e imagem criam uma nova linguagem, o público também perceberá a autenticidade de cada uma dessas artes. Os livros são ligados a importantes referências bibliográficas, de acordo com o

**IMAGEM E PALAVRA: AS PUBLICAÇÕES DOS CEM BIBLIÓFILOS DO BRASIL**

De acordo com o catálogo, no Galeria Acervo da Casa de Cultura da América Latina, Brasília, após a sexta, das 13h às 18h. Sábado, domingo e feriados, das 12h às 18h. Informações: 3332-4043.

**Mau hábito tem cura!**  
Dra. Olinda Tárzia  
Autora do primeiro livro sobre halitose no mundo  
INSTITUTO ODONTOLÓGICO  
RITA TRINDADE  
CRIO C. 09 738  
Fone: 3248-1140

CADERNO C

ANEXO AS - CARTA AOS CONSÓCIOS. Pasta 100, Doc. 16, f 1/3, 6 jan. 1950. Fonte: Arquivo Museu da Chácara do Céu – RJ.

REC.  
C. 2  
R. 100  
C. 10  
F. 10

Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil

RIO DE JANEIRO

Avenida Rio Branco 128, 11º andar, Sala 1112 — Tel. 42-2519

---

SCBB

Rio de Janeiro, 6 de Janeiro de 1950

Prezado Consócio

De acordo com o convite enviado, reuniram-se no dia 14 de Dezembro p.p. em jantar na sede do Jockey Club, os Cem Bibliófilos. Foi essa a quarta reunião geral ordinária de nossa Sociedade e nela a Comissão Executiva apresentou o livro de 1947, "Iuxia Roman" de Domingos Olympio, prestando contas das despesas e receita desde a reunião anterior, procedeu a leilão dos desenhos que serviram para a ilustração do volume e das séries das águas-fortes em papéis especiais, submeteu a discussão um projeto de reforma do Artº IV dos Estatutos e entregou à deliberação dos Consócios a escolha do sexto livro a ser editado.

"Iuxia Roman", o romance notável de Domingos Olympio foi ilustrado por Clovis Graciano, o artista que obteve o Premio de Viagem em 1949, com 29 águas-fortes. É um volume de grande valor para bibliófilos, porque inteiramente composto à mão, impresso em prelos manuais e tiradas as águas-fortes, no texto, em prensas especiais. As despesas de edição importaram em CR\$ 180.319,00, dos quais couberam a Clovis Graciano CR\$ 30.000,00. Convem assinalar que se por um lado cresceram as despesas de impressão propriamente, por outro diminuiu muito a retribuição do ilustrador, o qual se limitou aos trabalhos de desenho e gravação das placas de cobre. Todos os demais serviços de planejamento, direção e execução estiveram exclusivamente a cargo da Grafica de Artes S. A.

As despesas de secretaria, (aluguel, expediente, telefone, honorários de um empregado) montaram, durante o período, a CR\$ 34.421,00.

Se levarmos em conta que a cobrança de anuidades rendeu CR\$..... 100.000,00 e o leilão anterior CR\$ 28.000,00, verificamos que a situação da Sociedade é deficitária, no momento. Temos, porém, a receber as anuidades ora em cobrança, à razão de CR\$ 1.500,00, importando assim o

o total em CR\$ 150.000,00. O leilão do conjunto de desenhos de Clovis Graciano, gravuras que ela não incluiu na ilustração e séries das agua-fortes em papel da China e do Japão, rendeu CR\$ 42.400,00. Não há pois motivos para alarme.

Foi submetida a discussão proposta de reforma do Artº IV dos Estatutos, visando simplificar o processo de preenchimento das vagas que ocorrerem, respeitado, contudo, o direito dos socios a serem substituídos, em caso de morte, por sucessores legais. Em assembléia da Sociedade a ser realizada dentro de três meses, será submetida a votação a seguinte proposta de nova redação do Artº IV.

Artº IV - O numero de socios está fixado em cem (100). Em livro especial serão inscritos, a criterio da Comissão Executiva, os candidatos às vagas que por qualquer motivo ocorrerem, as quais serão preenchidas na ordem de inscrição, salvo o que estipula o § único deste artigo.

§ Único - Fica assegurado a cada socio o direito de designar, para substituí-lo em caso de falecimento, um dos seus sucessores legais, cujo nome fará registrar no livro acima mencionado. Caso faleça um Socio sem haver designado o seu sucessor, terá cedido esse direito, e a Comissão Executiva procederá conforme a norma estabelecida.

Pedimos ao prezado Consocio que nos envie o seu parecer sobre esta proposta, de grande alcance para a Sociedade.

Foram apresentadas aos Socios presentes três obras para que entre elas escolhessem o 6º livro dos Cem Bibliófilos, a ser publicado de pois de "Bugrinha": "As Memórias de um Sargento de Milicias", "O Ateu" e "O Cortiço". Grande maioria manifestou preferencia pelo "O Ateu" de Raul Pompeia.

Estão iniciados os trabalhos de edição de "Bugrinha" a obra de Afranio Peixoto, que será ilustrada por Heloisa de Faria, ligada ao Autor por estreitos laços de familia e amizade. Para que a Sociedade rendesse justa e afetuosa homenagem ao seu ilustre fundador, foi escolhida a "Bugrinha", pela propria Sra. Afranio Peixoto, que bem conhece o pendôr que ele tinha por essa sua heroína de tão peculiar encanto. Os estudos da artista já permitem avaliar de que será a ilustração e a Grafica de Artes S. A. começou a imprimir o texto. O livro está sendo composto à mão e impresso em prelos manuais, as gravuras serão tiradas em prensas especiais.

Um assunto ainda, e que nos parece de molde a interessar os nossos Consocios, foi abordado na reunião de 14 de Dezembro. Atendendo aos desejos manifestados por diversos Associados, aventou Raymundo de Castro Maya a idéia de se fundar uma Sociedade como que paralela à nossa, baseada mais ou menos nos mesmos moldes, mas a que fosse permitido publicar obras de autores vivos: " OS AMIGOS DO LIVRO ".

Varias são as vantagens que apresenta a fundação dessa nova entidade. Raras as vagas que ocorrem entre os Com Bibliófilos, numerosos os candidatos: poderiam eles desde já entrar para uma Sociedade congênere. Dadas as estreitas afinidades entre as duas, seria possível não fundir, pelo menos organizar conjuntamente os serviços de Secretaria, de tal forma que daí resultasse economia de 50% para ambas, o que concorreria para que se mantivesse no nível actual a amizade ou talvez mesmo permitisse reduzi-la. Certas obras de autores vivos merecem indiscutivelmente esta consagração: uma edição de bibliófilos...

Estamos na fase inicial de consulta, pedindo e recebendo adeições para os Estatutos que seriam semelhantes aos de nossa Sociedade, ainda mais simples talvez: Desejaria figurar entre os AMIGOS DO LIVRO ? Devolva-nos devidamente preenchido, o boletim incluso.

Estimariamos imensamente receber resposta sua à presente comunicação, dando-nos a seu modo de pensar acerca dos assuntos nela tratados, sugestões, críticas... encorajamento, enfim.

Seria grande obsequio:

Retirar o seu exemplar de " Inicia Homem ":

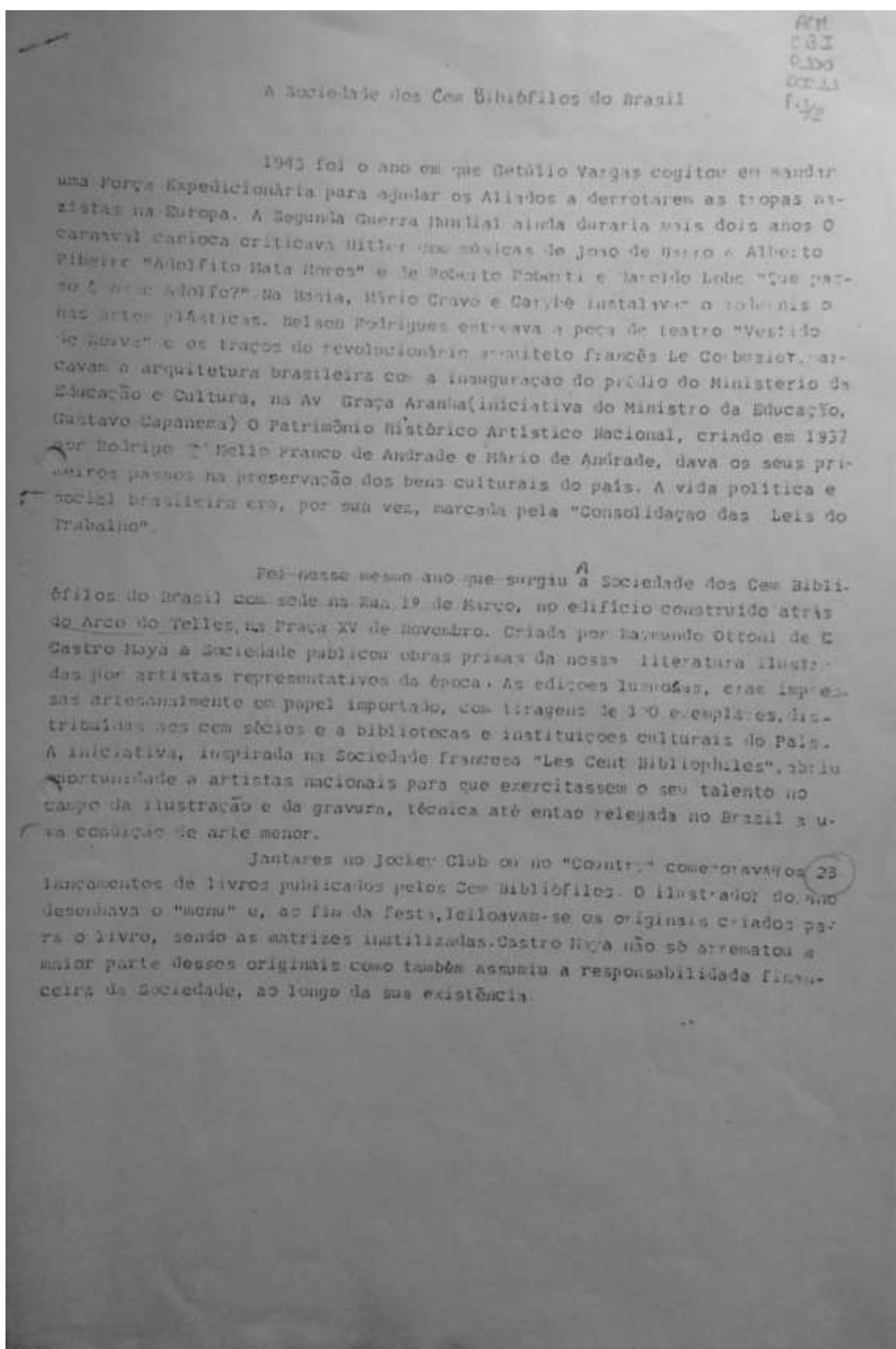
satisfazer a amizade ora em cobrança, na importancia de CR\$----  
-1.500,00.

Mossas muito atenciosas saudações

Pela Comissão Executiva

*Cypriano Amoroso Costa*

Cypriano Amoroso Costa



107  
C. 8. 2  
0. 100  
02. 11  
1. 7/2

O sucesso da primeira edição "Nemórias Póstumas de  
Bras Cubas" de Machado de Assis, com gravuras de Cândido Portinari, ense-  
jou a publicação de uma edição de 400 cópias do livro "O Alienista" reu-  
nindo novamente os dois artistas. Foi a primeira e única edição de uma  
coleção que se intitulou "Os Amigos do Livro" nos moldes da organização  
francesa "Les Amis Bibliophiles".

A Sociedade dos Cos bibliófilos do Brasil era dirigida  
pelas suas fundadoras: S. A. L. R. De Pedro de Orleans e Bragança, Afrê-  
nio Peixoto, Raymundo Ottoni de Castro Maya, Cipriano Amoroso Costa e Max  
Fischer que selecionavam em conjunto a obra a ser cada ano publicada. As  
edições foram feitas pela Gráfica de Artes S. D., que possuía apenas três  
empregados. A Sociedade não sobreviveu à morte de Castro Maya e promoveu  
sua última edição, em 1969, com Mário Cravo ilustrando "O Compadre de O-  
cum", de Jorge Amado.

## CAMPO GERAL

Novela de João Guimarães Rosa, extraída do livro "Corpo de Baile", ilustrada com desenhos coloridos de Djanira, gravados por Darel em cobre e as côres em linoleum. Décima oitava publicação da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, realizada sob a direção de Raymundo de Castro Maya e Oswaldo Neiva. Texto composto à mão em caracteres Elzevir século XVII, impresso em prelos manuais por Oswaldo Caetano da Silva, Cleanthes Gravini e Darcy Vieira que também tiraram as gravuras na Gráfica de Artes S. A. do Rio de Janeiro. Tiragem única de 120 exemplares em papel Vélín d'Arches, iniciada a 23 de junho de 1963 e terminada em 10 de agosto de 1964. As matrizes que serviram para a ilustração foram inutilizadas.

EXEMPLAR N.º 17  
IMPRESSO PARA

Pedro Nava

ANEXO AV - CARYBÉ, Hector em resposta à carta de Castro Maya, pasta 103, doc. 2, f1/1, 6 out. 1955. Fonte: Arquivo *Museu da Chácara do Céu* – RJ.

F. 1/1  
Doc. 2

Bahia 6 de Outubro de 1955

Meu caro Castro Maya.

Chegando de uma breve "entrada" que fizemos com o Mario no sertão de Tucano, tive hontem o prazer de sua carta cheia de boas noticias e cá estou respondendo as partes sobre as quais me consulta.

Acho que os desenhos podem ser aproveitados integralmente pois os fiz num estilo que se presta muito bem para aguaforte e acho que, modestia a parte, a pessoa mais indicada para fazer as gravuras sou eu mesmo pois esse foi um trabalho que fiz cheio de entusiasmo pelo descobrimento de certas afinidades com o Herói sem nenhum caráter e com seu pai, o velho Mario de Andrade.

Não tenha duvidas enquanto a reprodução "tal qual como foram esecutados" pois passarei os desenhos para a chapa sem alteração nenhuma pois eu acho que é um trabalho de muita unidade e impossível modifica-lô. (58)

Quanto ao preço, proponho para as cincoenta e oito gravuras a importancia de cento e cinquenta mil cruzeiros, deixando a vosso cargo a tiragem das mesmas. A bonoca estaria a vosso criterio sendo que o tamanho deveria resultar das dimensões dos originais as vosso poder.

Sobre o documentario de Candombié estou exultante com a probabilidade de ver esse trabalho editado, estou trabalhando nas pranchas que faltam e para isso não saio de dentro dos terreiros, com grande perigo para meu fígado devido às "comidas de santo" mas amigo Castro Maia estou muito contente e cheio de alegria com as probabilidades que me offerece e me despeço com um bruto abraço.

Seu amigo  
Carybé



ANEXO AW - CARYBÉ, em resposta a Castro Maya, pasta 103, doc. 7, f 1/1, 4 jan. 1956.  
Fonte: Arquivo Museu da Chácara do Céu – RJ.

103  
103  
103  
103

Bahia 4 de Janeiro de 1956

Amigo Raymundo.

Cá estou, um pouco atrasado, desejando-lhe um felicíssimo 1956 cheio de bons negócios e belas edições.

Ainda em 1955 nos reunimos com Matthey, estudamos a boneca do Macunaíma e com referencia ao capítulo XV achamos melhor, para que termine na pagina par, fazer as gravuras grandes e suprimir as pequenas. Aí tomamos um uisque á vossa saúde na bela varanda, brindamos pelo ano novo e eu via para casa com vontade de começar logo as gravuras.

Só hontes pude livrar-me de pequenos trabalhos que atrapalhavam meu tempo, por isso é que esta carta vai um pouco atrasada.

Castro Maia o livro levará no todo 46 pranchas de 0,40x0,30 para que sobre mais ou menos um centimetro de cada lado do papel, eu queria comprar todo o material de uma vez para assim começar as gravuras de um satirão. Como é de praxe os bibliofílos pagarem esse material lhe peço o favor de enviar-me dez contos para eu ir comprando, aqui o preço está de \$150,00 o Kilo. Não sei se no Rio o preço é melhor, se somado ao transporte compensa, era bom mandarem de lá, enfim sobre esse ponto espero sua resposta.

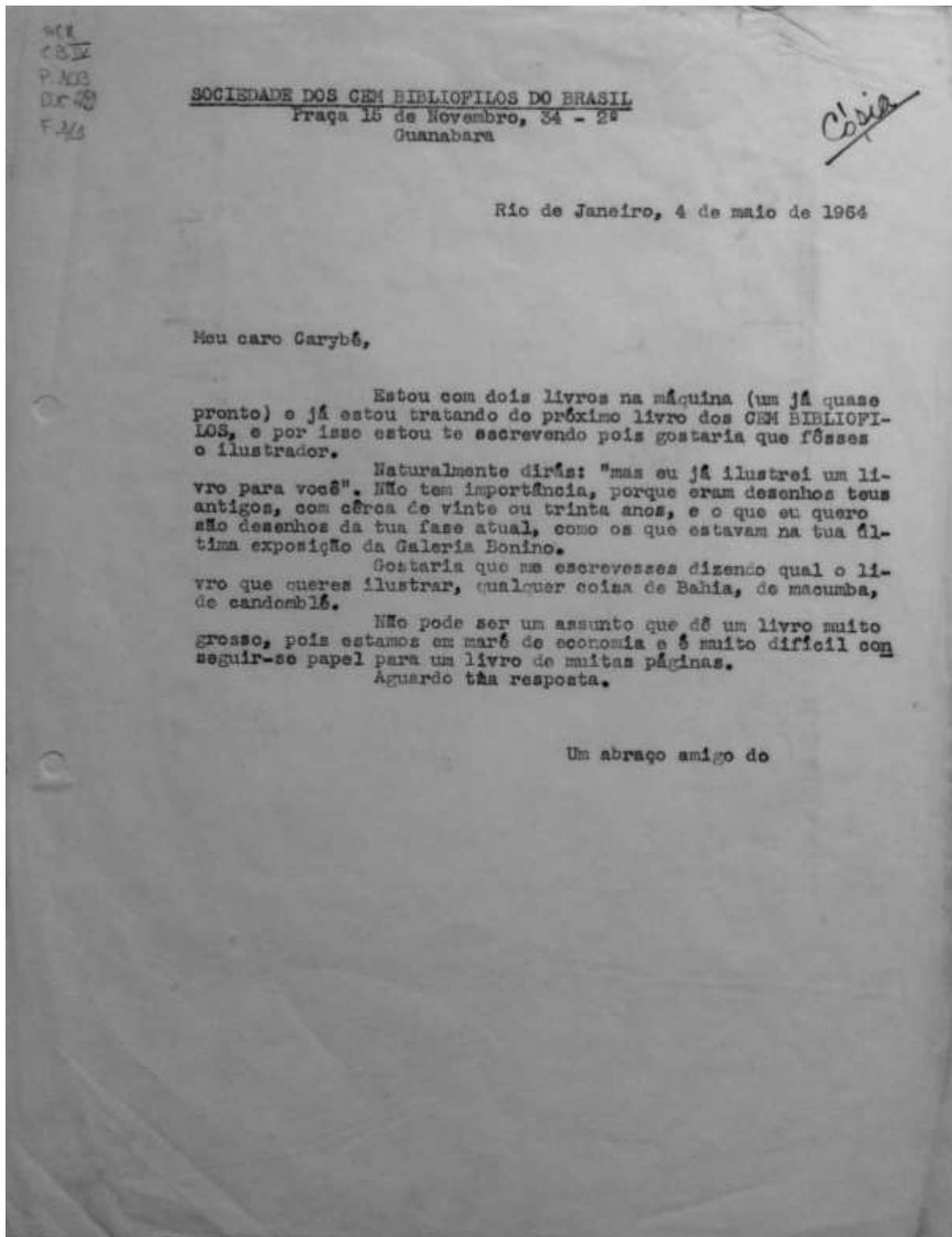
Ha novidades sobre o de Candoblé? Eu já estou trabalhando nas gravuras que faltam e colhendo o material para o texto assim, se o livro puder ser editado a coisa anda mais ligeiro.

Por hoje o deixo esperando resposta sobre o material e aqui fico á sua disposição

Seu amigo

CARYBÉ 3<sup>o</sup>  
Largo Santos 7  
Rio de Janeiro

ANEXO AX - MAYA, Castro. Pasta 103, Doc. 29, f 1/1, 1 mai. 1964. Fonte: Arquivo *Museu da Chácara do Céu* - RJ.



**ANEXO AY** - COLOFÃO DA OBRA *Menino de Engenho*, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 1959. Fonte: Coleção de Obras Raras BCE/ UnB.

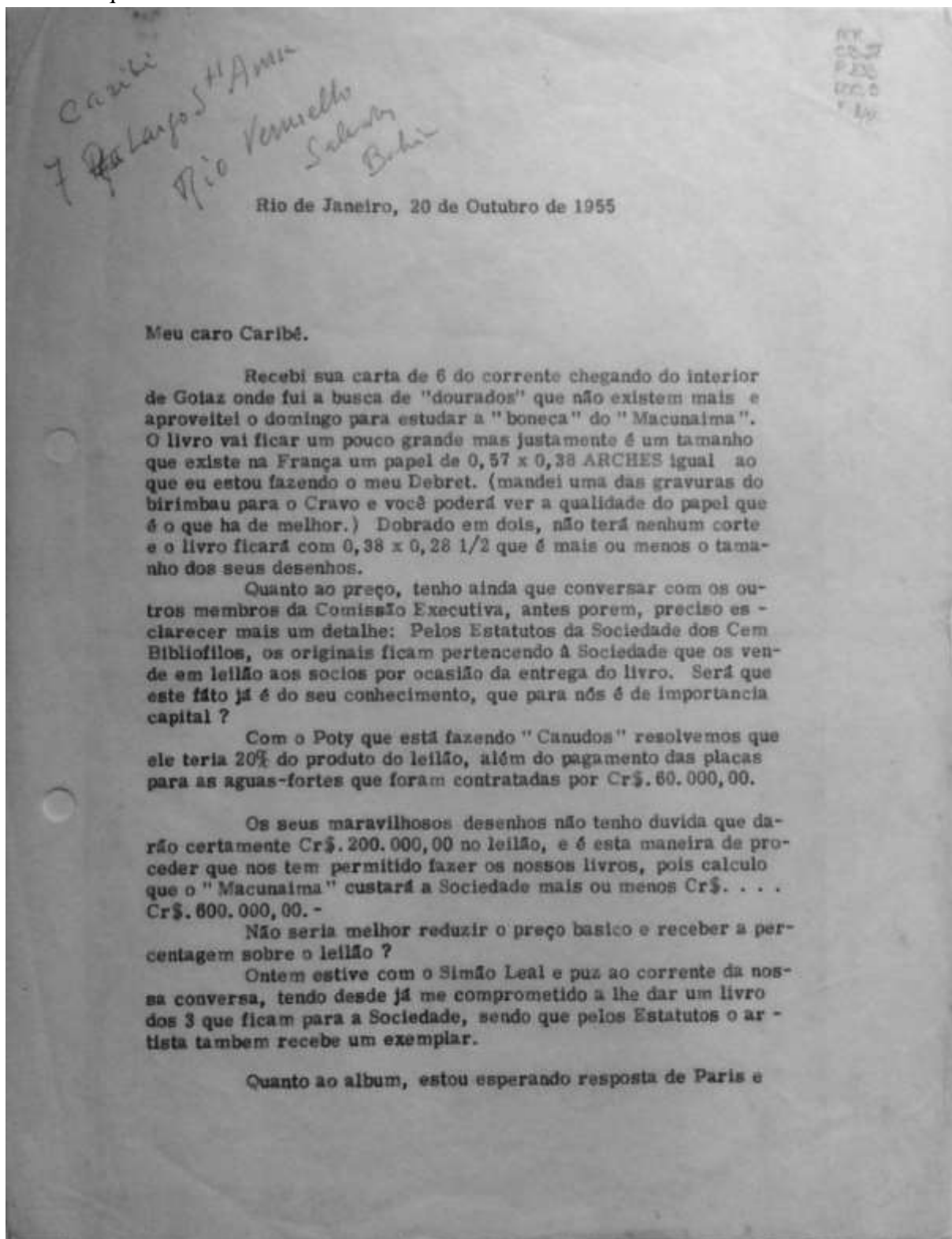
ESTA EDIÇÃO DE MENINO DE ENGENHO DE JOSÉ LINS DO RÉGO ILUSTRADA COM GRAVURAS DE PORTINARI DÉCIMA TERCEIRA PUBLICAÇÃO DA SOCIEDADE DOS CEM BIBLIÓFILOS DO BRASIL FOI REALIZADA SOB A DIREÇÃO DE RAYMUNDO OTTONI DE CASTRO MAYA E CYPRIANO AMOROSO COSTA E A SUPERVISÃO DE POTY LAZZAROTTO O TEXTO FOI COMPOSTO À MÃO EM CARACTÈRES ELZEVIR ROMANO E IMPRESSO EM PRELOS MANUAIS POR OSWALDO CAETANO DA SILVA CLEANTHES GRAVINI E DARCY VIEIRA QUE TAMBÉM TIRARAM AS GRAVURAS NA GRÁFICA DE ARTES DO RIO DE JANEIRO TIRAGEM ÚNICA DE CENTO E VINTE EXEMPLARES EM PAPEL VÊLIN ARCHES INICIADA EM 13 DE JANEIRO E TERMINADA EM 31 DE AGOSTO DE 1959 AS PLACAS QUE SERVIRAM PARA A ILUSTRAÇÃO FORAM INUTILIZADAS

EXEMPLAR N.º 17

IMPRESSO PARA

Pedro da Silva Nava

ANEXO AZ - MAYA, Castro em resposta à Carybé, pasta 103, doc. 3, f 1/ 2, 20 out. 1955.  
Fonte: Arquivo Museu da Chácara do Céu - RJ.



107  
633  
4400  
600 3  
F. 2/2

- 2 -

estou em contáto com um amigo da Civilização Brasileira. Penso que não haverá muita dificuldade apesar das encrencas cambiais, pois teremos que utilizar o cambio livre e pagar os direitos que são de 45 cruzeiros por quilo e como cada estampa pesa mais ou menos 150 gramas, vai encarecer bastante a edição.

Antes de terminar quero lembrar a placa que o Darel tinha lhe falado para os "Amigos da Gravura". Será que poderíamos contar com ela ainda este ano ?

Faço votos que as "comidas de santo" tenham sido bem digeridas e envio um grande abraço do amigo

ANEXO BA - MAYA, Castro. Pasta 103, doc. 13, f 1/1, 13 set. 1956. Fonte: Arquivo *Museu da Chácara do Céu* - RJ.

128  
C.B.H.  
9.208  
007.42  
F. 42

Rio de Janeiro, 13 de Setembro de 1956

Meu caro Carybé.

Recebi tua carta de 30 de Agosto, que muito agradeço. O nosso amigo Parreiras Horta já me trouxe de volta as águas fortes assinadas e já mandei pelo Banco Português Cr\$. 8.000,00; a Grafica de Artes cobrou Cr\$. 2.000,00 pelo papel e gravação e espero que você esteja de acordo.

Como de costume, quando distribuimos uma gravura, vai no "pass partout" uma nota sobre o artista (não precisa ser tão intensa como a do Darel) portanto espero que me envie a sua o mais breve possível.

Estou ansioso para ver o teu painel do Banco e os "Capoeiras" do Maio e é bem possível que no mês de Outubro eu dê uma chegada até aí.

Quanto ao Debret, ainda nada e somente depois é que poderemos reiniciar as conversas a respeito do "Candoblé". O papel para "Macunaima" chega no fim do mês e aproveitamos para dar umas férias aos rapazes da Grafica e em Outubro começaremos a te enviar o texto impresso para gravar as placas pequenas. Ainda com referência a "Macunaima" a Sociedade se comprometeu com o Simeão Leal a devolver-lhe os antigos originais que não serão aproveitados no livro; isto vai diminuir o interesse do leilão e lembrei-me de uma solução que talvez seja muito interessante: Será que você poderia fazer alguns desenhos do Carybé de hoje ilustrando "Macunaima" para serem vendidos em leilão por ocasião da distribuição do livro? Estes desenhos seriam feitos no mesmo papel Arches que lhe enviáramos e sobre estes novos desenhos, poderíamos combinar uma percentagem maior para você. Que acha da idéia? Naturalmente não se gravaria placas destes desenhos.

Aguardando tua resposta, envio um grande abraço do amigo

ANEXO BB - MAYA, Castro. Pasta 103, doc. 14, f 1/1, 27 set. 1956. Fonte: Arquivo *Museu da Chácara do Céu* - RJ.

NOT  
CONF  
P. 103  
Doc. 14  
F. 1/1

Rio de Janeiro, 27 de Setembro de 1956. -

Meu caro Carybé.

Recebi tua última carta e venho agradecer a tua futura colaboração para "Macunaíma", fazendo novos desenhos; estou enviando pela Panair, umas 40 folhas de papel Arches do tamanho do livro, para você nas horas vagas, ir desenhando o nosso herói.

Faltou você me dizer qual seria a sua percentagem sobre estes novos desenhos, pois é natural que seja maior do que a dos primitivos.

Com referência ao painel do Banco, gostaria muito de ficar com o desenho da maquette; será que ele ainda existe? e será que você me poderia cedê-lo?

O Debret deve sair hoje da Alfandega; já vi o livro que está formidável.

Sem mais, envio um abraço e subscrevo-me

ANEXO BC - CATÁLOGO do Leilão – “O rebelde”, 19 ago 1952, Fonte: Coleção de Obras Raras BCE/ UnB.

S. C. B. B.

CATÁLOGO DO LEILÃO

"O REBELDE"

LEILÃO REALIZADO EM 19 DE AGOSTO DE 1952

LOTE Nº	-	PEÇAS	DESENHOS E ESTUDOS
1	-	3	- Frontespício "Paxiúba" - Dois estudos
2	-	3	- Em Vila Bela - Dois estudos
3	-	3	- O estudo - Dois estudos
4	-	3	- Vila Bela - O Galo - Um estudo
5	-	3	- Paulo da Rocha e Julia - Dois estudos
6	-	3	- A missa - Dois estudos
7	-	3	- Os cabanos - Dois Estudos
8	-	2	- Em conferência - Um estudo
9	-	2	- O assalto - Um estudo
10	-	2	- Guilherme da Silveira - A onça
11	-	2	- A fuga - Um estudo
12	-	3	- ... É tempo de fugir - Dois estudos
13	-	3	- O casual - Dois estudos
14	-	2	- Paulo e o Tapuyo - Um estudo
15	-	3	- Conversa com os cabanos - Fin de capítulo - Um estudo
16	-	3	- Chegada dos cabanos - Dois estudos
17	-	2	- Paulo e os cabanos - Um estudo
18	-	2	- Estudo para o galo - Um estudo
19	-	3	- Partida para o Andirá - Dois estudos
20	-	3	- Paulo e o Paxiúba - Dois estudos
21	-	2	- Sítio de Andreza - A canção
22	-	2	- Cavaleiros - Fin de capítulo
23	-	2	- O prisioneiro - Fin de capítulo
24	-	3	- Estudo para a canção - Onça - 1º estudo

continua...



25 - 2 - Em conferencia, prova única de gravura não aproveitada  
Um estudo.

LOTE LETRA

DESENHOS E ESTUDOS

- A - 30 provas de artista. Livro e Menu
- B - Série de 29 vernizes moles, 1º estado e 2 vernizes moles de gravura não aproveitada.
- C - Série de 29 contra-provas, 1º estado, 2 contra-provas, 1º estado, gravura não aproveitada.
- D - Série de 29 vernizes moles, 1º estado.
- E - 11 gravuras hors-Série
- F - 10 gravuras hors-Série
- G - Série de 5 gravuras não incluídas no livro
- H - 6 gravuras em 2º e 3º estado
- I - 6 gravuras em 2º e 3º estado.

ANEXO BD – BALANCETE DA SOCIEDADE por ocasião da entrega do livro “Macunaíma”. Pasta 100, doc. 52, f 1/ 1. Fonte: Arquivo *Museu da Chácara do Céu* – RJ.

SCB  
P. 52  
P. 300  
DT. 52  
T. 30

SOCIEDADE DOS CEM BIBLIÓFILOS DO BRASIL  
Rio de Janeiro  
Rua 1º de Março, 6, 9º andar  
Tel. 43-8118

---

SCB

BALANCETE DA SOCIEDADE POR OCASIÃO DA ENTREGA  
DO LIVRO "MACUNAÍMA"

R e c e i t a

<u>ANUIDADES</u>	- Importância recebida dos sócios	400.000,00
<u>JÓIA</u>	- Idem, idem	600,00
<u>LEILÃO</u>	- Importância apurada no leilão	195.000,00

D e s p e s a

<u>IMPRESSÃO</u>	- Pago a Gráfica de Artes S.A.	400.000,00
<u>ILUSTRAÇÃO E COMISSÃO</u>	- Pago a Héctor Bernabó Carybé	140.000,00
<u>SECRETARIA</u>	- Despesas Diversas	71.688,00
<u>ESTOJOS</u>	- Confeção de estojes	30.000,00
<u>JANTAR</u>	- Despesas com o jantar	24.528,00
	PREJUÍZO DO LIVRO	70.616,00
		<u>666.216,00</u>
		<u>666.216,00</u>

SITUAÇÃO DA SOCIEDADE

Déficit do Livro "Macunaíma"	70.616,00
Saldo do Livro "Canudos"	<u>19.134,60</u>
Déficit para "Bestiário"	57.481,40

**APÊNDICE** – Lista das obra da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil da Biblioteca Central

**Coleção Ricardo Xavier da Silveira**

**1. ASSIS, Machado.** 1944. **Memorias posthumas de Braz Cubas.** Ilustração: Cândido Portinari, 7 águas-fortes tiradas pelo artista e 87 ilustrações reproduzidas em clichês a partir dos desenhos do artista. Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Impresso na Imprensa Nacional sob a direção de Dr. Alberto de Britto Pereira com a orientação da Americ-Edit. 316 p. Dimensões (LxAxP com a encadernação): 29x38,8x4,7 cm. Prosa. Exemplar N° 13 do Bibliófilo Ricardo Xavier da Silveira. Composição do texto mecânica e desenhos reproduzidos a partir de clichês. Ltda. Gravuras originais tiradas em Papel *Sunray* e texto em papel *Registro Brasil*. Loi Portinari auxiliou Cândido Portinari na impressão das gravuars.. Fonte do tipo: não informada no colofão. Tiragem de 119 exemplares. Corte: refilado. Encadernação: estilo francês; encadernação artística inteira de couro marrom com douração na frente e na lombada; nervos falsos, contraguarda com douraões e tecido no centro; capa de papelão e cabeceado manual. *Ex-libris* do Bibliófilo. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo bibliófilo: 1 desenho à bico de pena; 1 gravura no menu do jantar com assinatura de Portinari. Número de Chamada BCE: 869.0(81) M149m S. Modo de aquisição pela BCE: compra. Valor da compra: não informado. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados. Data em que obra foi incorporada ao acervo: 1963. Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, foxing, pontos de oxidação, acidez, rasgos, perda de parte da folhas. Estado de conservação da encadernação: rasgos, descoloração e desgaste na lombada.

**2. ALVES, Castro.** 1944-45. **Espumas Flutuantes.** Ilustração: Tomás Santa Rosa. 4 águas-fortes tiradas manualmente pelo artista e 38 ilustrações reproduzidas em off-set a partir dos desenhos do artista. Vinhetas: 23. Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Imprensa Nacional. 204 p. Dimensões (LxAxP com a encadernação): 24,8x31,9x4 cm. Poesia. Exemplar N° 13 do bibliófilo Ricardo Xavier da Silveira. Composição mecânica do texto e das 68 ilustrações. Loi Portinari ajudou Santa Rosa a imprimir as gravuras. Ilustrações e textos tirados em papel Imperial Japão White Finish. 19 de Abril de 1947. Fonte do texto: não informada no colofão. Tiragem de 119 exemplares. Corte: refilado. Encadernação: estilo francês; encadernação inteira de couro vinho com douraões no frente e no verso; encadernação artística; Douraão na lombada (Título, autor e florões); nervos falsos; cabeceado industrial; contraguarda com douraões e tecido no centro; capa de papelão. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: 6 desenhos; 1 gravura no menu do jantar com assinatura de Santa Rosa. Número de chamada (BCE): 869.0(81) c 355 es. Modo de aquisição: compra. Data em que obra foi incorporada ao acervo: 04 de setembro de 1963. Valor da compra: não informado. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados. Estado de conservação do miolo: sujidades, leve acidez, rasgos, anotações em grafite, assinatura do artista, ondulações. Estado de conservação da encadernação: arranhões, leve descoloração, leve desgaste da lombada.

**3. ARINOS, Afonso.** 1948. **Pelo Sertão:** histórias e paisagens. Ilustração: Lívio Abramo auxiliado por Marcello Grassmann, 48 xilogravuras. Vinhetas: 11 (linóleo). Capitulares: 27 (linóleo). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editor: S. A. Indústrias Graphics – F. Lanzara. 164 p. Dimensões (LxAxP com a encadernação): 25,5x34x4,8 cm. Prosa. Exemplar N° 13 do Bibliófilo Ricardo Xavier da Silveira. Composição mecânica do texto. Gravuras tiradas em papel Japão e texto tirado em papel Goatskin Parchment. Fonte do tipo: não informada no colofão. 12 de junho de 1948. Tiragem: não informada no colofão. Corte: não refilado. Encadernação: inteira de couro verde escuro com douraões na frente e no verso; sem nervos; cabeceado manual; capa de madeira; contraguarda com cercadura e papel artesanal do centro; folha de guarda em tecido. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: 9 provas de estado das gravuras e 2 desenhos (esboço das ilustrações). N° de Chamada: 869.0(81) F 825 ps. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 02 de Setembro de 1963. Valor da compra: não informado. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados. Estado de conservação do miolo: sujidades, arranhões, acidez, rasgos, bordas fragilizadas, intonso (folhas não separadas). Estado de conservação da encadernação: lombada rasgada, desgaste na lombada, fragilidade na quina inferior da frente da encadernação.

**4. OLIMPO, Domingos.** 1947. **Luzia Homem.** Ilustração: Clóvis Graciano, 29 águas-fortes originais. Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 333 p. Dimensões (LxAxP com a encadernação): 26,2x33x6 cm. Prosa. Exemplar N° 13 do Bibliófilo Ricardo Xavier da Silveira. Composição manual do texto e impressão das gravuras em prensas especiais. Papel: Arches. Fonte do tipo: Caslon Elzevir Romano. Data da impressão: 11 de Fevereiro a 30 de Novembro de 1949. Tiragem: 119 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: inteira de couro nas cores vinho e verde com douraões na frente e no verso; lombada com douração (título, autor, ilustrador e florão); encadernação artística; nervos falsos; cabeceado manual nas cores vinho e verde; capa de papelão; Contraguarda de camurça e papel artesanal. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: 34 Provas de estados para as ilustrações do volume. N° de chamada (BCE): 869.0(81) 046 ls. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 04 de setembro de 1963. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: não informado. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados. Estado conservação do miolo: sujidades, manchas, acidez, rasgos, ondulações (localizadas no anexo da obra), migração das tintas das gravuras. Estado de conservação da encadernação: desgaste na lombada (leve); desgastes nas extremidades da capa; rasgos na folha de guarda.

**5. PEIXOTO, Afrânio.** 1948. **Bugrinha.** Ilustração: Heloísa de Faria, 25 desenhos da artista reproduzidos em litografias por Ennio Marques Ferreira. Vinhetas: 23. Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 248 p. Dimensões (LxAxP com a encadernação): 26x33x5 cm. Prosa. Exemplar N° 13 do Bibliófilo Ricardo Xavier da Silveira. Composição manual do texto e impressão em prelos manuais e gravuras tiradas em prensas especiais. Litografias tiradas por Ennio Marques Ferreira. Papel: Rives.

Fonte do tipo: Velho Romano corpo 16. Data da impressão: 22 de Dezembro de 1949 a 15 de Outubro de 1950. Tiragem: 119 exemplares. Corte: refilado. Encadernação: inteira de couro verde com douração na frente; douração na lombada (título, autor e ilustradora); encadernação artística; sem nervos; cabeceado manual; capa de papelão; contraguarda com douração e papel marmorizado; folha de guarda com papel marmorizado. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: 1 litografia e um desenho. Nº de Chamada: 869.0(81) p379 b. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 04 de Setembro de 1963. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: Não informado. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados. Estado de conservação do miolo: sujidades, acidez, bordas dianteiras fragilizadas. Estado de conservação da encadernação: arranhões, leve descoloração nas quinas da lombada.

**6. BILAC, Olavo.** 1949. **O caçador de esmeraldas.** Ilustração: Enrique Bianco, 51 gravuras em metal (talho doce). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 120 p. Dimensões (LxAxP com a encadernação): 26x33x3,3 cm. Poesia. Exemplar Nº 13 do Bibliófilo Ricardo Xavier da Silveira. Composição manual dos tipos e impressão em prelos manuais. Papel: Arches. Fonte do tipo: Caslon Romano Corpo 20. Tiragem: 119 exemplares. Corte: refilado. Encadernação: inteira de couro bege; com dourações na frente, lombada e verso; encadernação artística; com incisão em formato de losango na frente; aplicação de couro verde em formato de losango no verso; douração na lombada (título, autor e ilustrador); cabeceado manual; capa de madeira; contraguada com moldura de couro e interior de papel artesanal; folha de guarda com papel artesanal. Encadernação feita por Simone Goldring. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: 2 desenhos à bico de pena. Nº de Chamada: 869.0(81) B595 c. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 04 de Setembro de 1963. Modo de aquisição: Compra. Valor da compra: Não informado. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, acidez, rasgos, dobras. Estado de conservação da encadernação: parte da canaleta está rasgada, desgastes na lombada.

**7. SOUZA, Inglês de.** 1952. **O Rebelde.** Ilustração: Iberê Camargo, 29 gravuras em água-forte e água-tinta. Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 121 p. Dimensões (LxAxP): 26,2x39,5x2,5 cm. Conto. Exemplar Nº 13 do Bibliófilo Ricardo Xavier da Silveira. Composição manual do texto e impresso em prelos manuais. Papel: Marais. Fonte do tipo: Caslon Romano corpo 20. Tiragem: 119 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: sobrecapa em papel; camisa de proteção de papelão com revestimento de papel com textura de tecido; Estojo confeccionado em papel com textura de tecido; lombada cega (sem gravações). Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: 1 gravura no menu do jantar. Nº de Chamada: 869.0(81) I51 r. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 04 de Setembro de 1963. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: não informado. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados. Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, acidez, rasgos, bordas fragilizadas. Estado de conservação da sobrecapa: sujidades, desgaste, rasgos, bordas fragilizadas, desgaste da lombada. Estado de conservação da caixa de proteção: sujidades, desgastes, manchas, rasgos.

**8. ALMEIDA, Manuel Antônio de.** 1954. **Memórias de um Sargento de milícias.** Ilustração: Darel Valença Lins, 59 gravuras em água-forte aquareladas. Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 154 p. (Vol. 1); 156 p. (vol. 2). Dimensões (LxAxP): 24,5x30,5x3 cm (vol. 1 e vol. 2 apresentam as mesmas dimensões). Prosa. Exemplar N° 13 do Bibliófilo Ricardo Xavier da Silveira. Composição manual do texto e impressão realizada em prensas especiais; Gravuras aquareladas à mão pelo ilustrador. Papel: Rives. Fonte do tipo: Elzevir Século XVII. Tiragem: 119 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa de tecido e papel; camisa de papelão; sem nervos; sobrecapa apresenta o título da obra (gravação do título). Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: Não. N° de Chamada BCE: 869.0(81) A 447m s v. 1/ 869.0(81) A 447 m v.2. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 04 de setembro de 1963. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: não informado. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados. Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, acidez, bordas fragilizadas, folhas soltas, dobras. Estado de conservação da camisa: sujidades, manchas, acidez, rasgos, bordas fragilizadas, folha solta, lombada rasgada, desgaste da lombada, capa solta.

**9. BARRETO, Lima.** 1955. **Três Contos.** Ilustração: Cláudio Correia e Castro, 35 águas-fortes. Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 93 p. Dimensões (LxAxP): 24x30,2x4,5 cm. Contos. Exemplar N° 13 do Bibliófilo Ricardo Xavier da Silveira. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Arches. Fonte do tipo: Elzevir Século XVII. Tiragem: 119 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa de papel (com gravação do título); camisa e estojo de papelão com revestimento de papel artesanal. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: Não. N° de Chamada BCE: 869.0(81) L 732 t c. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 04 de setembro de 1963. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: não informado. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados. Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, foxing que se concentram na borda inferior das páginas, bordas fragilizadas, dobras. Estado de conservação da sobrecapa: manchas, bordas fragilizadas, desgaste na lombada. Estado de conservação do estojo: manchas, rasgos, bordas fragilizadas, desgaste na lombada.

**10. CUNHA, Euclides da.** 1956. **Canudos.** Ilustração: Poty Lazzarotto. 33 gravuras (água-forte e água-tinta). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 100 p. Dimensões (LxAxP): 33x43,3x2,1 cm. Prosa. Exemplar N° 13 do Bibliófilo Ricardo Xavier da Silveira. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Rives/ Arches. Fonte do tipo: Caslon Romano. Tiragem: 119 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa de papel e couro. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: 1 gravura em metal. N° de Chamada BCE: 981.072 e 972 e. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 04 de setembro de 1963. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: não informado. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados. Estado de conservação do miolo: manchas, foxing, rasgos, bordas fragilizadas, anotações em grafite. Estado de conservação da sobrecapa: foxing, rasgos, bordas fragilizadas.

**11. ANDRADE, Mário de.** 1957. **Macunaíma.** Ilustração: Carybé. 43 gravuras (água-forte). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 218

p. Dimensões (LxAxP com o estojo): 29,5x40,2x6,5 cm. Prosa. Exemplar N° 13 do Bibliófilo Ricardo Xavier da Silveira. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Arches. Fonte do tipo: Caslon Elzevir Romano. Tiragem: 120 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa de papel; camisa de papelão; estojo de papelão envolto em papel camurça (gravação do título). Desenhos e excedentes gravuras adquiridas pelo Bibliófilo: 1 gravura acompanha o menu do jantar. N° de Chamada BCE: 869.0(81) Am 553 ms. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 04 de setembro de 1963. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: não informado. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados. Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, foxing, rasgos, bordas fragilizadas, anotações em grafite, dobras. Estado de conservação da sobrecapa: sujidades, manchas, foxing, rasgos, bordas fragilizadas, desgaste da lombada. Estado de conservação do estojo: sujidades, manchas, bordas fragilizadas.

**12. SOUZA, Gabriel Soares de.** 1958. **Bestiário:** Tratado descritivo do Brasil em 1587. Ilustração: Marcello Grassmann. 49 xilogravuras. Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 139 p. Dimensões (LxAxP com estojo): 26x33,2x3 cm. Contos. Exemplar N° 13 do Bibliófilo Ricardo Xavier da Silveira. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Arches. Fonte do tipo: Caslon Romano. Tiragem: 120 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa de papel; camisa de papelão e tecido; estojo de papelão (gravação do título). Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: não. N° de Chamada BCE: 591.9 (81) S 725 b. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 04 de setembro de 1963. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: não informado. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados. Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, acidez, bordas fragilizadas, anotações de caneta, dobras. Estado de conservação da sobrecapa: sujidades, manchas, desgaste na lombada. Estado de conservação do estojo: sujidades, manchas, bordas fragilizadas.

**13. REGO, José Lins do.** 1959. **Menino de engenho.** Ilustração: Cândido Portinari. 30 gravuras (água-forte e água-tinta). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 203 p. Dimensões (LxAxP): 29x37x5,5 cm. Prosa. Exemplar N° 13 do Bibliófilo Ricardo Xavier da Silveira. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Vélín Arches. Fonte do tipo: Elzevir Romano. Tiragem: 120 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa de papel; camisa de papelão. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: não. N° de Chamada BCE: 869.0 (81) R 343 ms. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 04 de setembro de 1963. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: não informado. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados. Estado de conservação do miolo: manchas, foxing, acidez, bordas fragilizadas. Estado de conservação da camisa: manchas, bordas fragilizadas, desgaste na lombada.

**14. BANDEIRA, Manuel.** 1960. **Pasárgada.** Ilustração: Aldemir Martins. 38 gravuras (água-forte e água-tinta). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 75 p. Dimensões (LxAxP): 23,5x29x3 cm. Poesia. Exemplar Nº 13 do Bibliófilo Ricardo Xavier da Silveira. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Arches. Fonte do tipo: Grottesca reforma magra. Tiragem: 120 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa de papel; camisa de papelão e tecido (gravação do título). Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: 1 gravura acompanha menu do jantar. Nº de Chamada BCE: 869.0 (81) B214 pa. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 04 de setembro de 1963. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: não informado. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados. Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, foxing, acidez, bordas fragilizadas, dobras. Estado de conservação da camisa: sujidades, acidez, bordas fragilizadas, desgaste na lombada.

**15. RODRIGUES, João Barbosa.** 1961. **Poranduba Amazonense.** Ilustração: Darel Valença Lins. 23 gravuras (água-forte). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 53 p. Dimensões (LxAxP): 29x35,5x2,7 cm. Contos. Exemplar Nº 13 do Bibliófilo Ricardo Xavier da Silveira. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Vélín Arches. Fonte do tipo: Caslon Elzevir Romano. Tiragem: 120 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa papel; camisa papelão revestida com marmorizado (gravação do título). Desenhos e excedentes gravuras adquiridas pelo Bibliófilo: não. Nº de Chamada BCE: 389.2 (811.3) R 696p e.2. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 04 de setembro de 1963. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: não informado. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados. Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, foxing, rasgos, bordas fragilizadas, anotações em grafite, dobras. Estado de conservação da camisa: manchas, rasgos, bordas fragilizadas, desgaste na lombada.

**16. AMADO, Jorge.** 1962. **A morte e a morte de Quincas Berro D'água.** Ilustração: Di Cavalcanti. 6 gravuras (linóleo). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 59 p. Dimensões (LxAxP): 41,5x46x2,4 cm. Prosa. Exemplar Nº 13 do Bibliófilo Ricardo Xavier da Silveira. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais (gravuras tiradas sob a orientação de Darel). Papel: Arches. Fonte do tipo: Grottesca reforma magra. Tiragem: 120 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa papel; camisa papelão revestida com marmorizado (gravação do título). Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: não. Nº de Chamada BCE: 869.0 (81) A481 mo s. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 04 de setembro de 1963. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: não informado. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados. Estado de conservação do miolo: sujidades, acidez, dobras. Estado de conservação da camisa: sujidades, acidez, desgaste na lombada.



**17. MACHADO, Aníbal.** 1962. **Cadernos de João.** Ilustração: Maciej Babinski. 23 gravuras (água-forte). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 76 p. Dimensões (LxAxP): 24x30x3,6 cm. Poema em prosa. Exemplar N° 13 do Bibliófilo Ricardo Xavier da Silveira. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Arches. Fonte do tipo: Elzevir Século XVII. Tiragem: 120 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa papel; camisa papelão revestida com marmorizado (gravação do título); estojo papelão revestido com papel marmorizado. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: não. N° de Chamada BCE: 869.0 (81) Ma 149 c s. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 04 de setembro de 1963. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: não informado. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados. Estado de conservação do miolo: sujidades, foxing, bordas fragilizadas. Estado de conservação da camisa: sujidades, lombada rasgada. Estado de conservação do estojo: sujidades, rasgos, perda de material.

### **Coleção Carlos Lacerda**

**1. Hino Nacional brasileiro.** 1968. Ilustração: Isabel Pons. 7 gravuras (água-forte e água-tinta). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 42 p. Dimensões (LxAxP): 34x46x1,2 cm. Poema. Exemplar N° 6 do Bibliófilo Carlos Lacerda. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Vélin Arches. Fonte do tipo: Caslon Elzevir Romano. Tiragem: 140 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa de papel. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: não. N° de Chamada BCE: 762.2 P798 h. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 28 de novembro de 1979. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: não informado. Documentos referentes ao modo de aquisição: sim. Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, foxing, rasgos, bordas fragilizadas. Estado de conservação da sobrecapa: sujidades, adesivos, rasgos, bordas fragilizadas, desgaste na lombada.

**2. AMADO, Jorge.** 1969. **O compadre de Ogun.** Ilustração: Mário Cravo. 10 gravuras (água-forte e água-tinta). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 132 p. Dimensões (LxAxP): 24,5x33,7x2,5 cm. Prosa. Exemplar N° 6 do Bibliófilo Carlos Lacerda. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Westerprint. Fonte do tipo: Caslon Elzevir Romano. Tiragem: 140 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa de papel e couro. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: não. N° de Chamada BCE: 869.0 (81) A 481 co. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 28 de novembro de 1979. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: não informado. Documentos referentes ao modo de aquisição: sim. Estado de conservação do miolo: manchas, acidez. Estado de conservação da sobrecapa: manchas, acidez, desgaste na lombada.

## **Coleção Pedro Nava**

**1. ANDRADE, Mário de.** 1957. **Macunaíma.** Ilustração: Carybé. 43 gravuras (água-forte). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 218 p. Dimensões (LxAxP com o estojo): 29,5x40,2x5,3 cm. Prosa. Exemplar N° 17 do Bibliófilo Pedro Nava. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Arches. Fonte do tipo: Caslon Elzevir Romano. Tiragem: 120 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa de papel; camisa de papelão (gravação do título). Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: 1 gravura acompanha o menu do jantar. N° de Chamada BCE: 869.0(81) Am 553 ms e. 2. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 20 de junho de 1985. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: CR\$ 17.809,00<sup>102</sup>. Documentos referentes ao modo de aquisição: sim. Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, foxing, acidez, rasgos, bordas fragilizadas, dobras. Estado de conservação da sobrecapa: sujidades, manchas, foxing, acidez, rasgos, bordas fragilizadas, desgaste da lombada. Estado de conservação do estojo: sujidades, manchas, bordas fragilizadas.

**2. SOUZA, Gabriel Soares de.** 1958. **Bestiário:** Tratado descritivo do Brasil em 1587. Ilustração: Marcello Grassmann. 49 xilogravuras. Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 139 p. Dimensões (LxAxP com estojo): 26x33,2x3 cm. Contos. Exemplar N° 17 do Bibliófilo Pedro Nava. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Arches. Fonte do tipo: Caslon Romano. Tiragem: 120 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa de papel; camisa de papelão e tecido; estojo de papelão (gravação do título). Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: não. N° de Chamada BCE: 591.9 (81) S 725 b e.2. . Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 23 de outubro de 1985. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: CR\$ 17.809,00. Documentos referentes ao modo de aquisição: sim. Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, foxing, acidez, bordas fragilizadas, anotações de caneta. Estado de conservação da sobrecapa: sujidades, manchas, descoloração, desgaste na lombada. Estado de conservação do estojo: sujidades, manchas, desgaste da lombada.

**3. REGO, José Lins do.** 1959. **Menino de engenho.** Ilustração: Cândido Portinari. 30 gravuras (água-forte e água-tinta). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 203 p. Dimensões (LxAxP): 29x37x5,5 cm. Prosa. Exemplar N° 17 do Bibliófilo Pedro Nava. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Vélín Arches. Fonte do tipo: Elzevir Romano. Tiragem: 120 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa de papel; camisa de papelão e tecido (gravação do título). Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: não. N° de Chamada BCE: 869.0 (81) R 343 ms e. 2. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 23 de outubro de 1985. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: CR\$ 17.809,00. Documentos referentes ao modo de aquisição: sim. Estado de conservação do

---

<sup>102</sup> Esse valor está presente em todos os exemplares da coleção de Pedro Nava.

miolo: sujidades, manchas, foxing, acidez, bordas fragilizadas. Estado de conservação da camisa: sujidades, manchas, bordas fragilizadas, desgaste na lombada.

**4. BANDEIRA, Manuel.** 1960. **Pasárgada.** Ilustração: Aldemir Martins. 38 gravuras (água-forte e água-tinta). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 75 p. Dimensões (LxAxP): 23,5x29x3 cm. Poesia. Exemplar N° 17 do Bibliófilo Pedro Nava. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Arches. Fonte do tipo: Grottesca reforma magra. Tiragem: 120 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa de papel; camisa de papelão e tecido (gravação do título). Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: 1 gravura acompanha menu do jantar. N° de Chamada BCE: 869.0 (81) B214 pa e. 2. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 10 de agosto de 1985. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: CR\$ 17.809,00. Documentos referentes ao modo de aquisição: sim. Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, foxing, acidez. Estado de conservação da camisa: sujidades, acidez, bordas fragilizadas, desgaste na lombada.

**5. RODRIGUES, João Barbosa.** 1961. **Poranduba Amazonense.** Ilustração: Darel Valença Lins. 23 gravuras (água-forte). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 53 p. Dimensões (LxAxP): 29x35,5x2,7 cm. Contos. Exemplar N° 17 do Bibliófilo Pedro Nava. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Vélín Arches. Fonte do tipo: Caslon Elzevir Romano. Tiragem: 120 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa papel; camisa papelão revestida com marmorizado (gravação do título). Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: não. N° de Chamada BCE: 389.2 (811.3) R 696 p e.2. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 20 de junho de 1985. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: CR\$ 17.809,00. Documentos referentes ao modo de aquisição: sim. Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, rasgos, bordas fragilizadas. Estado de conservação da camisa: rasgos, desgaste na lombada.

**6. AMADO, Jorge.** 1962. **A morte e a morte de Quincas Berro D'água.** Ilustração: Di Cavalcanti. 6 gravuras (linóleo). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 59 p. Dimensões (LxAxP): 41,5x46x2,2 cm. Prosa. Exemplar N° 17 do Bibliófilo Pedro Nava. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais (gravuras tiradas sob a orientação de Darel). Papel: Arches. Fonte do tipo: Grottesca reforma magra. Tiragem: 120 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa papel; camisa papelão revestida com marmorizado (gravação do título). Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: não. N° de Chamada BCE: 869.0 (81) A481 mo s e. 2. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 20 de junho de 1985. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: CR\$ 17.809,00. Documentos referentes ao modo de aquisição: sim. Estado de conservação do miolo: sujidades, acidez, bordas fragilizadas. Estado de conservação da camisa: sujidades, manchas, acidez, desgaste na lombada.

**7. MACHADO, Aníbal.** 1962. **Cadernos de João.** Ilustração: Maciej Babinski. 23 gravuras (água-forte). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 76 p. Dimensões (LxAxP): 24x30x3,5 cm. Poema em prosa. Exemplar N° 17 do Bibliófilo Pedro Nava. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Arches. Fonte do tipo: Elzevir Século XVII. Tiragem: 120 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa papel; camisa papelão revestida com marmorizado; estojo papelão revestido com papel marmorizado. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: não. N° de Chamada BCE: 869.0 (81) Ma 149 c s e. 2. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 20 de junho de 1985. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: CR\$ 17.809,00. Documentos referentes ao modo de aquisição: sim. Estado de conservação do miolo: sujidades, foxing, bordas fragilizadas. Estado de conservação da camisa: sujidades, manchas, desgaste na rasgada. Estado de conservação do estojo: sujidades, manchas, bordas fragilizadas, desgaste na rasgada.

**8. ROSA, João Guimarães.** 1964. **Campo geral.** Ilustração: Djanira. 31 gravuras (linóleo e água-forte). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 243 p. Dimensões (LxAxP): 24,5x30x4 cm. Prosa. Novela. Exemplar N° 17 do Bibliófilo Pedro Nava. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Darel gravou as matrizes de cobre e de linóleo. Papel: Arches. Fonte do tipo: Elzevir Século VXII. Tiragem: 120 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); camisa de papelão revestido de papel marmorizado e de tecido. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: não. N° de Chamada BCE: 869.0 (81) R 788 c g. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 23 de outubro de 1985. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: CR\$ 17.809,00. Documentos referentes ao modo de aquisição: sim. Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, foxing, acidez, bordas fragilizadas. Estado de conservação da camisa: sujidades, manchs, acidez, bordas fragilizadas, desgaste na lombada.

**9. ASSIS, Machado.** 1965. **4 Contos.** Ilustração: Poty Lazzarotto. 11 gravuras (água-forte). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 86 p. Dimensões (LxAxP com o estojo): 26,4x34,6x4 cm. Conto. Exemplar N° 17 do Bibliófilo Pedro Nava. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Arches. Fonte do tipo: Grotasca reforma magra. Tiragem: 120 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa papel; camisa papelão revestida com marmorizado (gravação do título); estojo papelão revestido com papel marmorizado. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: não. N° de Chamada BCE: 869.0 (81) m 149 qc. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 23 de outubro de 1985. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: CR\$ 17.809,00. Documentos referentes ao modo de aquisição: sim. Estado de conservação do miolo: foxing, bordas fragilizadas. Estado de conservação da camisa: desgaste na lombada, bordas fragilizadas. Estado de conservação do estojo: bordas fragilizadas.

**10. LIMA, Jorge de.** 1966. **As aparições.** Ilustração: Eduardo Sued. 12 gravuras (água-forte e água-tinta). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das

Artes S.A. 75 p. Dimensões (LxAxP com o estojo): 23,3x29x2,8 cm. Poema. Exemplar N° 17 do Bibliófilo Pedro Nava. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Vélín Arches. Fonte do tipo: Grotasca reforma magra. Tiragem: 120 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa papel; camisa papelão revestida com marmorizado e tecido (gravação do título); estojo de papelão revestido com papel marmorizado. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: não. N° de Chamada BCE: 869.0 (81) Lj 732 ap. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 23 de outubro de 1985. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: CR\$ 17.809,00. Documentos referentes ao modo de aquisição: sim. Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, foxing, acidez, bordas fragilizadas. Estado de conservação da camisa: sujidades, manchas, bordas fragilizadas, desgaste na lombada. Estado de conservação do estojo: bordas fragilizadas.

**11. SCHIMIDT, Augusto Frederico.** 1967. **Ciclo da Moura:** poemas inéditos. Ilustração: Cícero Dias. 13 gravuras (água-forte e água-tinta). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 69 p. Dimensões (LxAxP): 26x34x2,8 cm. Poema. Exemplar N° 17 do Bibliófilo Pedro Nava. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Vélín Arches. Fonte do tipo: Grotasca reforma magra. Tiragem: 120 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa papel; camisa papelão revestida com marmorizado e tecido (gravação do título). Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: não. N° de Chamada BCE: 869.0 (81) S 349 c m. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 23 de outubro de 1985. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: CR\$ 17.809,00. Documentos referentes ao modo de aquisição: sim. Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, foxing, acidez, rasgos, bordas fragilizadas, anotações de grafite. Estado de conservação camisa: sujidade, bordas fragilizadas.

**12. Hino Nacional brasileiro.** 1968. Ilustração: Isabel Pons. 8 gravuras (água-forte e água-tinta). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 42 p. Dimensões (LxAxP): 33,5x46x1,3 cm. Poema. Exemplar N° 17 do Bibliófilo Pedro Nava. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Vélín Arches. Fonte do tipo: Caslon Elzevir Romano. Tiragem: 140 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa de papel. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: não. N° de Chamada BCE: 762.2 P798 h e. 2. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 20 de junho de 1985. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: CR\$ 17.809,00. Documentos referentes ao modo de aquisição: sim. Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, foxing, rasgos, bordas fragilizadas. Estado de conservação da sobrecapa: manchas, sujidades, rasgos, bordas fragilizadas, desgaste na lombada.

**13. AMADO, Jorge.** 1969. **O compadre de Ogun.** Ilustração: Mário Cravo. 10 gravuras (água-forte e água-tinta). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 132 p. Dimensões (LxAxP): 24,3x33,8x2 cm. Prosa. Exemplar N° 17

do Bibliófilo Pedro Nava. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Westerprint. Fonte do tipo: Caslon Elzevir Romano. Tiragem: 140 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa de papel. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: não. Nº de Chamada BCE: 869.0 (81) A 481 co e. 2. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 23 de outubro de 1985. Modo de aquisição: compra. Valor da compra: CR\$ 17.809,00. Documentos referentes ao modo de aquisição: sim. Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, bordas fragilizadas. Estado de conservação da sobrecapa: sujidades, manchas, acidez, rasgos, lombada rasgada, bordas fragilizadas, desgaste na lombada.

### **Coleção Themístocles Marcondes Ferreira**

**1. ASSIS, Machado.** 1944. **Memórias posthumas de Braz Cubas.** Ilustração: Cândido Portinari, 7 águas-fortes tiradas pelo artista e 87 ilustrações reproduzidas em clichês a partir dos desenhos do artista. Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Impresso na Imprensa Nacional sob a direção de Dr. Alberto de Britto Pereira com a orientação da Americ-Edit. 316 p. Dimensões (LxAxP com a encadernação): 30x39x5,3 cm. Prosa. Exemplar Nº 35 do Bibliófilo Themístocles Marcondes Ferreira. Composição do texto mecânica e desenhos reproduzidos a partir de clichês. Ltda. Gravuras originais tiradas em Papel *Sunray* e texto em papel *Registro Brasil*. Loi Portinari auxiliou Cândido Portinari na impressão das gravuras. Fonte do tipo: não informada no colofão. Tiragem de 119 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: estilo francês; encadernação artística inteira de couro marrom com aplicação de pergaminho na frente e no verso; reprodução de desenho de Portinari; douração na lombada; capa de madeira e cabeceado de couro. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo bibliófilo: não. Número de Chamada BCE: 869.0(81) M149 m s e. 2. Modo de aquisição pela BCE: compra (junto com o acervo de Carlos Lacerda). Valor da compra: não informado. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados. Data em que obra foi incorporada ao acervo: 1979. Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, foxing, pontos de oxidação, acidez, bordas fragilizadas. Estado de conservação da encadernação: bordas desgastadas, desgaste na lombada.

**2. ALMEIDA, Manuel Antônio de.** 1954. **Memórias de um Sargento de milícias.** Ilustração: Darel Valença Lins, 59 gravuras em água-forte aquareladas. Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 154 p. (Vol. 1); 156 p. (vol. 2). Dimensões (LxAxP): 23,5x30,5x2,5 cm (vol. 1 e vol. 2 apresentam as mesmas dimensões). Prosa. Exemplar Nº 35 do Bibliófilo Themístocles Marcondes Ferreira. Composição manual do texto e impressão realizada em prensas especiais; Gravuras aquareladas à mão pelo ilustrador. Papel Rives. Fonte do tipo: Elzevir Século XVII. Tiragem: 119 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sem revestimento. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: Não. Nº de Chamada BCE: 869.0(81) A 447m s v. 1/ 869.0(81) A 447 m v.2. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: não informado. Modo de aquisição: não informado. Valor da compra: não informado. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados. Estado de

conservação do miolo: sujidades, manchas, acidez, rasgos, bordas fragilizadas, folhas soltas, dobras.

**3. CUNHA, Euclides da.** 1956. **Canudos.** Ilustração: Poty Lazzarotto. 33 gravuras (água-forte e água-tinta). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 100 p. Dimensões (LxAxP): 33x43,3x2,1 cm. Prosa. Exemplar N° 35 do Bibliófilo Themístocles Marcondes Ferreira. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Rives/ Arches. Fonte do tipo: Caslon Romano. Tiragem: 119 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa de papel. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: Não. N° de Chamada BCE: 981.072 e 972 e. 2. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 20 de junho de 1985. Modo de aquisição: compra (junto com o acervo de Pedro Nava). Valor da compra: CR\$ 17.809,00. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados. Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, foxing, rasgos, bordas fragilizadas, dobras. Estado de conservação da sobrecapa: manchas, rasgos, desgaste na lombada.

**4. RODRIGUES, João Barbosa.** 1961. **Poranduba Amazonense.** Ilustração: Darel Valença Lins. 23 gravuras (água-forte). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 53 p. Dimensões (LxAxP): 28,5x34,5x1,6 cm. Contos. Exemplar N° 35 do Bibliófilo Themístocles Marcondes Ferreira. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Vélin Arches. Fonte do tipo: Caslon Elzevir Romano. Tiragem: 120 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sem revestimento. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: não. N° de Chamada BCE: 389.2 (811.3) R 696 p e.2. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 14 de agosto de 1985. Modo de aquisição: compra (junto com o acervo de Pedro Nava). Valor da compra: CR\$ 17.809,00. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados. Estado de conservação do miolo: sujidades, manchas, acidez, dobras. Estado de conservação da camisa: sujidades, manchas, acidez, bordas fragilizadas.

**5. MACHADO, Aníbal.** 1962. **Cadernos de João.** Ilustração: Maciej Babinski. 2 gravuras (água-forte); livro incompleto (contém somente o intervalo entre as páginas 71 e 76, frontispício, colofão). Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Editora: Gráfica das Artes S.A. 8 p. Dimensões (LxAxP): 24x30x3,5 cm. Poema em prosa. Exemplar N° 35 do Bibliófilo Themístocles Marcondes Ferreira. Composição manual do texto e impressão em prensas especiais. Papel: Arches. Fonte do tipo: Elzevir Século XVII. Tiragem: 120 exemplares. Corte: não refilado. Encadernação: livro inconsútil (não costurado); sobrecapa papel; camisa papelão revestida com marmorizado e tecido; estojo papelão revestido com papel marmorizado. Desenhos e gravuras excedentes adquiridas pelo Bibliófilo: não. N° de Chamada BCE: 869.0 (81) Ma 149 c s e. 3. Data em que a obra foi incorporada ao acervo: 20 de outubro de 1985. Modo de aquisição: compra (junto com o acervo de Pedro Nava). Valor da compra: CR\$ 17.809,00. Documentos referentes ao modo de aquisição: não encontrados. Estado de conservação do miolo: sujidades, foxing, bordas fragilizadas. Estado de conservação da camisa: desgaste na rasgada, bordas fragilizadas. Estado de conservação do estojo: manchas, bordas fragilizadas, desgaste na rasgada.

